

JULHO - Nº 86

RUSEI TUD



8 ANNO. No 2
★ JULHO. 1924 ★
ER



**ELIXIR
DE
INHAME**

ABIA
RIO

DE PURA · FORTALECE · ENGORDA ·



MOBILIARIOS CHICS -- TAPEÇARIAS FINAS
DECORAÇÕES MODERNAS

A mais alta expressão de conforto e elegancia

Visite as Grandes Exposições da

ASA UNES

Premiada Hors Concours na Exposição Internacional de 1922

65, RUA DA CARIOCA, 67 -- RIO

Immunizador Mineiro



PRIVIL. FEDERAL N. 10.371 DE JUNHO DE 1919

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO
DA INDEPENDENCIA

Adquirido para os campos de fomento agricola do Ministerio da Agricultura, em todos os Estados e pelos governos de São Paulo, Instituto Agronomico de Campinas, Espirito Santo, Minas Geraes e armazens commerciaes e lavradores do Norte e Sul do paiz, com excellentes resultados. O aparelho tem capacidade para immunizar 32 saccoes em 24 horas. Preço da immunização para sacco de 60 kilos 100 réis. Conservação do cereal garantida por 6 mezes e, findo este prazo, renovado o expurgo; a conservação será ainda por 6 mezes. E' um aparelho simples e de solida construcção, podendo ser manejado por qualquer operario.

NÃO DEPENDE DE FORÇA MOTRIZ

Informações com os Srs. CHAGAS LINO & C.

Rua da Candelaria, 36 --- Rio de Janeiro

AGENTES :

SÃO PAULO (Capital) — Telles Irmão & C.
ARARAQUARA — J. Aranha do Amaral & C.
RIO PRETO — Andreino Aranha.
BAURU' (Noroeste) — Francisco Thomaz & C.
PRESIDENTE ALVES — J. G. de Oliveira Machado.
BIRIGUY — Mario de Souza Campos.
LINS — Gonçalves & Salvador.
MINAS GERAES (Bello Horizonte) — Alves Costa & Vidal — Rua Caetés, 505.
RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre) — Luiz Stin-gel — Rua Voluntarios da Patria, 152.

CURITYBA (Paraná) — Francisco C. de Souza Pinto.
UNIÃO DA VICTORIA (Paraná) — Bruno Rieke.
SANTA CATHARINA (Florianopolis) — José F. Glavam.
PORTO DA UNIÃO — Th. Kroetz.
RIO NEGRO (Paraná) — N. Bley Netto.
CEARA' (Fortaleza) — Meton e Moura.
BAHIA (Caitetê) — Durval Publico de Castro.
SÃO FELIX — Luculio Publico de Castro.
ESPIRITO SANTO—(Victoria) José Nogueira Segundo.
ALAGOAS (Maceió) — Horacio Mello.

Todos podem apresentar e conservar uma formosa cabelleira

livre de **CASPA, CABELLOS BRANCOS** e da **QUEDA**, usando o já tão afamado e mundial

ESPECIFICO BOLIVIANO

Benguria

Sabia preparação vegetal, recommendada por eminentes personalidades das capitaes onde já é conhecida, mercê da sua grande eficacia e antiguidade, scientificamente approvada e autorisada pelas instituições sanitarias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, capitaes americanas e europeas. Registrado Mundialmente por intermedio do Ministerio da Agricultura, perante o Bureau de Berna, inscripto na Junta Commercial do Rio de Janeiro e repartições commerciaes dos Estados Unidos.

Para que a distincta clientela do famoso *Benguria* não soffra equivcos e enganos, pelos falsificadores ou imitadores, só se poderá obter nas casas de completa garantia e seriedade.

Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

CASA **Orlando Rangel**
DROGARIA E PERFUMARIA

installaram secções especiaes para attender ás pessoas que desejem consultar e obter este poderoso medicamento capilar, fóra da Clinica installada e attendida pessoalmente por seu proprietario sr. **Enrique Benguria B.**, no Palace Hotel, Rio; e seus agentes e representantes nos Estados :

Rio de Janeiro — Drogaria Silva Araujo & C. — Rua 1.º de Março 9.

Rio de Janeiro — Copacabana Hotel — Avenida Atlantica 374 — (Masagens electricas).

São Paulo — Sindicato de Agricultura — Rua S. Bento 717.

São Paulo — Esplanada Hotel — (Massagens e applicações electricas).

Bahia — «Royal Palace» — Souza Teixeira & C. — Rua Conselheiro Dantas 616.

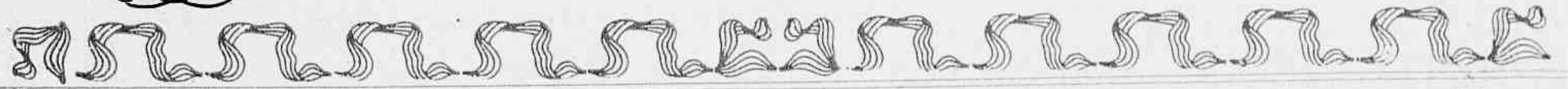
Bello Horizonte — J. Braga — Av. Affonso Penna 917.

Pernambuco — E. Barretto — Avenida Marquez de Olinda 142 A.

Ceará — A. de Castro Correia — Rua Major Falcundo 84.

Rio Grande do Norte — Francisco Cascudo — Rua do Commercio 83.

Solicitem prospectos elucidativos ao seu proprietario sr. Enrique Benguria B., Rio de Janeiro, Avenida Rio Branco 185, ou aos seus representantes. Envia-se gratis.



Esta palavra tão pequena tem uma grande significação. Quem sabe rir sabe viver. Aquelle que, de vez em quando, abre, na monotonia da vida diaria, um parenthesis que encerre o gozo de uma grata companhia, o encanto da muzica, o prazer da dança, as delicias do vinho e do amor, em summa, aquelle que cumpre com prudencia esta ordem: Ri! é quem mais forças accumula para affrontar a luta pela existencia.

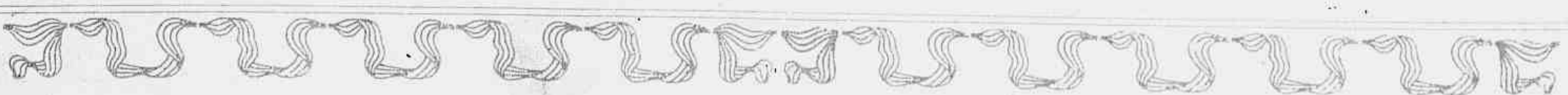
O receio de que a um desses momentos de expansão succeda uma dor de cabeça, um pouco de malestar e nervosismo, não mais existe desde que appareceu a **CAFIASPIRINA**.

Dois comprimidos bastam para aliviar, em poucos minutos, a dor de cabeça e para que todo o organismo experimente uma agradável sensação de calma e bem estar.

Identica efficacia tem a **CAFIASPIRINA** nas dores de garganta e ouvido, nevralgias, resfriamentos, rheumatismo, etc.

CAFIASPIRINA não affecta absolutamente o coração.

Vende-se em tubos de 20 comprimidos e em Enveloppes de uma dose, um e outros identificados pela Cruz Bayer,





EU SEI TUDO

N.º 86 — JULHO DE 1924 — 2.º DO ANNO VIII

SUMMARIO DAS PRINCIPAES MATERIAS CONTIDAS NESTE NUMERO

ARTIGOS ESPECIAES

Os destinos tragicos. — O Rei de Roma, seu exilio e sua morte.....	36
Armas americanas.....	19
Nossa Terra. — Cuyabá.....	23
O ultimo galope do Mongol.....	26
Nicaragua, terra de paizagens encantadoras	27
Travessia heroica.....	82
O matrimonio em diferentes epochas e paizes.....	63
Da lampada de azeite á electricidade.....	45

PAGINAS DE ARTE

Pescando.....	35
Os heroes wagnerianos. — Siegfried.....	96
O homem máu.....	41
Miss Barbara La Marr.....	42
A seducção do cavalleiro.....	17
Inveja de rica.....	43
A religiosa.....	61
Retrato.....	71
Fantazia de luz.....	97
A filha do cego.....	107
Bailarina em repouso.....	1
Um prato, que deve ser servido quente.....	15
Uma rua de Pompeia.....	11
Consultando o destino.....	10

A SCIENCIA AO ALCANCE DE TODOS

Mães monstruosas.....	40
Grammatica litteraria.....	22
Historia da Terra e da Humanidade.....	99
Tudo se explica.....	20
A accção dos raios ultra-violeta.....	81
Cinematographia de um coração.....	5
Uma causa pouco conhecida dos incendios.....	52

CONTOS E AVENTURAS

Nas neves do Alaska.....	12
O prisioneiro do Caucaso.....	90
O passageiro de 1.ª classe.....	7
A execução de Roberto Parnaud.....	93

NOVIDADES E INVEIÇÕES

A mais rapida das embarcações.....	22
Novo e curioso processo para salvar navios naufragados.....	30
Apparelho para produzir respiração artificial em afogados.....	30
Ampulhetas para medir communicações telephonicas.....	31
Novo instrumento musical de corda e canto.....	31
Como se obtem uma transpiração abundante em cinematographia.....	32
O ultimo modelo de guarda-chuva.....	34
A ultima novidade em viação.....	34
Uma applicação da radio telephonia ao alpinismo.....	34
O problema da circulação.....	80
Novo typo de canhão norte-americano.....	80
Pulseira com pó de arroz.....	106

ROMANCES

A pupilla do rei.....	73
A cidade dos ladrões.....	109
A condessa de Cagliostro.....	53

PERCORRENDO O MUNDO

Costumes europeus.....	79
Construcções com gelo no Canadá.....	86
A vida no centro africano.....	87
Um entreposto de emigrantes.....	106
Curiosidade vegetal.....	52

CONHECIMENTOS UTEIS

Economia domestica.....	24
O eucalyptus e as abelhas.....	80
Um jogo novo. — O Mah-Jong.....	68

DIVERSOS

As rainhas do cinematographo.....	40
Uma usina de hulha azul na França.....	89
A escolhida de Rudolph Valentino.....	32
O novo companheiro de Harold Lloyd.....	33
A pescaria miraculosa.....	81
Um casamento barbaro.....	85
Mocidade alegre.....	86
Arte cubista.....	70
Uma sportwoman allemã.....	49
Onde os artistas morrem millionarios.....	89
Miss Patricia Colligen.....	89
Miss Betty Dudley.....	92
Os mais bellos olhos da scena muda.....	25
O accidente de Tom Mix.....	32
A campeã de natação de França.....	33
Uma andarilha.....	34
A curiosidade de um urso.....	81
O menor livro do mundo.....	49
A effigie de Maria Thereza.....	33
A fantazia no cinematographo.....	34
Como um passaro.....	79
Miss Florenz Tamara.....	81
O ultimo califa de Constantinopla.....	84
A mulher mais rica em joias de S. Francisco.....	85
Indios modernos.....	86
Brincadeira perigosa.....	88
Sorrisos de artistas.....	69
Um hyppopotamo anão.....	70
Ainda a pintura nas pernas.....	103
Um prodigio de paciencia.....	106
Vicissitudes de uma igreja.....	70
Os extremos se tocam.....	106
Alpha e Omega.....	49
Uma baleia capturada.....	59
Patinadores acrobatas.....	111
Animaes curiosos.....	50
As sacerdotizas de Terpsychore.....	51
Os prodigios da engenharia moderna.....	52
Como se contava o tempo antigamente.....	59
A moda.....	60
Charadas.....	113

A BELLEZA ATTRAHE
TODOS OS OLHARES

▼
SER BELLA é a aspiração de
toda mulher



POLLAH conservará a beleza
do seu rosto, muito além da
primeira juventude.

O **CREME POLLAH** encontra-se nas perfumarias do Brasil. Remetteremos gratuitamente o livrinho **ARTE DA BELLEZA** a quem enviar o "coupon" abaixo.

(R. S.) — Corte este *coupon* e remetta aos Srs. Reps. da **AMERICAN BEAUTY ACADEMY**
Rua 1.º de Março, 151, sob. — Rio de Janeiro.

NOME..... RUA.....
CIDADE..... ESTADO.....

Agentes Geraes: **SOCIEDADE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ** — Rio e S. Paulo.



N. 86—2º do ANNO VIII

JULHO — 1924

ESTADOS..... 2\$200
 Numero avulso..... 2\$100
 Numero atrazado..... 3\$000

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Escritorio : — RUA BUENOS AIRES, 103 — Rio de Janeiro

Endereço telegraphico «REVISTA». Telephone Norte 3660

Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO

Director-gerente.

ASSIGNATURA ANNUAL

Registrada

12 numeros..... 30\$000
 Para o estrangeiro 36\$000

O PASSAGEIRO DE 1.^a CLASSE

SKRINSHIRE suppunha o capitão bastante forte e humano para não da dizer a pessoa alguma emquanto os policiaes australianos não chegassem a bordo. Mas afinal não podia ter certeza d'isso.

Podia tambem ser que Neilson o deixasse livre durante toda a viagem e o puzesse a ferros no ultimo momento... Seria menos cruel faze-lo immediatamente.

Francamente, elle preferia ser preso logo para acabar com aquella angustia. Por isso, á primeira oppor-tunidade, apressou-se a arriscar uma insinuação subtil mas assaz clara sobre as graves conse-quencias que poderia ter semelhante procedimento applicado a elle.

Mas a insinua-ção cahiu sem re-sultado. Era meio dia e estavam á mesa do almoço. Neilson mantinha-se moroso, em si-lencio e o passa-geiro de 1.^a classe, conservando seus grandes ares offendidos, continuava a não lhe dirigir a palavra, affectando conversa somente com o immediato e os outros officiaes. Mas o capitão com os olhos obstinada-mente fixos no prato, continuava a reflectir em busca de um plano mais susceptivel de exi-to, de modo que pouca attenção da-

—: CONTO DE :—

E. WILLIAM HORMING

va á conversa. Como se chegou a fallar em suicidios, nunca o soube.

— Eu — dizia o jovem Mac Kandick —affirmo que o suicidio é uma cobardia.

— Pois meu caro— replicou Skrinshire — pense nisto na primeira vez em que estiver fazendo a barba. Imagine o gume da navalha entrando-lhe na garganta, o sangue espirrando, a dor do córte... E depois diga-me se não é preciso ter coragem para se suicidar.

— Oh!... eu cá... Se tivesse de me matar, preferiria um tiro na cabeça.

— Pois eu — disse Skrinshire — ainda julgo melhor engulir um pouco de acido prussico; mas confesso que só me decidiria a isso em circumstancias singularmente graves... por exemplo... para escapar a uma morte mais desagradavel ainda... Uma cousa que nunca comprehendi é que um homem condemnado á morte não se mate logo.

O capitão, que até esse momento se mantivera immovel e distrahido, ergueu subitamente a cabeça; mas como Skrinshire fallava ao immediato e não a elle, nada se atreveu a dizer. Comtudo, essa theoria sobre o suicidio parecia exposta com tanta sinceridade, que pareceu interessal-o.



Durante toda a viagem aquella angustia pesou sobre seu espirito.



— Pois eu assisti uma vez ao enforcamento de um homem e affirmo-lhe que é um espectáculo horrendo — disse o capitão.

— Ora — replicou o immediato — o senhor esquece que um homem nessa situação vive tão vigiado que só em casos excepçionaes poderia attentar contra a propria existencia.

— Pois eu havia de fazel-o mesmo nas barbas dos que estivessem me vigiando — affirmou Skrinshire, com tal enthusiasmo que parecia jovialidade.

— Como ?

— Isso não sei... Mas deixar que o carrasco puzesse a mão sobre mim ? Isso nunca !

— Pensa muito bem — disse o capitão, com voz calma e pausada. — Eu já assisti ao enforcamento de um homem e affirmo-lhe que é uma cousa horrenda. Antes mil suicidios do que isso...

Seu olhar encontrou o de Skrinshire, que se desviou logo ; e até o fim da refeição esse homem, que se mostrára tão loquaz não disse mais uma palavra.

Depois d'esse incidente, Neilson continuou a tratá-lo com irreprehensivel polidez mas passou a observá-lo attentamente.

Em vinte dias o navio passára da longitude do Cabo da Boa Esperança á da ilha do Kangurú e dentro de 48 horas devia attingir as portas de Port Philip.

Em toda a sua vida de maritimo, jámais o capitão realizára viagem em tão felizes condições e isso dava tamanha satisfação a seu amor proprio que Skrinshire tinha o direito de julgal-o com tôas disposições para toda a gente. Era impossivel que, em tal estado de espirito elle não sentisse compaixão por esse homem ameaçado de ir parar num cadafalso.

Então, ruminou seu plano com a mescla de habilidade cautelosa e de ousadia imprudente, que fazia d'elle um perigoso bandido.

Aquella noite seria de certo a ultima da viagem e a ultima de sua liberdade. Ainda bem. A necessidade de parecer alegre e despreoccupado durante tantos dias tinha exgottado sua força nervosa.

Nessa noite, passeiando pelo tombadilho ao lado do capitão, deixou transparecer, pela primeira vez, symptomas de desanimo, confirmando a ideia que Neilsson fizera d'elle.

— Nunca poderei esquecer esta viagem — disse elle suspirando. — Lamento que ella esteja a terminar.

— Por que o lamenta ? — perguntou o capitão com uma piedade, que não soube occultar. Sim ; depois que recebera por telegrapho sem fio seus signaes e ordem para entregal-o á policia, no primeiro porto como criminoso dos mais temiveis, sabia-o em risco de morte e, avaliando suas angustias acabára por ter pena d'elle.

Skrinshire deu de hombros.

— Seria longo explical-o — disse. — Quem sabe se esta viagem não é para mim a ultima ?

Havia em sua voz uma expressão de tal desespero que o capitão Neilson, estremeceu e teve impeto de dizer-lhe que sabia tudo.

Mas para que tornar mais dolorosos aquelles momentos ?...

— Em todo o caso — proseguiu Skrinshire apoz alguns momentos de silencio. — Peço-lhe que não guarde má lembrança de mim. Creio que fui a bordo um bom passageiro e, por minha vez, aconteça o que acontecer guardarei do senhor uma excellente e grata lembrança.

Num movimento espontaneo, que não poude conter, mas demasiadamente commovido para poder falar Neilson estendeu-lhe a mão.

Skrinshire sorriu tristemente e perguntou :



A cabine estava vazia e via-se a um canto um revolver pendurado a um barbante.

— Então conta chegar a Otway amanhã ?

— Mais ou menos á hora do almoço, se tudo correr bem...

— E quando espera encontrar a lancha do piloto ?

— Oh ! só muito mais tarde, já noite fechada, pois só vou ancorar na bahia de Heads.

— Muito obrigado, capitão.

E Skrinshire recolheu-se a seu camarote com uma impressão de allivio.. Estava satisfeito por não ter deixado para o dia seguinte a explicação com o capitão Neilson. Haveria dia seguinte para elle ?... A hora que elle esperava angustiosamente ha seis semanas ia sôr afinal. Tinha que pôr em pratica o plano que amadurecera durante toda a travessia do Oceano Indico.

Agora o barco do piloto fora assignalado ao longe e o immediato fiscalisava o lançamento da escada de corda ao longo da amurada. A seu lado, o capitão mordia o charuto, nervosamente. Pouco adiante, com um binoculo Skrinshire observava o bote do piloto ou melhor suas luzes de posição, que dansavam já proximo ao casco do navio.

— Quantos homens costumam acompanhar o piloto? — perguntou elle, com ar displicente ao immediato.

— Geralmente elle vem só com um remador.

Skrinshire affastou-se e desceu á sua cabine tão rapidamente que o immediato o acompanhou com um olhar de espanto. Mas já outra cousa desafiava sua curiosidade. O bote do piloto alcançara as luzes de uma escotilha permittindo ver que vinham nelle não dous mas quatro homens.

Pouco depois teve a explicação d'essa singularidade. Os quatro homens subiram ao tumbadilho e o piloto dirigiu-se logo a Neilson.

— Meu commandante — disse elle — permitta que lhe apresente o inspector Robins, da policia de Melbourne, que veio com dous auxiliares para um negocio importante.

— Elle está mesmo a bordo ? — perguntou o inspector.

— Está — disse gravemente o capitão.

— O senhor não mandou pô-lo a ferros ?

— Pareceu-me inutil. Elle se mostra tão tranquillo... Mas é um impulsivo... falla muito em suicidio. Tive receio de que diante de um acto de violencia elle appellasse para um acto de desespero.

O policial não se atreveu a fazer observações mas ficou visivelmente aborrecido.

— Bem — disse elle. — Desejaria prendel-o sem mais demora. Onde está elle.

— Desceu agora mesmo para sua cabine.

— Máu... — disse o policial com impaciencia.

— Esse homem é capaz de tudo... Creio que o senhor se deixou illudir pelas apparencias.

— Vá chamar o Sr. Skrinshire — ordenou o capitão a um stewart.

Esperam calados e pensativos, alguns instantes. O stewart voltou dizendo.

— A cabine do Sr. Skrinshire está fechada.

— Elle sempre se fecha por dentro — observou o capitão.

— Mas eu bati longamente e não obtive resposta.

— Maldição ! — bradou o policial, precipitando-se para a escada.

Mas, no mesmo instante, ouviu-se uma detonação. Correram todos á porta da cabine do criminoso e viram que uma tenue fumaça se escapava pelas frestas.

— E' o senhor o culpado ! — exclamou o policial furioso.

O capitão, livido de emoção, não replicou. Com um gesto, ordenou ao steward que fosse buscar o carpinteiro para arrombar a porta.

Quando o operario chegou, todos os passageiros estavam agrupados diante da cabine. A fechadura não tardou a ceder e a voz do policial explodiu em novas imprecações.

— Fugiu!... O miseravel fugiu... Mas não pode ir longe... Persigam-o!

De facto a cabine estava vazia mas havia nella alguma cousa assaz curiosa. Um revolver pendurado a um dos cabides, amarrado pelo gatilho com um barbante de um metro de comprimento, balançava-se no ar. Outro pedaço de barbante, muito menor estava amarrado á coronha e rebentára queimando-se a um coto de vela, que estava agora cahido no soalho.

Esse pedaço de barbante estivera enrolado á vela e, queimando-se, fizera cair e disparar o revolver.

Mas as surpresas não tinham terminado. O piloto berava agora possesso, louco de colera...

— Meu bote... O miseravel levou meu bote.

— E o remador?

— Tinha subido commigo a bordo.

O capitão voltou-se num assomo furioso, ordenando que lançassem as chalupas ao mar. Mas não tinha illusões... Elle bem sabia que com uma escuridão d'aquellas não seria possível descobrir um bote numa bahia cheia de meandros como a de Heads.

E. W. HORMING.

FALSAS MUMIAS Depois da morte de lord Carnavon, innumerables colleccionadores enviaram para os museus varias mumias, que guarneciam as vitrines de suas casas. Temem, certamente, os maleficios d'estes cadaveres impregnados de bitume.

No emtanto, na antiga pharmacopéa, o pó de mumia era considerado como muito salutar. Não havia medicamento, principalmente em França, em que não entrasse bôa dóse d'essa substancia macabra. D'esse modo todos os doentes eram mais ou menos anthropophagos. O rei Francisco I acreditava muito na efficacia d'este extranho medicamento.

Mas o illustre Ambrosio Paré occupou-se scientificamente com a questão demonstrando que as mumias vendidas aos pharmaceuticos não provinham das necropoles egypcias, mas de uma verdadeira fabrica de falsas mumias, installada em Alexandria por alguns israelitas tão subtis como pouco escrupulosos e que para essa funebre industria empregavam todos os cadaveres dos suppliciados, afogados, etc... Cobriam-os com bitume e faziam-os seccar ao sol. A revelação de Ambrosio Paré poz fim a este astucioso commercio.

O ASSUCAR NA ALIMENTAÇÃO — Sabemos perfeitamente que a carne nos dá musculos e o assucar e outros hydrocarbonatos nos dão força. Devemos tomar assucar quando formos

obrigados a fazer esforço physico durante muito tempo. O alcool tambem é um hydrocarbono, mas deprime depois de excitar e tira a resistencia para lutar contra as enfermidades. O assucar não deprime e é um alimento.

Em Paris dá-se bôa quantidade de assucar aos cavallos; uma ração de cerca de 1,32 kilo por dia misturada com milho, palha ou feno é fornecida aos seus por todas as companhias de carroças. Os cavallos alimentados assim bebem menos agua e resistem muito mais ao trabalho.

A França, seguindo o exemplo da Alemanha, dá uma ração de assucar aos soldados.

Os trabalhadores de todas as classes, os cyclistas, etc., deveriam comer muito assucar.

DESCOBRIMENTO DE UM MICROPHONE ULTRA-SENSIVEL

Recentemente recebemos informações de um grande physico inglez, que sem hesitações prognosticava para 1924 os maiores adeantamentos para a telegraphia sem fios, isto é, para a electricidade.

Como antecipação, sem duvida, a este vaticinio já se anuncia uma nova descoberta devida ao yankee Kettner, director do serviço de investigações de uma importantissima casa dedicada a esta classe de trabalhos. Trata-se de um microphone electrico ultra-sensivel, mercê do qual podem-se ouvir os sons produzidos pelas vibrações dos orgãos do corpo humano, especialmente do cerebro e do coração.

Os entomologistas tambem poderão servir-se d'elle para analysar os signaes que fazem entre si os insectos.

O novo microphone poderá registrar os sons cujas vibrações passem de 20.000 por segundo.

Os leitores já devem ter notado, nos films norte-americanos ou nos vaudevilles, a attitude característica do homem de negocios norte-americano. O businessman, quando está só em seu escriptorio ou mesmo quando recebe alguns

miseraveis europeus, ou sul-americanos, parece sentir uma satisfação particular em se recostar na cadeira de molas e collocar os pés sobre a mesa.

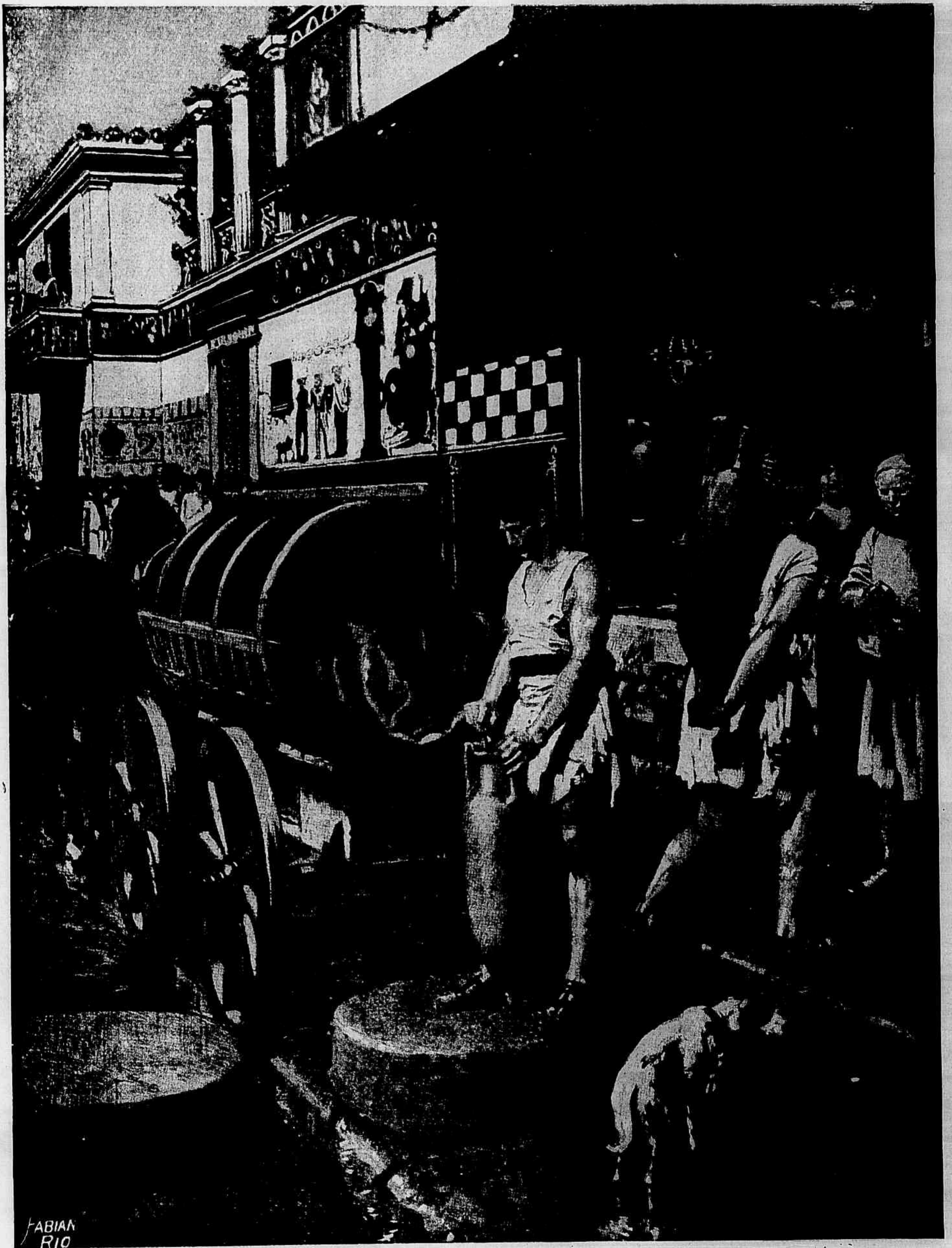
— Estavamos habituados a considerar esta extranha attitude como uma creançada innocente.

Pois bem! Enganavamos-nos redondamente. O homem de negocios norte-americano, que colloca as solas de seu calçado no nivel do rosto de seu interlocutor, realisa um acto perfeitamente normal. O angulo de 45 gráus, que as pernas descrevem com o busto, é o resultado de um calculo utilitario.

Um verdadeiro businessman nos deu a explicação d'este facto. O homem de negocios norte-americano tem o habito de trabalhar de pé. Suas pernas se congestionam e elle é geralmente atacada de varizes. E' para operar uma reacção salutar e descongestionar os membros inferiores que elle os estira e os colloca em uma posição elevada.



CONSULTANDO O DESTINO — Quero-te muito, pouco, apaixonadamente...



FABIAN
RIO

O commercio na antiguidade. — Um carro de vinho em uma rua de Pompeia, no anno 60.

EM FAVOR DO SYSTHEMA METRICO DECIMAL

No discurso presidencial pronunciado perante a Academia Decimal de Londres, sir R. Gregory, fallou em favor do systema metrico decimal na Inglaterra, para evitar as dificuldades que offerece a pratica do systema hoje em uso.

Actualmente são 46 as nações que adoptaram

o systema metrico, podendo-se dizer que as unicas nações civilisadas que ainda não o empregam são a Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte.

No centro metalurgico de Loughborough, onde se fundem os melhores sinos inglezes, creou-se uma escola de "carrilhões" ou seja de musicos de sinos, que se propõe a gastar novecentos contos na elevação de uma torre que tenha a melhor oschestra de sinos do mundo.

NAS NEVES DO ALASKA

Conto de JACKES LONDON

O dia vinha surgindo quando o homem, deixando o leito gelado do Yucon, subiu a encosta aspera e escorregadia para se metter pela pista sinuosa e apenas visível, que se dirigia para o oriente através de altas arvores.

Como a subida era muito ingreme, elle se deteve no alto para retomar o folego e tirou do bolso o relógio.

Marcava nove horas. O céu estava cinzento, sem nuvens porem nelle não se via o menor vestigio do sol. Embora o dia pudesse ser contado entre os mais claros para aquella região, todo o horizonte parecia envolto num sudario infinito, num véu sombrio, que detinha os raios solares.

Mas o homem não sentia a menor inquietação. Embora fosse novo no paiz e fosse aquella sua primeira internada, estava habituado á ausencia do sol; havia já muitos dias que não o avistava e sabia que, por muito tempo ainda, seu disco pallido não appareceria acima do horizonte.

Comtudo antes de proseguir na penosa marcha lançou um olhar para traz.

As ondas geladas do Yucon estendiam-se por mais de um kilometro de largura e os dous metros de neve, que as cobriam, formavam uma serie de ondulações suaves a perder de vista. Aquella linha sombria era a "pista", que, partindo de Chilkoot Pass, no Golpho do Deya mais de setecentos kilometros ao, sul, ia se perder mil kilometros mais ao norte, em S. Miguel, sobre o mar de Bhering. Era essa pista que formava uma linha escura na alvura immaculada da planicie.

NAS BRANCAS PLANICIES DA REGIÃO SEPTENTRIONAL DA AMERICA DO NORTE; AVENTURAR-SE SÓ, EM PLENO INVERNO, SEM AS PRECAUÇÕES QUE OS VELHOS HABITANTES DO LOGAR CONHECEM, É QUASI FATALMENTE CONDEMNAR-SE A UMA MORTE LENTA MAS IMPLACAVEL. O CONTO, QUE SE VAI LÊR ABAIXO E TEM TODAS AS CARACTERISTICAS DE UMA AVENTURA, AUTHENTICA, TRAÇA COM IMPRESSIONADORA NITIDEZ AS EMOCIONANTES PERIPECIAS D'ESSE DUELLO SILENCIOSO ENTRE O HOMEM E O FRIO MORTIFERO.

O viajante voltava para o velho "claim" installado no braço esquerdo do Henderson. Já lá deviam estar seus companheiros, que haviam cortado o caminho pelo "Indian creek", enquanto elle fazia essa volta para observar os marcos de jazidas.

Contava chegar ao claim por volta de seis horas, já noite escura; mas os outros teriam já preparado a cabana, o fogo roncaria alegremente e o jantar estaria prompto.

Quanto a seu almoço, apertou com a mão direita o pequeno embrulho, que collocára sob a roupa, mesmo de encontro a pelle do peito para que os biscoitos não gelassem.

Sorriu, á lembrança d'esses biscoitos, que formavam sandwiches com bellas fatias de presunto frito; e entrou a caminhar por entre os grandes troncos de pinheiro.

A pista estava já confusa. Cahira tanta neve



Um cão seguia-o caminhando bem junto de seus calcanhaes



O cão aproximou-se do homem, que, abatido na neve, mantinha-se imóvel

depois da passagem do ultimo trenó que ella ficára quasi encoberta. E notando-o, o homem regosijou-se por não trazer bagagem e poder andar depressa.

Mas a crueldade do frio surpreendeu-o.

— Que horror ! — murmurou elle, esfregando o nariz entorpecido com a luva aspera.

Atraz d'elle, bem junto a seus calcanhares, ia um cão indigena, um verdadeiro cão lobo, que parecia deprimido pela intensidade do frio. Com seu instincto infallivel, o animal sentia que o dia não era propicio á viagem.

De facto o termometro marcava 20 gráus abaixo de zero.

O cão olhava em torno depois seus olhos pareciam interrogar o homem, como se esperasse vel-o procurar um abrigo, um logar onde accender fogo. . . Ou então cavar um buraco na neve e metter-se nelle bem encolhido para conservar o calor do corpo.

A humidade de sua respiração cobrira o pello de seu focinho com um fino pó de neve, que se accumulava principalmente nos cantos da bocca. Quanto ao homem, sua barba ruiva já não estavam apenas empoeirada de neve, constituia uma massa solida, um bloco de gelo, que augmentava a cada respiração.

Mesmo assim elle percorreu varios kilometros por entre as arvores, depois deixou-se escorregar pela encosta até o leito de um pequeno rio. Era o Henderson. Elle sabia que a Forquilha (um logar assim chamado por que nelle o rio se dividia em dous braços) devia estar perto. Tirou de novo o relógio. Eram dez horas. Calculou que, continuando com o mesmo passo, chegaria a Forquilha ao meio dia mais ou menos. Resolveu que almoçaria alli e começou a subir a encosta do outro lado do rio.

Agora a pista era bem visivel; apenas uns dez centimetros de neve cobriam o rastro do ultimo trenó.

O homem continuou a caminhar, sem cessar de esfregar as faces e o nariz, com um gesto machinal,

ora com uma mão ora com a outra. Desde que interrompia esse movimento sentia o rosto entorpecer-se.

Mas toda a sua atenção estava concentrada em estudar as modificações, curvas e depressões da pista, escolhendo cuidadosamente o logar onde punha os pés.

De subito deu um salto para traz.

Elle sabia que nenhum rio poderia se manter liquido numa temperatura d'aquellas ; mas sabia tambem que havia por alli nascentes de agua morna, que se espalhavam sob a neve. Nesses logares, a neve encobria as vezes dous a trez palmos d'agua.

Por isso é que, sentindo a neve ceder sob seus passos, recuára espavorido. Molhar os pés com uma temperatura d'aquellas era sugeitar-se, a uma demora consideravel. Seria preciso deter-se, accender uma fogueira e descalçar-se para seccar as meias e as botas.

Deteve-se e ficou a observar o leito do rio.

A nascente de agua quente devia estar á direita. Obliquou para a esquerda e, desde que ultrapassou o logar perigoso, apressou o passo. Mas encontrou outras nascentes do mesmo genero e receioso de uma surpresa forçou o cão a precedel-o. A principio o animal recusou obedecer. Foi preciso que o homem o forçasse a chicote. Mas logo a neve cedeu sob seu peso. . .

O cão num esforço rapido logrou alcançar a margem, mas molhára as patas dianteiras, que immediatamente ficaram cobertas de gelo.

O animal deitou-se e começou a lamber os pés, tentando arrancar com os dentes o gelo, que se formára entre os dedos. Comprehendendo que o instincto lhe indicava a providencia indispensavel, o homem descalçou a luva direita para ajudal-o. Mas apenas expoz as mãos ao ar sentiu-a tornar-se dormente.

—Que frio ! Irra ! . . . — murmurou elle, apres-

sando-se a abrigar a mão e bater com ella nas pernas para aquecel-as...

Ao meio dia e meia hora alcançou a Forquilha, contente por haver mantido a velocidade que projectára. Se pudes-se continuar assim chegaria ao Claim antes das 6 horas.

Sentou-se para comer e nesse momento notou que não sentia os pés. Levantou-se precipitadamente e saltou repetidamente com força até que uma dor bem forte se manifestou demonstrando que a circulação do sangue se restabelecera.

Mas que frio! O velho colono do Sulphur Creech não o enganára com suas espantosas historias de homens e animaes gelados. Elle tomára aquellas narrações como caduquice ou pilherias para assustal-o. Via agora que o velho não exagerara. Que frio! Andou longamente de um lado para outro, batendo bem com os pés e estregando as mãos até que se sentiu mais tranquillo com o calor que surgiu em seu corpo. Depois começou a preparar a fogueira indispensavel para derreter a barreira de gelo, que lhe fechava a bocca.

A enchente do anno passado tinha trazido para allí uma boa quantidade de galhos mortos. Em pouco viu erguer-se uma bella chamma e gosou o calor delicioso. Por um instante o frio do espaço foi victoriosamente combatido. O cão deitára-se bem junto do fogo e o homem, depois de haver comido os biscoitos accendeu o cachimbo. Mas pouco durou seu socego. Compreendendo que não devia perder tempo, calçou de novo as luvas e proseguiu na marcha ao longo do braço esquerdo do rio.

O cão seguiu-o mas parecia desapontado. Elle julgára que ia fazer junto do fogo uma longa estadia



Junto dos pinheiros carregados de neve, elle dispoz um monte de galhos e gravetos seccos.

cuja oportunidade seu instincto lhe indicava. Aquelle homem, sem duvida não conhecia o frio; todas as gerações de seus antepassados tinham ignorado o verdadeiro frio que vai até 150 gráus abaixo de zero. Porem, elle, cão, sabia; todos os seus antepassados tinham nascido e vivido allí; elle herdára seus conhecimentos; sabia que não era prudente andar ao ar livre naquella estação.

Felizmente havia menos nascentes no braço

esquerdo do Henderson e durante meia hora o homem poud caminhar sem interrupção.

Mas, de subito a catastrophe temida occorreu. Num lugar onde nenhum vestigio presagiava o menor perigo, onde a neve parecia perfeitamente branca, a camada de gelo quebrou-se sob seus passos. A cavidade não era funda e elle poud facilmente tomar pé em um terreno firme; mas molhárase até o meio das pernas.

Teve um acesso de colera louca, praguejando alto contra a sorte. Tendo que accender nova fogueira não lhe era mais possivel chegar a o Claim ás 6 horas.

Felizmente descobriu nos pinheiros proximos galhos baixos, que podia aproveitar.

Começou por arrumar no solo os mais grossos para formar uma base e impedir que o fogo nascente se extinguisse em contacto com a neve; depois riscou um phosphoro e approximou-o de um fino pedaço de casca de arvore, que tirou do bolso.

A chamma ergueu-se logo e elle chegou aos gravetos que accumulára sobre os galhos... Esperou cautelosamente que o fogo fosse mais intenso para reforçal-o com outros galhos mais robustos... Elle sabia que conseguir uma bôa fogueira era, para elle, em tal momento, uma questão de vida e morte.

Com um frio de trinta gráus, um homem que está com os pés molhados só tem uma esperança de salvação, um bom fogo immediatamente. Se conservar os pés seccos terá o mesmo de aquecel-os correndo mas tendo-os molhados só uma fogueira poderá evitar sua congelação.

O homem sabia isso e sentia os pés dormentes. Alem d'isso, para armar a fogueira, tivera que descalçar as luvas e suas mãos pouco a pouco se iam entorpecendo. Mas contava salvar-se por que a chamma se tornára cada vez mais forte. Agora elle já se atrevia a juntar-lhe galhos com a grossura de um dedo; mas um minuto e poderia utilisal-os da grossura de um braço Tiraria então os mocassins e as meias para seccal-os bem.



UM "PETISCO" QUE DEVE SER SERVIDO QUENTE. — (Fantasia de Ch. Meurier).

Sorriu lembrando-se do velho colono, que lhe affirmára ser impossivel a um homem só viajar atravez do Klondyke naquella estação. E começou a descalçar os mocassins. Suas enormes meias estavam duras como tubos de ferro e os cordões dos mocassins tinham tomado a consistencia de arames.

Durante alguns minutos tentou desatal-os com os dedos entorpecidos; depois, comprehendendo que não o conseguiria puxou a faca do cinto. Mas antes que pudesse cortal-as produziu-se um incidente que poderia ter as mais graves consequencias e era devido a sua negligencia.

Elle preparára a fogueira debaixo de um pinheiro que supportava nos galhos uma formidavel carga de neve. Ao calor da fogueira essa neve cedeu e, de subito, uma grande porção cahiu, arrastando outras formando uma verdadeira avalanche que submergiu a fogueira.

Com pragas furiosas o homem recommçou o trabalho, tendo o cuidado de escolher uma clareira. Mas juntando hervas seccas e gravetos sentia os dedos tão dormentes que, sem o querer, juntava tambem, musgo verde e palha humida.

Entretanto, o cão, sentado, immovel contemplava-o com um fulgor de inquietação no olhar. O homem metteu a mão no bolso para tirar os phosphoros. Sentia o volume da caixa mas a mão entor-

pecida pelo frio perdera o tacto e não conseguira agarral-a. Esforçou-se afflicto por que a paralytia voltava a lhe invadir os pés e as pernas...

Por fim logrou segurar a caixa mas abriu-a com movimentos tão desageitados que fez cahir todos os phosphoros. Curvou-se para apañhal-os na neve mas os dedos recusaram obedecer-lhe.

Que fazer? Não podia sequer pensar em descalçar as luvas e com ellas tacteava em vão, tremulo de desespero vendo que os phosphoros, um a um, desapareciam na neve.

Allucinado pelo pavor, olhou em torno de si e viu o cão. Teve então uma ideia. Lembrou-se de ter ouvido contar que um Canadiano, surprehendido por uma tempestade na planicie matára um veado, abrira-o e metterá-se em seu corpo ainda quente.

Elle mataria o cão e metteria a mão em suas entranhas até que o entorpecimento desaparecesse.

Então poderia apañhar os phosphoros accender a fogueira...

Chamou o cão; mas a emoção dava a sua voz um timbre tão extranho que o animal teve medo e recuou. O homem deixou-se cahir, rastejou para elle, conseguiu agarral-o... Mas foi tudo quanto poud fazer. O entorpecimento fazia agora de suas mãos dous pesos inuteis, na extremidade dos braços. Largou o animal e desatou a rir nervosamente mas logo, num impeto de pavor ergueu-se e começou a correr pelo leito do rio, precipitando-se para diante numa especie de inconsciencia em que sómente o medo sobrenadava no chaos de seu cerebro.

Mas as forças faltavam-lhe. Tropeçou e cahiu como uma massa. O cão, que o seguia a certa distancia, deteve-se e ficou-se a observá-lo,



Bailarinas em repouso. Instantaneos tirados no foyer de la danse da Opera de Paris.



paciente e attento. O homem tentava reflectir mas uma somnolencia invencivel invadia-o todo. Era uma tãõ ideia, adormecer para não pensar mais, não sentir mais, não soffrer mais...

O cão esperou por algum tempo até que seu instincto o fez sentir a morte. Uivou baixinho, aproximou-se, farejou o morto e recuou com um uivo mais forte.

Comprehendia que já nada mais havia a esperar d'aquelle homem mas ficou alli ainda uma hora talvez uivando com desespero e correndo em torno do corpo immovel.

Depois, de cabeça baixa, apressado, seguiu pela pista gelada em direcção do acampamento dos homens e do fogo...

JACK LONDON.

CRAVOS FRIGORIFICADOS

Existe em Preston Hall, Inglaterra, uma colonia de antigos soldados que, attingidos ou ameaçados pela tuberculose, tratam de seus pulmões no ar puro d'essa encatadora aldeia. Dedicaram-se á horticultura e com tal zelo que os cravos de Preston Hall são já celebres.

Os felizes jardineiros acabam de ter a commovente ideia de enviar, por intermedio de um medico, que os visitou, um enorme bouquet de flôres aos pacientes tuberculosos d'esse medico, em New-York.

Para fazer a viagem, os trezentos magnificos cravos, que constituem a offerenda, foram encerrados em um bloco de gelo e collocados na camara frigorifica do navio conservando-se assim intactos e sedosos. Para resurgir triumphantes ante os doentes de New-York como um symbolo de vida enviado pela colonia de convalescentes da encantadora aldeia ingleza.



A SEDUCÇÃO DO CAVALLEIRO — Quadro de G Gourmet

CADA paiz do mundo ostenta armas, bandeiras, condecorações. Que armas pertencem aos paizes americanos? Recorde-se quem souber, conheça quem ainda não teve tempo de saber.

A America, de tão grande, repartiu-se em duas Americas. Na do Norte reinam republicanamente os Estados Unidos. Na conquista da influencia universal, sobretudo nas horas da partilha preferem jallar latim a inglez: quia nominor leo.

As armas dos Estados Unidos apresentam a aguia, escudo ao peito, azas desdobradas, em attitude de ameaça, bico entreaberto com uma lista trazendo divisa — E Pluribus Unum, um em varios — garras á direita prendendo um ramo de louro, garras á esquerda retendo um molho de trez flexas argenteas. Armas expressivas, ao mais distrahido observador, mixto de força e de arrogancia.

Depois dos Estados Unidos o Mexico, dos primeiros o visinho, o competidor, o sacrificado. Reapparece a aguia nas armas mexicanas, de fundo azul, trez rochedos surgindo de mar prateado. O central, mais alto, sustenta um cacto de sinopla, em heraldica a côr azul. Sobre o cacto descança uma aguia, bico e membros de ouro, vôo baixo, estrangulando serpente de sinopla.

As republicas da America Central imaginaram armas menos conhecidas do mundo do que as dos Estados Unidos e as do Mexico.

Nas armas de Costa Rica apresenta-se o mar. D'elle emergem trez picos; atraz do primeiro, da esquerda para a direita, levanta-se o sol. São os picos acompanhados no horizonte e em ponta por dois navios e encimados por cinco estrellas em orla. O escudo pouza sobre trophéu guerreiro, á dextra um canhão, uma espingarda, trez bandeiras; a sinistra uma alabarda e trez bandeiras, tudo sustentado por um ramo de louro e uma palma de sinopla.

Guatemala tem armas ainda mais bellicosas do que Costa Rica, num trophéu de duas espingardas e duas espadas sobre o qual se desenrola pergaminho argentado com as palavras: Libertad. 15 de Septiembre 1821 — palavra e data de independencia. Para adocçar talvez a bellicosidade do escudo pouza, no alto do pergaminho, um quezal, ave cara sem duvida aos guatemalenses, opposta ao regio feroz das aguias norte-americana e mexicana.

Nas armas de Honduras ha, no centro, um rochedo encimado por barrete phrygio e flanqueado por duas torres

sobre as quaes o arco-iris se arqueia, tudo nascendo do mar, grato a Honduras, como a Guat. mala. Ao alto uma divisa, Dios, Union y Libertad, em letras de ouro, o escudo repousado sobre trophéu de bandeiras nacionaes, um canhão e dous ramos cruzados, de louro o da direita, de palma á esquerda.

Nicaragua, como Honduras, querendo armas, recorreu á orographia e muito. Cinco montanhas, em cadeia, cada uma de altura diversa da com-

panheira, illuminadas por um sol de ouro, formam as armas nicaraguenses, de escudo a descançar sobre quatro bandeiras de azul com sôes de ouro, uma aljava tambem de ouro completando o trophéu.

S. Salvador desprezou a montanha, preferiu o vulcão. Eil-o nas suas armas, sahindo de mar de prata, encimado por nove estrellas de ouro, um sol tambem assim precioso se erguendo atraz de vulcão. O escudo de S. Salvador é de novidade, por duas cornucopias de abundancia despejando flôres. Nelle figura um barrete phrygio, como em Honduras, mas na ponta de lança de ouro. Tudo repousa sobre complicado trophéu onde figuram um arco, uma flexa, uma aljava de ouro atravessada sobre palma de sinolpa.

As armas da Republica Dominicana ou da ilha de S. Domingo, são sobrecarregadas e mysticas. Ha nellas uma biblia de prata, aberta, na pagina direita a palavra Luce, na da esquerda a palavra Jones.

A biblia é encimada por uma cruz de calvario e sustentada por um barrete phrygio, a primeira biblia e o terceiro barrete em armas americanas, o barrete dominicano com laço tricolor, tudo sobre um trophéu de quatro bandeiras e uma serpente de sinopla, a lembrar a estrangulada pela aguia mexicana. A serpe dominicana forma circulo e morde-se a cauda. Em cima do

escudo lê-se: Republica Dominicana, em baixo a divisa Dios, Patria, Libertad.

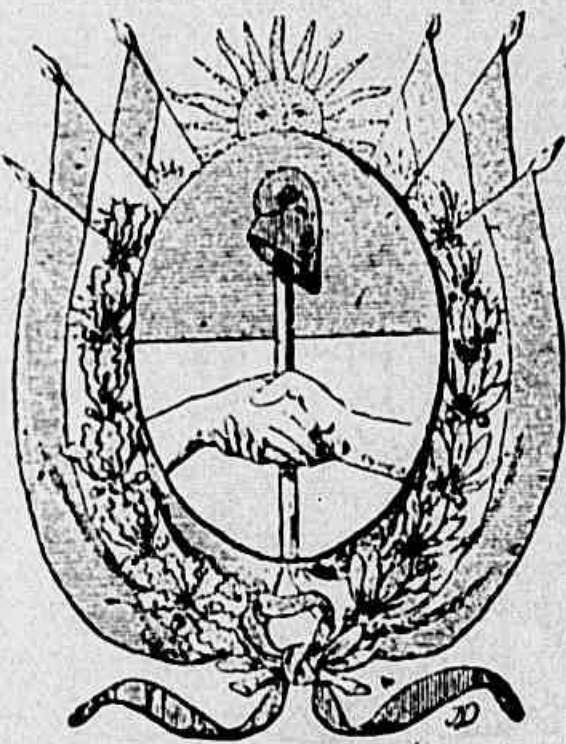
O dominio do Canadá, pupillo da corôa ingleza, é quasi um Estado cujo auxilio foi tão util á mã; patria na conflagração européa. As armas canadenses alludem ás partes componentes do dominio, uma videira de ouro lembra Ontario; um leopardo de ouro, duas flôres de liz de azul e uma outra videira recordam a provincia de Quebec; outras partes das armas canadenses põem vivas aos olhos Nova-Brunswick, a Nova Escossia, Manitoba, a Columbia britannica, até a ilha do Principe

ARMAS AMERICANAS

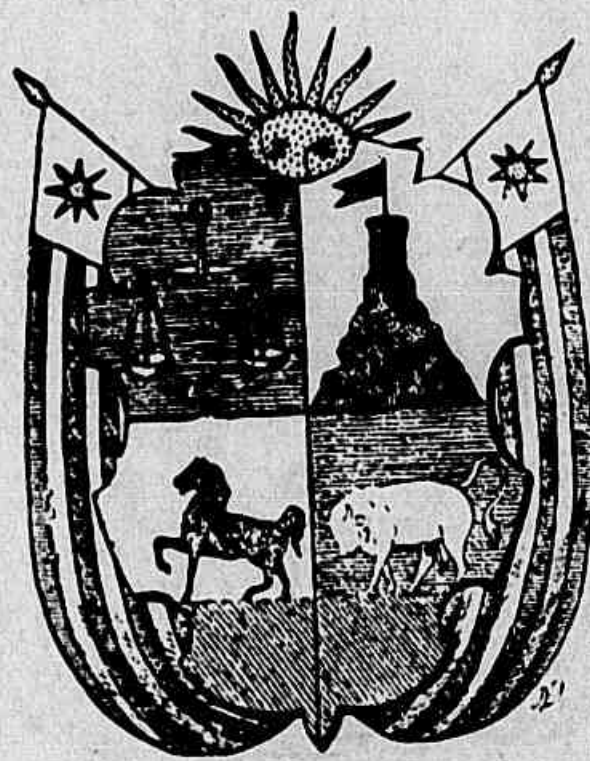
(Por ESCRAGNOLLE DORIA)



Armas do Brasil.



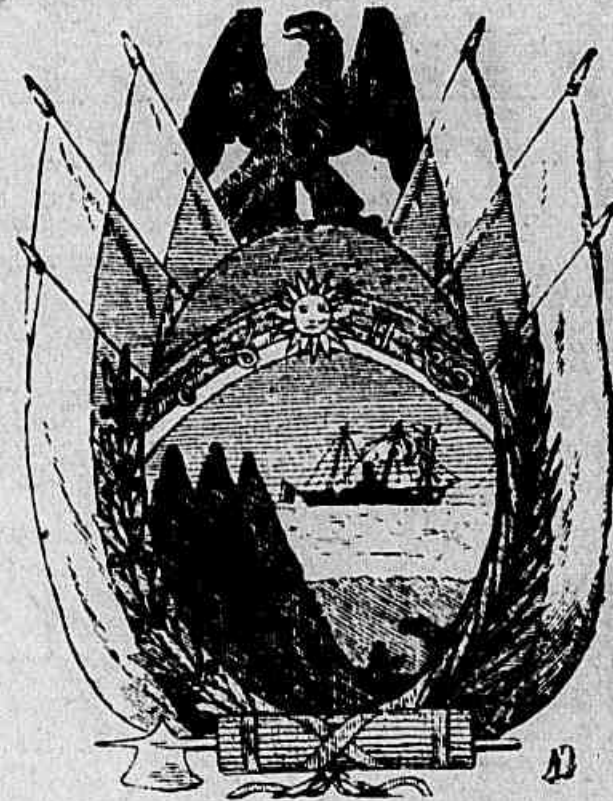
Armas da Argentina.



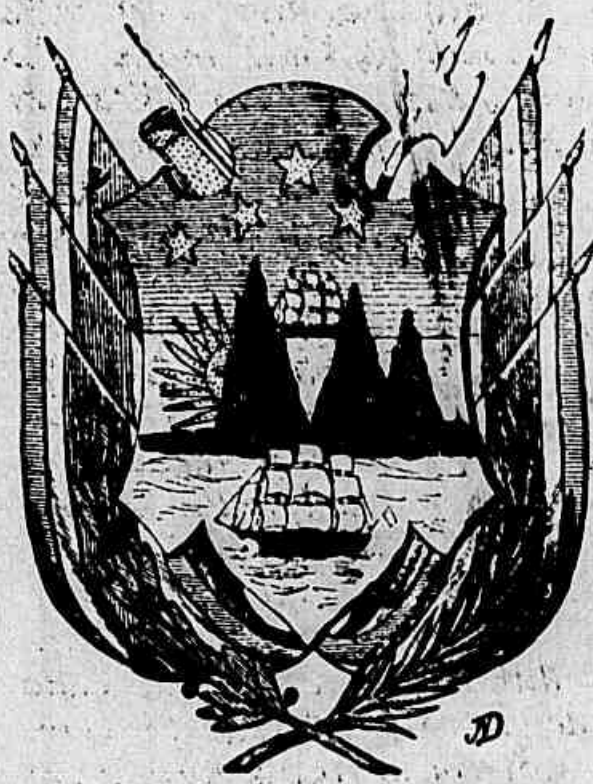
Armas do Uruguay.



Armas de Honduras.



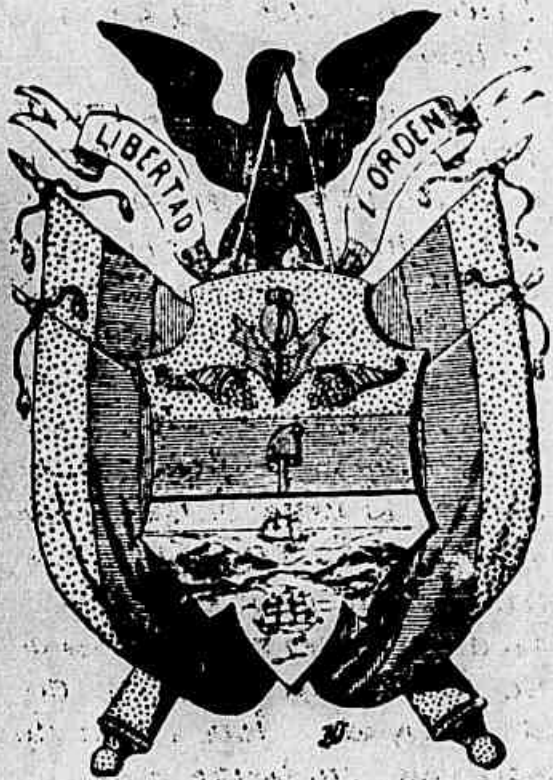
Armas do Equador.



Armas de Costa Rica.

pousa sobre um trophéu de bandeiras de azul e orla branca, trez bandeiras á direita, trez á esquerda. Um ramo de carvalho á dextra, um de louro á sinistra unidos por um laço sustentam o escudo, enquanto na cimeira das armas luz sol de ouro.

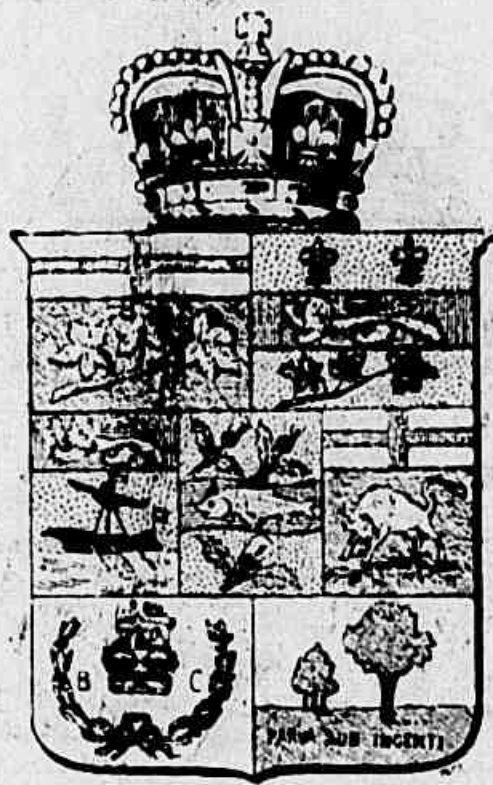
As armas bolivianas muito se valeram da heráldica, da fauna e da flora, figurando nellas um lhama, d'frente de um molho pousado sobre uma elevação, ao fundo trez montanhas, uma elevada e duas pequenas afastando-se, illuminadas por um sol de ouro. O escudo tem por cima um condor de azas abertas e vôo baixo, sustendo nas garras dous ramos de louro e sustentado por um trophéu de quatro bandeiras, quatro peças de artilharia e quatro espingardas. Logo abaixo do condor a palavra — Bolivia — se destaca, opposta ás oito estrellas de ouro da parte inferior do escudo.



Armas da Colombia.

Eduardo com a divisa "Parva Sub Ingente". A America do Sul é mais copiosa em armas do que a do Norte, a principiar pelas do Brasil, á toute patrie tout honneur, de nós tão conhecidas que dispensam descripção, bastando-lhes o mencionar.

Nas armas argentinas attrahe a vista o barrete phrygio na extremidade de um páu sustentado por duas mãos entrelaçadas, que na heraldica franceza se chamam "fol de carnution". O escudo



Armas do Canadá.

Tambem as armas chilenas recorreram á fauna americana.

O escudo das armas chilenas, de azul em campo de gueles, isto é, em campo vermelho, tem ao centro uma estrella de prata. Na cimeira vão ao ar trez plumas argentadas. O escudo chileno lembra um pouco o britannico, este, como se sabe, sustido á direita pelo jeroz, de um leopardo e á esquerda pelo fabuloso de um unicornio, representando o primeiro a Inglaterra e o segundo

a Escossia. O escudo chileno tem por supportes um huemul ao natural coroadado de ouro e um abutre de bico, membros e corôa de ouro, avermelhado de gueles.

Como o huemul das armas chilenas é animal pouco mencionado, merece algumas linhas. D'elle dizem sabedores, dando-o como habitante dos logares mais inacessiveis do Chile, mal conhecido, por muitos até tido por fabuloso, singular por dous dedos como os ruminantes, re-

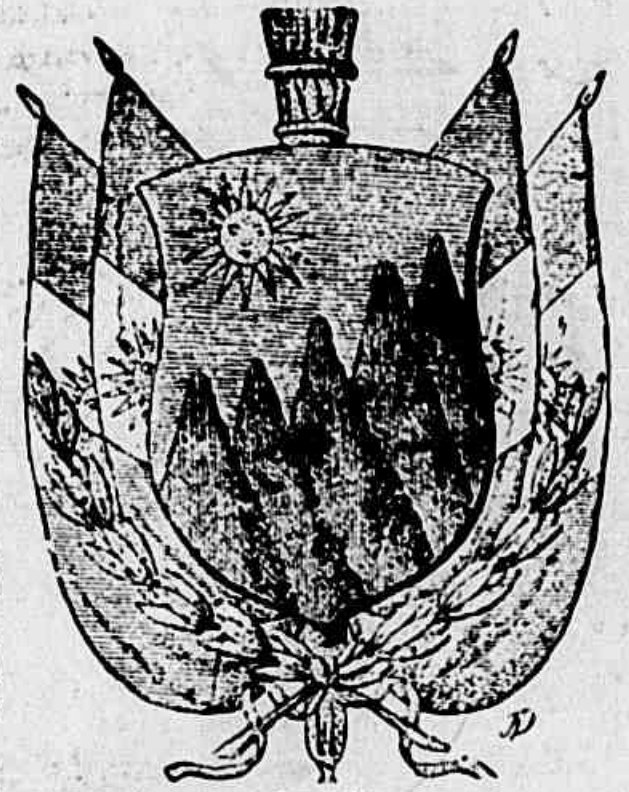
cebendo por isso o nome scientifico de equus bisulcus. Mesmo nos Andes é muito raro. Para uns o huemul representa um pachyderme do genero cavallo, para segundos um ruminante, para terceiros um lhama mal observado, para quartos um animal fabuloso.

Estamos agora, por imaginação, na Colombia. Temos de examinar-lhe as armas cujo escudo é bipartido. Na parte superior ha uma romã de sinopla, portanto azul, com haste e folhas d'essa côr, acompanhada por duas cornucopias, de abundancia derramando piastras. As cornucopias das armas de S. Salvador, como vimos, eram mais poeticas, despravam flôres. Na parte inferior do escudo colombiano desenha-se um isthmo acompanhado em chefe e em ponta por dois navios vogando sobre um mar, tudo ao natural. A divisa do escudo

é uma barra de azul com um barrete phrygio de gueles descansando sobre um páu julgindo em ouro.

No chefe do escudo uma aguia ao natural, pousando sobre uma lista de prata com a palavra Libertad de um lado, a palavra Ordem do outro, em letras brancas, servindo de tropheu ao escudo quatro bandeiras pontilhadas de ouro, de azul e de gueles e quatro canhões de ouro.

O Equador usa como armas um escudo onde um barco a vapor traz na proa uma bandeira ale-



Armas da Nicaragua.



Armas da Bolivia.

COMO E' FACIL SABER TUDO



Tudo se explica



PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

QUAL É A ORTE EM DAS PRIMEIRAS MACHINAS DE FIAR ? — Muito se tem discutido — e notadamente em processos numerosos — para saber se sir Richard Arkwright, que nasceu em 1732, em Preston, no Lancashire (Inglaterra), devia ser considerado o primeiro inventor da machina de fiar. Parece sufficientemente demonstrado que muito antes d'elle já se tinha feito experiencia de uma machina analoga.

Uma patente foi tirada em Birmingham em 1738, mas antes de Arkwright ninguém obtivera resultados satisfactorios. Arkwright era o décimo terceiro filho de uma familia pobre e foi empregado como aprendiz em uma barbearia. Aos vinte e oito annos abandonou seu emprego mediocremente enriquecido e tornou-se negociante de cabellos postigos, percorrendo o paiz, comprando cabellos de camo nezas para vendel-os aos cabelleireiros. Buscou por alguns annos resolver o problema do moto-contínuo e interessou-se muito pelos seus estudos. Foi no correr d'esses estudos que conseguiu inventar a machina de fiar.

HA A IMAGENS COM DOUS CORAÇÕES ? — As veias da espinha caudal da aguia unem-se formando um coração venoso pulsante de cada lado da vertebra caudal. A acção d'esse coração é completamente independente da do coração pulmonar, enquanto este dá 60 pulsões por minuto, a outro dá 160 e continua a funcio-

nar durante muito tempo depois de haver cessado por completo a acção do coração pulmonar.

Tambem está demonstrado que as arterias da rã e do sapo batem independentemente do coração e formam de facto outro coração de forma allongada.

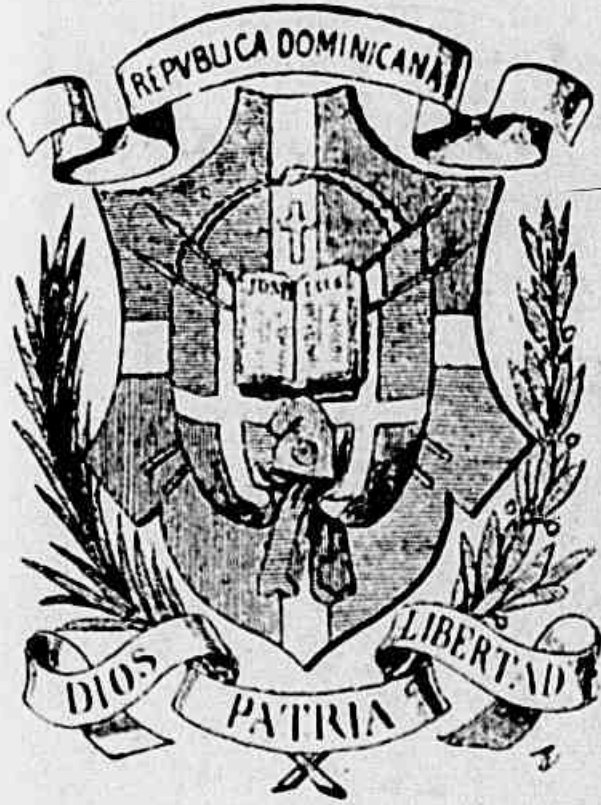
Alguns peixes possuem egualmente corações venozos latentes.

POR QUE RAZÃO AS RODAS DOS VEHICULOS GYRAM EM SENTIDO INVERSO NOS FILMS ? — Este phenomeno de observação, á primeira vista assaz desconcertante, explica-se facilmente.

Imaginemos um automovel caminhando em marcha regular. Os raios das rodas, ao gyram, occupam successivamente todos os pontos da circumferencia. Para reproduzir o movimento exacto da roda, seria necessario que o aparelho cinematographico retivesse tantas imagens quantas forem os raios geometricos em uma circumferencia, isto é, uma infinidade.

Ora, osapparelhos de cinematographia só impressionam vinte e cinco imagens por segundo. Entre cada uma d'ellas a objectiva é fechada durante uma fracção de segundo, justamente o tempo necessario para que uma nova porção de pellicula virgem se colloque anté a objectiva.

Quando o aparelho começa a funcionar, uma primeira imagem fixa uma posição dada dos raios da roda, depois a objectiva



Armas da Republica Dominicana.

grada de prata, azul e gueles e na pôpa um caduceu. Voga o barco sobre um mar ao natural sustentado por um littoral de sinopla com trez picos ao natural, tudo encimado por um arco-iris, ao centro do qual brilha um sôl de ouro, quatro signos zodiacaes no resto do arco-iris. O escudo equatoriano é encimado por uma aguia ao natural, de vôo baixo e sustentada por um feixe de licitor, ligado em gueules, o machado do feixe de

luz um sol de ouro sahindo de uma corôa, de carvalho á dextra, de louro á sinistra.

O escudo peruano é cercado por dous ramos entrelaçados na base, ramo de palmeira á dextra, de louro á sinistra.

Na lista das armas sul-americanas só nos faltam as do Uruguay, de escudo dividido em quatro zonas, a primeira de azul com uma balança de ouro; a segunda de prata com uma montanha ao natural encimada por uma torre de prata com pavilhão de azul; a terceira ainda de prata como a segunda, mostrando um cavallo passando garboso e lento sobre uma elevação de sinopla; a quarta zona, em-tim, de azul como a primeira, ostentando em toro prata callando uma elevação de sinopla, passo vagaroso, cabeça baixa, cauda erguida.



Armas do Mexico.

prata. O feixe reúne, na parte interior do escudo, uma palma de sinopla e um ramo de louro, repousando todo o escudo sobre um trophéo de seis bandeiras de côres nacionaes.

Muito mais simples são as armas do Paraguay, paiz com o qual, intelizmente, pela correnteza dos factos e pela jor'a das circumstancias, tivemos de emprehender guerra, premeditada e provocada aliás por um dictador que dictou sobretudo morte, sem excluir da regra ferroz a propria familia.

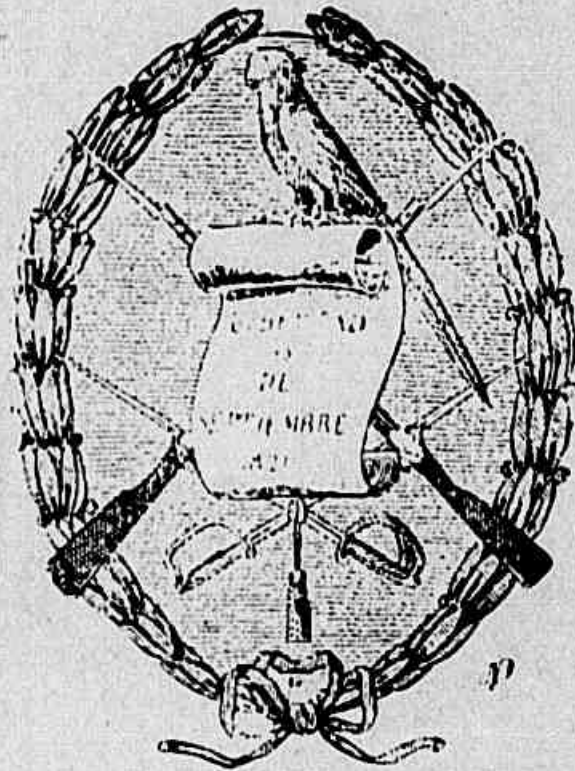
As armas paraguayas trazem em escudo de fundo azul uma estrella de seis raios posta em jôrma de coração e acompanhada de uma corôa de louro ao natural, ligada de gueles. Não se pôde exigir maior simplicidade heraldica e esta jamais brigou com o bom gosto.

As armas da republica peruana lembram as do Chile pelo lhema, ao natural, embora as relações do Perú e do Chile não sejam o modelo da cordialidade, azedadas pela conquista e pela guerra.

Alem do lhema figura nas armas peruanas um pé de quina de sinopla sobre uma elevação de côr azul. Na parte inferior, cortada de gueles, uma cornucopia de abundancia deixa cair piastras de ouro. No chefe do escudo



Armas do Perú.



Armas de Guatemala.

outros, do quetzal de Guatemala ao humul do Chile.

A lista das armas americanas cumpre, por ultimo, acrescentar as desaparecidas da America, umas ao sopro de uma revolução sangrenta, as do Mexico fusilado o imperador Maximiliano em Queretaro, as outras ao sopro de outra revolução, mas pacifica, exilando D. Pedro II do sólo patrio onde só fizera por merccer e onde nem siquer possui tumulo condigno, abrigado numa capella, de emprestimo, na cathedral do Rio de Janeiro. E tanto dinheiro posto jôra...



Armas do Chile.

E CRAGNOLIE DORIA.

COMO E' FACIL SABER TUDO — PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

fecha-se automaticamente para se reabrir quasi em seguida. Mas, durante a fracção de segundo que separa essas duas impressões, a roda do automovel continua a gyrar. Os raios movem-se pois no sentido da direita para a esquerda em relação ao operador, mas tão pouco que na seguinte impressão, a roda não tendo conseguido avançar de um arco o circulo comprehendido entre dous raios, estes ficam em atrazo sobre sua posição anterior, isto é, descollocados para a direita.

Este atrazo repetindo-se a cada nova impressão faz com que os raios e consequentemente a roda pareçam gyrar da esquerda para a direita, que é para traz.

A QUE SE DEVE ATTRIBUIR A COLLORAÇÃO DO CÉU? — "E' diffusão da luz solar pelas moleculas do ar atmosferico o que produz o azul do céu, muitas vezes perturbado por outros phenomenes".

Quando um raio luminoso encontra em sua passagem um corpo qualquer, este ultimo envia para todos os lados uma parte d'esse raio. E diz-se então que essa luz é diffusa.

E', por exemplo, o que ocorre nos casos de neblina. Sejam quaes forem as dimensões do corpo interposto, o phenomeno é identico e não ha razão para que não se applicuem essas conclusões quando se trata de um gaz.

Com effeito, é geralmente admittido, hoje em dia, que todos

os gazes são constituidos por uma infinidade de moleculas distinctas, sem contacto entre si e em estado de equilibrio.

Se um raio luminoso atravessa uma massa gazosa, esbarrará contra essas moleculas e sua luz será diffusa.

Foi o celebre physico inglez lord Rayleigh, quem, ha uns cinquenta annos, assignalou o primeiro dos effeitos da diffusão da luz pelas moleculas de um gaz.

Essa theoria nos permite explicar por que o céu nos parece azul quando é puro.

Está demonstrado, que, para certos corpos cujas dimensões sejam extremamente reduzidas, (da ordem de grandeza de uma molecula, por exemplo), o facho luminoso de um raio do sol — composto, como se sabe, de radiações que vão, para o espectro visivel, do violeta ao vermelho passando pelo azul, verde, amarelllo e alaranjado. — soffre uma especie de decomposição e que suas primarias irradiações são as mais diffusas.

Compreende-se, nestas condições, que os raios solares que atravessam a atmosphera são diffusos devido ás moleculas do ar e portanto as radiações violetas e azues predominam nelles.

Se a atmosphera se acha carregada de corpos extranhos de dimensões superiores á das moleculas, gottas de neblina ou pó, por exemplo, a decomposição não se effectúa e a diffusão da luz branca, que se mistura ao azul diffuso pelo ar, produz essa atmosphera acizentada, que nos dias chuvosos tanto nos aborrece.

A Torre Eiffel

A morte de Gustavo Eiffel, o engenheiro francez universalmente conhecido, deu mais uma vez actualidade á famosa torre que tem seu nome.

De todos os trabalhos realizados por Eiffel, o que lhe valeu renome verdadeiramente mundial foi, sem duvida, essa torre de 300 metros, erigida no Campo de Marte, de Paris, para a exposição Universal de 1889.

Ninguém ignora que esse monumento constituiu o maior attractivo d'essa exposição.

Esta obra de construção, tão robusta e tão leve ao mesmo tempo, teve porem o dom de provocar a critica dos architectos acostumados ás pesadas construcções da pedra e gual. Mas depois, a vista se acostumou a esse monumento de um caracter tão particular.

Tanto é assim que, quando a concessão de vinte annos, em virtude da qual a torre fôra construida, chegou a seu termo, ninguém pensou em reclamar sua demolição. Uma nova concessão prorogou sua existencia até 1926. Devemo nos felicitar por isso posto que não só permittiu que com seu auxilio fossem levadas a cabo não poucas experiencias de physica, como em

A morte de Gustavo Eiffel, o engenheiro francez universalmente conhecido,

virtude dos serviços que prestou e continua a prestar o potente posto de T. S. F., installado na mesma torre. O proprio Eiffel em 1900, emprehendeu alli interessantes experiencias sobre a queda dos corpos e velocidade do vento.

A Ford Motor Co. começou os trabalhos de ampliação de suas fabricas. O custo das obras ascenderá a 110 milhões de dollars.

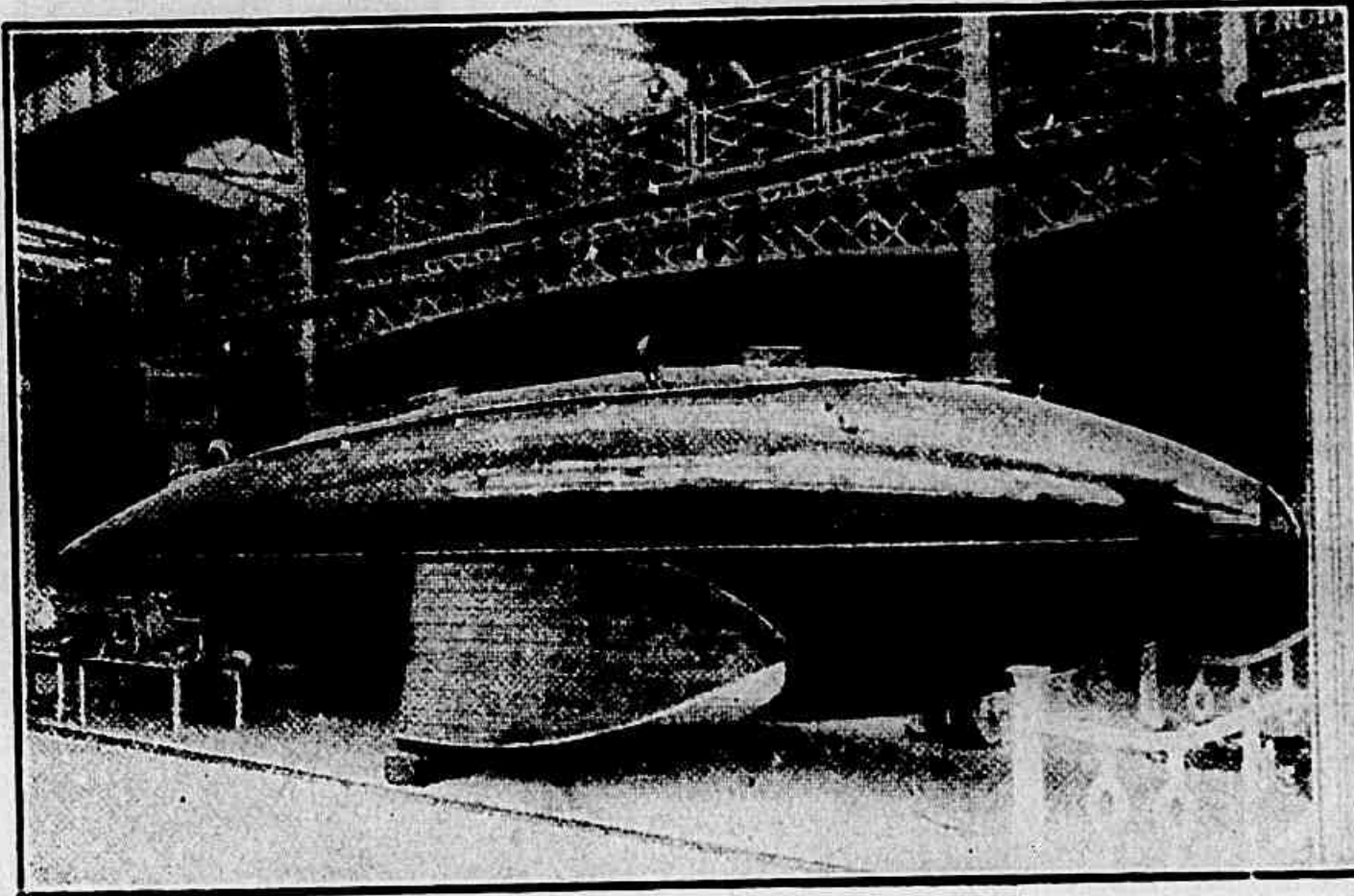
A Companhia deseja augmentar sua capacidade de producção para poder fabricar dez mil automoveis e caminhões por dia.

«No Oriente um homem vale por cem mulheres. Um grande coração de mulher, vale, por sua vez, por todos os homens do Imperio».

«Se affirmas que desejas viver e te ameaçam de morte; és um infeliz. Se affirmas que desejas morrer e não te matas és um farçante».

(PROVERBIOS ORIENTAES).

A MAIS RAPIDA DAS EMBARCAÇÕES NA ACTUALIDADE



Barco automovel movido a gazolina, de forma ovoide, e que nas experiencias feitas nos Estados Unidos deu uma velocidade de 108 kilometros por hora.



O mesmo barco em marcha

COMO É FACIL SABER TUDO

Grammatica Litteraria

PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

ADHEMAR DE MONTEIL, bispo de Puy, prelado guerreiro e brilhante orador, morto de peste em Antiochia, em 1098. Demonstrou tanto zelo no concilio de Clermont que o papa Urbano II o nomeou legado apostolico para a primeira cruzada, onde se distinguuiu por sua bravura. Tasso elogia-o em sua "Jerusalem libertada". E' em memoria d'este prelado que os bispos de Puy têm em suas armas uma espada com o baculo pastoral.

ADHERBAL — General cartaginez, venceu o consul romano Claudio Pulcherio na batalha naval de Drepane (249 antes de Christo) durante a primeira guerra punica.

ADHERBAL — Rei de Numidia de 118 a 113 (antes de Christo), filho de Micipsa, á qual succedeu com seu irmão Hiempsal e seu primo Jugurtha. Porem, este, para ficar sendo o unico rei, assassinou Hiempsal e declarou guerra a Adherbal. Sitiado em sua capital (Cirtha), Adherbal foi obrigado a se entregar e foi assassinado por ordem do vencedor.

ADIMANTOS — General atheniense do seculo V antes de Christo. Durante a guerra da Peloponesia, Philocles, tendo proposto cortar o dedo pollegar dos prisioneiros lacedemonianos, para impossibilita-los de manejar uma lança, só o atheniense Adimantos teve a coragem de exprimir uma opinião contraria. Tambem depois de sua victoria de Aegos Potamos, os Lacedemonianos só a elle perdoaram entre todos os prisioneiros, que foram executados.

ADJATASATRU — Rei da India que, depois de ter perseguido o Buddha Gakyamuni, converteu-se a suas doutrinas e auxiliou efficazmente a constituição do buddhismo, sendo considerado com um de seus fundadores.

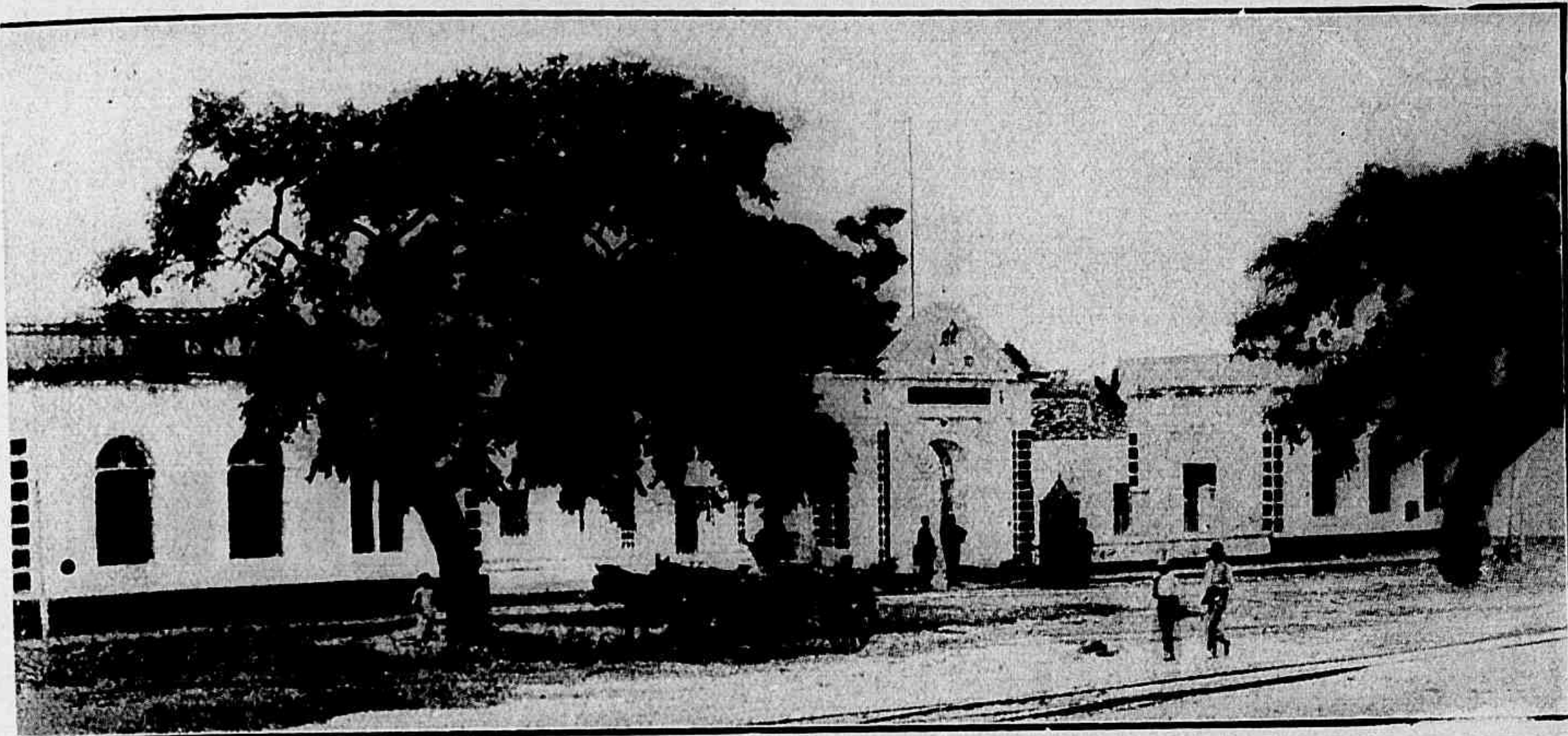
ADMETO — Rei de Pheros, na Thessalia e um dos argonautas. Deu hospitalidade a Apollo banido do Olympo e confiou-lhe seus rebanhos. Apollo, reconhecido, obteve para elle das Parcas o favor de ser eterno, com a condição de que um membro de sua familia se sacrificasse em seu lugar. Sua mulher Alcesta consentiu em morrer por elle.

ADMETO — Rei dos Molossos, entre os quaes se refugiou Themistocles perseguido como cobarde. Admeto se bem que fosse inimigo do heroe grego, recusou-se e entregal-o aos athenienses.

STO. ADOLPHO — Bispo de Osnabruck (Westphalia), de 1202 a 1222, morto em 1224. Fundou diversas instituições caridosas. Festejado a 11 de Fevereiro

ADOLPHO DE NASSAU — Imperador da Allemanha, nascido em 1250 ou 1255, morto em 1298. Era um simples fidalgo que foi eleito imperador em 1292, depois da morte de Rodolpho de Habsburgo e com a exclusão de Alberto filho d'este principe. Commetteu extorções e injustiças e poz-se ao lado de Eduardo I, rei da Inglaterra contra Philippe, o Bello. A Allemanha revoltou-se contra elle, depois da conquista da Thuringia (1296) e seu competitor Alberto da Austria acabou por vencel-o na batalha de Goelheim, no Palatinado (1298) onde Adolpho morreu.

NOSSA TERRA -- A cidade de Cuyabá



Quartel do 39.º batalhão de infantaria.

A cidade de Cuyabá, capital do Estado de Matto-Grosso, deve a sua origem ás minas descobertas em 1722 pelo sorocabano Miguel Sutil.

O poder d'essa extraordinaria *mancha* e em geral a apregoada riqueza mineral das terras circumvisinhas foram a causa do povoamento da localidade pela immigração oriunda principalmente de S. Paulo, onde as mais exaggeradas noticias circulavam com relação ás novas minas.

Justificadas até certo ponto, taes noticias constituiram-se em factores da transformação experimentada pelo novo arraial e essa mudança foi tão rapida que o mesmo sitio "todo coberto de matto cerrado e grandiosos arvoredos", no dizer do chronista Barbosa de Sá, cinco annos depois já se ufanava de possuir duas igrejas, trez ruas mal alinhadas, sem incluir a rancharia distribuida desordenadamente e cerca de trez mil habitantes.

Entorpecida sua marcha no periodo assignalado pela presença do governador de S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, cuja ambição e prepotencia determinaram a dispersão da maior parte dos moradores, só mais tarde pouda a recencreada villa reconquistar

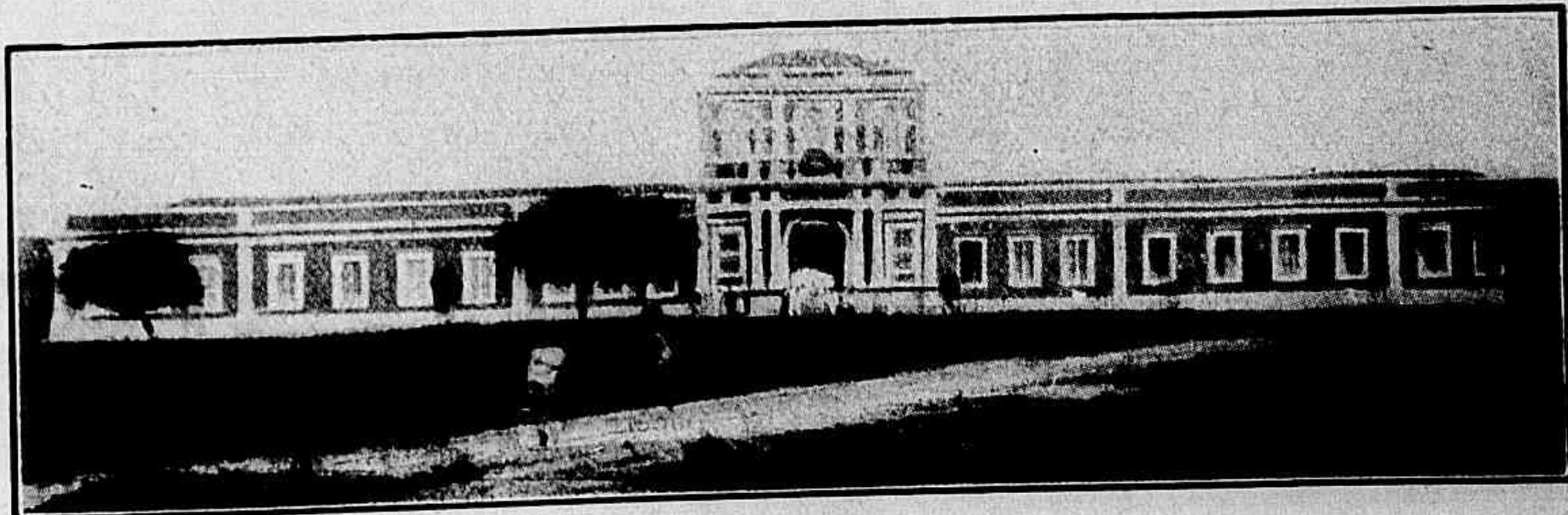


Coreto do jardim Aiencastro.

o mesmo vigor dos primeiros tempos. Se para isso concorreu efficazmente a producção das minas, certo tambem contribuiu com largueza a situação topographica de Cuyabá, assaz propicia á funcção de entreposto commercial, como mercado principal das povoações, que se haviam formado dentro do perimetro comprehendido entre Diamantino, de um lado e, de outro lado, o Livramento.

Assim, ao tempo da chegada do primeiro governador; D. Antonio Rolim de Moura Tavares, em Janeiro de 1751, marcava a villa seis ruas, das quaes, a das Trepadeiras, estendia-se de um bairro distante do edificio actual do Thesouro do Estado.

Tendo, porem, aquelle governador, em cumprimento ás rigorosas instrucções, que lhe foram dadas, marchado para a região do alto Guaporé, onde fixou a séde do governo e fundou a Villa Bella de Santissima Trindade, novos revezes curtiu a villa de Cuyabá,



Edificio do extincto Arsenal de Guerra.

com a emigração de muitos de seus habitantes, para allí attrahidos em vista das isenções e privilegios concedidos aos moradores.

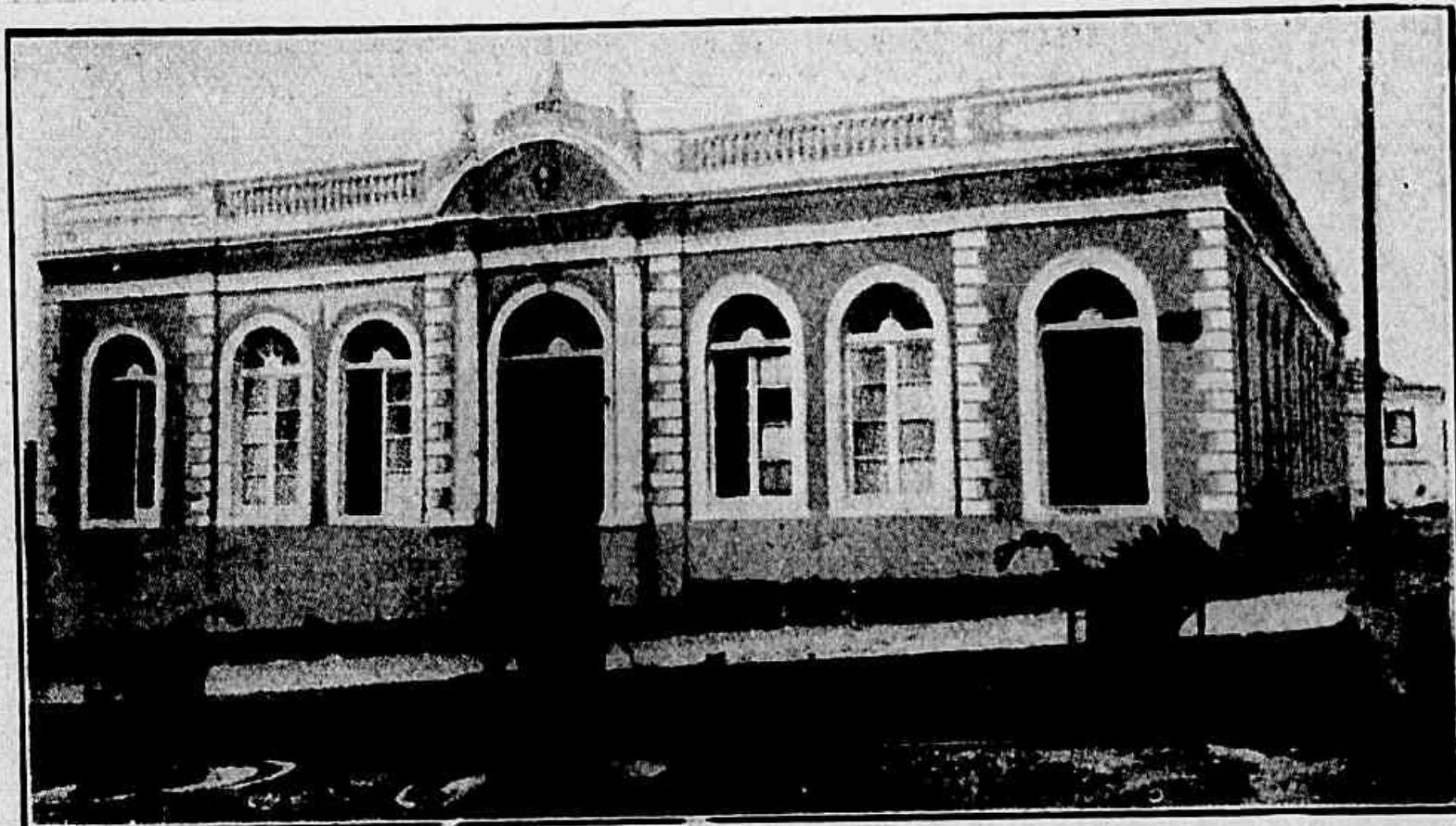
Conduzida por essa forma a um plano secundario, se a villa perdeu então a supremacia administrativa, certo manteve, por espaço de setenta annos, a que lhe davam sua população e recursos.

Elevada á categoria de cidade em 1818, dous annos depois installavam-se em sua séde a Casa de Fundição e a Junta de Fazenda e com taes repetições o centro da administração publica.

Foi declarada capital por lei n. 19, de 28 de Agosto de 1835.

A cidade, formada irregularmente, segundo as necessidades e os caprichos dos antigos mineiros, é dividida em trez districtos e consta de 34 ruas, 17 praças e 28 travessas, sendo a rua Barão de Melgaço a mais extensa, com mais de trez kilometros.

Possue edificios publicos, como o extinto Arsenal de Guerra, o Palacio da Instrucção e outros,



Edifício do Thesouro do Estado.



Palacio da Instrucção.

de leiteo moderno, assim como casas particulares de construção elegante.

A maioria das edificações, porem, veiu do periodo colonial.

O Jardim Alencastro é o centro da vida social cuyabana, ás tardes e é sem duvida um logradouro que honraria qualquer cidade do paiz.

Segundo certas informações, os Estados Unidos acham-se dispostos a reunir uma nova conferencia internacional para o desarmamento. O presidente Coolidge e o Sr. Hugues, sub-secretario de Estado, desejam todavia que de antemão a França accite um compromisso relativo a suas forças

em submarinos e em aviões. Segundo as mesmas informações, pensa-se que o Japão teria exercido esta influencia para a attitude do governo americano. Dá-se a entender notadamente que o gabinete de Tokio, que sofreu terribes perdas com a recente catastrophe sismica, será favoravel a uma redução geral dos armamentos.

24

COMO E' FACIL SABER TUDO

ECONOMIA DOMESTICA

PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

DEVE-SE OFFERECER O BRAÇO DIREITO OU O ESQUERDO ÁS SENHORAS? — O costume de offerer o braço esquerdo ás senhoras está se vulgarisando assustadoramente, posto que é errado.

Isso é um habito que arrisca comprometter a bella ordem de um cortejo. Um homem, com effeito, deve sempre offerer o braço direito a sua dama; a razão é bem simples: os officiaes, certos funcionarios civis em grande gala, levam a espada do lado esquerdo. Se offererem o braço esquerdo a espada certamente incommodará, podendo mesmo provocar algum accidente ridiculo.

As pessôas vestidas á paizana, que não têm as mesmas razões para offerer o braço direito, devem, no emtanto fazel-o, ao menos para conservar a symetria do cortejo.

AS MANCHAS DIARIAS. — Algumas informações para eliminar as manchas diversas, que diariamente apparecem em nossas roupas.

Quando se trata de manchas de estearina, começa-se por tirar com o auxilio de uma faca maior proporção possivel d'essa substancia; colla-se em seguida, sobre a parte manchada um pedaço de mata-borrão, bem limpo. Se em seguida passarmos sobre o mata-borrão um ferro ou a propria faca bem quente, o papel absorverá por completo a estearina.

Nos tecidos de fio ou algodão, as manchas de chocolate ou café são perfeitamente retiradas com agua fria. Se isto não fór sufficiente, devemos recorrer ao sabão e á agua morna, depois

do que enxagua-se com agua bem limpa. As manchas de alcitrão tiram-se facilmente passando primeiramente sobre ellas um pouco de manteiga, banha ou azeite e lavando depois com sabão e agua fria.

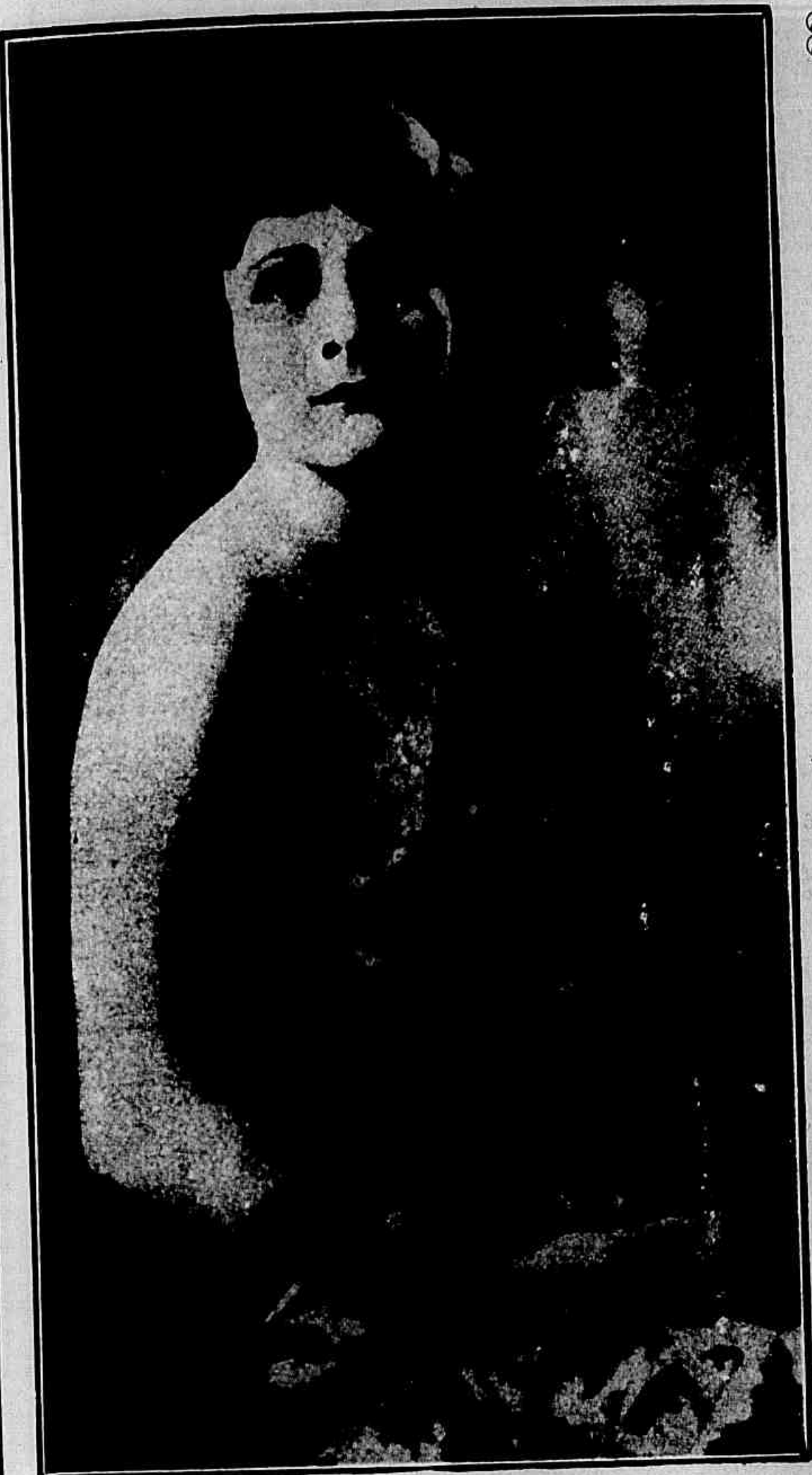
As manchas de pintura, tão frequentes, desaparecem perfeitamente com o emprego do ether. As de gordura, manteiga, azeite, verniz, resina e sebo, de que se usa para untar as rodas dos vehiculos, eliminam-se quando se produz em tecido de lã ou seda, esfregando-as ligeiramente com benzina, alcool, essencia mineral, amoniaco, ether ou argilla em pó, embebida em vinagre. Uma simples ensaboadella com agua morna, ou uma pequena lavagem alcalina é bastante para es generos de fios e es de algodão de côr.

Quando as manchas se revestem de certa importancia é necessario — antes de esfregal-as com benzina ou a essencia mineral — collocar debaixo do tecido um guardanapo dobrado varias vezes e que receba a mancha a medida que vá desaparecendo do tecido, que se deseja limpar. Já temos affirmado que antes de proceder á eliminacão de uma mancha é necessario escolva-la bem sobre uma mesa e batel-a, se se tratar de tecido de lã.

Uma flanella embebida em essencia mineral (petroleo ou gazolina) e posta sobre as pellucias negras ou de côr, limpa-as perfeitamente e devolve-lhes o brilho natural.

Em geral, todos os vestidos de panno e de lã limpam-se com benzina, gazolina ou petroleo. Naturalmente, será preciso arejal-os amplamente logo depois para que d'elles desapareça o odor da substancia empregada para limpá-os.

8 Os mais bellos olhos da scena muda 8



Miss Irene Rich, da "Fox".



Miss Patsy Ruth Miller, da "Fox".

25

Um sabio norte-americano, de antepassados francezes, o Sr. Lee de Forest, acaba de annunciar uma descoberta destinada a grande exito: é a combinação da radiophonia e do cinematographo.

O Sr. de Forest, que é o inventor da maravilhosa pequena lampada chamada « audion », indispensavel ao telephone sem fio, acaba de organizar o « film-fallado ». Consegue-o pelo registro photographico simultaneo dos sons e das imagens sobre os films e a reproducção integral dos sons simultaneamente com a projecção das imagens sobre a tela.

O som é ampliado por meio de um microphore em corrente electrica atravessando um tubo cheio de gaz, que irradia uma luz á qual o film é muito sensivel.

As variações de correntes fazem as variações de luz que são impressionadas na margem do film, sob a forma de uma serie de traços minusculos de densidade variavel.

Quando o film é projectado, estes sons photographados dividem-se ante uma pequena lampada de grande brilho; esta luz atravessa o traçado do som e acciona uma pilha photo-electrica cuja propriedade é deixar passar mais ou menos a corrente electrica, segundo seja menos ou mais illuminada. D'esse modo, a photographia do som torna-se corrente electrica, que, convenientemente ampliada, acciona por sua vez um alto-fallante.



Miss May Mac Avey, da "Paramount".



Posto o morto sobre um lençol, quatro cavalleiros o carregam.

— O ultimo galope do mongol —

Logo que Roma teve seu declinio, não se passava um anno que não viessem do Oriente hordas desenfreadas consumir a ruina do imperio moribundo. Toda a Europa central e occidental guardou a lembrança d'essas terriveis "cavalhadas", que cousa alguma respeitavam.

Para dar uma ideia do horror d'essas invasões é bastante recordar que Atila, um dos chefes invasores, quiz fazer seu cavallo comer sobre o altar de uma basilica.

Essas vagas tribus, das quaes o mundo civilizado ignorava mesmo o nome, sahiam todas dos vastos territorios asiaticos, designados com o nome de Mongolia. Foi de lá que partiu tambem o temivel Gengis-Khan.

Uma tradicção japoneza conta que esse grande chefe mongol não é outro senão Yoshitsane, irmão do primeiro Schogun Yoritomo, governador do Japão.

Suas conquistas e aventuras fizeram com que fosse appellidado o Rolando japonês.

Trahido por seu invejoso irmão, fugira para a Mongolia, onde, com suas legiões de invenciveis cavalleiros, derrotou o não menos famoso Tamerlão.

Na vida mongolica os privilegios aristocraticos occupam lugar saliente. Mesmo entre as mais incultas d'essas tribus barbaras, ha os titulos de *duque* e de *principe*, que são hereditarios. E' provavel que essas distincções tenham sido adoptadas á imitação da China que, desde tempos im-

a pequena tropa atravessa a planicie adormecida sob o olhar das estrellas e o sopro gelado da briza. São seguidos por um bando de cães selvagens, enquanto os corvos, appellidados "tumulos dos mongões" rodam em torno da collina onde vão depôr o morto.

Chegados ao seu destino, os quatro carregadores páram, dizem um adeus breve ao camarada e tornam a montar nos cavallos. Com o rosto impassivel, o olhar perdido no céu, partem a galope, sem uma saudade, pensando sómente em que chegará sua vez tambem para essa cavalhada.

Mas consideram que seu destino está escripto e esse pensamento não os assusta.

Desde o dia primeiro do presente anno, começou a funcionar em França, entre Paris, Lyon e Strasburgo, o serviço telegraphico de photographias.

A teleautographia transmitirá os autographos, cheques, plantas, desenhos, etc.; mas com o fim de não prejudicar os jornaes provincianos, as dimensões dos telautogrammas não excedem a 135 milimetros sobre 89.

O maior contingente de despachos no primeiro dia foi certamente dos autographos de felicitações pelo anno que começava.

Para entreter em nosso coração o sentimento da humanidade e da equidade, nada é melhor do que diminuir nossos desejos.

MENCIUS.



A MANIA DA EPOCHA

— Oh! Que é isso, Maria?
— Estou vendo se resolvo o problema de xadrez que vem no jornal de hoje.

Não existe paiz algum que se possa comparar exactamente com

Nicaragua; isso é, nenhum que seja mais difficil de descrever por meio de comparações com outros paizes. Alli quando o sol descamba por traz do Oceano Pacifico, e as nuvens do poente, matizadas de roxo, rubro e dourado, empalidecem e morrem deante da noite, que vem cahindo, não se pode saber se as scenas do dia seguinte, á luz da aurora, se parecerão com as do dia, que se passou. Um dia viamos o velho Momotombo, a uma distancia de quasi cem kilometros, em condições que determinavam o phenomeno optico da refração, por effeito do qual o immenso monte parecia achar-se repetido por entre as nuvens. No dia seguinte as condições atmosfericas apresentavam-se alteradas e o phenomeno desaparecera por completo.

Para quem a visita pela primeira vez, Nicaragua se offerece como uma terra de sonhos; uma terra em que luzes, sombras e miragens dão ás paisagens primitivas os encantos cambiantes de um Kaleidoscopio. Viajando pela estrada de ferro para Granada e o lago de Nicaragua, descobre-se que, a par de seu aspecto de terra que convida a sorrir, Nicaragua é um paiz activo e adeantado, habitado por um povo progressista. A estrada passa pelas cidades mais importantes: Chinandega, centro agricola, a 19 kilometros de Corintho; Managua, a capital, a 105 kilometros de Corintho; Leon, antiga capital, entre Corintho e Managua.

A viagem da estrada de ferro não se parece com as que se fazem em outras re-



"Nicaragua,
terra de paisagens
encantadoras"

publicas da America Central. Passando para o interior de Guatemala e Costa Rica, esse trem atravessa a baixada contigua á costa até chegar ás montanhas, só então começando a subir. A subida continúa até á altura de uns dois mil metros acima do nivel do mar, altura em que cessa a inclinação, começando os planaltos em que se encontram as principaes cidades.

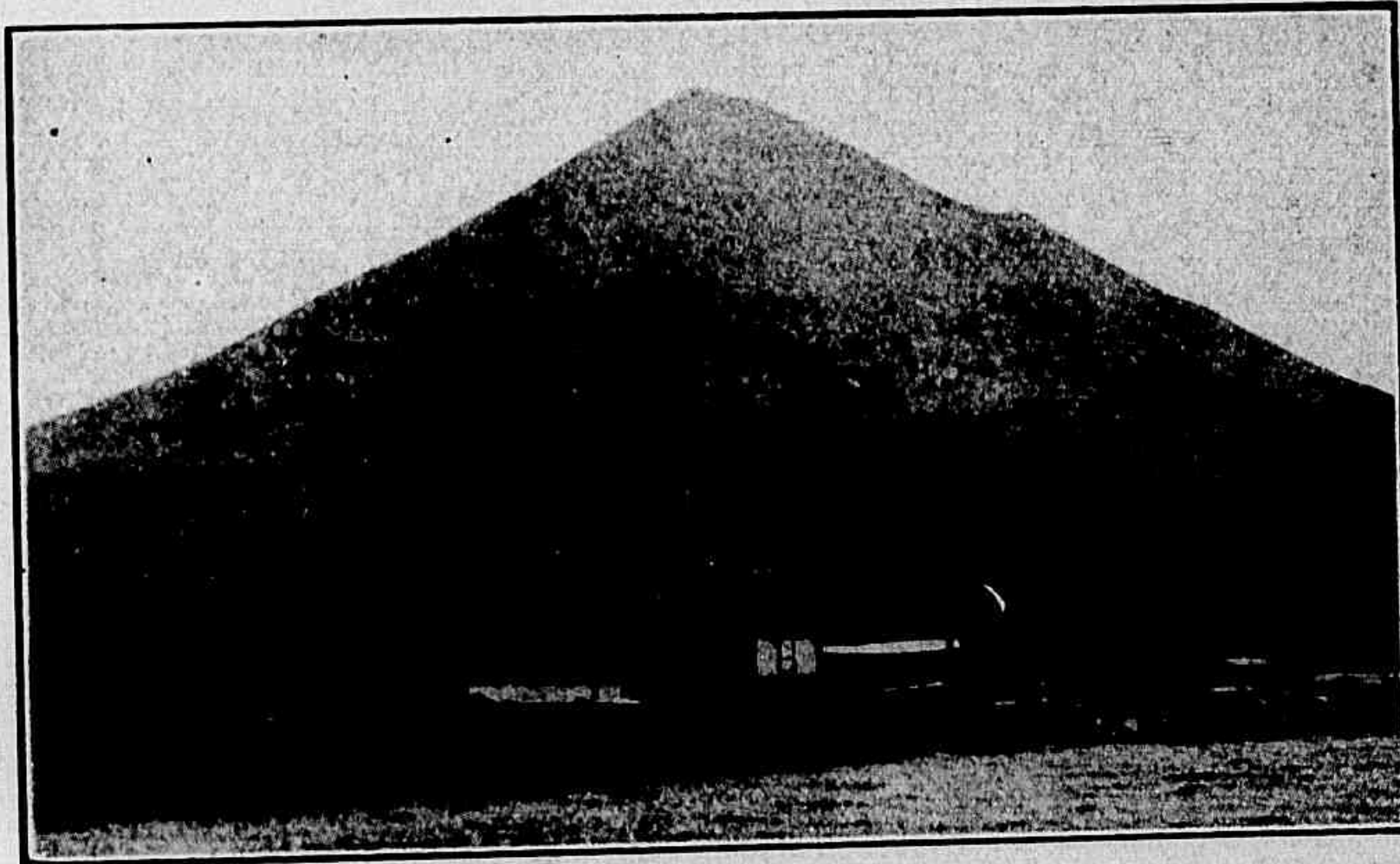
Em Nicaragua é diferente. O trem sobe gradualmente da costa, atravessando uma fertil região agricola, que produz milho, etc. e atravessa uma passagem baixa na serra do litoral, até penetrar na grande bacia do interior, passando junto ao lago de Managua para Granada, na cabeceira do lago de Nicaragua, cujas

aguas ficam apenas a 30 metros acima do nivel do Oceano Pacifico.

Nosso trem partiu ao romper do dia em uma linda manhã de agradável temperatura. Entre os viajantes viam-se pessoas vindas de paizes remotos, pois Nicaragua apresenta os caracteres de uma terra verdadeiramente cosmopolita. O

agente de uma firma de Chicago dirigia-se para um ponto situado uns tres kilometros mais adiante alim de assentar as machinas de um engenho central. Um criador de Oklahoma ia examinar umas terras no lado occidental do lago de Nicaragua.

Um caixeiro viajante de Venezuela ia percorrer as cidades nicaraguanas. Havia um coloradense, que angariava encomendas de roupas de senhoras, fazendas de algodão e rendas. Havia um cavalleiro inglez, que só se interessava por mineração e outros viajantes cujos at-



O VULCÃO DE MOMOTOMBO — Essa montanha de forma tão symetrica ergue-se perto do lago de Managua.



VISTA GERAL DE MATAGALPA, EM NICARAGUA — Esta cidade, que tem 5.000 habitantes, é situada no interior da Republica e está se tornando cada vez mais importante como centro de lavoura devido ao progresso da agricultura nos arredores.

zeres não cheguei a conhecer.

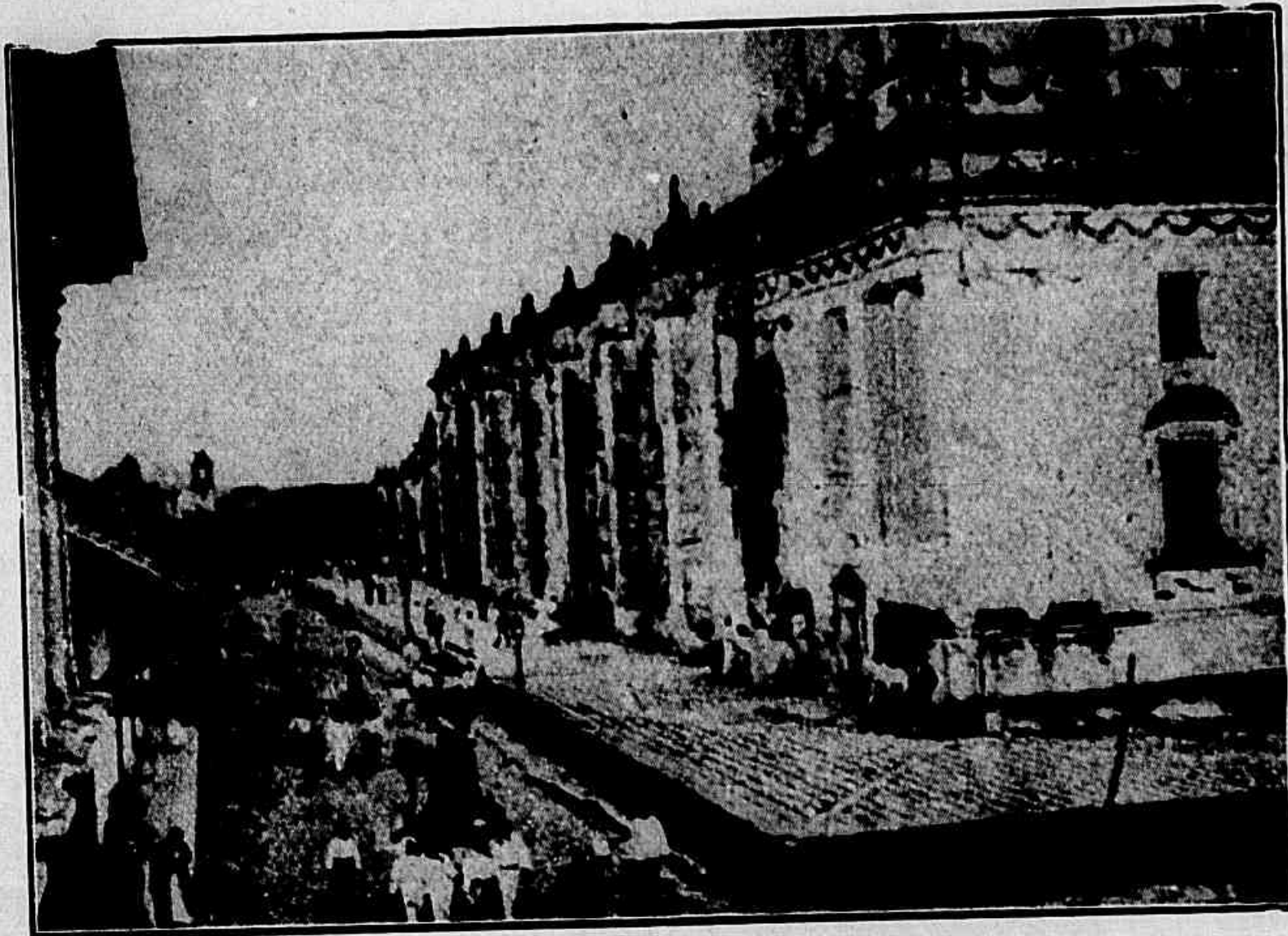
Ao afastarmonos da costa, obtivemos uma nova perspectiva dos numerosos cones vulcanicos, que já viramos do Oceano Pacifico. Convem attentar a notavel topographia de Nicaragua, que dá origem ás varias zonas climatericas inteiramente diversas. A uma pequena distancia da costa e seguindo uma linha parallela a seu curso geral, vê-se a longa cadeia

de picos vulcanicos a que me referi ainda ha pouco. Esta constitúe a vertente occidental da Republica. A vertente oriental nutre os lagos de Managua e Nicaragua.

Mais adiante e, seguindo na direcção do leste, vê-se a grande bacia, que abrange as planicies e os dois lagos, sendo o de Managua o menor, com 48

kilometros de extensão e variando a largura de 13 para 24 kilometros. O clima neste logar é o mesmo que do lado das cordilheiras, que dá para o Oceano Pacifico, tendo uma queda de chuva muito superior á da costa do mar das Antilhas. E' modificado

pelos ventos do nordeste e refrescado ainda mais pela cadeia principal das Cordilheiras. A outra zona é a das Cordilheiras, que passam como uma cadeia irregular de Costa Rica atravez de Nicaragua e vão se espalhar em grandes massas de montanhas em Salvador e Honduras. As cordilheiras tambem constituem uma linha de divisão das aguas, a mais alta da Republica, embora sejam quebradas pelo rio San Juan, por onde se escoam para o mar das Antilhas o excesso das aguas do lago de Nicaragua. Vêm depois os planaltos e finalmente a baixada da costa, com seus numerosos bre-



Parte inferior da Cathedral.

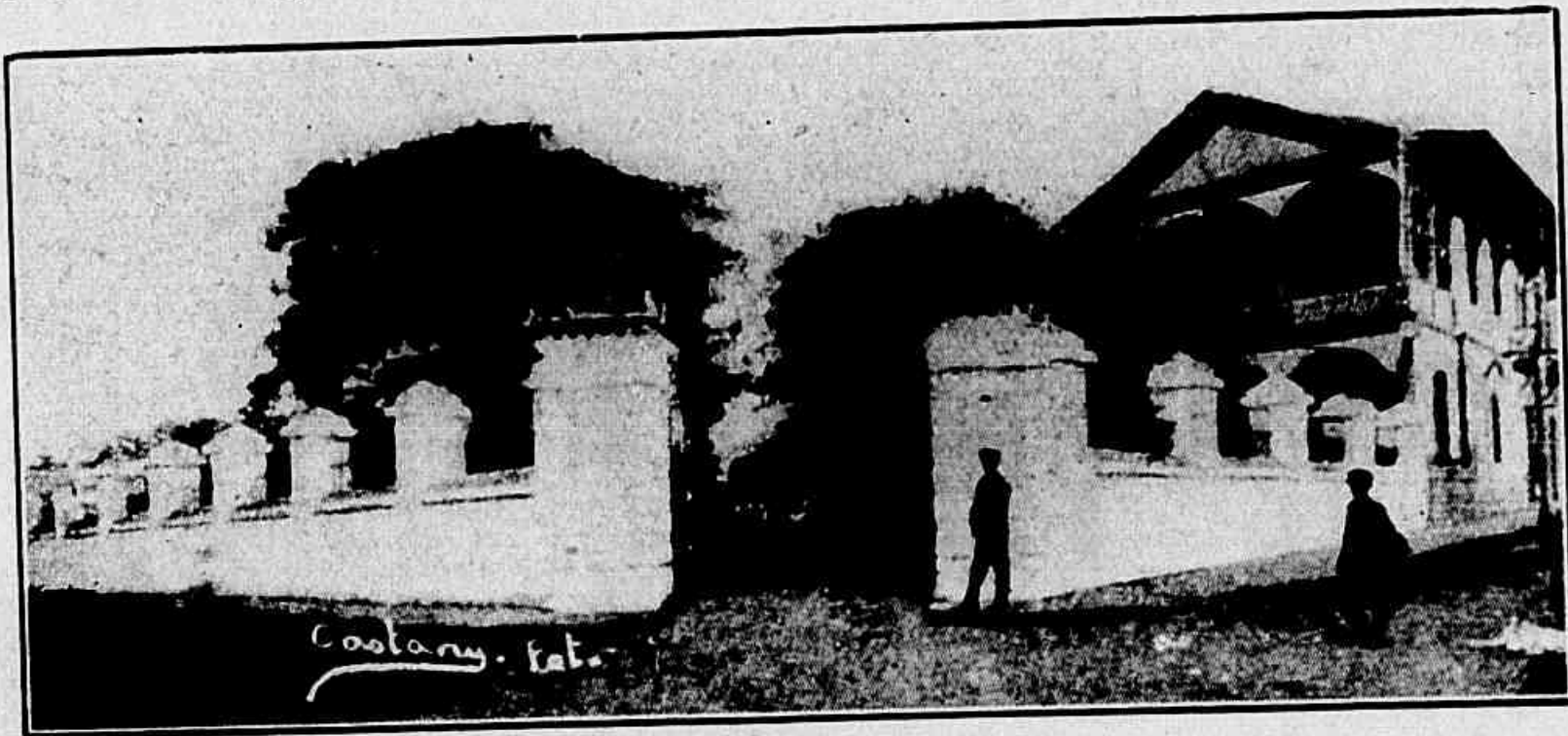
já de ha longos annos tem feito com que os entendidos reconheçam Nicaragua como uma zona muito propria para a passagem de um canal ligando os dois oceanos. Como no caso do canal do Panamá, o canal de Nicaragua seria um empreendimento colossal; mas provavelmente chegará o dia em que pessoas collocadas em San Carlos verão os vapores modernos entrando para a

vasta extensão do lago de Nicaragua.

Esse lago era uma maravilha nesse dia de Fevereiro em que o contemplei. Pelicanos e aves mergulhadoras voavam sobre sua superficie tranquilla. Peixes meudos saltavam para fóra d'agua. Em certos

logares uma briza mar-sa encrespava a superficie até então completamente lisa. Grandes cardumes de lambarys apinhavam-se doidamente á ilôr da agua, perseguidos pelos peixes maiores, que passavam rapidos por entre os fugitivos, devorando-os á vontade e ainda voltavam para apanhar os desgarrados. Fóra do alcance das espingardas e aparentemente levantados no ar,

por effeito da refracção atmospherica, um bando de marrecos nadava na superficie das aguas tranquillias. Um hote comprido, de vela latina içada, provavelmente carregado de madeira de tinturaria ou lenha, seguia vagarosamente



Entrada do campo de Marte, em Managua.



O parque da Reforma, em Managua.

te, parecendo apanhar o vento na parte superior da vela. Ao longe via-se uma outra lancha á gazolina, que nos saudou ao passar. Nosso amigo o estancieiro nos disse que viu um tubarão. O mais interessante de tudo era a vista do longinquo vulcão de Omotepec, que se ergue a uma altura de 1554 metros. O seu vulcão gêmeo Madesa fica cerca de 300 metros mais abaixo. Omotepec é uma massa prodigiosa. Sua base é bastante ampla para conter a cidade de Nova York. A ilha sobre a qual assenta era o centro de uma civilização primitiva. Provavelmente a ilha era uma planície interna da qual surgiam esses mesmos picos vulcanicos de alturas variaveis que, erguendo-se acima da superficie das aguas do lago, fazem de Nicaragua um dos espectaculos mais interessantes do mundo. D'essas ilhas contam-se algumas duzias e variam em tamanho desde o Omotepec até o menor do grupo, o de Coraes.

Da cadeia principal das cordilheiras estende-se a matta virgem pelo

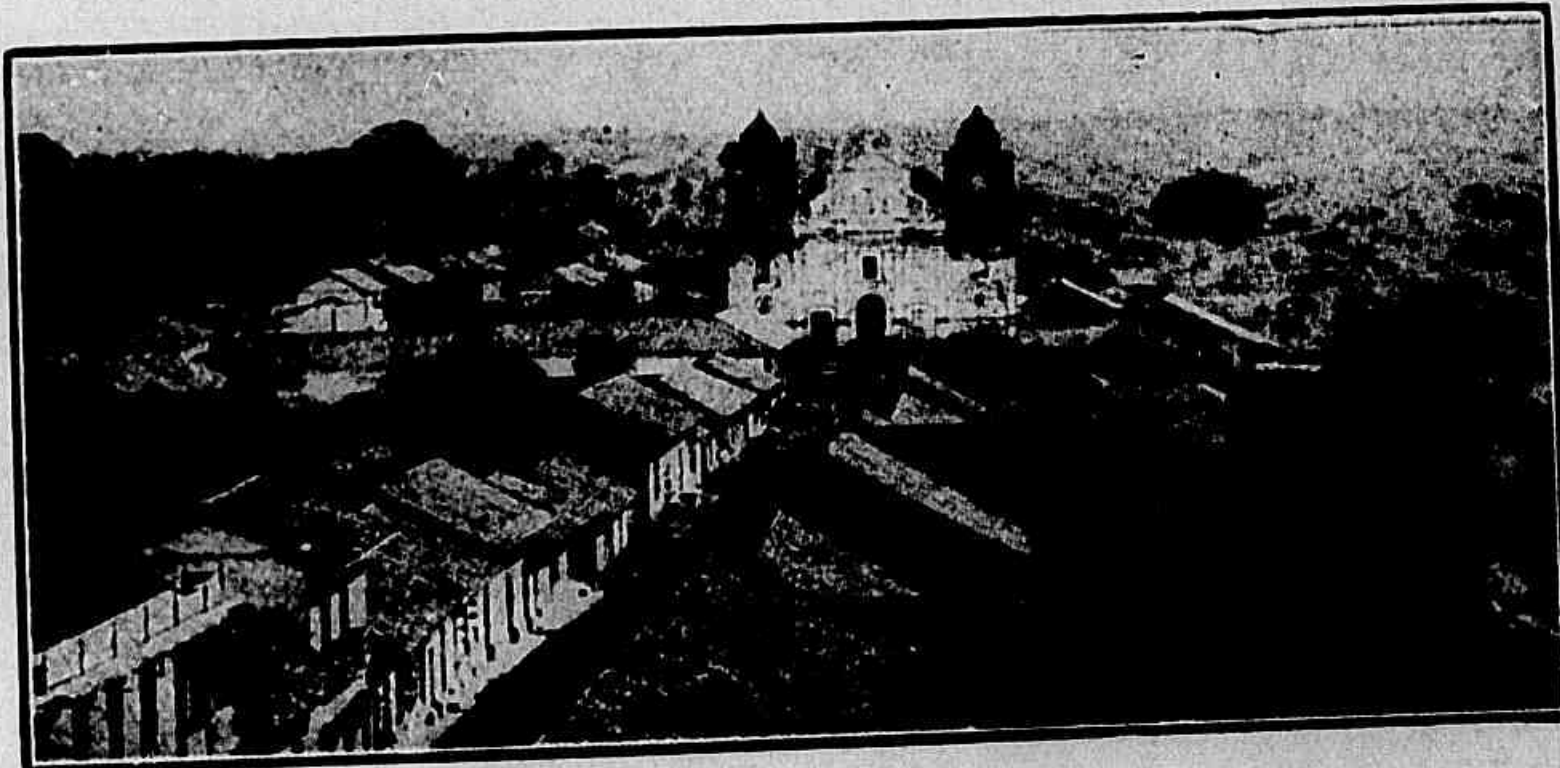
declive até a margem oriental do lago. De seu ponto mais baixo tem-se uma vista das enormes massas de montanhas de Costa Rica, que se prolongam para o oeste, penetrando em S. Salvador e estendendo-se até o meio de Guatemala e Mexico. Em outros pontos vêem-se os picos vulcanicos, das ilhas ou das planicies. Embora raso em certos portos vizinhos de suas margens, o lago de Nicaragua é na realidade uma excellente via de transporte e houve tempo em que se pretendia transportar em portões os carros da estrada de ferro de Granada para fazer ligação com a Estrada de Ferro do Norte em Guapiles, Costa Rica, ou alguns pontos proximos na

baixada do lado das Cordilheiras, que dá para o Atlantico.

Alguns dos picos de Nicaragua são mais altos do que o Vesuvio e seu engaste nas aguas da bahia rivalisa em belleza com a bahia de Napoles. Aqui tambem a Natureza se revella trajando galas. A região abunda em reliquias de raças extinctas. Se fossem mais conhecidas as cousas, que ha para ver em



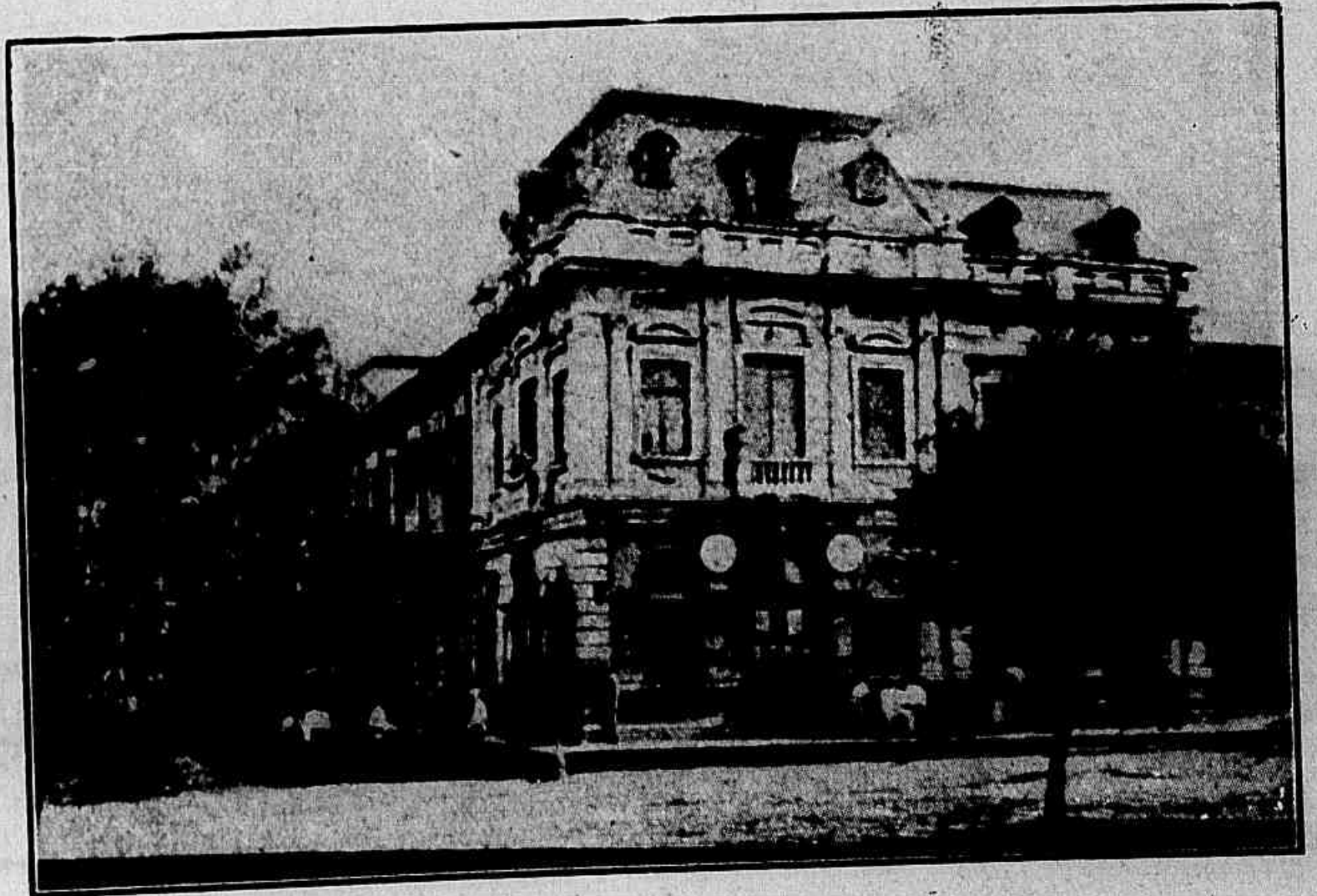
Aspecto da casa para colenos em uma fazenda.



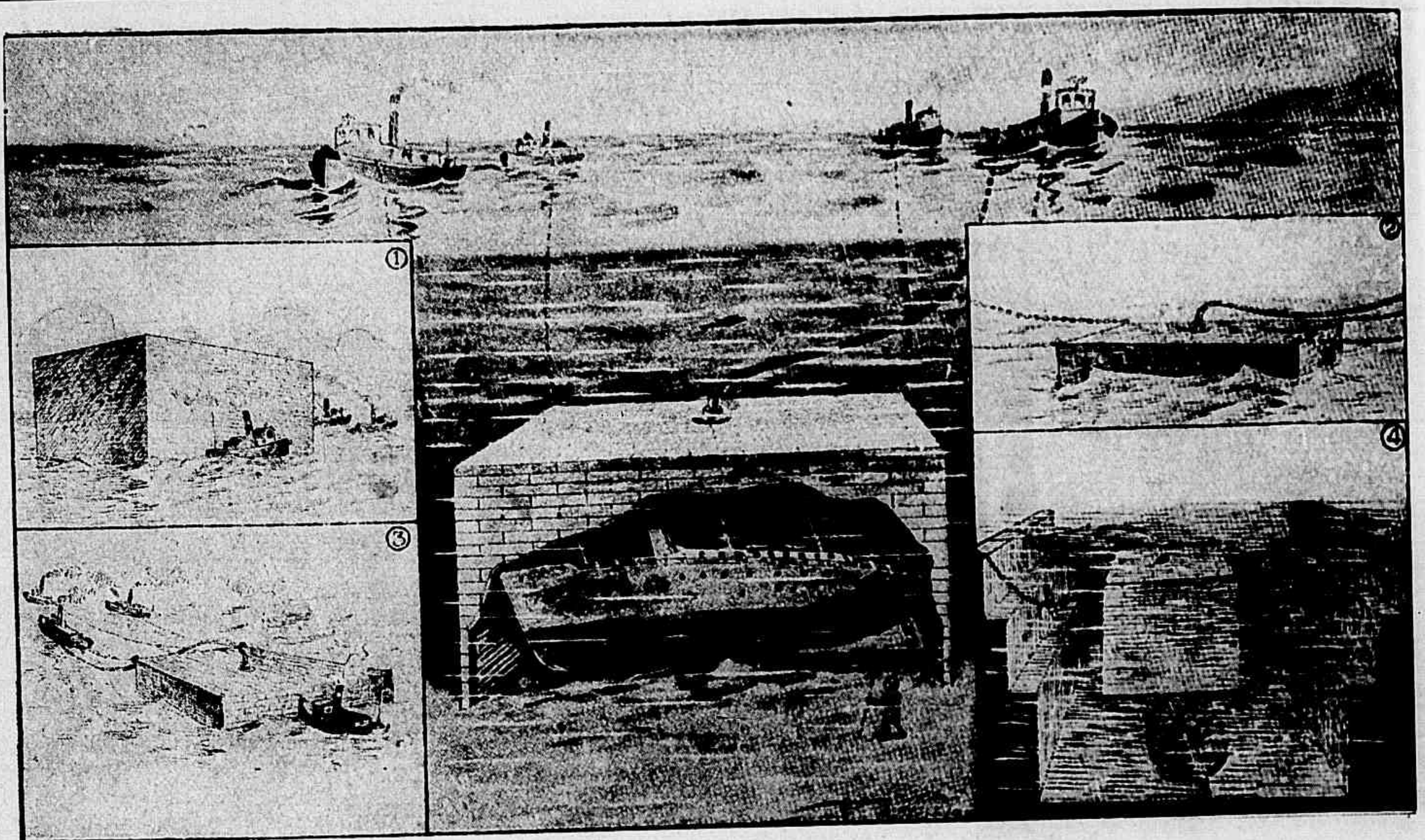
Aspecto de um suburbio de Vera Cruz.



Indija trabalhando num cafeeiro.



A residencia dopresidente da Republica em Managua.



UM NOVO E CURIOSO PROCESSO PARA SALVAR NAVIOS NAUFRAGADOS — Um engenheiro norte-americano, o Sr. Charles Marton, imaginou o seguinte. Descer sobre o navio um caixão estanque. Uma vez contido nelle o navio, provocar a congelação da agua tambem contida nesse caixão. Ora como o gelo é muito mais leve do que a agua, isso será bastante para que o caixão venha á tona trazendo o navio. Reboca-se então o caixão para um dique e só ahí o navio-usina que o acompanhou deixa de manter a congelação para que o navio repouse no fundo do dique.

Nicaragua, a viagem a essa Republica tornar-se-hia o caminho predilecto dos viajantes estrangeiros. A viagem a bordo do vapor do Panamá para Corintos e em seguida por estrada de ferro á antiga cidade de Granada são cheias de encantos pela variedade de scenarios. A viagem incluire naturalmente Managua, a capital, bastante adeantada e cheia da vida e animação, que caracterizam as capitães latino-americanas. Aqui se acham situados o Palacio do Governo, a Bibliotheca Nacional e outras bellas obras de architectura. E' centro do commercio cafeiro e outros. Do lago de Managua, que fica proximo, ergue-se o pequeno Momotombo, ficando o Momotombo propriamente dito do lado opposto. Leon, a antiga capital, fazia parte do itinerario.

Antigamente esta bella cidade era uma das mais importantes da America Central e hoje contem alguns dos edificios mais bellos d'essa parte do continente. Entre elles vê-se a formosa Cathedral, no estylo da renascença, acabada em 1774, depois de haver estado em construcção durante muitos annos. Leon foi o centro religioso d'esta parte da America Central. Durante muito tempo vinham rapazes de todas as partes da Republica para frequentar a Universidade de Leon. Entre as industrias de Leon citam-se o cortume, a fabricacção de calçado e arreios, as de tecidos de algodão e lã, charutos, cigarros, etc.

A população indigena esteve localisada no lugar em que se

edificou Leon muitos annos antes da chegada dos primeiros exploradores hespanhoes. Ahí viviam os antigos senhores do paiz. Pode-se dizer com verdade que é uma das mais antigas cidades do Hemispherio Americano.

Passando de Managua para Granada o viajante admira melhores aspectos do vulcão de Misaya, que faz parte do itinerario.

A vida das cidades nicaraguanas é cheia de attracções. O amor pela musica e os divertimentos saudaveis, que se nota em todas ellas e sobretudo a cortezia de seus habitantes, que provavelmente já passam de meio milhão de almas, tornam mais agradavel uma visita a Managua, Leon e outros centros. Naquellas cidades o viajante encontra excellentes hotéis e pode adquirir todos os productos da manufactura norte-americana, eu-



Apparelho para produzir a respiracção artificial em afogados. E' invento francez e foi experimentado com exito pela policia fluvial de Paris.



ULTIMA NOVIDADE EM TELEPHONE — Ampulheta para medir o tempo das commu-nicações.



NOVO INSTRUMENTO MUSICAL DE CORDA E VENTO — Esse curioso violino, inventado por um francez, é dotado de uma trompa de metal, que amplia consideravelmente seus sons.

ropéa e nacional. Assim, no caso de querer seguir para o interior, é facil munir-se de tudo quanto seja necessario para a viagem, a qual, pelos encantos que offerece, constitue um passeio verdadeiramente inesquecivel. Por entre as arvores frondosas e verdejantes da floresta, ostenta-se uma infinidade de flôres das mais variadas, cujos lindos matizes e suave perfume se casam com a rica plumagem e alegre chilrear dos passaros variadissimos.

Em uma occasião, quando seguimos por um trilho, que ia dar á margem oriental do lago, encontramos-nos com um joven coloro suiso, que passava grande parte de seu tempo a caçar veados e outros animaes. Suas caçadas se realisavam principalmente á noite, com o auxilio de uma lampada de jacto instantaneo e entre sua caça se contavam gallinhas sylvestres, tapires e jaguares, além de veados, de que ha uma grande abundancia. Alem dos animaes e aves mencionados existem alli perús de diversas variedades, porcos do matto e pombos. No descampado encontra-se um passarinho pardo, do tamanho de um sabiá, que é manso a ponto de permittir que uma pessoa se lhe approxime até á distancia de uns poucos passos. A puma medrosa, chamada, como que por irrisão, «leon», aqui se encontra, assim como uma numerosa tribu de gatos do matto.

As pelles de veado empregam-se na fabricação de luvas. Uma pelle de jaguar se vende por preços, que variam entre 3 e 8 dollars, ou sejam 27 e 32 mil réis em moeda brasileira, segundo o tamanho, as marcas e o estado do pello. As pelles de gatos selvagens menores, cuja caça se faz em escala muito maior do que a do jaguar, vendem-se por preços muito mais baixos.

O paiz é visitado regularmente por colleccionadores, especialmente de passaros, que adquirem papagaios, periquitos e araras para os mercados do norte.

Tambem se encontram alli muitos macacos. De insectos ha muita variedade. Grandes bandos de borboletas esvoaçam por

cima das lagoas. A' beira d'agua as aranhas armam suas teias, que chegam a cobrir arvores inteiras. Muito interessantes são tambem as formigas devoradoras de folhas, que, por seus habitos, se parecem com as saúvas do Brasil e outras formigas forrageiras, que se nutrem exclusivamente de insectos e vão procurar sua presa em baixo da casca das arvores carcomidas.

Nicaragua é, sobretudo, um paiz agricola, produzindo cereaes, café, canna de assucar, algodão, laranjas, abacates e bananas, alem de muitos outros productos.

Para mim a mais interessante das culturas alli é a do café, de que pude ver uma fazenda em estado de grande pujança á margem do ramal de Diriamba. Nada tem mais attrahente do que uma «finca», ou fazenda de café bem montada, com os cafeeiros podados e robustos. Uma vez cheguei a um portão cujos lados eram em forma de grandes columnas. Transpondo-o fui seguindo por um caminho que atravessava um cafezal, indo finalmente ter á casa do fazendeiro, com seus terreiros e curraes ao lado. Havia seccadores onde o café era espalhado ao sol

e uma machina na qual era beneficiado e ensaccado para o mercado. Um grupo de bonitas raparigas nicaraguanas estava sob um telheiro fazendo a escolha. O fazendeiro veio a meu encontro recebendo-me da maneira mais hospitaleira e gentil. Sabendo que era meu desejo visitar a fazenda e assistir ao processo do beneficiamento, convidou-me a acompanhá-lo, prestando-se affavelmente a mostrar-me a casa das machinas e suas dependencias. Em seguida levou-me para a casa de residencia, offerecendo-me um lauto almoço. Quando me retirei já as sombras da tarde se alongavam através do caminho por onde iam seguindo e que passava por uma ponte de alvenaria por baixo da qual corria um riacho scintillante. A' beira da agua viam-se mulheres ajoelhadas a lavar roupa. Graciosas raparigas carregavam agua, rindo e tagarellando. O caminho se-



O PROBLEMA DAS REPARAÇÕES SEGUNDO UMA CARICATURA DO LONDON-OPINION

A Inglaterra á França — Tira... tira o quanto pudeses. Mas não enchas muito a mão senão ficas com ella ahi presa.



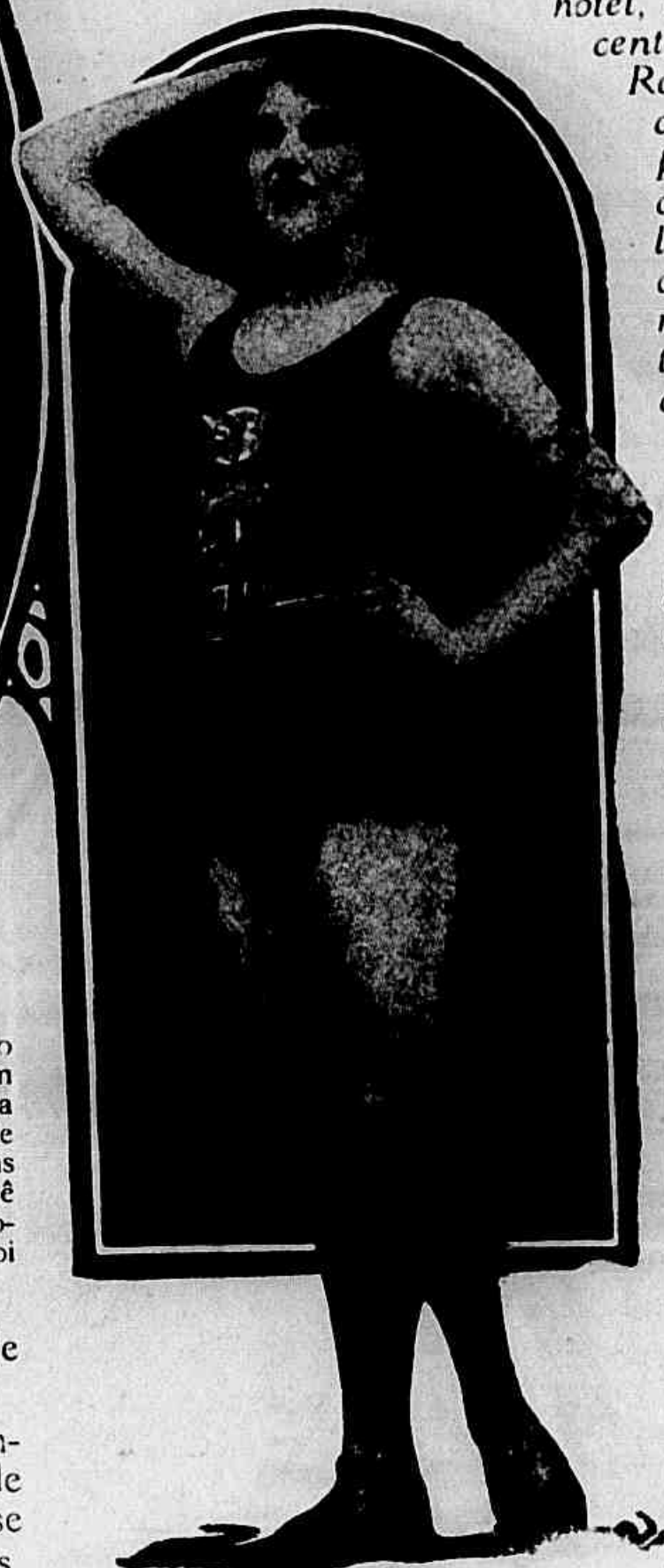
COMO SE OBTÉM UMA
TRANSPIRAÇÃO ABUN-

D ANTE NO CINEMATOGAPHO — Trez aspectos do processo pelo qual os ensaiadores conseguem apresentar o resto de uma actriz bertulhardo de suor.

guia sinuoso ao lado de choupanas de paredes grossas, construidas de cubos de terra cozida ao sol e revestidas de um reboco branco que não dava ideia da construcção humilde, que cobria. Pencas de flôres franzavam as paredes, casando-se com o vermelho barrento dos telhados á hespanhola. Pela estrada corria a brisa da tarde, tão fresca a ponto de quasi parecer fria e quando, por fim, o sol des-cambou por traz de um proximo reido de morros, podiamos ver ao longe as luzes do nosso hotel e ouvir as cadencias de uma orchestra. Os labores do dia estavam acabados, mas até ás 9 ou 10 horas da noite ouvia-se o chiar dos carros de boi, passando nas estradas com suas cargas de sacco de café e em seguida os carreiros faziam grandes fogueiras á beira da estrada em redor das quaes se punham a ca-vaquear, contando historias e fumando, para mais tarde mergulhar no sono até á madrugada.



Como já foi noticiado, o ousado actor Tom Mix, ensaiando um novo film, foi alcançado por uma explosão, que ocorreu antes de tempo. O bravo Tom recebeu nas costas e num braço (como se vê na photographia) mais de cinquenta estilhaços de pedra que foi preciso extrahir um a um.



Miss Eugenie Gilbert, artista franceza da Fox, que obteve o 1º premio num concurso de belleza realizado recentemente no Madison Square Garden, de New York, tendo como juiz Rudolph Valentino.

cies, lagos e um solo, que retribue generosamente os estorços do lavrador.

Um simples creado de hotel, encontrou, recentemente, em Roma, em um chafariz de praça publica dous ricos collares de perolas de valor inestimavel. Tendo tentado vendel-os, foi interrogado sobre sua proveniencia e acabou na delegacia e condemnado a um anno de prisão. Mas máu grado os annuncios e as buscas, o proprietario dos collares não foi encontrado.

O creado de hotel acabou, agora, de cumprir sua pena e, conforme determina a lei, os dous ricos collares foram-lhe entregues, pois que não foram reclamados por outra qualquer pessoa.

As lagrimas são um seguro de baptismo em alguns olhos.



O novo companheiro de films de Harold Lloyd, o Sr. John Aasen, um sueco que tem dois metros e 62 centímetros de altura.

A EFFIGIE DE MARIA THEREZA

Durante sua recente visita a Roma o chanceller austriaco conferenciou com o Sr. Mussolini, sobre o

direito da Italia de cunhar moedas de prata com a effigie de Maria Thereza. Isto necessita uma explicação, posto que esta moeda, recolhida na Austria desde 1854, só é empregada na Europa pelos camponeses Tyrolzes ou Croatas, como botões para suas roupas domingueiras. Mas essa moeda é tida em grande estima na Africa Oriental do Norte.

No seculo XVIII, no momento em que morria a influencia de Veneza e da Hespanha no Mediterraneo oriental, a potencia commercial da Austria conheceu uma era de raro esplendor e sendo suas relações commerciaes muito activas com o Levante, uma quantidade consideravel de suas moedas de prata se espalharam pela Turquia e de lá pela Arabia, Egypto e toda a costa africana. Essas moedas austriacas conservaram ahi sua popularidade; tiveram mesmo um curso legal, em Tunis e Alger até 1886, no Egypto até 1888 e continuaram influentes na resto da Africa.

Os Italianos, durante suas campanhas da Abyssinia e da Tripolitania, foram obrigados a cunhar na Austria milhões d'essas moedas. Tentaram introduzir o escudo italiano de cinco liras, mas os Abyssinios são conservadores e só querem as pratas com a effigie de Maria Thereza, de sorte que é necessario continuar



Miss Suzanne Wurtz, campeã de natação da França.

a cunhar-as. Não se modificou a antiga matriz, e esta prata continuará a ser o ultimo vestigio da grandeza extincta dos Habsburgos.



UM ESCANDALO! — Você já viu? Que creatura fóra da moda... Com os cabellos compridos d'aquella maneira!...

A Turquia perde pouco a pouco seu caracter pittoresco.

De Angora chega m-nos noticias de que a Commissão parlamentar nomeada para estudar a questão relativa a polygamia resolveu prohibir este antigo privilegio.

Segundo a lei vigente, um Turco podia ter quatro esposas legitimas e despedir e substituir, sem grandes incommodos, qualquer d'ellas.

Em 1917, uma lei atenuou este costume, mas ainda assim o marido era o unico a ter direitos no casal.

Outro projecto diminuindo os direitos draconianos do marido foi apresentado em 1921. Segundo este

projecto, não se admittiria a entrada de uma segunda esposa em um lar a não ser em casos especialissimos; mas a primeira mulher poderia, então, solicitar divorcio. O projecto foi desenterrado agora

por uma commissão parlamentar e posto em pratica pela assembléa.

Decididamente a Turquia vai perdendo seus costumes caracteristicos. Sem sultão, sem harem e sem polygamia, é pouco provavel que



A FANTAZIA NO CINEMATOGRAHO — O actor Charles de Roche prepara sua bagagem para uma viagem... de recreio.

modistas umas 100.000 e 50.000 dedicam-se ás licções de musica.

As modistas, em sua immensa

os gatos de Angora consttuam pretexto para a attracção de turistas.

O numero de mulheres que, como operarias ou empregadas, trabalham nos Estados Unidos é de seis milhões, das quaes apenas 50% são norteamericanas. A outra metade se compõe de filhas dos emigrantes e as estrangeiras.

As negras são em geral operarias agricolas. Poucas, muito poucas, são vistas no commercio, na industria ou nas officinas.

As dactylographas alcançam a cifra de 200.000;

maioria são francezas, porque nellas se encontra em maior gráu a nativa elegancia e o bom gosto, que a moda exige. Ao contrario, ha mais de 20 annos são as mulheres allemãs as que predominam nas officinas e despachos burocraticos.

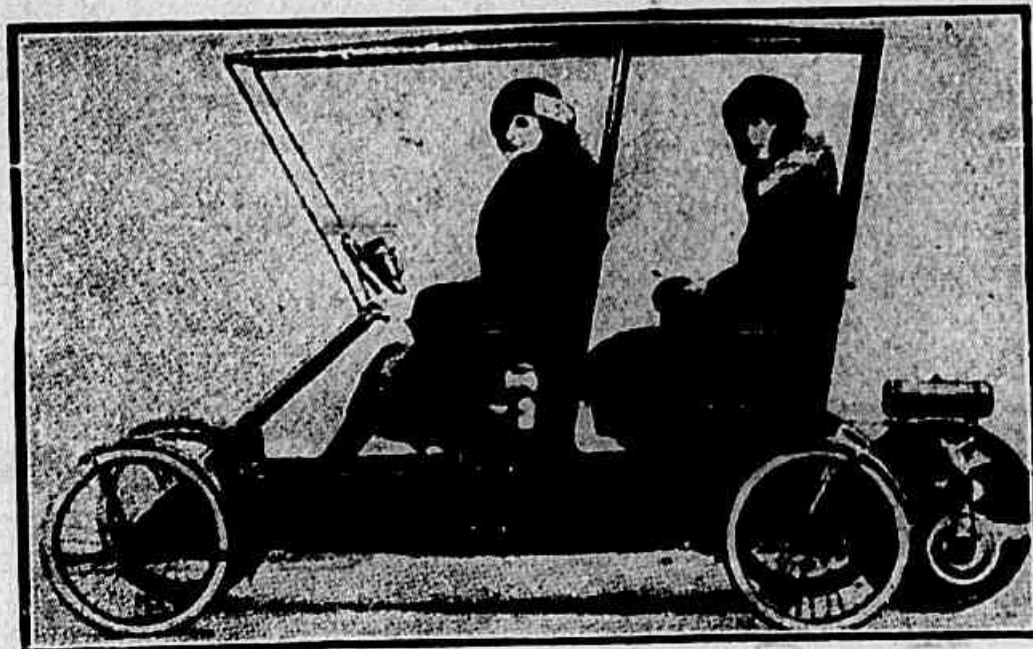
A affluencia de mulheres aos diversos empregos, tende pelo menos a se estabilisar.



O MELHOR RECURSO PARA OS ALPINISTAS — Levar consigo um aparelho de radio-telephonia. Assim, o maior dos perigos — o de se perder e não poder pedir socorro entre as geleiras — desaparece por completo.



ULTIMO MODELO DE GUARDA-CHUVA — Com o cabo obliquo para poder ficar exactamente sobre a cabeça.



A ULTIMA NOVIDADE EM VIAÇÃO — Um motor amovivel, que impelle o vehiculo.



UMA ANDAPILHA — Miss Nellie Walker, de Los Angeles (E. Unidos) que está dando a volta ao mundo a pé e, tendo partido de sua cidade natal em Fevereiro de 1823, chegou em Abril ultimo a Baltimore.



Eu sou aquelle, que, quando passa, dá um calafrio á carne das mulheres e fal-as chegarem-se mais ao marido, que as acompanha. Lembrando-se de mim as mãis dizem aos filhos pequeninos: — « Se não ficares quieto eu te entregarei áquelle homem, que passou hontem... »

Quem me vê uma vez nunca mais me esquece: sou o remorso e a inquietação. Quando um burguez feliz se prepara para jantar, eu collo minha face livida á vidraça do restaurante e contemplo-o. Se me offerecem uma esmola, nesse momento recuso e afasto-me; a alegria de deixar aquella alma inquieta

O HOMEM MÁU

e perturbada consola-me da tortura de não jantar.

Eu sou, para as almas sensiveis, a imagem viva da

fome, da ruina, da decadencia, dos males horrendos que os mais felizes temem.

Não inspiro piedade porque não me humilho, nada peço, nada acceito.

Prefiro que me odeiem. Prefiro passar e seguir com as mãos vacias mas deixando nos espiritos uma sensação atroz de remorso, de fastio, de incapacidade para gosar o que eu não tenho.

LUCIEN DESCAVES.

O numero total de pharões, em toda a terra, regula por uns 3.350. Os Estados Unidos, á sua parte, contam de 670 a 680.

A perseverança em empresas meritorias recompensa todas as nossas fadigas e produz efectos que excedem muito os nossos calculos.

OS JUDEUS E OS BOLCHEVIKS

Publicou-se uma estatística da proporção em que as nacionalidades entram na composição da administração bolchevista em 1924.

De 503 altos funcionarios do Estado na Russia, 406 são judeus, 24 sómente são russos. Ha tambem 34 lethonios, 12 allemães, 12 armenios e trez finlan-dezes.

A opinião publica é orientada por 41 jornalistas, dos quaes 40 são judeus e o 41º é Máximo Gorki, que merece sel-o.

O conselho de commissarios do povo consta de 24 membros, dos quaes 17 são judeus.

O Commissariado do Interior, dirigido pelo judeu Appelbaum, mais conhecido com o nome de Zinowief, comprehende 64 membros, dos quaes 2 são russos, 11 lethonios, 3 armenios, 2 allemães e 1 polaco.

Nos Negocios Extran-geiros, dirigido por Tchit-cherine e no qual apenas elle represen-ta o elemento russo ha 19 judeus, um armenio, um allemão e um polaco.

Na Justiça, com Trotsky, ha 18 judeus e um armenio, sendo o unico russo o proprio Trotsky.

Na Ins-trução Pu-blica ha dous russos e 44 judeus.



Uma norte-americana, Mrs. Sedber, publicou uma interessante relação sobre os esforços feitos na India para induzir as indigenas ao estudo da sciencia de Hipocrates. Conta que, já em 1914, fizera uma energica campanha para demonstrar a necessidade de uma escola d'este genero. Quatro annos depois o governo local se comprometteu a abonar a metade das despesas e a dar o terreno para a construcção de um edificio para este fim. A escola foi inaugurada e, no primeiro anno, teve 85 discipulas, 80 no segundo e 173 no terceiro.

O director da Escola de Medicina de Madras fez prognosticos pessimistas sobre a efficacia d'este centro docente feminino. Dizia que as mulheres da India não eram bem intelligentes e que muito poucas estudantes conseguiriam chegar aos exames finais. Apesar d'esses prognosticos, noventa e trez por cento das mulheres indianas venceram as provas em brilhante contraste com os estudantes dos quaes só vinte por cento venceram nos exames.

No anno passado, todas, sem excepção, foram approvadas e uma d'ellas foi premiada com medalha de ouro, em anatomia, vencendo todos os estudantes homens da provincia de Madras.

Entre as discipulas

existem indias, protestantes e catholicas. Até uma bosniaca

elli estuda com o fim de prestar sua sciencia ás mulheres do Rajah de Bosnia.

Entre 1870 e 1890 foram lançados, através do Atlantico, onze cabos submarinos.

ESCOLA DE MEDICINA PARA MULHERES, NA INDIA.

— As mulheres, na India, preferem morrer a se deixarem tratar ou assistir por um homem, em suas enfermidades; e como são em numero de 165 milhes, comprehende-se a importancia que tem naquelle paiz o numero das que estudam medicina.

MISS BARBARA LAMARR, da "Paramount".



A INVEJA DA RICA — Quadro de A. R. Alex



Da lampada de azeite ao foco da electricidade



No tempo de Mem de Sá qual era a iluminação, que se usava na cidade? Difficil é dizer-se com segurança, mas é muito possível que fosse a mesma de Lisboa, — nas ruas não havia iluminação e nas casas era o azeite de peixe e a vela de sebo.

Vindo a cidade do morro do Castello para baixo, começaram os devotos e edificar nichos, especialmente nas casas de esquina das ruas. Nesses nichos collocavam o santo de sua predileção e á noite illuminavam-os com velas de sebo ou com uma lampada de azeite de peixe, que aqui mesmo fabricavam. Em 1790 achavam-se espalhados pela cidade cerca de 73 d'esses nichos.

Pode-se dizer, pois, que foi essa a primitiva iluminação das ruas do Rio de Janeiro.

Nessas condições era um perigo sahir-se á noite e só os mais afoitos é que o faziam, mas sempre acompanhados por escravos, que, de archote em punho, iam illuminando o caminho.

Dous seculos pois permaneceu a cidade sem iluminação publica, até que, vindo D. José Luiz de Castro, conde de Rezende, 5.º vice-rei nomeado para o Brasil e que aqui esteve no periodo de 1790 a 1801, mandou fazer uns postes, espetou em cada um d'elles um candieiro de azeite de peixe e nas ruas de mais movimento collocou 4 e nas de menor 2.

Eis a iluminação já ampliada e melhorada.

Depois do conde de Rezende, seguiu-se

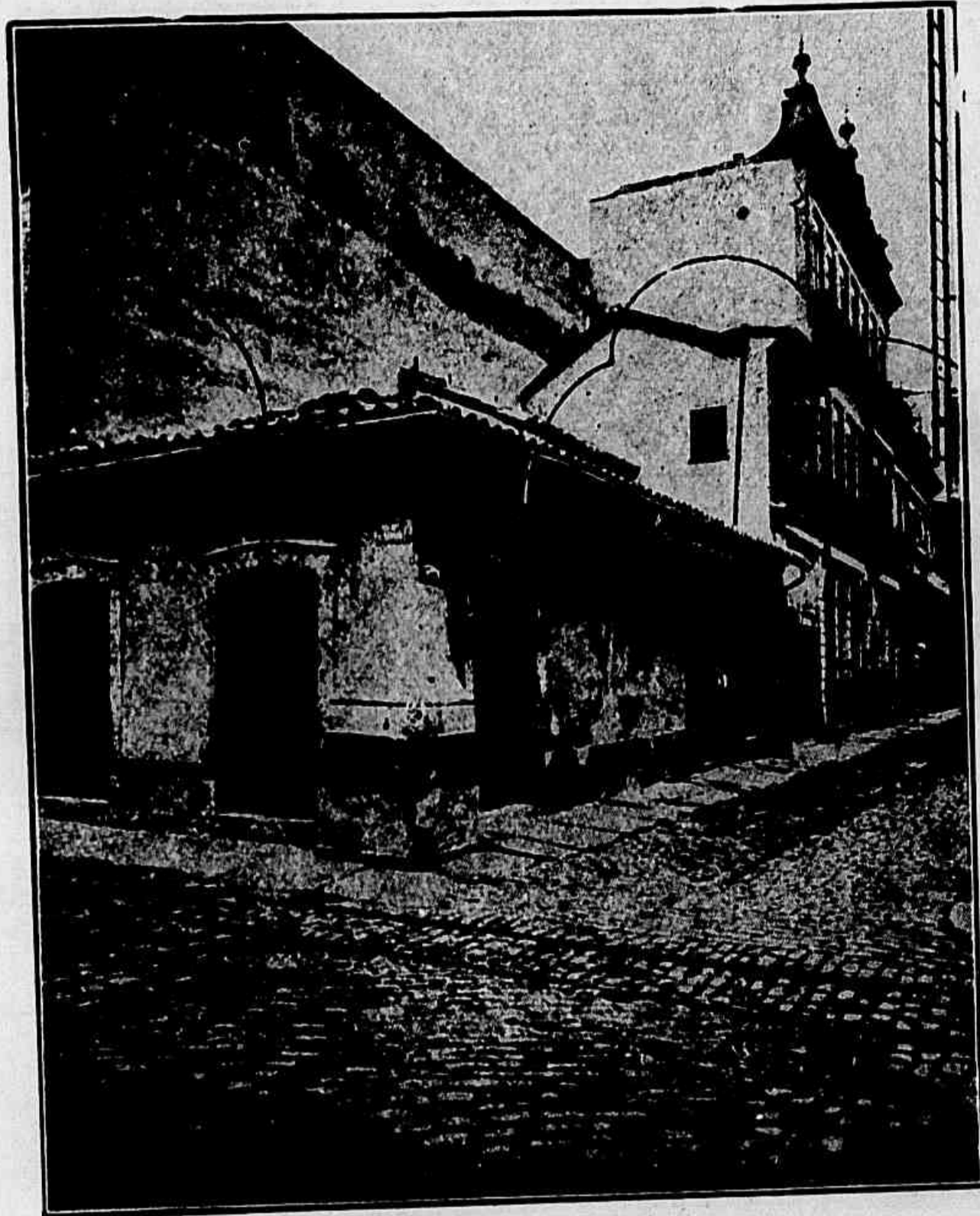
(Por HERMETO LIMA)

a administração do conde dos Arcos, que mandou augmentar o numero de postes. Tal situação durou até Março de 1808, data da chegada de Dom João.

Nomeado intendente de policia o desembargador Paulo Fernandes Vianna, para quem passou a attribuição do serviço da iluminação, um dos seus primeiros actos foi mandar estender os postes pelas circumvisinhanças do palacio do paço da Quinta da Bôa Vista e da casa da rua das Lorangeiras, onde D. Maria I ia ás vezes passar temporadas.

Pela cidade existiam depositos onde se guardavam os lampeões. No lugar onde hoje se acha a Escola Polytechnica havia um d'elles.

Em Novembro de 1824, o intendente de policia Aragão, tendo lido no "Diario do Rio de Janeiro" uma reclamação contra um lampeão da rua do Ouvidor, esquina da Praia do Peixe, que



Os arcos de iluminação a gaz, que existiam em todas as ruas do centro da cidade até 1905.



O preparo dos lampeões de azeite de peixe, que constituíram toda a iluminação da cidade nos tempos coloniaes.



A illuminação de um carro e da entrada de uma casa nobre no Rio de Janeiro no principio do seculo XIX.

era defficiente o numero dos lampeões, sendo, entretanto, esse numero consideravel em relação aos annos anteriores.

Por lei de 1 de Outubro de 1828, o serviço deixou de ser da competencia da policia e passou a ser para a do Senado da Camara Municipal. Era então feito por arrematação. Em 1831, o numero de lampeões era de 925, subindo em 1840 a 1619. Cada um tinha o seu respectivo numero e o do districto a que pertencia. Não se accendiam nas noites de luar.

vivia quasi sempre apagado, expediu ao respectivo arrematante do serviço, Rodrigo José Lopes, o seguinte officio :

"O arrematante da illuminação da cidade, Rodrigo José Lopes, mande accender o lampeão da rua do Ouvidor, na esquina da Praia do Peixe, de que trata o "Diario do Rio de Janeiro" na data de hoje, e fique já na certeza, que por ultima vez o advirto, e ás faltas que se notarem eu as mandarei suprir á sua custa, para cujo fim esta lhe seja intimada— Rio, 20 de Novembro de 1824 — "Aragão".

Em 1828, quando a familia real voltou para Lisboa, ainda no Rio

lei de 21 de Outubro, passou o serviço para o ministerio da Justiça. Em 1847, foi o mesmo arrematado por 3 annos, a razão de 4\$980 por lampeão, sendo alguns postes substituidos por columnatas de pedra.

Nesse mesmo anno, o cidadão Carlos Perret Gentil apresentou ao governo uma proposta compromettendo-se a tomar por sua conta a illuminação por meio de kerozene, uma vez que o governo lhe desse 150 contos por anno, por espaço de um decennio, alem de 97 contos que lhe seriam entregues para a substituição e collocação dos postes.

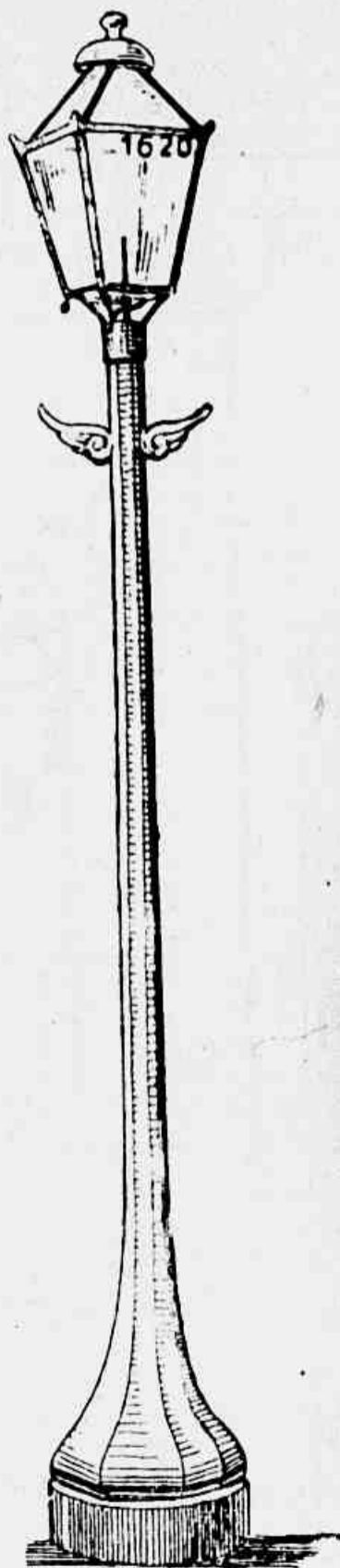
Não aceitou o governo tal proposta por achar o preço elevado.

Em 1849, em Janeiro, tendo terminado o contracto, passou de novo o serviço a ser dirigido pela policia. Nesse anno, já o numero de lampeões era de 1920 e o serviço de limpeza era feito por 69 africanos livres.

46



Os primitivos combustores de gaz da cidade.



Um typo de combustor de gaz mais moderno mas tambem desaparecido.



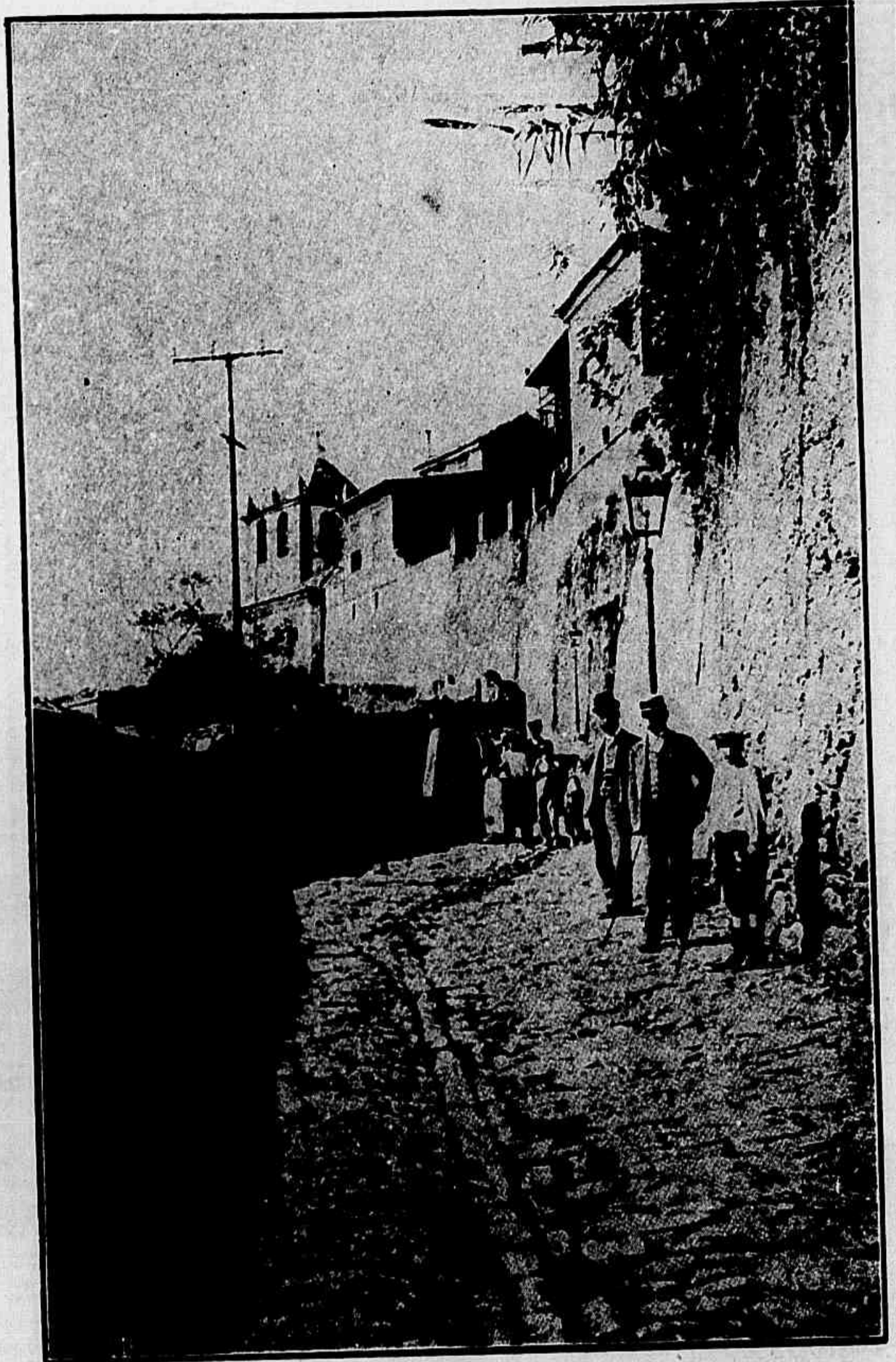
A lanterna classica da desaparecida quitadeira preta-mina.



A iluminação a vela. Candelabro e mesa do Palacio Imperial de S. Christovão (hoje Museu Nacional).

Em 1850, varias propostas o governo recebeu para iluminação da cidade a gaz. Sendo, afinal, a 11 de Março d'esse anno, fechado um contracto com o industrial Irineu Evangelista de Souza e o governo, representado pelo ministro da Justiça Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara. O contractante se compromettia a inaugurar o serviço 4 annos depois da data do contracto. Em 1853 os trabalhos de canalisação já se achavam bem adiantados, até que, a 25 de Março de 1854, data do anniversario da nossa primeira constituição, foram inaugurados

NOS TEMPOS COLONIAES — Dois barbeiros ao ar livre, trabalhando junto dos lampadarios de azeite de peixe que então illuminavam o Largo do Paço.



A ladeira do derrubado morro do Castello, vendo-se nella um dos lampeões de gaz que até 1905 constituíam toda a iluminação da cidade.



os primeiros lampeões a gaz nas ruas de S. Pedro, Sabão, Rosario, Ouvidor, Direita e Largo do Paço.

Enorme massa popular assistia nessas ruas o tão esperado melhoramento.

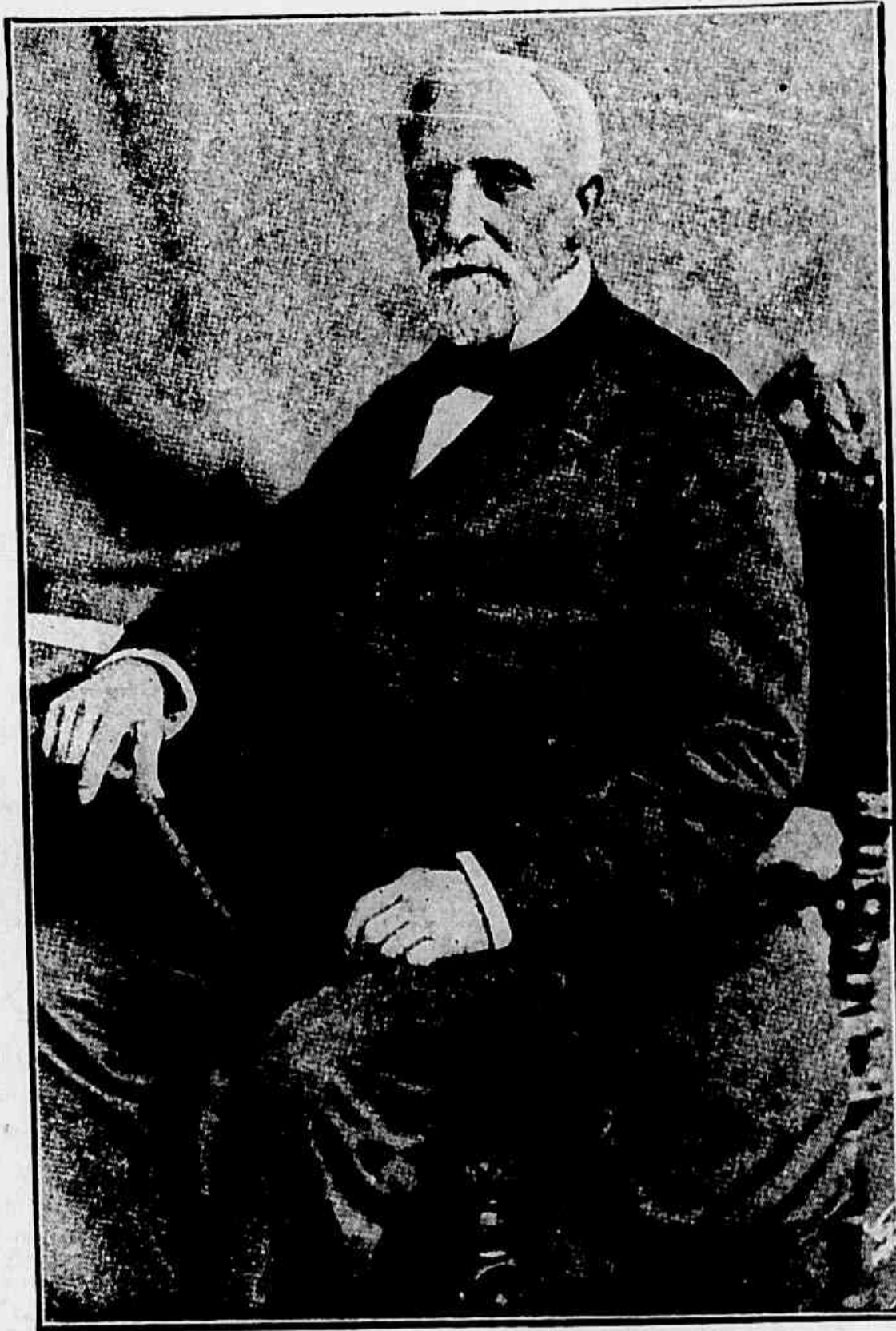
A 13 de Outubro d'esse mesmo anno, o industrial Irineu E. de Souza, já Barão de Mauá, assignou com o governo novo contracto.

Em 31 de Dezembro de 1859, existiam 4.642 lampeões, havendo ainda muitos de azeite.

Por decreto n. 2.747 de 16 de Fevereiro de 1861 passou o serviço para o ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

D'essa data em diante, foram os lampeões augmentados, á proporção que a cidade crescia. A illuminação de azeite só ainda existia nos subúrbios, que em 1877 foi substituída pelos "Gaz-globo", extrahido do oleo de naphta. O contracto foi feito a 18 de Novembro de 1876 com Claudio José da Silva, sendo ministro o conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida e a inauguração se realizou a 23 de Setembro de 1877. Em 30 de Junho de 1882 foi reformado o contracto e a 30 de Junho de 1888 foi inteiramente substituído pelo gaz.

Em 1865, o Barão de Mauá transferiu a sua concessão para a "The Rio de Janeiro Gaz Company Limited", sendo que a 27 de



Irineu Evangelista de Souza, visconde de Mauá, o introduzidor da illuminação a gaz no Rio de Janeiro.

Abril d'esse anno foi concedida permissão para a empresa funcionar.

Por decreto n. 7.933 de 11 de Dezembro de 1880, foi creada a Inspectoria do Serviço de Illuminação, que a 12 de Abril de 1883 foi extincta, passando para a Inspectoria Geral de Obras Publicas.

Em Outubro de 1884 o governo abriu em varias cidades da Europa concorrência para a illuminação da cidade. Não apparecendo nenhum concorrente, em 23 de Novembro do mesmo anno abriu outra, apresentando se o francez Henrique Bryanthe, com quem o governo celebrou um contracto a 4 de Junho de 1885. Em 13 de Junho de 1886 Bryanthe transferiu o contracto para a "Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro".

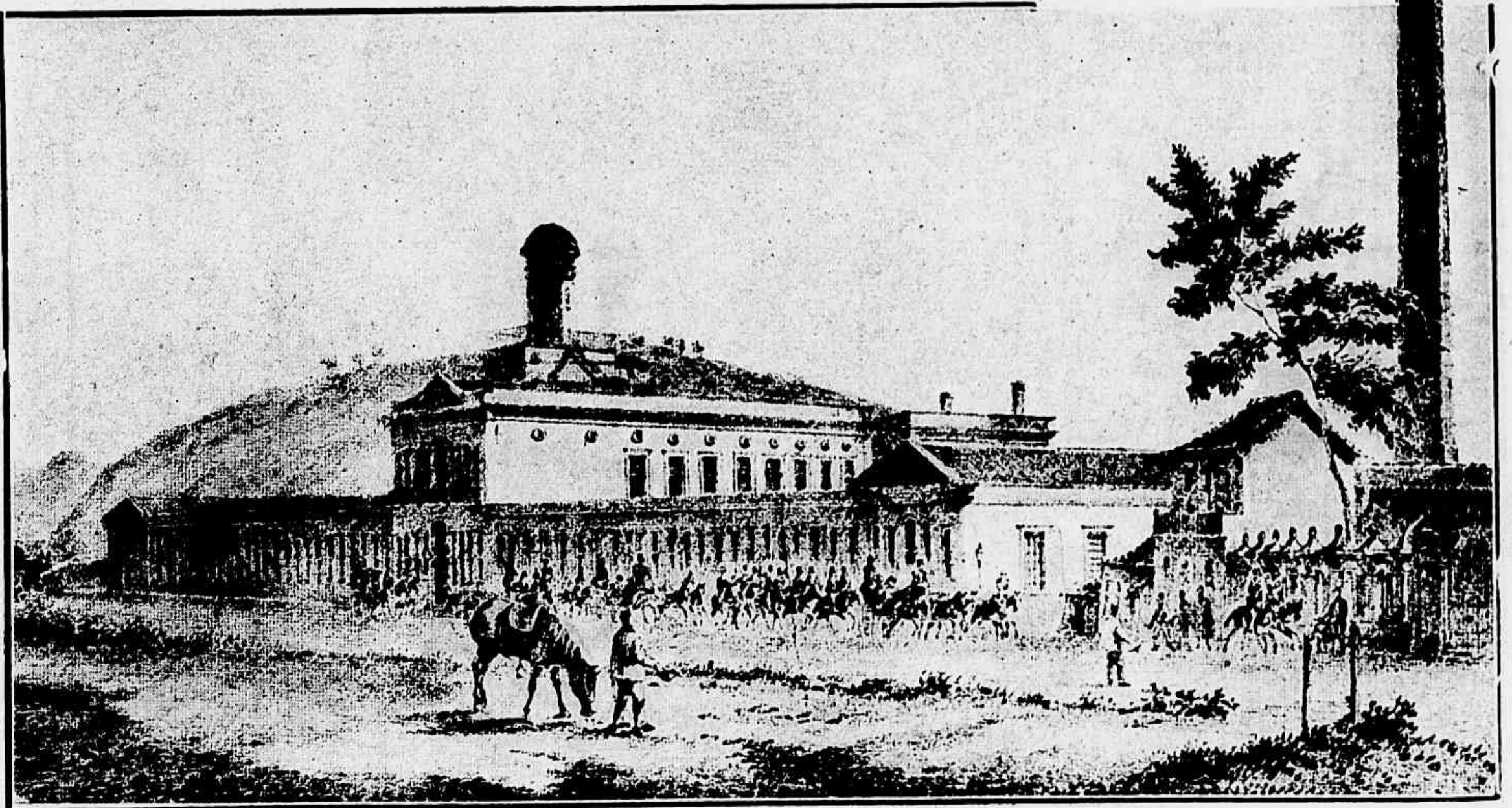
A 8 de Novembro de 1890 foi creada a Inspectoria Geral de Illuminação.

Em Maio de 1900 foram addicionados aos lampeões os bicos "Auer" e depois o "Rational" que trouxeram á illuminação grande melhoramento.

Em 1908 toda a cidade esteve illuminada por esse systema. Em 1912 existiam na cidade 22.440 lampeões.

Em 1913 foi a illuminação a gaz consideravelmente diminuída e substituída pela electricidade.

O primeiro estabelecimento illuminado a luz



O gazometro do Rio de Janeiro, antes da abertura do canal do Mangue.

electrica no Rio foi a gare da Estrada de Ferro Central do Brasil em Fevereiro de 1879. Secundou-a o Campo de Sta. Anna, que em 29 de Junho de 1881, passou a ser em parte illuminado por electricidade.

Por decreto n. 5.690 de 20 de Setembro de 1905 a "Rio de Janeiro Tramway Light and Power Company" obteve concessão para a illuminação electrica da cidade, sendo que a primeira via publica illuminada por esse systema foi a nova Avenida da Praia de Botafogo.

Em 1907, em Junho, foi montada na rua Frei Caneca a usina que recebe a energia electrica vinda do ribeirão das Lages.

Quanto á illuminação das casas particulares, foi ella seguindo a mesma evolução. A principio as lamparinas de azeite e a vela de sebo, depois as de stearina, o gaz e finalmente a electricidade.

Hoje o Rio de Janeiro é uma das mais illuminadas cidades do mundo, o que deu logar a alguém dizer, numa expressão feliz: — « a cidade do Rio de Janeiro vive numa orgia de luz ».

HERMETO LIMA.



que os poz e cujo esqueleto fossil foi encontrado ao lado do ninho, esses ovos veneraveis têm mais de 20 centímetros de comprimento. Um d'elles, quebrado talvez durante o accidente, que custou a vida do animal, deixa ver nitidamente o esqueleto petrificado de um bebé-dinosauro. Coberto de areia, o ovo transformou-se em um cascalho avermelhado, sobre o qual os pequenos ossos brancos se destacam em relevo.

Os philatelistas estão mais uma vez de parabens; o flamante estado livre da Irlanda apressou-se a lançar em circulação um dos signaes modernos da soberania nacional: os sellos de correio. Eis pois um novo campo de observações e um motivo para enriquecer seus albums.



ALPHA E OMEGA — Miss Viola Dana, uma das menores estrellas do écran e Monte Blue, um dos mais altos da cinematographia.



O MENOR LIVRO DO MUNDO — Contendo 14 mil palavras em 384 paginas, tem apenas 4 1/2 centímetros de altura e 4 de largura. É um exemplar da Biblia editado pelo Sr. Joseph Griffin, de New York.

Ida Schnall, a sportswoman allemã, que, no anno passado, foi a campeã de natação e agora obteve o 2.º logar no concurso de patinagem da Suissa.

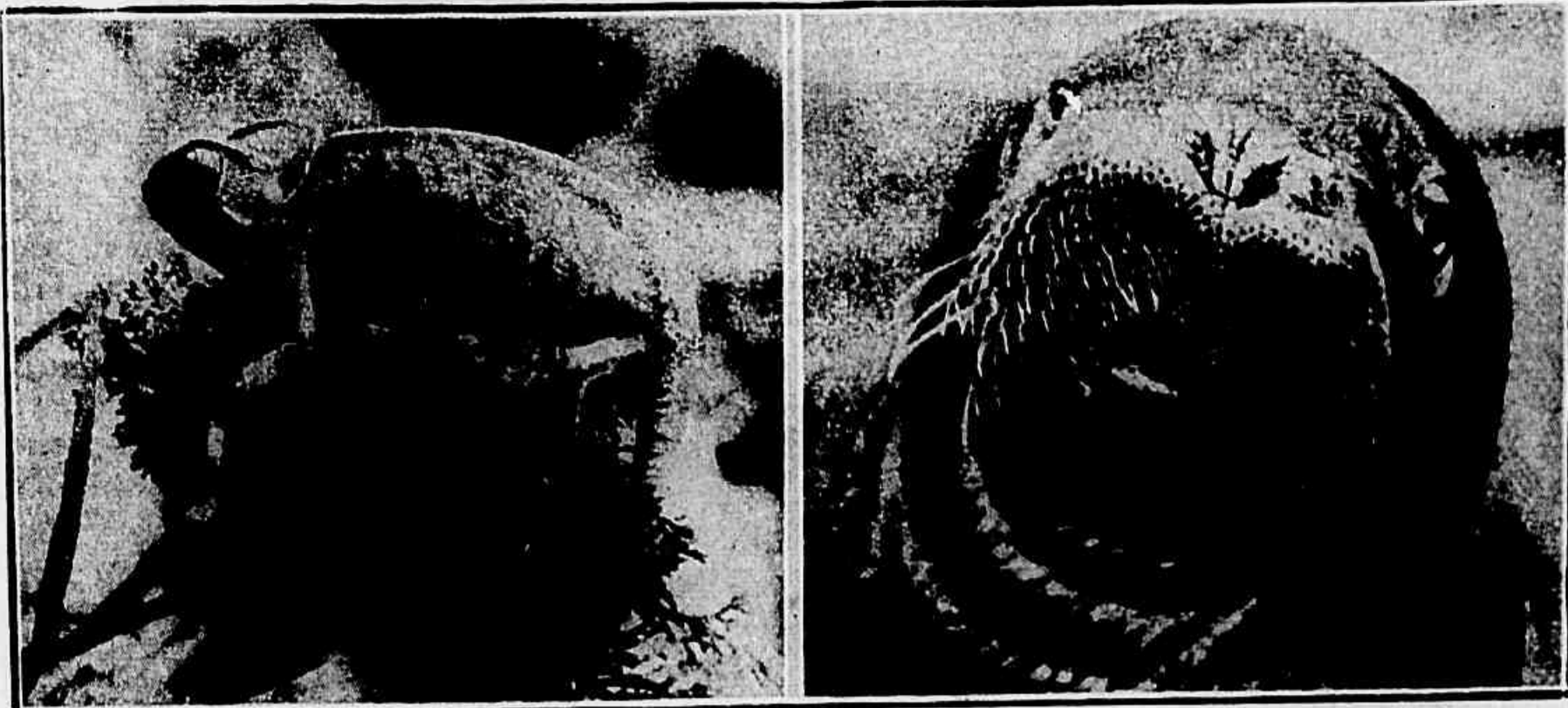
OS OVOS DO DINOSAURO

Grande alegria reina entre os conservadores do Museu de Historia Natural de New-York, pois que acabam de receber, intactos, se não frescos, vinte e cinco ovos de dinosauro encontrados no local hoje conhecido com o nome de deserto de Gobi, na Mongolia.

Ao que affirmam os competentes, esses ovos foram postos ha dez milhões de annos.

O dinosauro parece ter sido um proximo parente do iguanodon; como este ultimo, assimilhava-se a um crocodillo, mas a um crocodilo mais esbelto, com o pescoço mais longo e a cabeça pequena; alem d'isso, como o kangurú, tinha as patas posteriores muito mais desenvolvidas do que as anteriores.

Os ovos são alongados de forma um pouco cylindrica, como os de muitos reptis. Em razão do tamanho colossal do saurio



CAMALEÃO AQUÁTICO — É o único que se conhece; vive nos lagos e rios. Nossa photographia mostra o animal solidamente seguro a um lichen.

O SORPISO DE UMA PHOCCA — Photographia tirada no jardim Zoológico de Londres.

as Universidades Femininas são as peiores. As mulheres graduadas por esses institutos nem ao menos possuem uma escripta aceitavel. Nada sabem de grammatica inglesa. Não possuem noções de orthographia. Ignoram completamente as cousas que tinham obrigação de saber e têm seus cerebros, revolucionados pela psychologia, a logica, a philosophia e muitas outras cousas, que não sómente são damninhas como até inuteis.

UM MILIONARIO YANKEE ANTI-FEMINISTA

Em New-York existem numerosas mulheres feministas e innumeras têm sido as que conseguiram titulo de intellectuaes.

Pois nessa fantastica New-York, uma Commissão d-feministas, vestida com roupas masculis nase com seus correspondentes collarinhos e gravatas, alem da uma bengala, dedicam-se a escrever cartas e a angariar capitales para a reconstrucção do Adelphi College, de Broklyn.

Uma d'essas missivas de petição foi parar nas mãos do millionario Sr. Alonso B. Lee, que se indignou fortemente com a supplica e com as razões apresentadas pelas feministas.

E o Sr. Lee respondeu á solicitante com a seguinte missiva, que, por sua forma e fundo, está sendo muito comentada em New-York.

"Recebi copia de sua carta em que solicita uma subscrição minha para o capital que estão arrecadando para a construcção de uma nova Universidade.

Se pudesse, incendiaría todas as Univesidades feministas já exisntes no paiz. As jovens dos Estados Unidos nã-necessitam de educação, mas sim de abandonar o vicio de fumar, não usar "slang", abandonar as attitudes desleixadas, renunciar aos cosmeticos, pós e calçados de salto alto e vestirem-se com decoro.

Entre todas as loucuras do mundo julgo que



UM MONSTRO PREHISTORICO — Animal semelhos apanhado a grandes profundidades.

INSECTOS DE FOLHA — Um dos muitos insectos que para escapar a seus inimigos tomam o aspecto da vegetação entre a qual vive.

As mulheres devericm ser altamente honradas e respeitadas pelos homens. Mas isso vai sendo esquecido e a culpa é das Universidades feministas.

Nada melhor poderia ocorrer ás jovens, que se encontram actualmente nas Universidades do que d'ellas serem retiradas e condemnadas a trabalhos manuaes forçados durante um anno pelo menos, afim de que se possa metter em sua cabeça alguns traços do senso commum".



SITUAÇÃO PERIGOSA

— Allô !... É o commissario? Mande aqui depressa trez ou quatro soldados. Descobrimos um ladrão aqui dentro de casa.

A celebração das bodas de prata effectua-se aos vinte e cinco annos de matrimonio e as de ouro aos cincoenta. Actualmente costuma-se chamar bodas de radio ás conhecidas, anteriormente, pela denominação de diamante, festejando setenta annos de casamento.



As sacerdotizas de Terpsychore



Miss Consuelo Owens (a 7.a a contar da esquerda), 1.a bailarina do "Follies", de New York e suas companheiras nos bailados da revista "Modas de 1924".

CINEMATOGRAFARAM AS PULSAÇÕES DO CORAÇÃO DO HOMEM!

Traduzir em um film cinematographico os movimentos dos orgãos interiores de um ser vivo, tal é o problema que acabam de resolver dous sabios francezes, os Srs. Lomon e Comandon. Foi no laboratorio de physica da Faculdade de Medicina de Paris e aproveitando as extraordinarias faculdades do raio X e de um aparelho especial de impressão de vistas, que este interessante resultado foi obtido.

Em uma nota apresentada recentemente á Academia de Sciencias de Paris o Sr. J. L. Breton explica como foram realizados varios films, com a velocidade de 17 imagens por segundo, fazendo-se por assim dizer penetrar em um thorax de adulto. Esse methodo permite a inscripção e a reprodução dos movimentos dos orgãos internos, como o diafragma, o coração, etc., consti-

tuindo uma preciosa documentação do ensino, de vulgarisação e mesmo de diagnostico. A titulo de exemplo, o Sr. M. J. Breton apresentou á Academia um dos films assim obtidos e que reproduz os movimentos do coração de um dos autores do trabalho, o Sr. Comardon, physico já conhecido por interessantes trabalhos sobre o ultra-microscopio.

51



Miss Margaret Morris e suas alumnas de dansas rythmicas em Londres.

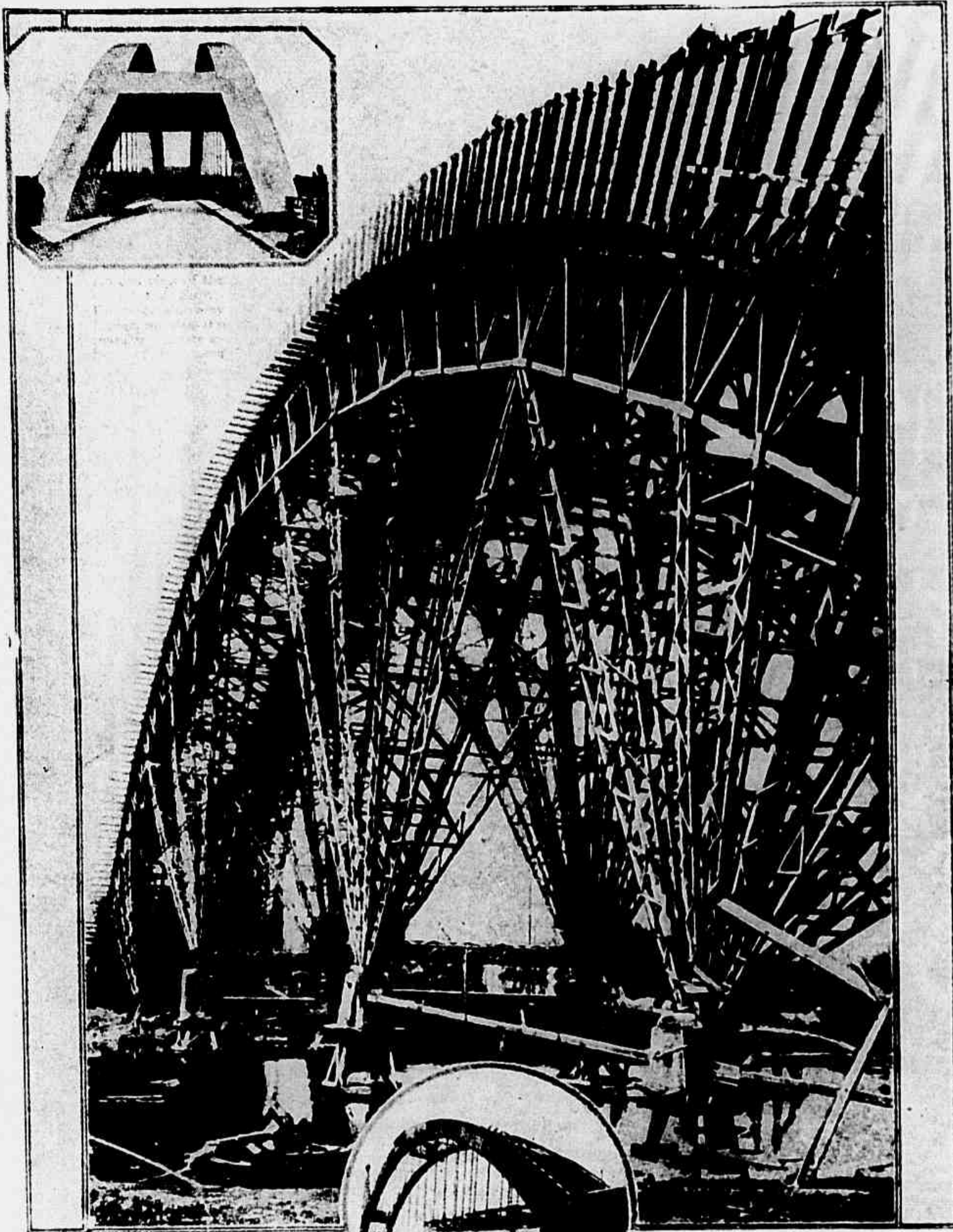
UMA CAUSA DE INCENDIO POUCO CONHECIDA

Depois de um incendio é quasi impossivel determinar, na maioria das vezes, qual foi a causa inicial do sinistro, posto que o fogo destroe todos os vestigios e isto, geralmente é mais applicavel aos incendios das florestas, que se produzem no verão e que occasionam danos e perdas consideraveis.

Quando alguma linha ferrea atravessá a floresta culpam-se as fagulhas lançadas pela locomotiva; em outros casos culpa-se do sinistro a imprudencia de tumantes, que caminham pela floresta; ha occasiões em que se suspeita da existencia de incendiarios, se bem que não se conheçam nem estes nem os moveis do crime; costuma-se igualmente accusar camponeses e pastores, que pretendem obter vantagens, melhorando e augmentando as pastagens por meios tão reprovaveis.

Mas, alem de tudo, existe uma causa, que não havia sido suspeitada, segundo affirma a revista franceza "L'Echo Forestier".

Os fragmentos de garrafas, que se atiram ao solo podem agir em certos casos, como ver-



OS PRODIGIOS DA ENGENHARIA MODERNA

A ponte de cimento armado o Sena, S. Pierre de Vanviay, concluida. Ao centro a armação construção. Em baixo, ao centro. Feito o arco vai sendo retirada, a armação.



CURIOSIDADE VEGETAL — A primeira arvore de borracha transplantada do Amazonas para a ilha de Ceylão, quando um poderoso syndicato inglez pensou em estabelecer alli, grandes seringaes. Como se sabe essa plantação fracassou por completo e essa arvore é conservada como lembrança da tentativa.

dadeiras lentes, concentrando os raios solares e inflammando aservas seccas e outras materias inflammaveis que casualmente se acham collocadas nos focos dos mesmos, provocando o incendio dos campos.

O Sr. Peijos, que descobriu esta nova causa de incendios, provou o facto em seu gabinete, ao observar que suas luvas, postas sobre a mesa de experiencias, despediam fumaça, tendo descoberto que a origem d'esse phenomeno não era mais do que a concentração dos raios solares, que atravessavam um dos vidros da janella de seu laboratorio e que formava uma perfeita lente biconvexa.

As companhias organisadas na Inglaterra apoz a guerra para recuperar os valiosos materiaes das embarcações afundadas durante as hostilidades ante a costa ingleza, lograram já fazer fluctuar quatrocentas e quarenta embarcações recolhendo ouro, no valor de cincoenta milhões de libras esterlinas.

— Finalmente colloquei-lhe uma dentadura esplendida

— Sim... mas doe-me muito...

— Por isso mesmo; é como se fosse natural...

CONDESSA DE CAGLIOSTRO

ROMANCE DE MAURICE LEBLANC

Na manhã seguinte, D'Ormont, Rolleville e Roux d'Estiers vieram procurar os dous amigos de carro. Raul seguiu-os.

A uma distancia de dez kilometros, o vehiculo deteve-se ante um longo prado abandonado que circunda o velho castello de Gueures. Approximando-se do portão aberto, Raul verificou que, nesse parque, uma grande turma de trabalhadores revolvia a terra das alamedas e canteiros.

Eram dez horas. Na entrada os cinco associados foram recebidos pelos feitores. Raul, sem ser notado, misturou-se com os operarios e interrogou-os. Soube, assim, que o castello de Gueures fôra comprado pelo marquez de Rolleville e que aquelles trabalhos tinham principiado, nessa mesma manhã.

Um dos feitores dizia ao barão :

— Sim, senhor ; as instrucções estão dadas. Os que encontrarem, revolvendo o solo, moedas antigas, objectos de metal, ferro, cobre, etc., têm ordem de trazel-os immediatamente para receber a respectiva recompensa.

Era evidente que aquella excavação não tinha outro fim alem do de encontrar qualquer cousa. Mas, que ? — perguntava a si mesmo Raul — Passeiou pelo parque, contornou o castello, penetrou na adega.

A's onze e meia, não tinha conseguido o menor resultado e a necessidade de agir impunha-se a seu espirito como uma força crescente. Atrazando-se fornecia aos outros melhores occasiões e arriscava-se a esbarrar num facto consumado.

Neste momento, o grupo dos cinco amigos appareceu em um angulo do castello, sobre uma longa esplanada, que dominava o parque. Um pequeno muro de balaustres bordejava, marcado de cinco em cinco metros com pilares de tijolo que serviam de base a antigas casas de pedra, quasi todas arruinadas.

Uma turma de operarios, armados com picaretas, começou a demolir a muralha. Raul observava-os pensativo, com as mãos nos bolsos, o cigarro nos labios e sem suspeitar que sua presença poderia parecer suspeita.

Godofredo d'Etigues enrolava um cigarro. Não tendo phosphoros, approximou-se de Raul e pediu-lhe fogo.

Raul estendeu seu cigarro e, enquanto elle accendia o seu, todo um plano nasceu em seu espirito, um plano espontaneo, muito simples, cujos menores detalhes

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Essa foi a 1.ª aventura de Arsenio Lupin. Elle contava então 20 annos e usava ainda seu verdadeiro nome : — Raul d'Andrezy. Namorando a linda Clarisse, filha do barão d'Etigues, descobre que esse velho fidalgo partiu com alguns amigos para aprisionar uma mulher á trahição.

O barão leva a mulher aprisionada para um velho paiol onde seu primo Oscar Bennetot, o principe d'Arcole e outros fidalgos da visinhança se reúnem em tribunal para julgal-a. A mulher é de extraordinaria belleza e apparenta vinte annos. Entretanto, o principe d'Arcole accusa-a de haver trahido a França durante a guerra de 1871 (isso é 22 annos antes). O barão e outro fidalgo, um tal Beaumagnan accusam-a de se oppor a um plano gigantesco que elles têm em vista, tendo para isso assassinado dous de seus companheiros, os Srs. d'Isneauval e de St. Hebert e de haver tentado envenenar o proprio Beaumagnan. O barão diz mais que ella é feiticeira pois ha retratos seus pintados em 1816 e que ella nessa epocha passava por ser filha do Conde de Cagliostro. Por fim condemnam-a a ser levada a Londres e internada em um asylo de alienadas.

Mas quando se retiram todos deixando a condessa a sós com o barão e Bennetot, Raul comprehende que a ideia de levá-la a Londres é uma farça. Os miseraveis pretendem simplesmente aflagal-a em um bote preparado para isso.

Segue os dous fidalgos, salva a condessa e leva-a para uma granja dos arredores e adormece extenuado. Quando desperta a condessa desapareceu.

Esquecendo Clarisse, que o ama dedicadamente Raul jura encontrar a mysteriosa condessa e para isso toma a resolução de seguir o barão d'Etigues

lhe appareciam em sua successão logica. Mas era necessario apressar-se.

Ergueu a cabelleira postiça, deixando ver as madeixas de cabelleira preta e sedosa, que não pareciam de um embarcadizo.

O barão d'Etigues mirou-o attentamente e, subitamente, exclamou, com colera :

— Ainda o senhor ! E disfarçado ! Que significa isso e como teve a audacia de me perseguir até aqui ? Respondi-lhe, já, cathegoricamente: um casamento entre minha filha e o senhor é de todo impossivel.

Raul segurou-lhe um braço e disse, imperiosamente :

— Nada de escandalo ! E' para o seu bem. Chame seus amigos.

Godofredo tentou protestar.

— Chame seus amigos — repetiu Raul. Vou lhe prestar um serviço. Conheço o esconderijo. Mais tarde darei outras informações, que lhe servirão muito para a empreza, que tenta realisar. Então... fallaremos de Mlle. d'Etigues. Mas agora não quero fallar nella... Chame seus amigos. Depressa !

Godofredo hesitava, mas a promessa e as affirmações de Raul impressionavam-o. Fez signal a seus amigos para que se approximassem e, quando estes chegaram bem junto d'elle, disse :

— Conheço este rapaz... e, segundo elle affirma, vai nos indicar onde se encontra, talvez...

Raul cortou-lhe a palavra :

— Não ha talvez, senhores. Sou d'esta região. Quando menino, brincava no castello com outros garçôtos, filhos do jardineiro, que era tambem vigia e costumava mostrar-nos um anel de ferro na muralha da adega dizendo : "Aqui ha um esconderijo... vi collocarem aqui dentro antiquilhas, castiças, relógios..

Esta revelação excitou os amigos do barão d'Etigues :

Bennetot objectou :

— Na adega ? Nós já a examinamos.

— Não o fizeram bem — affirmou Raul. Vou mostrar-lhes.

Começaram a descer uma escada, que communicava o exterior com o sub-solo. Duas grandes portas davam para alguns degraus de pedra, depois do que seguiam-se varias salas baixas.

— A terceira á esquerda — disse Raul que, durante suas buscas anteriores, estudára o ambiente. Olhem... aquella...



O ARTISTA — Comprou algum d'esses quadros, minha senhora ?
A NOVA RICA — Eu não compro cousas feitas... Mando fazer por medida.

Fez com que todos entrassem em uma especie de adega escura e muito baixa.

— Irra!... Não se enxerga nada — queixou-se Roux d'Estiers.

— Esperem um pouco — disse Raul — aqui estão phosphoros e vi um toco de vela no alto da escada... Um instante...

Correu, chegou ao alto da escada, fechou a porta atraz de si, deu duas voltas na velha fechadura, mettu a chave no bolso e afastou-se, gritando aos captivos:

— Não deixem de accender os sete braços do candelabro. Hão de encontral-o sob o ultimo tijolo, envolvido cuidadosamente em teias de aranha...

Não alcançára ainda o ar livre e já ouvia os gritos e pragas dos cinco amigos, que batiam furiosamente na porta. Sabia que essa porta, arruinada, não resistiria mais de cinco minutos. Mas esse tempo lhe era sufficiente.

De um salto alcançou a esplanada, arrancou uma picareta das mãos de um dos homens e correu ao nono pilar do qual fez saltar o vaso. Em seguida atacou a camada de cimento novo, que cobria os tijolos e que cahiu em breve aos pedaços. No espaço que a arrumação dos tijolos deixava inoccupado, havia uma mistura de terra e areia de onde Raul, a custo, extrahiu um pedaço de metal enferrujado, que era um braço de um d'esses antigos candelabros liturgicos, que se vêem em certos altares.

Um grupo de operarios formava circulo em torno d'elle e soltou exclamações ao ver o objecto, que Raul brandia. Pela primeira vez, depois do inicio dos trabalhos, uma descoberta era effectuada.

Talvez Raul guardasse o sangue frio e carregando o pedaço de metal, simulasse ir ao encontro dos cinco amigos. Mas justamente nesse momento, ouviram-se gritos de furor no angulo do castello e Rollville, seguido pelos demais fidalgos, surgiu, vociferando:

Ladrão! Prendam-o! Ladrão!

Raul abriu uma brecha no circulo de operarios e fugiu. Era absurda sua conduta, porque emfim, se desejára ganhar a confiança do barão e de seus amigos, não deveria tel-os aprisionado em uma adega nem furtar o que elles procuravam. Mas, Raul, na realidade, combatia por Josephina Balsamo e não tinha outro intuito senão offerecer-lhe, mais dia menos dia, aquelle trophéu, que acabava de conquistar. Fugia, pois, velozmente.

O caminho da alameda principal estava cercado, Caminhou ao longo de um riacho livrou-se de dous operarios que tentaram detel-o e, seguido por uma horda de perseguidores, que gritavam como loucos, desembocou em uma clareira em que muralhas de altura desmesurada cercavam completamente:

— Estou bloqueado — pensou elle. — Vai ser linda, a luta!... Que tolice fiz!...

Mas no momento em que Raul procurava uma posição de defesa, uma porta se entreabriu na muralha, um braço se estendeu, uma mão segurou-o e Raul estupefacto, viu-se arrastado para uma moita escura por uma mulher, que fechou em seguida a porta no nariz dos assaltantes.

Comprehendeu immeditamente que se tratava de Josephina Balsamo.

— Venha — disse ella — desapparecendo entre as moitas.

Outra porta estava aberta em outro muro fronteiro e dava para o cemiterio da aldeia. Pouco adiante achava-se parada uma carruagem. Raul e a Condessa metteram-se dentro d'ella. Ninguem os vira. Ella disse ao cocheiro:

— Leonardo, vamos a Luneray e Doudeville, depressa!

A carruagem seguiu rapida e Raul assombrou-se com o aspecto interior d'esse vehiculo de tão má apparencia. Era espaçoso, confortavel, protegido contra os olhares indiscretos por venezianas, emfim, tão intimo que Raul cahiu de joelhos e deu livre curso a sua exaltação amorosa.

Suffocava de alegria. Que a condessa se offendesse ou não, pouco importava; queria que este segundo encontro, produzindo-se em circumstancias tão singulares

apoz a noite do salvamento, estabelecesse entre elles relações mais claras.

— Tu? E's tu? — murmurou elle — Que sonho! No momento em que a matilha ia me despedaçar, eis que Josephina Balsamo, surge da sombra e salva-me por sua vez. Ah! Como sou feliz e quanto te amo! Eu te amo ha varios annos... ha um seculo! Um amor jovem como tu... e bello como tu! E's tão linda!... Não posso olhar para teu rosto sem emoção... E' uma alegria e, ao mesmo tempo o desespero de pensar que nunca poderei admirar tudo quanto ha de bello em ti — Ah! Teus olhos voltam-se afinal para mim... Não te zangas se digo que te amo?

Ella entreabriu a portinhola:

— Se eu lhe ordenasse que descesse?

— Recusaria

— Se chamar o cocheiro em meu auxilio?

— Mato-o!

— E se eu descer?

— Continuarei minha declaração no meio da estrada.

Ella desatou a rir.

— Impertinente! Tem resposta para tudo. Pode ficar. Mas acabe com essas loucuras! Conte-me, antes, de onde vem e por que motivo aquelles homens o perseguiam

Elle triumphou:

— Sim, contarei tudo, desde que acceita meu amor...

— Eu não acceito cousa alguma — disse ella sorrindo. — Fez-me uma declaração sem, ao menos, saber quem sou.

— Então eu não a conheço?

— Viu-me apenas, uma vez durante a noite, á luz de uma lanterna.

— E no dia que precedeu esta noite de que falla... não te vi? Não tive tempo para te admirar durante aquella abominavel sessão de julgamento?

Ella observou-o attentem n'e e disse:

— Ah!... Assistiu a...

— Sim. Assisti a tudo e sei quem és... Filha de Cagliostro, eu te conheço. Napoleão I tratava-te por tu... Trahiste Napoleão III serviste Bismark e obrigaste o bravo general Boulanger a se suicidar! Tomaste banhos na fonte da Juventude. Tens cem annos... e eu te amo—

Ella esperava a fronte sulcada por uma desconfiança e rebetiu:

— Ah!... Estavas alli... Bem o suppunha. Como aquelles miseraveis me fizeram soffrer!... Ouviste as accusações odiosas que me fizeram?...

— Ouvi cousas estupidas — exclamou Raul — e vi um bando de energúmenos que te odeiam como odeiam tudo quanto é bello. Mas tudo isso é demencia e absurdo. Não pensemos mais nisso. Só quero pensar nos milagres encantadores que nascem sob teus passos como flôres. Quero acreditar em tua juventude eterna. Quero acreditar que não morrerias se eu não te tivesse salvado. Quero acreditar que meu amôr é sobrenatural e que foi por encantamento que surgistes, ha pouco, de uma moita.

Ella suspirou, tranquilla

— Para visitar o jardim de Gueures, já passára por essa velha porta cuja chave estava na fechadura e, sabendo que deveriam vir aqui hoje, fiquei á espreita.

— Milagre, affirmo! E como não havia de ser? Outra: ha semanas, ha mezes, talvez, que elles buscam neste parque um candelabro de sete braços e, para o descobril-o em alguns minutos, no meio d'esta turba e sob a vigilancia de nossos adversarios, foi-me sufficiente querer e pensar no prazer que terias.

Ella sobresaltou-se:

— Como? Que diz?... Teria descoberto?...

— O objecto, em si, não; mas um dos sete braços do candelabro. Eil-o.

Josephina apoderou-se do pedaço de metal e examinou-o febrilmente. Era uma haste arredondada, muito forte, ligeiramente ondulada e cujo metal desapparecia sob uma espessa camada de azinhavre. Uma das extremidades, um pouco achatado tinha em uma das

faces uma enorme pedra violeta, arredondada em forma de cabochon.

— Sim, sim — murmurou ella. — Não ha duvida. O braço foi serrado junto ao pedestal. Oh! não pode imaginar como lhe sou reconhecida!...

Raul fez em algumas phrases pittorescas a narração da batalha. A mysteriosa mulher não cessava de observá-lo com assombro.

— Porque teve a ideia de demolir o nono pilar e não outro qualquer? Accaso?

— Não — affirmou elle. — Uma certeza. Onze pilares sobre doze tinham sido construidos antes do fim do seculo dezessete. O novo mais tarde.

— Como o sabe?

— Porque a forma e base dos outros são de dimensões fóra de uso ha mais de duzentos annos e que as do nono são usadas ainda hoje. Quer dizer que o nono foi demolido e reconstruido. Ora, para que, se não para esconder este objecto?

Josephina ficou um instante em silencio; depois pronunciou lentamente:

— E' extraordinario... Nunca poderia imaginar... e tão depressa! Se não fosse sua intervenção talvez nunca chegassem a encontrá-lo... Sim, com effeito — accrescentou — foi um verdadeiro milagre...

— Um milagre de amor — repetiu Raul

O vehiculo corria rapidamente, muitas vezes por caminhos que alongavam a travessia para evitar as aldeias. Nem as subidas nem as descidas diminuam o ardor dos dous pequenos cavallos magros. A direita e á esquerda as planicies passavam como imagens.

— Beaumagnan tambem estava alli? — perguntou ella.

— Não, felizmente para elle.

— Felizmente?

— Sim; por que eu o teria estrangulado. Detesto esse sombrio personagem.

— Menos do que eu — disse ella com voz dura

— Mas nem sempre o detestastes — disse Raul, incapaz de conter seu ciúme.

— Calumnias, infamias — affirmou Josephina Balsamo sem se alterar. — Beaumagnan é um impostor e um desequilibrado, de um orgulho infeliz e foi porque eu o repelli que desejou minha morte. Tudo isto eu o disse naquella tarde terrivel e elle não protestou... nem poderia protestar...

Raul cahiu novamente de joelhos, em um transporte de enthusiasmo.

— Ah! Como essas palavras me fazem bem — exclamou. — Então... nunca o amaste? Que felicidade! Mas, na verdade, seria admissivel? Josephina Balsamo apaixonar-se por um Beaumagnan...

Riu-se e bateu as mãos, cheio de felicidade.

— Escuta, não quero mais te chamar assim. Josephina não é um nome bonito. Josina, quer? Está combinado; eu te chamarei de Josina como o faziam Napoleão e sua mamãe Beauharnais. Tu agora és Josina... a minha Josina...

— Mais respeito... — disse ella sorridente — nada de creanças, não sou "tua" Josina.

— Respeito? Mas eu transbordo de veneração. Que quer? Estamos fechados um junto do outro... estás sem defeza e eu continuo prosternado a teus pés como se fosses um idolo. Chego a ter medo!... Sinto-me tremulo! Se me desses a mão a beijar não ousaria.

CAPITULO VI

POLICIAES E GUARDAS

Todo o trajecto foi uma longa adoração. Talvez a condessa fizesse bem em não experimentar Raul, dando-lhe a mão a beijar. Mas, na verdade, se elle jurára conquistar

essa mulher, guardava para com ella uma attitude de estricte reserva.

Ella o estaria ouvindo? Talvez sim, como se escuta uma creança que declara-nos de modo ingenuo seu affecto. Mas, ás vezes, fechava-se em silencio como se ignorasse sua presença. E isso desconcertava Raul.

Finalmente elle exclamou:

— Mas falla, peço-te. Eu estou gracejando para dizer cousas que não ousaria repetir com seriedade, mas, no fundo, tenho medo de ti e não sei o que hei de fazer. Peco-te, responde-me. Algumas palavras, apenas que me chamem á realidade.

— Quaesquer palavras?

— Sim.

— Pois bem. A estação de Doudeville está perto e a estrada de ferro o espera.

Elle cruzou os braços indignado.

— E tu? Que vai ser de ti, sem meu auxilio?

— Ora — disse ella — tratarei de me arranjar como o fiz até hoje.

— Impossivel! Travou uma batalha em que meu auxilio é indispensavel. Beaumagnan, Godofredo d'Etigues, o principe d'Arcole, são bandidos temiveis que a dominarão.

— Elles me julgam morta.

— Razão de mais. Se está morta como quer agir pessoalmente?

— Não tenha receio. Trabalharei sem que me vejam.

— Mas será muito mais facil por meu intermedio. Acredita, estou fallando seriamente, não desdenhes meu auxilio. Ha cousas que uma mulher não pode fazer sósinha. Pelo simples facto de tentar a mesma empreza que elles e travar luta com esses homens, conseguiram urdir contra ti a conspiração mais ignobil. Accusaram-te de tal modo e com argumentos tão solidos, em apparencia, que por momentos eu te julguei feiticeira, cheguei mesmo a julgar-te a criminosa, que Beaumagnan pintava com seu odio e seu desprezo. Não me julgue mal por isso. Desde que enfrentou todas as accusações, mudei de pensar. Beaumagnan e seus cúmplices não passaram de carrascos odiosos e cobardes. E' preciso aceitar meu auxilio. Não te peço senão que me deixes dedicar-me a ti, como se consagra ao que é bello e puro.

Ella cedeu. A aldeia de Doudeville foi deixada para traz. Pouco adiante, na estrada de Evetot, o vehiculo entrou em um pateo fechado e plantado de macieiras.

— Vamos descer — disse a condessa. Essa casa pertence a uma boa mulher, cujo albergue fica pouco alem e que foi minha cosinheira. Costumo vir passar aqui algumas semanas. Almoçaremos aqui... Leonardo, dentro de uma hora partiremos novamente.

Caminhou com passo airoso de adolescente e entraram em uma sala de tecto baixo que occupava toda a fachada.

— Vozes de homem — observou Raul, indicando uma porta ao fundo.

— E' exactamente a sala em que ella serve o almoço. Geralmente ha varios camponeses.

Não terminára quando a porta se abriu e uma mulher já bem edosa appareceu. A' vista de Josephina Balsamo, pareceu perturbar-se e fechou a porta, balbuciando de modo incomprehensivel.

— Que é? — perguntou Josephina, inquieta.

Mme Vasseur cahiu sentada em uma cadeira e exclamou com voz abafada:

— Fuja d'aqui! Depressa!...

— Por que? — Falle! Explique!

A velhota balbuciou:

— A policia... procura pela senhora... Revistaram o quarto, que dispuzera para alojá-la. Espe-



A ESPOSA — Coitada de mamãe! Mordeu a lingua.
O MARIDO — Irra! Telephona já para o instituto Pasteur.

ram soldados... Fuja... se não está perdida.

A condessa cambaleou e apoiou-se a um buffet. Seus olhos encontraram os de Raul com uma supplica, como se sentisse perdida e implorasse seu socorro.

Elle ficou perturbado e murmurou:

— Mas é a ti mesmo que elles procuram?...?

— Sim... é a ella — repetiu Mme. Vasseur... vieram prendel-a... salve-a!

Muito pallido, sem perceber ainda a significação exacta de uma scena, que adivinhava ser grave, Raul segurou um braço da condessa e arrastou-a para fóra.

Mas, immediatamente, ella recuou murmurando:

— Os soldados! Viram-me!...

Entraram apressadamente. Mme. Vasseur tremia e murmurava estupidamente:

— A policia!

— Silencio — disse Raul em voz baixa e calma.

Silencio! Respondo por tudo. Quantos são os policiaes?

— Dous.

Hum! Dous? Quer dizer que por meio de força nada arranjaremos. Onde estão as malas que elles revistaram?

— Lá em cima.

— E a escada para se ir lá?

— Aqui.

— Bem. Fique aqui e trate de não deixar transparecer cousa alguma. Affirmo que nada acontecerá...

Tornou a segurar a mão da condessa e dirigiu-se para a porta designada. A escada era de caracol e conduzia a uma especie de mansarda onde tinham espalhado todos os vestidos e outras peças de roupa contidas na mala. Quando chegaram alli os dous policiaes entravam na sala em baixo e Raul, approximando-se da janella, viu dous soldados, que desciam dos cavallos e os amarravam a uma arvore do jardim.

Josephina não se movia. Raul notou sua face que a angustia contrahia e envelhecia.

— Depressa — disse elle. — E' preciso que mude de roupa. Vista qualquer d'esses vestidos... O preto, de preferencia.

Voltou á janella e viu os soldados e os agentes de policia que conversavam no jardim. Quando ella acabou de se vestir, elle apanhou o vestido cinzento que ella deixára e vestiu-o. Era magro, esbelto: o vestido ficou-lhe admiravelmente e elle parecia tão orgulhoso com este disfarce e tão tranquillo que a condessa ficou mais calma.

— Ouça: — disse elle.

De facto ouvia-se perfeitamente a conversação travada entre os quatro homens em baixo; um d'elles perguntava com voz arrastada:

— Está bem certo de que ella morava aqui, na occasião?

— Toda a certeza. A prova... duas de suas malas, que ahi deixou, têm seu nome estampado: Mme. Pellegrini. De resto, a proprietaria do albergue assim o affirmou.

— Sim, certamente, entre dous "trabalhinhos"...

— Justamente.

— Quer dizer que seria uma bôa captura?

— Excellente. Roubos qualificados. Chantage, emfim... uma infinidade de delictos... sem contar os cúmplices.

— Têm signaes d'ella?

— Sim e não.

— Como?

— A policia possui d'essa mulher dous retratos bem differentes. Num d'elles ella é moça no outro velha. E a edades varia entre trinta e sessenta annos.

Desataram a rir, depois um d'elles disse:

— Mas vocês estão em seu rastro?

— Sim e não. Ha quinze dias, ella operava em Rouem e Dieppe. Alli perdemos-lhes a pista. Tornamos a approximarmo-nos d'ella na grande estrada e... novamente a perdemos. Teria continuado para o Havre ou bifurcado para Fecamp? E' impossivel affirmar-lo. Desappareceu totalmente.

— Como vieram parar aqui?

— Simples accaso. Um empregado da estação, que tinha carregado umas malas até aqui, recordou-se

de ter visto o nome de Pellegrini sobre uma d'ellas, sob uma etiqueta que se tinha descollado.

— Interrogaram outros viajantes?

— São raros, aqui.

— No emtanto ha nesta casa pelo menos uma senhora que vimos, ha pouco, ao chegar. Estavamos amarrando os cavallos quando ella sahio, ou melhor, ia sahir do albergue. Mas tornou a entrar apressadamente como se não desejasse ser vista.

— E' impossivel!... Uma mulher... aqui?

— Não pude ver-lhe o rosto mas notei bem o vestido e o chapéo com flôres roxas...

Raul e a condessa tinham ouvido essa conversação observando-se em silencio. A cada nova prova a face de Raul tornava-se mais grave. Ella nem pensou em protestar.

— Elles vão subir... salva-me — balbuciou afinal.

— Sim — disse elle — E' o momento de agir...

Do contrario elles sobem e te encontram aqui.

Raul tirou-lhe seu chapéo collocou-o em sua propria cabeça, abaixando um pouco as abas para desprender as flôres e amarrando os laços de velludo em torno do pescoço de modo a esconder o rosto. Depois deu suas instrucções.

— Vou abrir caminho. Desde que elle fique livre, desça tranquillamente, saia pela porta principal e vá até a carruagem.

— E você? — disse ella.

— Irei reunir-me a ti dentro de vinte minutos.

— Se elles te prenderem?

— Não o farão, nem a ti. Mas nada de precipitação, não corra, Tenha calma!

Approximou-se da janella. Os homens entravam. Galgou o parapeito, saltou no jardim, soltou um grito como se tivesse visto alguém e fugiu rapidamente.

Imediatamente, atraz d'elles ergueu-se um clamor:

— E' ella!... Páre senão faço fogo... Raul num salto atravessou a estrada e metteu-se pelas terras lavradas, depois escalou a rampa de uma fazenda e atravessou um campo. Novamente um grupo de moitas, depois um campo e uma estrada que ladeava outra fazenda entre duas alas de arbustos.

Voltou-se: os assaltantes, um pouco distanciados não o podiam ver. Em um segundo desembaraçou-se do vestido e do chapéo, atirou-os para o meio de uma moita, collocou na cabeça o gorro de marinheiro que tirou do bolso, accendeu um cigarro e voltou, com passo tranquillo.

Pouco adiante, os dous policiaes esbarraram contra elle, offegantes.

— Olá, marinheiro?... Não encontrou uma mulher? Uma mulher de cinzento?

— Se encontrei!... Corria como um veado... Parecia maluca!

— E para onde ia?

— Entrou numa fazenda, á esquerda, pulando a cerca...

— Ha muito tempo?

— Agora mesmo.

Os homens partiram, apressados. Raul continuou seu caminho cumprimentou com um gesto amistoso os outros dous policiaes que chegavam correndo e, com passo arrastado e sinuoso, alcançou a estrada um pouco alem do albergue.

Cem metros adiante estava o pateo plantado de macieiras onde o carro o esperava. Leonardo estava na boléa de chicote em punho. Josephina no interior mantinha a portinhola entre-aberta.

Elle ordenou:

— Para Ivetot, Leonardo.

— Como? — objectou a condessa. — Vamos passar diante do albergue?

— O essencial é que não nos vejam sahir d'aqui. Ora, a estrada está deserta. Aproveitemos... Vamos devagar, Leonardo... Marcha de carruagem vasia, que volta para a cocheira.

Passaram, com effeito, ante o albergue. Neste momento os dous policiaes e os guardas voltavam. Um

d'elles agitava furiosamente o vestido cinzento e o chapéu. Os outros gesticulavam.

— Encontraram os disfarces — disse Raul — e sabem com quem estão tratando. Não é mais a mulher que desejam encontrar e sim o marinheiro. Quanto ao vehiculo nem lhe dão atenção. Se lhe affirmassem que o marinheiro e a mulher estavam nesta carruagem, desatariam a rir.

— Vão interrogar Mme. Vasseuer.

— Que se arranje!

Quando perderam de vista o grupo de policiaes, Raul apressou a marcha.

— Onde vamos?

— Até as margens do Sena.

— Irra! dezoito leguas em um dia com essa velocidade! Esses animaes são resistentes!

Ella não respondeu:

Entre as duas vidraças da frente do carro havia um estreito espelho pelo qual podia vel-a sem se voltar. Ella viera com um vestido mais escuro e um pequenino chapéu de onde cahia um véu assaz espesso, que lhe envolvia a cabeça. Desatou-o e tirou de uma pequena bolsa de mão um sacco de couro, que continha um velho espelho de mão com cercadura de ouro, alem de objectos de toilette, frascos, baton de rouge, escovas.

Segurando o espelho, contemplou longamente seu rosto, fatigada e envelhecida...

Depois derramando algumas gottas de um minuscuro frasco de crystal num farrapo de seda esfregou com elle a superficie do espelho. E novamente se contemplou.

Raul não comprehendeu e só notou a expressão severa de seus olhos e a melancolia de toda mulher ante a imagem de seu rosto enfeiado pelo tempo.

Dez minutos, quinze minutos se passaram assim no silencio e no esforço visivel de um olhar em que todo o pensamento e toda a vontade se concentravam. Foi o sorriso quem primeiro appareceu hesitante, timido como um raio de sol hibernal. Ao fim de um momento, tornou-se mais ousado e revelou sua acção por pequenos detalhes, que surgiam ante os olhos estupefactos de Raul. O canto da bocca ergueu-se. A pelle encheu-se de cor. A carne parecia firmar-se. As faces e o queixo retomaram suas curvas e linhas puras e toda a graça da juventude illuminou a linda e terna face de Josephina Balsamo.

O milagre se tinha realizado.

"Milagre? — pensou Raul. — Não. Ou então milagre da vontade — influencia de um pensamento claro e tenaz, que não acceta a derrota e restabelece a disciplina onde reina a desordem e o enfraquecimento. Quanto ao frasco do elixir maravilhoso, simples comedia".

Tomou nas mãos o espelho, que ella collocára sobre o banco e examinou-o. Era evidentemente o objecto descripto durante a reunião d'Etigues, o que a condessa de Cagliostro exhibiu á imperatriz Eugenia. Os bordos estavam amassados. Sobre o cabo havia uma corôa de conde, uma data (1783) e a lista dos quatro enyemas.

Raul que sentia necessidade de feril-a, resmungou:

— Teu pai legou-te um espelho precioso. Graças a este talisman uma pessoa pode se refazer das emoções mais desagradaveis.

— De facto — disse ella — cheguei a perder a cabeça nestas ultimas duas horas. Isto acontece-me raramente. Mantive a maior calma em circumstancias mais graves.

— Oh! Oh!... Mais graves... — disse elle ironicamente.

Não trocaram mais uma palavra. Os cavallos continuavam a trotar com o mesmo rythmo egual. As extensas planicies de Caux, desenrolavam-se em vastos horizontes plantados de bosques.

A condessa de Cagliostro baixára seu véu. Raul sentiu que essa mulher, tão proxima d'elle, ha duas horas e a quem offerecia tão alegremente seu amor, afastava-se d'elle subitamente até se tornar quasi uma extranha. A alma mysteriosa cercava-se de trevas espessas e ella lhe parecia tão differente do que havia imaginado!...

Alma de ladra... alma fugitiva e inquieta, ini-

miga da luz do dia... seria possivel! Como admittir que esta face ingenua como a de uma virgem, que este olhar tão limpido, fossem apparencias enganosas?

Estava sinceramente desapontado e atravessando a pequena villa de Yvetot pensou em fugir-lhe. Faltou-lhe porcm a coragem e isso augmentou sua colera. A recordação de Clarisse d'Etigues voltou-lhe ao espirito.

Mas Josephina Balsamo não abandonava sua preza. Por mais odienta que lhe parecesse, estava alli! Um odor enebriante exhalava-se d'ella. Com um gesto poderia tomar sua mão e beijal-a. Era toda a sua paixão, todo o desejo, toda a volupia, todo o mysterio perturbador da mulher. E novamente a visão de Clarisse se esvaiu.

— Josina! — murmurou elle em voz tão baixa que ella não o ouviu.

Para que, de resto, affirmar seu amor e suas penas? Poderia ella restituir-lhe a confiança perdida e retomar a seus olhos o prestigio que perdera?

Approximavam-se do Sena. Ao alto da costa que desce, em Caudebec, voltaram á esquerda, entre as colinas arborizadas que dominam o valle de Saint-Wandriell. Caminharam ao longo das ruinas da celebre abbadia, alcançaram o rio que a banha e tomaram a estrada de Rouen.

Pouco depois, o vehiculo detinha-se e Leonardo continuava a marcha depois de ter deixado os dous viajantes na orla de um pequeno bosque de onde se avistava o Sena. Um valle todo serpenteado de riachos separava-os do rio.

Josephina Balsamo offereceu a mão a seu companheiro dizendo:

— Adeus, Raul. Mais adiante encontrarás a estação de Mailleraie.

— E você?

— Oh! Meu domicilio está perto.

— Não o vejo...

— Sim; aquella cabana que se avista lá ao longe, entre as ramagens.

— Vou acompanhar-te.

Uma passagem estreita cortava o valle por entre os riachos. A condessa metteu-se por ella seguida de Raul.

Chegaram assim sobre uma elevação de terreno. Ninguem os poderia ver ou ouvir. Estavam sós sob o



— Ora, meu amigo... Não faças como a Allemanha. Tu podes pagar.

ram soldados... Fuja... se não está perdida.

A condessa cambaleou e apoiou-se a um buffet. Seus olhos encontraram os de Raul com uma supplica, como se sentisse perdida e implorasse seu socorro.

Elle ficou perturbado e murmurou:

— Mas é a ti mesmo que elles procuram;?...

— Sim... é a ella — repetiu Mme. Vasseur... vieram prendel-a... salve-a!

Muito pallido, sem perceber ainda a significação exacta de uma scena, que adivinhava ser grave, Raul segurou um braço da condessa e arrastou-a para fóra.

Mas, immediatamente, ella recuou murmurando:

— Os soldados! Viram-me!...

Entraram apressadamente. Mme Vasseur tremia e murmurava estupidamente:

— A policia!

— Silencio — disse Raul em voz baixa e calma. —

Silencio! Respondo por tudo. Quantos são os policiaes?

— Dous.

Hum! Dous? Quer dizer que por meio de força nada arranjaremos. Onde estão as malas que elles revistaram?

— Lá em cima.

— E a escada para se ir lá?

— Aqui.

— Bem. Fique aqui e trate de não deixar transparecer cousa alguma. Affirmo que nada acontecerá...

Tornou a segurar a mão da condessa e dirigiu-se para a porta designada. A escada era de caracol e conduzia a uma especie de mansarda onde tinham espalhado todos os vestidos e outras peças de roupa contidas na mala. Quando chegaram alli os dous policiaes entravam na sala em baixo e Raul, approximando-se da janella, viu dous soldados, que desciam dos cavallos e os amarravam a uma arvore do jardim.

Josephina não se movia. Raul notou sua face que a angustia contrahia e envelhecia.

— Depressa — disse elle. — E' preciso que mude de roupa. Vista qualquer d'esses vestidos... O preto, de preferencia.

Voltou á janella e viu os soldados e os agentes de policia que conversavam no jardim. Quando ella acabou de se vestir, elle apanhou o vestido cinzento que ella deixára e vestiu-o. Era magro, esbelto: o vestido ficou-lhe admiravelmente e elle parecia tão orgulhoso com este disfarce e tão tranquillo que a condessa ficou mais calma.

— Ouça: — disse elle.

De facto ouvia-se perfeitamente a conversação travada entre os quatro homens em baixo; um d'elles perguntava com voz arrastada:

— Está bem certo de que ella morava aqui, na occasião?

— Toda a certeza. A prova... duas de suas malas, que ahi deixou, têm seu nome estampado: Mme Pellegrini. De resto, a proprietaria do albergue assim o affirmou.

— Sim, certamente, entre dous "trabalhinhos"...

— Justamente.

— Quer dizer que seria uma bôa captura?

— Excellente. Roubos qualificados Chantages, emfim... uma infinidade de delictos... sem contar os cúmplices.

— Têm signaes d'ella?

— Sim e não.

— Como?

— A policia possui d'essa mulher dous retratos bem differentes. Num d'elles ella é moça no outro velha. E a edades varia entre trinta e sessenta annos.

Desataram a rir, depois um d'elles disse:

— Mas vocês estão em seu rastro?

— Sim e não. Ha quinze dias, ella operava em Rouem e Dieppe. Alli perdemos-lhes a pista. Tornamos a approximarmo-nos d'ella na grande estrada e... novamente a perdemos. Teria continuado para o Havre ou bifurcado para Fecamp? E' impossivel affirmal-o. Desappareceu totalmente

— Como vieram parar aqui?

— Simples acaso Um empregado da estação, que tinha carregado umas malas até aqui, recordou-se

de ter visto o nome de Pellegrini sobre uma d'ellas, sob uma etiqueta que se tinha descollado.

— Interrogaram outros viajantes?

— São raros, aqui

— No emtanto ha nesta casa pelo menos uma senhora que vimos, ha pouco, ao chegar. Estavamos amarrando os cavallos quando ella sahio, ou melhor, ia sahir do albergue Mas tornou a entrar apressadamente como se não desejasse ser vista

— E' impossivel!... Uma mulher... aqui?

— Não pude ver-lhe o rosto mas notei bem o vestido e o chapéo com flôres roxas.

Raul e a condessa tinham ouvido essa conversação observando-se em silencio. A cada nova prova a face de Raul tornava-se mais grave. Ella nem pensou em protestar.

— Elles vão subir... salva-me — balbuciou afinal.

— Sim — disse elle — E' o momento de agir...

Do contrario elles sobem e te encontram aqui.

Raul tirou-lhe seu chapéo collocou-o em sua propria cabeça, abaixando um pouco as abas para desprender as flôres e amarrando os laços de velludo em torno do pescoço de modo a esconder o rosto. Depois deu suas instrucções.

— Vou abrir caminho. Desde que elle fique livre, desça tranquillamente, saia pela porta principal e vá até a carruagem.

— E você? — disse ella.

— Irei reunir-me a ti dentro de vinte minutos.

— Se elles te prenderem?

— Não o farão, nem a ti. Mas nada de precipitação, não corra, Tenha calma!

Approximou-se da janella. Os homens entravam. Galgou o parapeito, saltou no jardim, soltou um grito como se tivesse visto alguém e fugiu rapidamente.

Immediatamente, atraz d'elles ergueu-se um clamor:

— E' ella!... Páre senão faço fogo... Raul num salto atravessou a estrada e mettu-se pelas terras lavradas, depois escalou a rampa de uma fazenda e atravessou um campo. Novamente um grupo de moitas, depois um campo e uma estrada que ladeava outra fazenda entre duas alas de arbustos.

Voltou-se: os assaltantes, um pouco distanciados não o podiam ver. Em um segundo desembaraçou-se do vestido e do chapéo, atirou-os para o meio de uma moita, collocou na cabeça o gorro de marinheiro que tirou do bolso, accendeu um cigarro e voltou, com passo tranquillo.

Pouco adiante, os dous policiaes esbarraram contra elle, offegantes.

— Olá, marinheiro?... Não encontrou uma mulher? Uma mulher de cinzento?

— Se encontrei!... Corria como um veado... Parecia maluca!

— E para onde ia?

— Entrou numa fazenda, á esquerda, pulando a cerca...

— Ha muito tempo?

— Agora mesmo.

Os homens partiram, apressados. Raul continuou seu caminho cumprimentou com um gesto amistoso os outros dous policiaes que chegavam correndo e, com passo arrastado e sinuoso, alcançou a estrada um pouco alem do albergue.

Cem metros adiante estava o pateo plantado de macieiras onde o carro o esperava. Leonardo estava na boléa de chicote em punho. Josephina no interior mantinha a portinhola entre-aberta.

Elle ordenou:

— Para Ivetot, Leonardo.

— Como? — objectou a condessa. — Vamos passar diante do albergue?

— O essencial é que não nos vejam sahir d'aqui. Ora, a estrada está deserta. Aproveitemos... Vamos devagar, Leonardo... Marcha de carruagem vasia, que volta para a cocheira.

Passaram, com effeito, ante o albergue. Neste momento os dous policiaes e os guardas voltavam. Um

d'elles agitava furiosamente o vestido cinzento e o chapéu. Os outros gesticulavam.

— Encontraram os disfarces — disse Raul — e sabem com quem estão tratando. Não é mais a mulher que desejam encontrar e sim o marinheiro. Quanto ao vehiculo nem lhe dão attenção. Se lhe affirmassem que o marinheiro e a mulher estavam nesta carruagem, desatariam a rir.

— Vão interrogar Mme. Vasseuer.

— Que se arranje!

Quando perderam de vista o grupo de policiaes, Raul apressou a marcha.

— Onde vamos?

— Até as margens do Sena.

— Irra! dezoito leguas em um dia com essa velocidade! Esses animaes são resistentes!

Ella não respondeu:

Entre as duas vidraças da frente do carro havia um estreito espelho pelo qual podia vel-a sem se voltar. Ella viera com um vestido mais escuro e um pequenino chapéu de onde cahia um véu assaz espesso, que lhe envolvia a cabeça. Desatou-o e tirou de uma pequena bolsa de mão um sacco de couro, que continha um velho espelho de mão com cercadura de ouro, alem de objectos de toilette, frascos, baton de rouge, escovas.

Segurando o espelho, contemplou longamente seu rosto, fatigada e envelhecida...

Depois derramando algumas gottas de um minusculo frasco de crystal num farrapo de seda esfregou com elle a superficie do espelho. E novamente se contemplou.

Raul não comprehendeu e só notou a expressão severa de seus olhos e a melancolia de toda mulher ante a imagem de seu rosto enfeiado pelo tempo.

Dez minutos, quinze minutos se passaram assim no silencio e no esforço visivel de um olhar em que todo o pensamento e toda a vontade se concentravam. Foi o sorriso quem primeiro appareceu hesitante, timido como um raio de sol hibernal. Ao fim de um momento, tornou-se mais ousado e revelou sua acção por pequenos detalhes, que surgiam ante os olhos estupefactos de Raul. O canto da bocca ergueu-se. A pelle encheu-se de côr. A carne parecia firmar-se. As faces e o queixo retomaram suas curvas e linhas puras e toda a graça da juventude illuminou a linda e terna face de Josephina Balsamo.

O milagre se tinha realizado.

— Milagre? — pensou Raul. — Não. Ou então milagre da vontade — influencia de um pensamento claro e tenaz, que não accêita a derrota e restabelece a disciplina onde reina a desordem e o enfraquecimento. Quanto ao frasco do elixir maravilhoso, simples comedia".

Tomou nas mãos o espelho, que ella collocára sobre o banco e examinou-o. Era evidentemente o objecto descripto durante a reunião d'Etigues, o que a condessa de Cagliostro exhibiu á imperatriz Eugenia. Os bordos estavam amassados. Sobre o cabo havia uma corôa de conde, uma data (1783) e a lista dos quatro eny-gmas.

Raul que sentia necessidade de feril-a, resmungou:

— Teu pai legou-te um espelho precioso. Graças a este talisman uma pessoa pode se refazer das emoções mais desagradaveis.

— De facto — disse ella — cheguei a perder a cabeça nestas ultimas duas horas. Isto acontece-me raramente. Mantive a maior calma em circumstancias mais graves.

— Oh! Oh!... Mais graves... — disse elle ironicamente.

Não trocaram mais uma palavra. Os cavallos continuavam a trotar com o mesmo rythmo egual. As extensas planicies de Caux, desenrolavam-se em vastos horizontes plantados de bosques.

A condessa de Cagliostro baixára seu véu. Raul sentiu que essa mulher, tão proxima d'elle, ha duas horas e a quem offerecia tão alegremente seu amor, afastava-se d'elle subitamente até se tornar quasi uma extranha. A alma mysteriosa cercava-se de trevas espessas e ella lhe parecia tão differente do que havia imaginado!... Alma de ladra... alma fugitiva e inquieta, ini-

miga da luz do dia... seria possivel! Como admittir que esta face ingenua como a de uma virgem, que este olhar tão limpido, fossem apparencias enganosas?

Estava sinceramente desapontado e atravessando a pequena villa de Yvetot pensou em fugir-lhe. Faltou-lhe porcm a coragem e isso augmentou sua colera. A recordação de Clarisse d'Etigues voltou-lhe ao espirito.

Mas Josephina Balsamo não abandonava sua preza. Por mais odienta que lhe parecesse, estava alli! Um odor enebriante exhalava-se d'ella. Com um gesto poderia tomar sua mão e beijal-a. Era toda a sua paixão, todo o desejo, toda a volupia, todo o mysterio perturbador da mulher. E novamente a visão de Clarisse se esvaiu.

— Josina! — murmurou elle em voz tão baixa que ella não o ouviu.

Para que, de resto, affirmar seu amor e suas penas? Poderia ella restituir-lhe a confiança perdida e retomar a seus olhos o prestigio que perdera?

Approximavam-se do Sena. Ao alto da costa que desce, em Caudebec, voltaram á esquerda, entre as colinas arborizadas que dominam o valle de Saint-Wandriell. Caminharam ao longo das ruinas da celebre abbadia, alcançaram o rio que a banha e tomaram a estrada de Rouen.

Pouco depois, o vehiculo detinha-se e Leonardo continuava a marcha depois de ter deixado os dous viajantes na orla de um pequeno bosque de onde se avistava o Sena. Um valle todo serpenteado de riachos separava-os do rio.

Josephina Balsamo offereceu a mão a seu companheiro dizendo:

— Adeus, Raul. Mais adiante encontrarás a estação de Mailleraie.

— E você?

— Oh! Meu domicilio está perto.

— Não o vejo...

— Sim; aquella cabana que se avista lá ao longe, entre as ramagens.

— Vou acompanhar-te.

Uma passagem estreita cortava o valle por entre os riachos. A condessa metteu-se por ella seguida de Raul.

Chegaram assim sobre uma elevação de terreno. Ninguem os poderia ver ou ouvir. Estavam sós sob o



— Ora, meu amigo... Não faças como a Allemanha. Tu podes pagar.

grande céu azul. Passaram-se alguns d'esses minutos de que se guarda eterna memoria e que influem sobre nosso destino.

— Adeus... — disse Josephina Balsamo — Adeus.

Elle hesitava, ante esta mão estendida para o adeus supremo.

— Não quer apertar minha mão? — perguntou ella.

— Sim... sim... — murmurou elle. — Mas porque havemos de nos separar?

— Porque nada mais temos a nos dizer.

— Nada mais, com effeito. No entanto, nada dissemos.

Acabou por segurar entre as suas aquella mão quente e fina e pronunciou:

— As palavras d'aquelles homens... suas accusações no albergue... será verdade?

Elle desejava uma explicação, mesmo mentirosa, que lhe permittisse conservar uma duvida; mas ella pareceu surpreender-se e respondeu:

— E que tens a ver com isso?...

— Como?

— Sim; é de se julgar que essas revelações podem influir sobre tua attitude...

— Que quer dizer isso?

— Ora, nada mais simples. Quero dizer que comprehenderia tua surpresa ante a confirmação dos crimes monstruosos de que o barão e Beaumagnan me accusaram trahicoeiramente; mas, pelo que aconteceu ha pouco não vejo razão.

— Em todo caso recordo-me de tudo quanto disseram.

— Sim, disseram contra a mulher que eu já mencionei, contra a marquezia de Belmonte. Mas não se trata de crimes e quanto ao que o accaso te divulgou ha pouco, que te importa?

Elle ficou estupefacto com essas palavras. Ella sorria, calmamente e continuava, em tom ironico:

— Sem duvida o visconde Raul d'Andrezy surpreende-se em seus sonhos? O visconde Raul d'Andrezy deve ter decididamente concepções moraes bem fortes, a delicadeza de um fidalgo...

— E se fosse assim? — disse elle. — Se tivesse soffrido alguma desillusão?

— Até que enfim! — exclamou elle. — Eis a phrase lançada! Está desanimado? Corria para um bello sonho e tudo, no ultimo momento, esvaiu-se! A mulher apparece-te tal qual é. Responda francamente, gosto de explicações leaes. Está desilludido, hein?

Elle respondeu seccamente:

— Sim.

Houve um silencio. Ella fitava-o attentamente e, finalmente murmurou:

— Sou uma ladra, não? E' o que quer dizer? Uma ladra?

— Sim!

Ella sorriu e disse:

— E você?

E como elle estremecesse ella segurou-o rudemente por um hombro, insistindo:

— E tu, meu amiguinho? Quem és tu? Sim, é preciso saber igualmente quem és? Diz-me, quem és tu?...

— Chamo-me Raul d'Andrezy.

— Dixa-te de historias! Teu nome é Arsenio Lupin. Teu pai, Theophras'e Lupin, que accrescentava ao officio de professor de "boxe" e de "savata" o de scroc, foi condemnado nos Estados Unidos e mettido na penitenciaria, onde morreu. Tua mãe retomou seu nome de solteira e viveu como parente pobre em casa de um tio afastado, o duque de Dreux-Soubise. Certo dia, a duqueza deu por falta de uma joia do mais alto valor historico, o famoso collar da rainha Maria Antonietta. Mão grado todas as buscas effectuadas não se soube nunca quem foi o autor do roubo, executado com uma audacia e uma habilidade diabolicas. Mas, eu o sei. Tinhas então seis annos.

Raul ouvia-a, pallido de furor e com os maxillares contrahidos. Finalmente murmurou:

— Minha mãe estava na miseria, humilhada... eu tentei salva-la...

— Roubando?

— Tinha apenas seis annos.

— Hoje em dia, tens vinte, tua mãe morreu, és solido, intelligente, cheio de energia. Como vives?

— Trabalhando.

— Sim, nos bolsos dos outros.

Ella não lhe deixou tempo para protestar.

— Não negues, Raul. Conheço tua vida em seus menores detalhes e poderia relatar sobre tua vida, cousas que te surpreenderiam, cousas d'este anno e de outros mais afastados, por que eu te sigo ha bastante tempo e tudo o que dissesse não seria mais bello do que o que os guardas disseram no pateo do albergue. Policiaes? Guardas?... Perseguições?... conheces tudo isso e ainda não tens vinte annos! E achas que deves me reprehender? Não, Raul. Eu conheço tua vida e já que o accaso revelou um pouco da minha, lancemos um véu sobre isso. O acto de roubar não é bello: fechemos os olhos e calemos-nos.

Elle baixou a cabeça. Uma grande lassitude o invadia. Sentiu immensa vontade de chorar.

— Pela ultima vez, Raul. Adeus — disse ella.

— Não... não — balbuciou elle.

— E' preciso, meu amigo. Só poderei te fazer mal. Não procures juntar tua vida á minha. Tens ambições, és energico e possues tres qualidades que poderás escolher o caminho.

E acrescentou mais baixo:

— O que eu sigo não é o bom, Raul.

— E porque o segues, Josina? Eis o que mais me assusta!

— E' muito tarde, para voltar!

— Então, para mim tambem.

— Não, és jovem. Salva-te. Foge do destino que te ameaça.

— E tu, minha Josina?

— Que queres? E' minha vida...!

— Vida horrivel e cheia de soffrimentos.

— Se julgas assim, porque dejas partilhar?

— Por que te amo.

— Razão de mais para te afastar de mim, meu amigo. Toda a especie de amor é condemnado entre nós. Has de te envergonhar de mim e eu desconfiarei de ti.

— Eu te amo.

— Hoje, talvez. Mas amanhã? Raul, obedece ao que te ordenei sobre a photographia, na primeira noite de nosso encontro: "Não procures tornar a verme." Vai-te embora.

— Sim, sim — disse Raul d'Andrezy, lentamente. Tens razão. Mas é terrivel pensar que tudo está acabado entre nós, antes mesmo que tivesse tempo de esperar... e que não te lembrarás mais de mim.

— Não me esquecerei daquelle que me salvou duas vezes.

— Não, mas has de esquecer que te amo.

Ella abanou a cabeça.

— Não me esquecerei — disse ella.

E cessando de tratá-lo por "tu" accrescentou com certa emoção:

— Seu entusiasmo, sua dedicação... tudo o que ha em si de sincero e espontaneo... e outras cousas que não descobri ainda... tudo isso me enternece infinitamente.

Tinham as mãos enlaçadas e seus olhos não se deixavam. Raul tremulo de emoção. Ella disse-lhe docemente:

— Quando se separa para sempre tem-se o direito de restituir o que se recebeu. Entrega-me meu retrato, Raul?

— Não, não, nunca — exclamou elle.

— Então eu — disse ella com um sorriso que o perturbou — serei mais honesta e restituirei lealmente o que me deu.



COMO SE CONTAVA O TEMPO ANTIGAMENTE — Um relógio grego de água, construído no ano 280 (A de C.) por Otesibus de Alexandria e descrito por seu filho Hiero. Foi construído para o imperador Julio Cesar e nelle uma estatua de centurião marcava as horas com a ponta do gladio em uma columna.

No correio dos Estados Unidos ficam detidas milhares de cartas que não podem ser entregues por má direcção. Pois bem: muitas d'essas cartas contêm dinheiro e, como ficam sem destino, vão para a thesouraria do correio.

A renda d'essa instituição produz annualmente uns cem mil dollars.

Em França idealisaram um instrumento



Uma baleia capturada recentemente nos arredores de Buenos Aires

para estudar os efeitos dos movimentos rithmicos nos animaes.

Um balancin de dupla oscillação usado para esse fim produz nos animaes todas as sensações do enjôo do mar. Obtido esse resultado experimentaram nos animaes varias drogas pois o fim d'essas experiencias é procurar o remedio contra o "enjôo", que tanto aborrece os viajantes.



dendo conservar a moldura. «O resto, a cercadura de diamantes, as joias, a prataria, não peço; mas esse retrato — diz ella na supplica publicada — é uma parte de mim mesma. Que me entreguem ou que me façam saber onde poderei encontrá-lo e ficarei grata.»
Existirá um coração que não attenda ao pedido?

A MODA

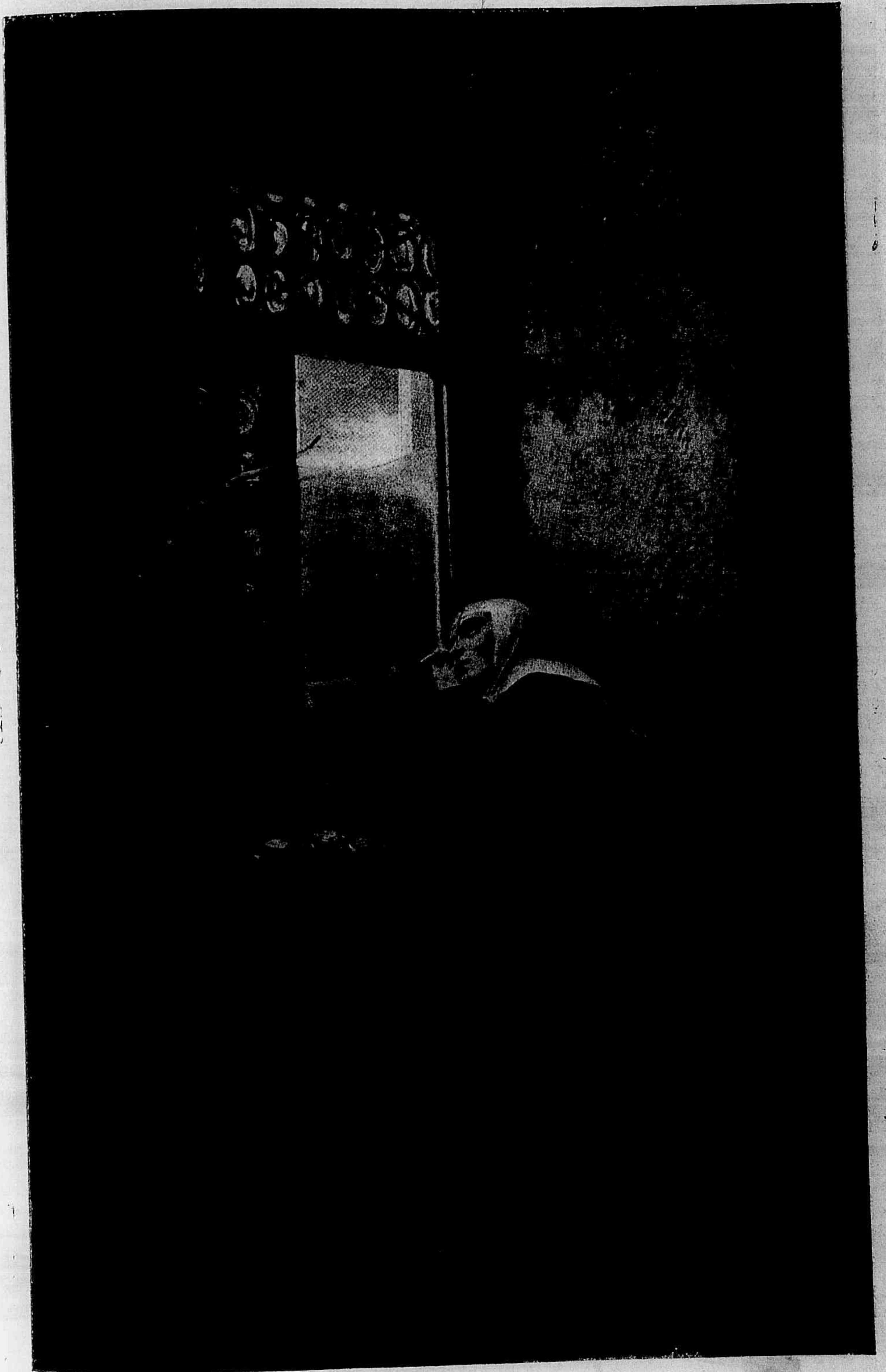


As ultimas tendencias em materia de vestidos e chapéus.



Os jornaes londrinos publicaram o pathetico pedido lançado por uma mãe aos ladrões que, na noite de 24 de Abril ultimo, visitaram seu domicilio. Entre os objectos de valor que carregaram figurava uma miniatura em uma moldura craveja-

da de diamantes, representando um menino de trez annos. Ora, este menino, unico filho da victima do roubo, morreu recentemente e a miniatura é o unico retrato, que sua mãe possuia do ser, que tanto amára. Implorava, pois, aos ladrões que lhe restituissem a miniatura, po-



EXTASE SAGRADO — Quadro de *Gustav Adolf Kuntz*.



dendo conservar a moldura. «O resto, a cereadura de diamantes, as joias, a prataria, não peço; mas esse retrato — diz ella na supplica publicada — é uma parte de mim mesma. Que me entreguem ou que me façam saber onde poderei encontrá-lo e ficarei grata.»
Existirá um coração que não attenda ao pedido?

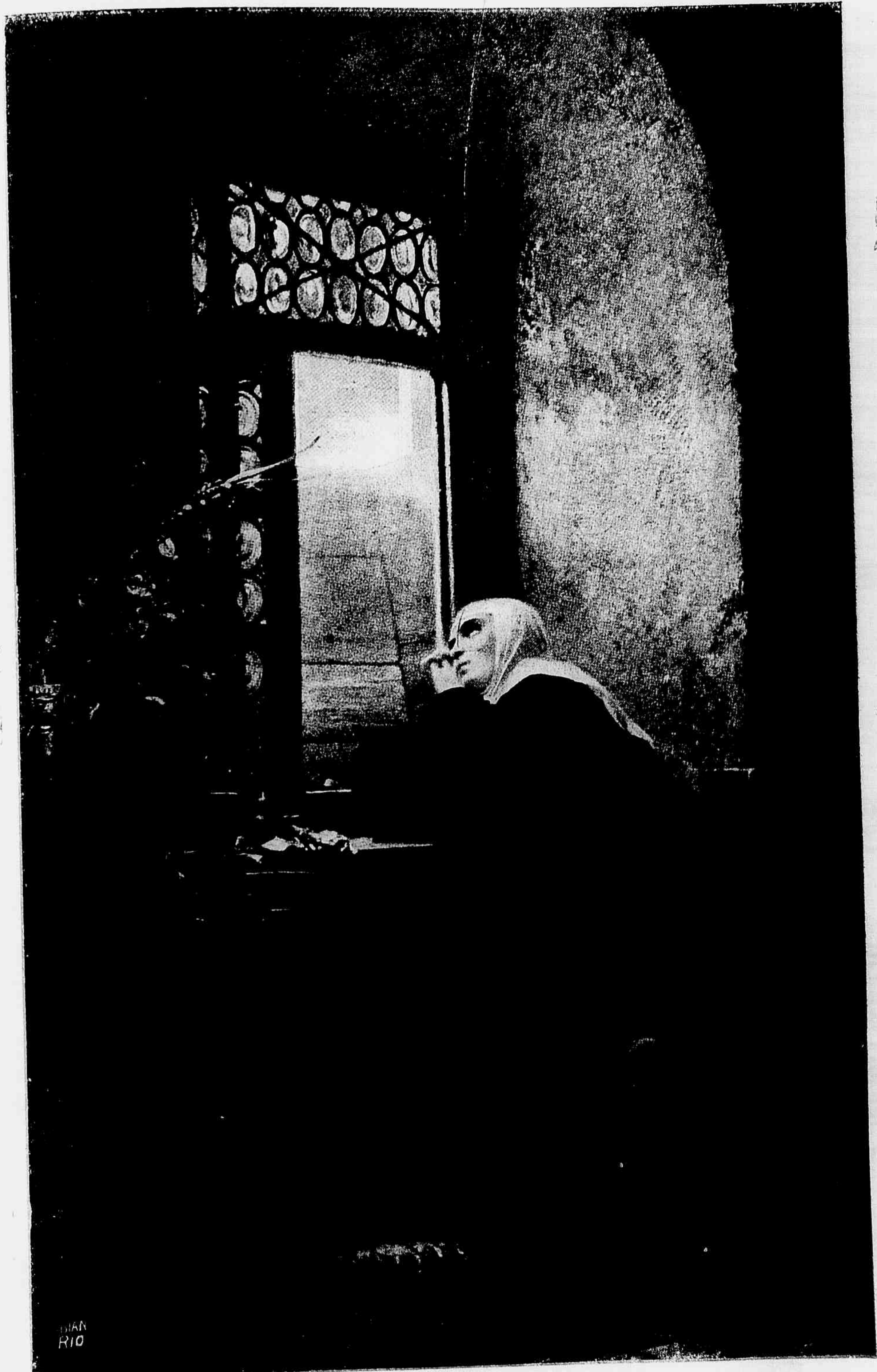
A MODA



As ultimas tendencias em materia de vestidos e chapéus.

da de diamantes, representando um menino de trez annos. Ora, este menino, unico filho da victima do roubo, morreu recentemente e a miniatura é o unico retrato, que sua mãe possuia do ser, que tanto amára. Implorava, pois, aos ladrões que lhe restituissem a miniatura, po-

Os jornaes londrinos publicaram o pathetico pedido lançado por uma mãe aos ladrões que, na noite de 24 de Abril ultimo, visitaram seu domicilio. Entre os objectos de valor que carregaram figurava uma miniatura em uma moldura craveja-



DIAN
RIO

EXTASY SAGRADA — Quadro de Gustav Adolf Kuntz.

COSTUMES DE CASAMENTOS

O matrimonio em diferentes epochas e paizes

(Conclusão do n. 80)

Apezar da communidade de crenças religiosas, o ceremonial de matrimonio differa entre os diversos povos musulmanos. A religião mahometana per-

mulheres, a maioria casa-se com uma só, pois, segundo o conceito que estes povos têm do matrimonio, a mulher é um objecto de propriedade e luxo pessoal cujo numero se acha em proporção com a fortuna do proprietario. Porque, por mais pobre que seja, nenhum musulmano permanece toda a sua vida celibatario. Essa religião prohibe terminantemente, o celibato, pois Mahomet disse "O matrimonio é um dos actos que pratiquei; o que não seguir meu exemplo não é dos meus". Alem do isso, Alcorão preceitua laconicamente: "Casai o que não seja".

Mas o matrimonio, entre Mouros, é mais um contracto civil do que um sacramento religioso. Limita-se ao ceremonial formalista a um contracto de venda em que a mulher é o objecto vendido pelo preço equivalente ao dote, chamado em arabe Sudak e proporcional á fortuna das familias contrahentes. Esse contracto é assignalado pelo cadi ou juiz da cabila, que igualmente nomeia os dous notarios (adules) que deverão autorisar o contracto. Geralmente os Mouros não conhecem o delicioso periodo de enlevo que nos paizes christãos se chama o noivado. Os pais contractam o matrimonio de seus filhos, convencidos de que estes não se hão de rebellar contra sua determinação, pois, se bem que a lei mahometana não ordene explicitamente honrar pai e mãe, o patrio poder é unanimemente reconhecido nas familias pela secular tradição dos costumes e o firme enraizamento das crenças religiosas. D'esse modo, algumas vezes, os noivos se vêm pela primeira vez ao encontrarem-se junto do talamo nupcial.

Com tudo, na maior parte dos casos, a vontade dos pais vai de perfeito accordo com a dos filhos e, embora sem ser esse caracter official consentido, o noivado precede o matrimonio e o amor intervem nas nupcias com o mesmo entusiasmo com que que lêre o europeu civilisado e o selvagem africano.

Estipulado legalmente o contracto realisam-se as ceremonias, que duram geralmente



Noivas de Batz, na Bretanha (França)

mitte a cada homem ter até quatro esposas legitimas, com os mesmos direitos conjugaes; mas como nem todos os filhos do Islam se acham em situação economica capaz de manter quatro



Noivos de Saillé, na Bretanha (França)



Comitiva de bodas de uma povoação da Transylvânia austriaca — A noiva, com sua familia e amigos, dirige-se á igreja.

trez dias e a cujos festejos os pais dos noivos convidam todos os seus parentes, amigos e conhecidos da comarca, em numero proporcional a suas posses. No primeiro dia as mulheres vêm cumprimentar a noiva e os homens o noivo, em suas respectivas casas. Os peritos examinam um por um os presentes, que de seus parentes e amigos receberam os noivos, para comprovar se effectivamente têm o valor, consignado no contracto de matrimonio. Os presentes feitos á noiva devem consistir em kalfans de seda e linho, camisas de seda, cinturões, lenços, sapatos bordados, almofadas, collares, brincos e aneis. Ao noivo os amigos offerecem fumo, carteiras de couro e armas, com a particularidade de que o conjuncto de presentes se divide collectivamente entre os amigos, que o fazem, de modo que o noivo receba o equivalente do que deu aos amigos, que se foram casando antes d'elle, pois quem não tiver em conta essa circumstancia promoverá inimizades e rancores, que, dado o character vingativo da raça moura, acabam geralmente com sangue.

Ao anoitecer do primeiro dia, os convidados organisam uma cavalgata com archotes, para acompanhar a noiva á casa do noivo, conduzindo-a numa



Casamento de um official canadense realizado Winnipig (Inglaterra) — Com o sabre do noivo a noiva vai partir o bolo tradicional.

que, em sua maioria passaram a noite fazendo companhia á noiva, certificam que ella é virgem e então unem-se os noivos e todos, com a mesma pompa e apparato, os escoltam até a casa da noiva onde proseguem as festas.

Tanto em casa da noiva como na do noivo congregam-se, se o matrimonio é important, centenas de cavalheiros, que se entregam a sua predilecta diversão de correr velozmente, atirando para o ar suas armas e tornando a apanhal-as com pasmosa habilidade e segurança. Chamam a isso uma «fantazia». Os convidados não se devem preoccupar com sua manutenção durante os trez dias do matrimonio, pois os mouros ricos excedem em fausto e grandeza, o proprio Camacho, cujo matrimonio foi descrito por Cervantes em termos, que parecem fantasticos são transcriptos fielmente da realidade.

A prova d'isso temos com o matrimonio do mouro Mahamedi Mahatlar, filho do famoso Maimon, fiel amigo da Hespanha, com a sympathica Taamout, filha do não menos celebre Osmani, apellidado «El Gato». A esse casamento concorreu quem quiz, alem dos particularmente convidados, pois que para todos havia logar e refeição de sobra, posto que foram cozidos quatro mil pães e sacrificaram-se quatorze bois e uma centena de gallinhas, alem de innumeradas outras aves e outras especies de gado em que se viam o carneiro e o indispensavel alcuscuz.

Emquanto os homens assim se divertem com suas gauchadas e com gritos gutturaes e acclamam os noivos, as mulheres dançam no pateo interior da casa um d'aquelles bailados desconhecidos na Europa e, que sem ser lascivos são rythmicamente sensuaes, como se as jovens mouros, condemnadas na vida ordinaria á reclusão perpetua, aproveitassem a relativa liberdade do casamento para satisfazer sua natural necessidade de faceirice e alegria.

Arrebatemos os mausers das mãos dos mouros, mudemo-lhes os trajas e, no demais, poucas alterações experimentam os costumes de matrimonio nas comarcas ruraes de alguns paizes christãos da Europa, onde o



Boda de camponeses no valle do Gutach (Allemanha)

liteira chamada «asamaria», que é propriedade collectiva da cabila e serve para todas as desposadas. Se a cabila não possui asamaria, a noiva vai a cavallo. Nas tribus nomades subsiste o antiquissimo costume da mãe do noivo ir para a portada da cabana receber sua futura nora, que, em signal de acatamento, mette as mãos em uma folha de manteiga que aquella lhe apresenta e limpa-as depois na fazenda de seu proprio vestido.

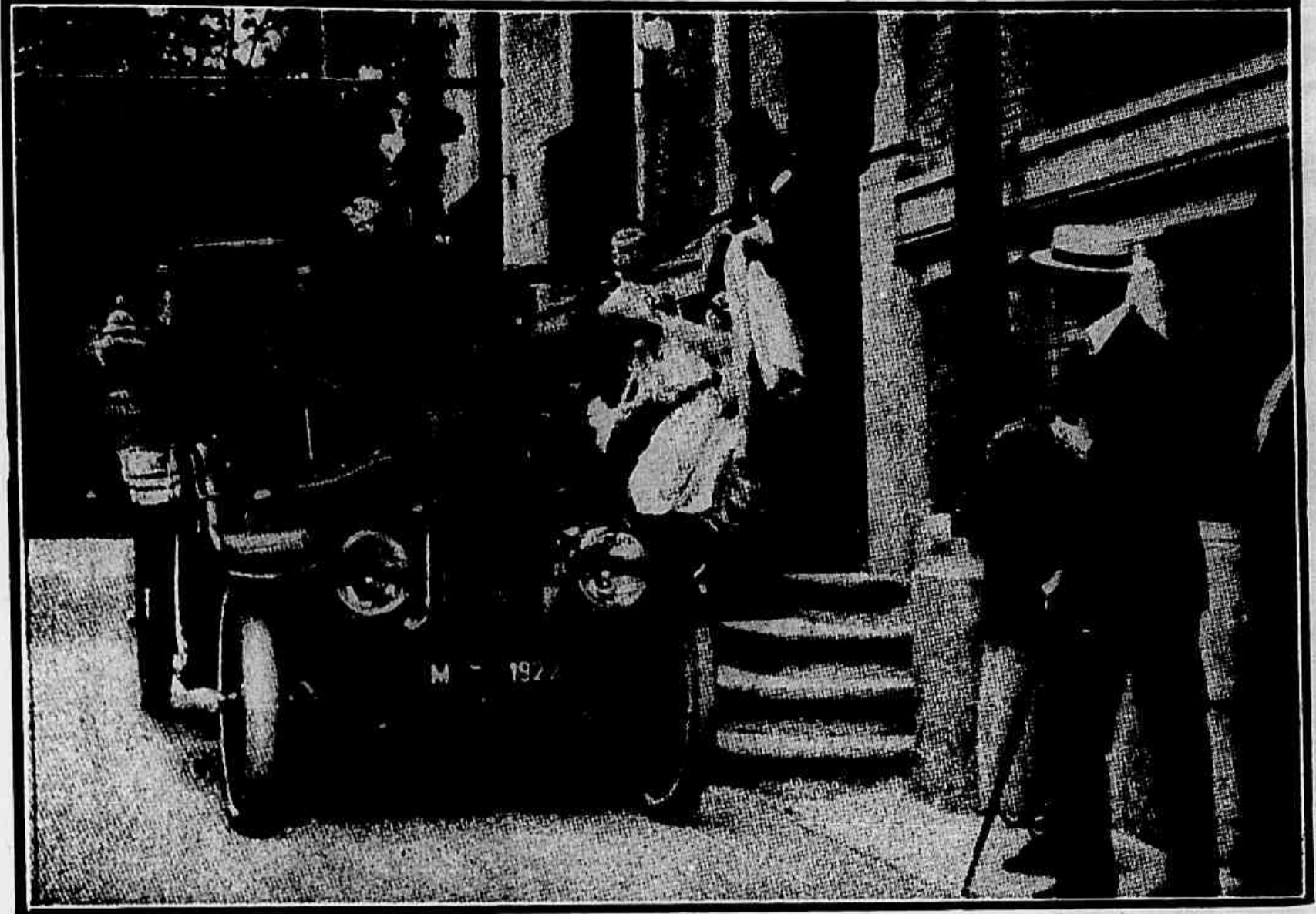
Tanto nas cidades como nos povoados e cabilas, os noivos passam a noite na casa do marido, mas em aposentos separados, sem se poder ver nem fallar um com o outro. Os convidados, antes de se despedir por aquella noite, depositem uma offerenda em dinheiro sobre um panno branco estendido no solo diante da casa. Esta collecta chama-se ghrama e a quantia de cada quota computa-se pela que o noivo deu por sua vez ao casar-se o filho do respectivo doador.

No dia immediato, muito cedo, as mulheres convidadas e



O toucado de nupcias de uma moça do valle de S. Jorge (Floresta Negra Badense)

costume, apoiado pela tradição, predomina com maior imperio do que as leis. Desde então os matrimonios campestres são muito mais pittorescos e alegres do que os urbanos. A monotona formalidade da civilização coloca no mesmo nivel de indumentaria e cerimonial os matrimonios celebrados em Paris, Petrogrado, Barcellona, Berlim, Madrid, Londres e Vienna. A funeraria severidade do frac e a typica cartola para os homens; o atavio da moda nas senhoras e o imprescindivel vestido branco com o symbolico véu para a noiva, são características communs em todos os paizes por onde passou o rastilho da moderna civilização.



Casamento aristocratico em Madrid — E' banal como em outra qualquer capital civilisada.

Mas nos campos, longe dos centros urbanos, nas aldeias escondidas, nas sinuosidades das montanhas ou no fundo dos valles, ainda as pessoas se vestem como nos tempos de seus antepassados e casam-se os bisnetos com os mesmos cerimoniaes de seus bisavôs. D'esse modo podemos ver as jovens camponesas da Noruega ataviadas no dia do casamento com vestidos de gala que não cedem a uma rainha, pois até cingem a typica corôa que symbolisa o augusto se-
nhorio do lar domestico.

E' costume na Noruega demorar os matrimonios até o inverno, quando, terminados ou suspensos os trabalhos agricolas, dispõem as familias tempo para cuidar dos mil pormenores de tão solenne e transcendental acontecimento. Sete dias antes da data marcada, as familias dos contrahentes convidam ás dos logares circumvisinhos com quem mantêm relações e no dia do matrimonio reúnem-se em casa da noiva, então adornada com ramagens.

Bem cedo ainda celebra-se o almoço, para cujo serviço emprestam de boa vontade, parentes e visinhos, suas louças e caçarolas para attender convenientemente a tão extraordinario numero de comensaes e, terminada essa refeição, adelantam-se os noivos até o centro da sala e, sentados em cadeiras cobertas com um manto de seda, recebem a benção do



O noivo, ao sahir da *jaima*, (o aposento onde permanece encerrado durante a noite que precede as bodas).



Um casamento no Rff (Marreco) — Os convidados dansam diante da casa do noivo.

sacerdote, que lhes dirige uma pratica exhortando-os ao cumprimento dos deveres conjugaes e faz depois uma collecta cuja importancia constitue o dote dos recém-casados.

Acto segundo : começa o baile, que vai até o anoitecer, hora em que se serve o jantar de nupcias, ficando os convidados trez dias na aldeia, hospedados os de maior significação e maior parentesco na propria casa dos noivos e os restantes nas dos amigos e visinhos, que se prestam, felizes, a este obsequio.

Os Bretões, que tão escrupulosamente conservam os costumes e tradições de sua provincia, enganalam-se no dia do matrimonio com o typico traje da região e, acompanhados por seus parentes e amigos, vão á Igreja em simples comitiva, sem se preocupar com o dia em que celebram a cerimonia, pois, contra a geral preocupação subsistente em outros paizes, escolhem as sextas-feiras para desmentil-a.

As camponesas alleraãs attendem cuidadosamente a seu atavio nupcial, que é por extremo luxuoso e complicado, se bem que muito diverso da moda dominante nas cidades.

Nas aldeias visinhas da Floresta Negra e no valle do Gutach, as raparigas casadoras formam uma especie de cõrte de honra, com a noiva á frente e pre-

cedidas por uma banda de musica, encaminham-se para a igreja vestidas com suas melhores roupas e tendo á cabeça uma bem volumosa corôa de flôres. Aos que não nasceram no paiz esse typico costume, parecerá extremamente extravagante; mas nenhuma moça da região prescindiria de adornar a cabeça para o solenne acto do matrimonio, com esse singular toucado, que constitue a mais assignalada característica rupal. Neste dia a noiva não deve se preocupar com seu atavio, pois suas irmãs, amigas ou vizinhas servem-lhe d' camareiras e engalanam-a segundo o costume tradicional do paiz, de modo que não fique um laço por atar nem um alfinete por prender.

Na Inglaterra, antes faltaria agua no mar, d' que um classico bolo de noiva em um matrimonio. Não é somente por gulodice e brilho do banquete, mas porque o matrimonio não seria considerado valido sem elle, por mais legal que seja sob os aspectos civico e religioso, se a noiva não partisse o bolo de rúpica com a espada do noivo, se este é militar, ou com uma faca ou outro qualquer instrumento cortante, em caso contrario, para distribuil-o em porções eguaes entre os convidados. Na confecção do bolo de nupcias as familias se esmeram e rivalisam em riqueza e bom gosto, podendo-se avaliar a importancia de um casamento pelo tamanho e feitio do bolo da noiva.

Nos demais paizes europeus, os costumes de casamento possuem quasi o mesmo caracter essencial. Em todos elles constitue a mais solenne festa que uma familia celebre no transcorrer da vida e se o noivo foi filho primogenito ou a noiva a filha mais velha, não fazem os pais questão de economia para que se revista a festa do maior fausto possível. E assim, todas procuram preparar-se com tempo para tão solenne acontecimento e acomodar sua celebração com o estado social a que pertencem. Nenhuma dispensa o banquete nem tão pouco o baile, para cuja participação é bastante o titulo de conhecido.

As relações sociais, que constituem a tonica da vida urbana, não consente a buliçosa expansão propria das povoações rurais, onde todos são parentes, amigos ou conhecidos. Nas cidades populosas raramente parte dos pais a iniciativa do matrimonio dos filhos; ao contrario, estes, ficam inteiramente livres para seguir suas inclinações amorosas, que, mais tarde, recebe ou não a sanção dos pais. Recebido o consentimento e postos as familias no convencional accordo, procede-se aos formalismo do

pedido official, que com toda gravidade é effectuado pelo pai do noivo ao da noiva, sem que neste acto intervenham aparentemente as mães, se bem que, realmente, sejam ellas as que autorisam os respectivos maridos. Concedida a mão, que o petionario sabe previamente, que não lhe será negada, os namorados são promovidos á cathegoria de noivos e elle apresenta a futura esposa com o chamado anel de noivado. Desde então occupa-se preferentemente a noiva na elaboração do enxoval e o noivo tem entrada livre durante o dia em casa da noiva, seja só ou acompanhado por seus pais; poderá acompanhá-la a pequenos passeios e têm o dever especial de apresentar-lhe seus parentes. Fixado o dia do matrimonio, assistem a elle não somente os parentes e amigos de grande intimidade mas também os simples conhecidos dos parentes.

O noivo e a noiva sahem de suas casas com seus respectivos acompanhamentos, formando o cortejo de "damas de honor" da noiva suas irmãs menores e suas amigas mais intimas. O traje é obrigatoriamente branco e de corte subordinado ás vigentes pragmaticas da moda. O noivo veste frac e cartola, durante o dia e, á noite, casaca, se fôr de destaque social. Sem duvida, nas matrimonios da classe media o noivo se apresenta invariavelmente de preto, sem que nem o mais modesto operario se atreva a ir á igreja ou pretoria com roupa de outra qualquer cor.

Terminada a cerimonia religiosa, os convidados sobem para seus respectivos automoveis e o casal occupa o primeiro vehiculo, cujo chauffeur e ajudante exhibem no peito ramos de flor de laranjeira para que os curiosos distingam immediatamente o carro em que vai o feliz casal e admirem os protagonistas da festa.

Em epocha não muito distante, quando os costumes sociais ainda conservavam em cada paiz seu caracter tradicional e não eram affectados pelo cosmopolitismo resultante da facilidade e rapidez das communicações internacionais, o banquete nupcial celebrava-se em casa da noiva e a elle assistiam somente os parentes e amigos de grande intimidade. Terminado este, recebia a familia as felicitações de seus amigos e, já noite fechada, retiravam-se os noivos para seu aposento para santificar nos proprios lares o talamo nupcial. Hoje os costumes de matrimonio perderam esse caracter de moderação que tanto enaltecia o lar domestico e mesmo as familias mais sociais julgam obrigatorio a viagem de nupcias.



Casamento de um official inglêz em Londres — Os soldados de seu regimento formam alas e cruzam as espadas sobre os noivos.



Casamento de populares em Paris — Os recém-casados expandem seu bom humor gizando em automovel mecanico em um cart-russel.

va-se em casa da noiva e a elle assistiam somente os parentes e amigos de grande intimidade. Terminado este, recebia a familia as felicitações de seus amigos e, já noite fechada, retiravam-se os noivos para seu aposento para santificar nos proprios lares o talamo nupcial. Hoje os costumes de matrimonio perderam esse caracter de moderação que tanto enaltecia o lar domestico e mesmo as familias mais sociais julgam obrigatorio a viagem de nupcias.



Moça de Buckenburg (Alemanha) com vestuário de noiva.

Não passam pois em sua própria casa a noite nupcial, mas dirigem-se imediatamente para uma estação de estrada de ferro para apanhar o trem, que os conduzirá para longe.

Sem dúvida, a última moda e o mais aristocrático costume

neste ponto é passar o período chamado de lua de mel em alguma fazenda particular onde fiquem a um tempo no lar e afastados do buli-

cio mundano para se entregar, sem indiscretas testemunhas, às expansões do amor conjugal.

Ao fim de uma temporada, que não deverá ser superior a trez mezes, sem inferior a uma quinzena, regressam os noivos a seu lar urbano e ficam no dever de participar oficialmente seu enlace e oferecer sua casa às pessoas com quem desejem proseguir, reencetar ou estabelecer relações de amizade. Ao mesmo tempo é costume obsequiar com caixinhas de bombons mais ou menos luxuosas, as pessoas de quem receberam presentes de nupcias.

Depois... depois começa a monotonia da vida ordinaria, as preocupações do governo domestico, o reinado vitalicio da esposa, que hontem foi noiva e em breve será mãe!...

Segundo a "Informação", de Paris, em uma nova conferencia, o Sr. Krassine declarou formalmente que o governo dos soviets, sob a condição de que o governo britannico conceda á Russia empréstimos e creditos consideraveis, não se recusará a discutir as perdas ou as dividas individuaes; porem elle recusará em principio de reconhecer todas as dividas e em nenhuma condição as propriedades nacionalizadas na Russia serão restituídas aos antigos concessionarios.

O governo dos soviets recusa-se igualmente a pagar a esses ultimos uma indemnisação qualquer. A Russia concederá, porem, novas concessões aos antigos proprietarios, mas



Uma noiva norueguesa com sua corôa de prata lavrada.

sob condições que salvaguardem os interesses do Estado.

Por outro lado, diz a "Gazeta de Voss" que, segundo uma informação de Moscou para a "Prager Press", a Grã-Bretanha reclama á Russia 10 milhões de rublos, mas, por sua vez,

esta apresenta uma conta de 12 milhões de rublos. E' quasi certo, pois, que a Inglaterra nada receberá da Russia. Egualmente os prejuizos causados pela nacionalisação das propriedades inglezas, na Russia, não serão indemnizados.



Vestuário de noiva de uma moça de Schessel (Hanover).

O GRANDE SACERDOTE DOS MUSULMANOS

Relata o "Daily Mail" que um importante manifesto, a respeito do califado, foi publicado pelas mais altas autoridades religiosas do Egypto, depois de uma reunião, no Cairo, de todos os chefes religiosos. Esse manifesto começa formulando uma definição do califado sob o seu aspecto duplo — espiritual e temporal.

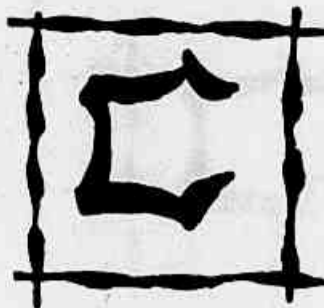
A proclamação afirma que esse duplo papel é individual e que um califa privado do seu poder temporal não é mais um califa.

Depois de ter declarado que a eleição do califa deposto Abdul Medjid fôra irregular, ella ajunta que mesmo que as cousas se tivessem passado regularmente, a retirada de seus poderes civis pelos turcos bastaria para annullar seu direito á lealdade dos fieis e, como consequencia, um congresso terá logar no Cairo, em Março de 1925. Representantes de todos os paizes musulmanos serão convidados para esse congresso, que regulará a questão da successão.

A impressão geral, ajunta o jornal britannico, é que se trata de um movimento com o fim de eleger ao califado o rei Fuad, do Egypto



Um casamento de camponeses na Rumania — A noiva vai para a igreja com seus parentes e amigos, em um carro de bois.



ONHECEM O Mah-Jong? E' o jogo de salão moderno! Provavelmente, não existe ainda no Rio



MAH-JONG



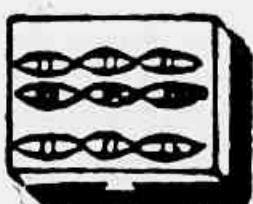
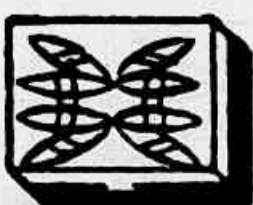
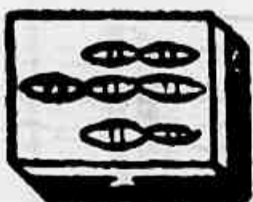
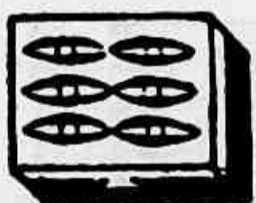
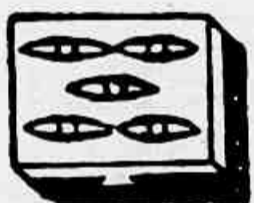
de Janeiro, um unico jogo de Mah-Jong; mas está em grande moda e causando furor nos Estados Unidos.

O Mah-Jong é o jogo nacional chinês actualmente: em Shanghai, em Cantão, em Macáu, em Hong Kong, o povo celestes entrega-se a este divertimento com grande paixão e alguns jogadores deixaram toda a sua fortuna ou puxaram suas facas para terminar a partida. Tendo ganhado nos Estados Unidos, ha dous annos as sympathias do publico, ja começou a penetrar na Inglaterra, agradando igualmente: na sociedade londrina goza de uma voga comparavel á do puzzle de antanho. Paris não tardou a conhecê-lo e assim todas as grandes cidades da Europa. Os stocks exgottaram-se em pouco tempo e não existe hoje um só club da Europa e dos Estados Unidos que não possua varios exemplares d'este jogo que é praticado com ardor e cuja primeira brochura explicativa só foi dada á luz em fins de 1923. Jogo interessante? Certamente! Nada menos do que o poker e o bridge combinados com o dominó chinês.

Approximemo-nos da mesa do Mah-Jong, sempre desprovida de panno e que é um bello movel construido de madeira resistente, com seus quatro pequenos recipientes para as fichas ou moedas e suas cadeirinhas ou tamboretas. Admiramos immediatamente os piões ou dominós, alinhados em uma elegante caixa. São, 136 ou 144 ou mais, fabricados á mão, de osso ou bambú; custam geralmente uns 240\$000. Mas quando o marfim substitue o osso o preço sobe a 1:600\$. Não se surpreendam! Existem outros, fabricados de jade, que custam 2:800\$ a 3:000\$ e mesmo mais.



Os piões, pequenos, leves, ornados, brilhantes, são uma das causas do exito. Separam-se segundo suas faces sejam brancas ou segundo os caracteres chinezes, gravados e pintados em vermelho ou verde, que apresenta esta face: os dominós são numerados de 1 a 9 e sobre elles acham-se desenhadas cifras ou circulos. Existem quatro pontos ou quatro ventos (cardeas); existem os vermelhos (côr que é o emblema da prosperidade) e os brancos e todos emfim, verdes, vermelhos ou brancos são denominados Dragões. As peças supplementares facultativas (as honras supremas) têm as denominações, que se quizer dar: as flôres, as estações, por exemplo. Todos os dominós trazem no canto uma cifra ou uma letra, que é a inicial do nome d'este dominó, traduzido do chinês para o inglez. Quanto ás fichas (é possível ter em uma só mão varios milhões de pontos), são as de que se servem os chinezes. Empregam-se igualmente dous dados.



Joga-se com quatro pessoas (excepcionalmente, trez, cinco ou seis), cada uma d'essas quatro pessoas recebe o nome de um ponto cardeal. «Vamos, Sul; é você quem joga!» Mas, antes de jogar, é preciso que a muralha seja edificada (a muralha da China, certamente) para isso, cada jogador ergue diante de si um muro com o comprimento de dezeseite dominós e a altura

de dous; cada muralha formam assim o lado de um quadro, que se fecha. E' essa muralha que será necessario demolir. Joga-se o dado para escolher o logar em que será feita a brecha. E a sessão continúa...

Não a seguiremos; o jogo é verdadeiramente muito complicado. «Nem sempre joga quem quer» pode ser lido na tampa da caixinha, que contem os dominós. Um dos grandes escriptores chinezes compara o parceiro d'esse jogo a um general, que inicia uma batalha contra um inimigo numeroso e bem armado... De facto, o Mah-Jong, tal como é praticado em Pekim, não conta menos de dez combinações, entre as quaes as «das quatro felicidades», dos «trez academicos» dos «treze impossiveis», das «nove lanternas preciosas», de «apa-har a lua no fundo do mar», de «cobrir de flôres o cume da collina», do «canto dos Phenix», de «picotar pelo Gallo de Ouro»...

Em França, a regra mais conhecida do jogo do Mah Jong não é a mais usada na China. Lá, cada jogador recebe setenta e trez dominós, que troca, um a um e em separado, contra os dominós da mesa e para ganhar deve conseguir formar quatro combinações de quadrados, ou sequencias e um par: palavras que são bastante para deixar adivinhar que, mesmo em Paris, o Mah-Jong não é um jogo de creança.

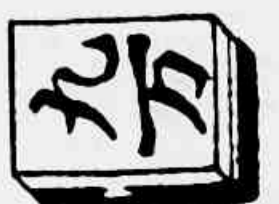
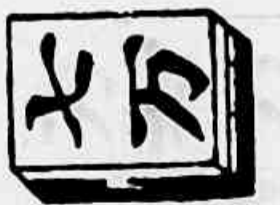
Existem varias especies de Mah-Jong? Sim. Cada paiz em que é jogado deu-lhe seu

cunho especial. Os francezes dizem: «Fiz Pung» ou mais alegremente: «Sou Mah-Jong», quando essas expressões são ignoradas pelas regras chinezas. Ao contrario, deixam pelo caminho, entre o Extremo Oriente e Paris, termos tão pittorescos como as «duas borboletas» (dous pares),

o «collar de perolas», os «peões crus» ou «cozidos», a «côr pura» (jogo todo de bambús, todo redondo ou cilrado), a «côr turva». O proprio nome do jogo varia com espantosa facilidade. Na Inglaterra, chamam-o «O Jogo dos Quatro Ventos». Na China, em uma provincia, é Mah-Jong (palavras que significam «eu ganho») em uma outra, é o Pung Chow (eu tomo), em uma terceira provincia, é o Lung Chan (Batalha de Dragões)... enquanto que a notavel plaquette chinêza, que citamos dá ao jogo o nome geral e unico de matchang.

Na verdade, a historia, ainda não pode unir os linguistas. Esta mesma inscripção declara-nos que foi em Ningoo, provincia de Tchekiang, que o jogo teve origem ha trinta annos e que, de Futchéu, espalhou-se até Shanghai primeiramente, pelas cidades do Norte, depois para o sul da China. Ao contrario, os si-nologos francezes, que foram interrogados a respeito no Museu Guimet, attribuem — cento e cincoenta annos; outros pensam, (como Paul Verdios), vêm Mah-Jong a forma mais antiga do jogo de dominós, afirmando que era propriedade exclusiva da dynastia imperial da China.

Neste ultimo caso, que idade fantastica poderá ter o Mah-Jong?



SORRISOS DE ARTISTAS



Miss Gwendoline Lancelotti, da Ziegfield Follies, de New York.



Miss Lila Lee, da «Paramount»

velou que um mez depois d'essas experiencias o microbio não perdêra a memoria do máu quarto de hora por que passára. E' mais do que provavel que elle guarde até um mortal resentimento.

N^o mesmo momento em que Einstein arrastara a imaginação dos auditores do Collegio de França para as alturas vertiginosas do infinitamente grande, o professor Richet convidava seus collegas a se curvarem sobre o mysterio dos infinitamente pequenos. Não é mais a physiologia dos microbios que se estuda agora: é sua psychologia. Os microbios têm uma psychologia, uma sensibilidade e uma individualidade; têm impressões, recordações, odios, temores e, sem duvida, affeições e rancores.

O professor Richet — que vai talvez ser perseguido pela Sociedade protectora dos animaes — não hesitou em submeter varias bacterias á acção successiva dos saes de cobre, dos arseniatos e dos saes de cadmium, para ver se suas victimas conservariam a recordação d'esses contactes mais ou menos cruentos. O resultado foi comprobatorio. O microscopio re-



Miss Leatrice Joy, da Paramount.

A psychologia dos microbios! Que dominio perturbador e novo! Em que pensará este personagem pallido que é o treponema? Quaes serão os rancores do vibrião? Qual é o estado de alma do micrococcus? E' uma litteratura a crear. Depois da Vida das Avelhas, de Maeterlinck, das Memorias de Um Rato ou do Festim da Aranha, teremos, no futuro proximo: As memorias de um phagocyto, o Diario de viagem de um staphylococco. Minhas prisões, por um bacteria intestinal e A Historia de Minha Vida pelo famoso bacillo virgula, que saberá evitar os erros de pontuação!

MULHERES PIRATAS

Esses piratas chineses que saquearam ha pouco tempo um navio britannico e mais recentemente atacaram, fazendo mortes, um cargueiro portuguez, têm por chefe uma mulher. O facto é extremamente curioso. Mas será sem precedentes? Não, certamente. Encontramos diversos factos analogos no passado.

A vida de Mary Read, nascida na Inglaterra, em fins do seculo XVII e morta em uma prisão na Jamaica, pareceria incrível se não fosse affirmada por inumeras testemunhas. Tendo perdido um filho em tenra idade, sua mãe a educára como um rapaz, por cupidez, para conservar uma pensão attribuida ao menino. Crescendo, Mary não sentiu attracção alguma pela vida tranquilla das mo-



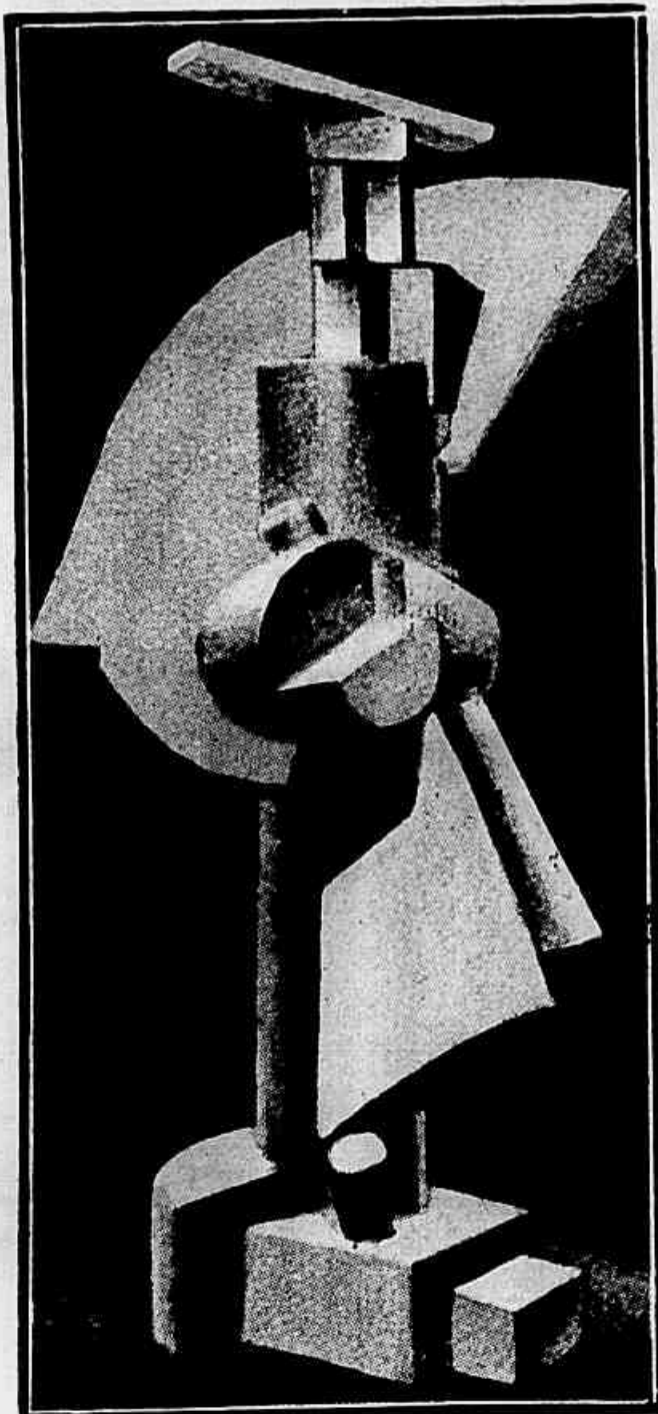
UM HIPPOPOTAMO ANÃO — Esse espantoso animal, cuja existencia nunca fôra sequer suspeitada, foi encontrado recentemente no alto Zambeze e offerecido ao Jardim Zoologico de Londres, onde tem causado a admiração dos sabios.

viajava foi capturado por piratas inglezes. Ella passou para o lado dos vencedores e sob as ordens do bucaneiro Rackin, escumou os mares; dando provas de uma bravura e audacia pouco comuns, mesmo entre os homens. Durante seu processo as testemunhas affirmaram que ninguem era mais resoluta no momento das abordagens.

Quando o navio de piratas foi aprisionado, Mary Read, de pistola em punho, forçou a equipagem, que se tinha prudentemente mettido no porão, a subir ao tombadillo. Depois, só com dous companheiros, sustentára o combate.

Mary Read foi condemnada á morte. Mas sua execução foi muitas vezes adiada e quando se acreditava que sua pena seria diminuida, uma febre maligna a matou em sua prisão.

70



ARTE CUBISTA. — A dansarina — Estatua de von Szalek, exposta recentemente em Berlim.

ças de sua idade. Deixou a Inglaterra e, na Flandres, entrou para um regimento de infantaria, depois para a cavallaria. Sua bella conducta durante os combates valculhe a estima de todos os officiaes.

Mas zás! Como uma simples mortal, a bella amazona se apaixonou por um jovem e bello flamengo. Desposou-o com surpresa de todo o exercito, depois de ter revelado o segredo de seu sexo.

Sua carreira militar parecia terminada. Qual! Morrendo, mezes depois, o bello flamengo, Mary, julgando a Europa já sem encertos, embarcou para as Indias Orientaes.

Em pleno mar, o navio em que

VICISSITUDES DE UMA EGREJA — Se as velhas pedras têm alma, as da antiga igreja de Saint Remy, de Bordeaux, que se vê na gravura á direita, devem ter soffrido muito. Joia inestimavel da arte ogival do seculo XII, foi secularizada durante a revolução de 1789 e, quando se restabeleceu o culto catholico em França, substituida na chefia de sua parochia pela igreja de S. Pedro. Posta á venda desde 1866, não encontrou comprador e hoje está alugada a uma empresa de carceas, que a utiliza como cocheira. Mas á porta continúa pregado um cartaz com os seguintes dizeres: «Vende-se esta igreja. Preço 2.000 francos.





O DR. SAMPAIO VIDAL MINISTRO DA FAZENDA

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O capitão Ralph Percy nobre, mas sem fortuna, fôra para a Virginia, a primeira colonia ingleza estabelecida na America do Norte.

Alli chegou um dia um navio trazendo noventa moças solteiras, criadas de servir, ou camponezas, que vinham para casar com os colonos. Percy toma a defesa de uma d'essas moças, que um brutamontes tenta beijar á força e, ao envez das demais, tem um ar de grande altivez. Ella aceita sua mão, mas confessa-lhe que não é uma criada. Percy, impressionado por sua maravilhosa belleza e seu ar de profunda magua, deixa-a viver alli como uma hospede. Passado um mez,

chega a Jamestown lord Carnal, o favorito do rei. Ao vê-lo, a esposa de Ralph quasi desfallece. Ella é lady Jocelyna Leigh, pupilla do rei; fugiu da Inglaterra exactamente para não ser obrigada a casar com lord Carnal. Ora, este traz ordem do rei para annullar o casamento; que sua pupilla por ventura tenha feito na Virginia. O governador, porem, declara não poder cumprir uma ordem, que não venha por intermedio da Companhia de Fumos, da qual é subordinada. A nau volta á Inglaterra para buscar essa ordem, ficando lord Carnal, em Jamestown á espera.

Passados trez mezes volta o navio com uma ordem para que lady Jocelyna e o capitão Percy embarquem, indo este como prisioneiro. Percy hesita ainda. Mas a propria lady Jocelyna lhe declara que prefere tudo a voltar á Inglaterra. Então elle resolve fugir e leva-a em companhia do reverendo Sparrow, que é seu melhor amigo e de criado. Diccon, para o bote, tem que amarrado alli perto. Lord Carnal persegue-o e Sparrow não tem outro remedio senão atiral-o ao bote e leva-o tambem. Levanta-se uma tempestade, que, depois de os levar ao alto mar, atira-os numa ilha deserta, onde não ha sequer agua.

Parceem irremediavelmente perdidos, quando chega á ilha um navio pirata, cuja tripulação vem enterrar seu capitão. Ralph verifica que ha trez pretendentes ao commando do navio.

Desafia-os, vence-os e, proclamado capitão, é forçado a andar com elles durante mezes como chefe de piratas. Mas um dia encontram um navio inglez. Os piratas atacam, Percy oppõe-se a isso e, como não o consiga, atira o navio contra um rochedo e mette-o a pique. Quando volta a si vê-se aprisionado no porão do navio inglez em companhia de Sparrow.

O novo governador da Virginia, que vem a bordo, organisa com os officiaes do navio um tribunal perante o qual lord Carnal accusa Percy de haver exercido pirataria. Porem Jocelyna, revelando afinal diante de todos, seu grande amor por Percy, consegue provar que a accusação é calumniosa e salva seu marido de ser enforcado.

CAPITULO VII

NO QUAL APRI-MAVERA SE AP-PROXIMA

Cançado de lançar os dados sózinho e dos livros que Rolfe me mandára, fui postar-me á janella da cadeia e, encostando-me ás grades, olhei para fóra á procura de entretenimento. A mais proxima, se não a mais divertida das cousas, que a vista me deparava

era o pelourinho. Era tão alto que ficava apenas abaixo do sobrado da cadeia e defrontava-me a janella a tão curta distancia que eu podia ouvir a longa e traca respiração do mal aventurado, que succedia occupal-o. Não era um som agradável; nem era agradável espectáculo uma face livida recentemente marcada com um grande R e com fios de sangue escuro a

lhe cahirem das orelhas mutiladas, manchando a taboana qual a cabeça estava immovel e fixa.

Um tanto ao lado estava a polé dos açoutes: uma mulher havia sido açoutada nessa manhã e seus gritos tinham maculado o ar mais effectivamente do que a lama que alguns pequenos garôtos tinham atirado sobre o escravo fugido no pelourinho. Olhei para alem do misero captivo, que me ficava por baixo, para o brilho claro e firme de um dia de Março e fiquei o mais profundamente aborrecido com as grades, que me separavam d'esse brilho.

A intervallos, homens e mulheres passavam pelo largo em baixo. Quasi todos erguiam os olhos para a janella e eram olhos amigos. Era agora sabido que Buckingham dominava na Inglaterra, e a comitiva de milord Carnal na Virginia estava muito decrescida. O joven Hamor por alli passou, vistosamente vestido, assoviando, alegre e tirou o chapéu ornamentado com a mais nobre pluma quebrada.

— Vamos a uma caçada de urso abaixo do forte — disse em voz alta — Sinto que percais o divertimento! Lá estarão todos e milord Carnal.

Foi-se assobian-do e logo atraz veio messér Eduardo Harpless. Parou e encarou o escravo no pelourinho, sem presciencia, creio eu, do dia em que elle proprio alli tinha de estar; depois olhou para cima, para mim com toda a malevolencia, que sua alma pequenina podia estampar em suas feições mesquinhas e passou adiante. Tinha o aspecto alquebrado; alem d'isso tinha as roupas manchadas de lama e a capa rota por espinhos.

— Por que vos foste metter no matto? — murmurei.



A Pupilla do Rei

PARA LER E RETER

Publicado com autorização especial da CASA GARNIER

ROMANCE DE MARIA JOHNSTON

Do qual foi extrahido o film
ENTRE O AMOR E
A ESPADA

(Continuação)

O FEMINISMO



— Você vem servir a mesa vestida assim?
— E' que eu sou a goal-keeper de meu club e a partida começa ás 3 e meia...

A chave rangeu na porta por traz de mim e abriu-se para deixar que entrasse o carcereiro e Diccon com o meu jantar, que estimei ver.

— Sir Jorge mandou a caça, senhor — disse o carcereiro — messor Pierséy, as gallinhas do matto; a Sra. West, a torta e o massapão; e messor Pory, o Xerez. Falta-vos alguma cousa, senhor?

— Nada que me possais fornecer — respondi breve.

O sujeito endireitou os pratos na mesa e dirigiu-se para a porta.

— Podeis ficar até que eu venha buscar os pratos—disse a Diccon. E sahiu fechando apoz si a porta ostentadamente.

Tratei de jantar. Diccon foi á janella e ficou de pé, olhando para o céu azul e para o homem no pelourinho. Elle tinha a liberdade de entrar na cadeia. Eu estava mais estrictamente detido, posto que meus amigos tivessem facil accesso até junto de mim. Quanto a Jeremias Sparrow, tinha passado vinte e quatro horas na cadeia, mas ao fim d'esse tempo a Sra. West tivera um ataque de "spleen", declarára que estava a morrer e insistira em que messor Sparrow fosse chamado para ministrarlhe consolação, por isso que messor Bucke, infortunadamente tinha ido a Henricus a negocio pertinente ao collegio. Da beira do leito d'essa despotica senhora, Sparrow foi chamado para o enterro de um homem do outro lado do rio e de junto da sepultura para o matrimonio de um casal na Ilha Mulberry. No dia seguinte, por ser Domingo e não haver pastor á mão, tornou a pregar no pulpito de messor Bucke e pregou um sermão tão vigoroso e commovente qual nunca fôra ouvido na Virginia. Não o levaram do pulpito para a cadeia. Havia apenas cinco pastores na Virginia e havia muito mais enfermos a visitar e mortos a enterrar, messor Bucke, ainda fraco de corpo demorou-se rio acima a discutir com Thorpe o projecto predilecto d'este de converter cada demonio de indio d'esta parte do Mar do Sul. E Jeremias encartou-se em seu antigo lugar. Boquejou-se acerca de censura publica, mas o rumor desvaneceu-se.

Tendo disposto da torta e do Xerez voltei-me no banco e dirigi-me a Diccon.

— Esperava messor Rolfe hoje. Ouvistes alguma cousa a seu respeito?

— Não — respondeu.

Quando elle fallava a porta se abriu e o carcereiro metteu por ella a cabeça.

— Um portador da parte de messor Rolfe, capitão.

Retrahiu-se e o indio Nantauquas entrou na quadra. A Rolfe tinha eu visto duas vezes desde a chegada do Jorge a Jamestown, mas o indio não tinha vindo com elle. O moço chefe adiantou-se e tocou na mão, que lhe estendi.

— Meu irmão estará aqui antes que o sol desça á altura do pinheiro mais alto, annunciou com sua voz grave e calma. Elle pede ao capitão Percy que não falle a pessôa alguma, que o procurar. Deseja fallar-lhe a sós.

— Não espero que me tomem muito tempo os que me procurem — disse eu. — Ha agora uma caçada de urso.

Nantauquas sorriu.

— Meu irmão pediu-me que descobrisse um urso para hoje. Comprei um aos Paspahags por uma moeda de cobre e trouxe-o para a cerca abaixo do forte.

— Onde toda a cidade terá ido agora — disse eu. — Não posso imaginar por que razão Rolfe fez isso! Enchendo o copo com o vinho de Xerez, empurrei-o para o indio por sobre a mesa. — Ficais agora muito pouco tempo na floresta, Nantauquas.

Pelo seu semblante formoso e escuro passou uma ligeira nuvem.

Opechacanough sonhou que eu já não era indio. Passaros cantores mentiram-lhe, dizendo-lhe que eu amo o homem branco e desprezo minha propria

côr. Já me não chama seu bravo, o filho querido de seu irmão Powhatan. Agora não me assento junto ao fogo do seu Conselho, nem lhe commando os guerreiros. A ultima vez que fui á sua cabana e estive em sua presença, seus olhos queimaram-me como as brazas sobre as quaes os Manacans uma vez fecharam-me as mãos. Não me quiz fallar.

— Não se me daria de que não tornasse a fallar — disse eu. — Estivestes hoje na floresta?

— Estive — respondeu olhando para a marca deixada por terra vegetal em seus moccasins, ornados de contas. — Os olhos do capitão Percy são penetrantes; deveria ter sido indio. Fui ter com os Paspahags para levar-lhes a moeda de cobre. Poderia referir ao capitão Percy uma cousa curiosa...

— Dizei — disse-lhe, quando hesitou.

— Fui á cabana do chefe com a moeda e lá não o encontrei. Os velhos declararam que elle tinha ido á repreza apanhar peixe — elle e dez de seus guerreiros. Os velhos mentiram. Eu passára pela repreza dos Paspahags e lá não estava ninguem. Sentei-me e fumei na frente da cabana e as mulheres trouxeram-me bolos de castanhas anãs e cabaças de bebidas de carya; pois Nantauquas é principe e hospede grato a todos, menos a Opechacanough. Os velhos lumaram, com os olhos no chão, cada qual vendo apenas os dias em que eram tão moços como Nantauquas. Não viram quando uma mulher do chefe transformada em creança pelo orgulho, desenrolou uma pelle de veado e mostrou a Nantauquas um copo de prata todo lavrado e ornado com pedraria de côres.

— Hum!

— O copo foi preço caro — continuou o indio — Não sei que grande cousa comprou.

— Hum! — repeti eu. — Por acaso encontrastes messor Eduardo Sharpless na floresta?

Abanou a cabeça.

— A floresta é grande e ha muitas trilhas por todo ella. Nantauquas procurou a do chefe dos Paspahags, mas não a encontrou. Nantauquas não tinha tempo para perder com o homem branco.

Fechou seu manto de pelle de lontra e preparava-se para sahir. Ergui-me e estendi-lhe a mão, porque estimava-o muito e no passado fizera-se meu credor.

— Dizei a Rolfe que me encontrará a sós — disse, — e recebi meus agradecimentos pelo incommodo que tomastes a caçar juntos. Se alguma vez tornarmos, espero que me dareis a oportunidade de vos servir! Ainda tenho as marcas dos dentes do lobo; chegastes muito a proposito naquelle dia.

O indio sorriu.

— Era um velho lobo feroz. Desejo de todo o coração ver o capitão Percy livre e então elle e eu caçaremos mais lobos.

Quando sahiu e com elle o carcereiro e Diccon, tornei para a janella. O escravo fugido, que estava no pelourinho foi solto e foi para casa cambaleando, ao lado do estribo do senhor. Os viandantes tornaram-se menos frequentes e do alto da rua vieram sons distantes de risadas e applausos. O urso devia estar fornecendo bom divertimento. Eu podia ver a meia lua do forte, os canhões e a bandeira desfraldada ao vento e no rio uma ou duas velas, brancas á luz do sol como as gaivotas ao descerem no vôo. Alem erguiam-se os mastros sem velas do Jorge. A Santa Thereza já não estava perpetuamente ancorada no rio. A náu real tinha voltado para o rei sem a carga que elle esperava. Mais trez dias e o Jorge abriria as azas brancas e desceria o largo rio e nelle eu, a pupilla do rei e o homem, que, por algum tempo, fôra seu valido. Olhei para baixo para a corrente, que o vento enrugava e avistei a extensa bahia onde desembocava e alem da bahia o oceano arquejante, escuro e claro, legua apoz legua; alem a verde Inglaterra e Londres e a Torre. A visão perturbou-me menos do que o teria feito no passado. Homens, que eu conhecia e nos quaes confiava, deviam ir como passageiros nesse navio e com elles um que eu conhecia e em quem não confiava. E se

no fim da viagem eu via a Torre, via também Sua Graça, o Duque de Buckingham. Onde eu punha meu odio el e punha o seu e era agora bastante poderoso para desfechar o golpe.

Ouyi um rumor fóra da porta e a voz de Rolfe fallando ao carcereiro. Impaciente por vel-o entrar, corri para a porta; mas quando esta se abriu elle não se moveu para transpol-a.

— Não entro — disse com um aspecto, que procurou conservar sizudo — Vim apenas trazer alguém.

Ao dizel-o recuou e outra pessoa, sahindo da meia luz por traz d'elle, transpoz o limiar. Era uma mulher envolvia numa capa e capuz. A porta cerrou-se apoz ella e ficamos a sós.

Alem da capa e capuz trazia uma mascara de viagem.

— Sabeis quem sou? — perguntou, quando tinha permanecido assim envolta por um longo minuto, durante o qual eu não achára expressões para lhe dar as boas vindas.

— Sei — respondi, — A princeza do conto de fadas.

Libertou os cabellos escuros do capuz e, abrindo o fecho da capa, deixou-a cahir ao chão...

— Quereis que tire a mascara? — perguntou com um suspiro — A' lé, senhor, que prefiro conservar este pedaço de seda entre vossos olhos e meu rubor. Terei eu de ser sempre quem se deva adiantar? Não me considerais como em demais desembaraçada? Ao fallar tinha as mãos alvas occupadas com os atilhos da mascara — O nó está muito apertado — murmurou, com um risinho tremulo e respiração interrompida.

Desatei-lhe as litas.

— Posso sentar-me? — disse supplicante mas com suave alegria nos olhos — Não estou ainda inteiramente forte. O coração... não sabeis que dôr ás vezes sinto no coração. Faz-me chorar noites inteiras... quando ninguem está perto.

Havia um banco de encosto debaixo da janella. Levei-a para ahi e sentou-se.

— Deveis ficar sabendo que estou passeando no jardim do Governador e que ha apenas uma estrada entre elle e a cadeia.

Tinha os olhos baixos e as faces de puras rosas.

— Quando começastes a amar-me? — inqueri.

— Lady Wyatt deve ter advinhado por que razão messér Rolfe foi o unico que não foi á caçada de urso e preferiu acompanhar-nos ao jardim. Disse-me que o ar estava frio, trouxe-me sua mascara e, de seu motu proprio, foi para dentro da casa bordar um Samsão nos braços de Dalila.

— Foi aqui em Jamestown ou foi quando naufragamos pela primeira vez? Ou na ilha do monte côr de rosa, quando escrevestes meu nome na areia ou?...

— O Jorge deve fazer-se á vela em trez dias e afinal temos de ser levados de volta para a Inglaterra. Mas isso agora não me assusta.

— Em toda a minha vida só uma vez vos beijei — disse eu.

As rosas ganharam mais côr e em seus olhos havia sorrisos por cima de lagrymas.

— Sois um cavalheiro resolutu — disse ella — Se estaes decidido a fazer o que quereis não sei se eu... se eu... poderei impedir-vos. Nem mesmo sei se vos quero impedir.

Fóra o vento soprava rijo, o sol luzia e as risadas, que vinham de alem do forte, eram muito distantes e apagadas para nos despertar. O mundo nos esquecerá e não queriamos mal ao mundo por isso. Parecia não haver muito o que dizer: creio que nos achavamos demaziados felizes para fallar. Ajoelhei-me a seu lado e ella poz as mãos nas minhas. Uma ou outra vez proferimos algumas palavras. Em sua vida curta e isolada e na minha mais longa, aspera e accidentada, houvera pouca ternura, pouca felicidade. Em seu passado para os que a cercavam parecia vivaz e jovial; eu fóra um camarada de quem os homens gostavam, pois tanto podia gracejar como combater. Agora eramos felizes mas não estavamos alegres. Cada um tinha do outro muita compaixão; cada um sabia que, apesar de sorrirmos hoje, o gemido e a lagryma podiam ser o quinhão de amanhã; a luz do sol ao redor de nós era de ouro puro, mas que as nuvens estavam subindo conheciamos perfeitamente.

— Breve tenho de me ir embora — disse ella afinal — E' uma entrevista furtada. Não sei quando nos tornaremos a encontrar.

Levantou-se do banco e eu levantei-me com ella e ficamos juntos ao lado das grades da janella. Não havia risco de que a vissem; a rua e o largo estavam entregues ao vento e á luz do sol. Eu tinha o braço ao redor de sua cintura e ella reclinava a cabeça sobre meu peito.

— Talvez nunca mais nos torremos a encontrar — disse ella.

— O inverno está acabado — respondi — Breve as arvores estarão verdes e as flôres abertas. Não. Não posso acreditar que nossa primavera não tenha verão.

Tirou do peito uma flôrsinha, que alli pregára. Parecia uma estrella de purpura na concha de sua mão.

— Cresceu ao sol. E' a primeira flôr da primavera. Levou-a aos labios e depois pôl-a no peitoril da janella ao lado de minha mão. Trouxe-vos presentes mafeicos, — inimigos, lutas e perigos. Aceitais esta flôrsinha côr de purpura e com ella todo o meu coração?

Curvei-me e beijei primeiro a pequenina flôr, e depois os labios, que a tinham offerecido.

— Estou muito rico — disse eu.

O sol estava então baixo e os pinheiros do



TAL PARA QUAL

— Tuas notas de aula da ultima semana, não são lá grande cousa...

— Os artigos dos jornaes sobre sua ultima exposição também não são muito amaveis...

largo e a columna do pelourinho estendiam compridas sombras. O vento cahira e os rumores tinham morrido. O silencio parecia completo. Nada se movia a não serem as sombras a dilatarem-se, até que um bando de pequenos passaros de peito branco atravessou por diante da janella.

— A neve desapareceu — disse eu — Os passarinhos da neve emigram para o Norte.

— O matto breve estará verde — murmurou esperançada — Ah, se pudéssemos de novo atravessal-o, de volta a Weyanoke!...

— De volta á casa — disse eu.

— A nossa casa, — repetiu ella como um echo suave.

Bateram baixo a porta por traz de nós.

— E' o signal de messér Rolfe — disse ella — Não devo demorar-me mais. Dizei-me que me amais e deixai-me ir.

Puxei-a para mais perto de mim e premi os labios sobre sua cabeça baixa.

— Não sabeis que vos amo? — perguntei.

— Sei — respondeu — Tive disso tantas provas! Dizei-me que acreditaes que Deus será bondoso para conosco. Dizei-me que ainda havemos de ser felizes; pois, oh, tenho hoje o coração presago!

A voz se lhe embargou e ficou a tremer em meus braços com o rosto escondido.

— Se o verão nunca surgir para nós... — disse baixinho. — Adeus meu namorado e meu esposo. Se vos trouxe a ruina e a morte, trouxe-vos tambem um amor, que é immenso, Perdoai-me, beijai-me e deixai-me ir embora.

— Tu és minha muito amada e honrada esposa, — disse eu — Meu coração presagia verão, alegria, paz em nosso lar.

Beijamo-nos solennemente, como os que se partem para uma viagem ou para a guerra.

Não disse uma palavra a Rolfe, quando a porta se abriu e ella a transpoz com a capa a cobrir-lhe o rosto, mas apertamos as mãos e cada qual reconheceu no outro um amigo verdadeiro. Tinham sahido e o carcereiro cerrou e fechou a porta por trás d'elles. Pela minha parte voltei para o banco por baixo da janella e, cahindo de joelhos, junto d'elle, escondi o rosto em meus braços.

CAPITULO VIII

NO QUAL CUMPRO A PROMESSA DE UM ENCONTRO

O sol occultou-se por traz da floresta côr de sangue, tingindo o rio de sua côr. O colorido da tarde desmaiou e a noite desceu, uma noite sem vento e estrellas sem numero. Na lareira ardia o fogo. Sahi da janella e fui sentar-me junto da lareira.

Fiquei alli sentado muito tempo. Ficou tarde e todos os ruidos da cidade se amorteceram; apenas a intervallos a voz da sentinella chegava-me aos ouvidos. Diccon occupava a mesma quadra que eu; estava deitado completamente vestido em um catre no canto mais afastado da sala, mas se dormia ou não, não lhe perguntei. Elle e eu nunca desperdiçáramos palavras; desde que o accasonos tornára a juntar, só fallavamos quando a situação o exigia.

Deviam ser cerca de dez horas, quando, com mais alguma cautela e menos ruido do que de costume, a chave rangeu na fechadura; a porta abriu-se e o carcereiro entrou, fechando-a sem ruido apoz si. Não havia razão para que se intromettesse em minha prisão depois do anoitecer e olhei para elle com o sobr'olho carregado e com impaciencia, que logo se transformou em curiosidade.

Começou a mover-se de uma para outra parte da quadra, simulando ir ver se havia agua na bilha ao lado da minha cama, se a palha debaixo da coberta era fresca, se as barras da janella estavam seguras e terminou approximando-se da lareira e enchendo-a de lenha. O fogo atecu-se brilhante, e á luz forte e vermelha abriu a mão meio fechada e mostrou-me duas peças de curo e debaixo d'ellas um

papel dobrado. Olhei para seus olhos furtivos, mas conservou-os indecifráveis como uma parede branca. A mão tornou a fechar-se-lhe sobre o thesouro, que encerrava e voltou-se como para sahir da sala. Tirei do bolso um «nobre», uma das moedas de ouro do punhado que Rolfe me trouxera e, curvando-me, fil-a gyrar sobre si na lareira, á luz vermelha do fogo. O carcereiro olhou para a moeda de soslaio, mas continuou na direcção da porta. Tirei do bolso uma companheira, fil-a tambem gyrar e depois recostei-me á mesa.

— Sahem á caça aos pares — disse eu — Não haverá terceira.

Tinha-lhes em cima o pé antes que acabassem de gyrar. Um momento depois tinha beijado as duas peças já em seu poder. Estendi a mão para o papel e deu-m'o de má vontade, com estudado vagar no gesto. Desejaria ficar a meu lado emquanto eu lia, mas fil-o com firmeza arredar-se; então abaixando-me diante do fogo por amor da luz, abri o papel. Estava escripto numa lettra delicada de mulher e dizia assim: «Se me amaes, vinde ter commigo immediatamente. Vinde sem detença á cabana deserta no isthmo, no ponto mais perto da floresta. Como me amais e sois meu cavalheiro, vinde ao meu encontro. — Em angustia e perigo. — Vossa esposa.»

Dobrado conjuntamente com o bilhete havia outro papel com uma linha por lettra do commandante e com a sua assignatura: «O portador pode sahir para fóra das trincheiras á vontade».

Tornei a ler o primeiro papel, tornei a dobral-o e puz-me de pé.

— Quem trouxe isto, homem? — perguntei. Sua resposta foi prompta:

— Um dos criados do Governador. Disse que não havia mal na carta e que o ouro era bom.

— Quando foi isso?

— Agora mesmo. Não, não conheci o homem. Não vi meio de descobrir se mentia ou não.

Tirando outra peça de ouro pul-a sobre a mesa. Deitou-lhe olhos cubiçosos, esgueirando-se aos poucos para perto.

— Para deixares a porta aberta, — disse eu.

Os olhos apertaram-se-lhes e humedeceu os beiços, dançando de um para outro pé.

Puz na mesa outra peça.

— Para abrires a porta de fóra — prosegui.

Tornou a humedecer os beiços, teve na garganta um scm inarticulado e afinal prorompeu:

— O commandante pregar-me-ha as orelhas no pelourinho.

— Podeis fechar as portas depois que eu sahir e ignorar tudo quanto quizerdes de manhã.

— Lá isso é verdade, — concordou e quiz arrecadar as moedas.

Forrei-as ao seu alcance.

— Ganhai-as primeiro — disse seccamente — procurai-as na base do pelourinho d'aqui a uma hora e haveis de encontral-as. Não vos pagarei do lado de dentro das portas.

Mordeu os beiços e olhou para o soalho.

— Sois cavalheiro — rosnou por fim. — Creio que posso confiar em vós.

— Creio que podeis.

Apanhando a lanterna voltou-se para a porta.

— Está ficando tarde, disse com a mais estúpida pretenção de fingir innocente somnolencia. Vou metter-me na cama, Eôa noite!

Sahiu e a porta ficou aberta. Eu podia sahir d'aquella prisão como de minha propria casa em Weyanoke. Estava livre; mas devia usar da minha liberdade? Voltando para junto da luz do fogo, desdobrei o papel e contemplei-o, revolvendo seu conteudo em minha mente. Examinei a lettra: só uma vez lhe vira a escripta e d'essa vez tinha sido feita com uma concha sobre a areia. Não podia julgar se a lettra era a mesma. Teria o papel vindo realmente d'ella? Não tinha vindo? Se na verdade era um recado de minha mulher, que teria succe-

dido em poucas horas desde que nos separámos? Se era a mentira de algum falsificador, que laço estava armado, que cilada estava preparada? Puz-me a passear de um para outro lado da quadra e procurei reflectir. A estranheza de tudo isso, a escolha de uma cabana isolada e distante, para lugar de encontro, o passe dado por um official juramentado da Companhia, certas cousas que ouvira nesse dia... Um laço... e cahir nelle com os olhos abertos... «se me amaes. Como sois meu cavalheiro, vinde a meu encontro. — Em angustia e perigo...» Succedesse o que succedesse havia alli um risco que eu não devia correr.

Não tinha armas que tomar nem preparações a fazer. Juntando as moedas do carcereiro dirigi-me para a porta, abri-a e ao sahir, tel-a-hia fechado mansamente apoz mim, se uma perna mettida numa bota e enfiada pela abertura não m'o vedasse.

— Vou comvosco — disse Diccon em tom cauteloso — Se procurardes prohibir-me acordarei toda a casa. Tinha a cabeça para traz do modo antigo; o velho aspecto de demonio desentreado transparecia-lhe no rosto.

— Não sei por que ides — declarou — mas haverá por força perigo.

— Segundo minha opinião estou caminhando para uma cilada — disse eu.

— Então essa apanhará dous em vez de um — respondeu obstinado.

A este tempo atravessára a porta e não trazia sombra de resistencia em seu rosto tisonado e resolutivo. Conhecia o homem e não desperdicei palavras. Havia muito que parecia cada vez mais natural que na hora do perigo nos encontrasse um ao lado do outro.

Quando a porta da sala alumiada fechou-se, a prisão ficou na escuridão a mais completa. Estava tudo quieto: os outros poucos occupantes da casa dormiam profundamente; o carcereiro estava em alguma outra parte do edificio a sonhar de olhos abertos. Palpamos o caminho pelo corredor até á escada, descemol-a sem ruido e achamos a porta da rua sem cadeado e sem barra.

Depois que deixei as moedas no sopé do pelourinho, atravessamos apressados o largo, receiosos de que a ronda nos encontrasse e tomamos a primeira vereda, que descia para a trincheira. Debaixo das estrellas scintillantes a cidade jazia mergulhada em somno. O ar estava frio, mas extraordinariamente claro e tranquillo. A intervallos latia um cão ou uivavam os lobos na floresta da outra banda do rio. Seguimos a sombra das casas e das arvores e caminhamos com a presteza, silencio e cautela de indios.

A ultima casa que deviamos passar antes de chegar á trincheira, era propriedade de Rolfe, que nella parava quando negocios o traziam a Jamestown. Essa casa e algumas dependencias d'ella, mais baixas estavam tão escuras como os cedros no meio dos

quaes se achavam e silenciosas como sepulturas. Rolfe e o indio seu irmão estariam alli dormindo emquanto eu estava fóra parado. Não poderia ter sido Rolfe quem teria peitado o carcereiro e obtido de West o passe? Não poderia tudo estar direito afinal? Tive grande tentação de acordar a casa silenciosa e perguntar se dentro estava o dono. Não o fiz. Havia alli criados, far-se-hia ruido e o tempo, que podia ser mais precioso do que o sangue das veias corria apressado. Prosegui e Diccon acompanhou-me.

Havia uma cabana construida quasi encostada a trincheira e ahi um homem devia estar vigilante emquanto outro dormisse. Nessa noite achamos ambos a dormirem. Sacudi o mais moço até pôr-se de pé e reprehendi-o severamente por sua negligencia. Escutou-me com aspecto estúpido e leu estupidamente á luz da lanterna, o passe que lhe mostrei. Cambaleando e estremunhado de somno, poz-se a mexer no ferrolho do portão, por uns trez minutos antes que a pesada madeira rodasse afinal nos gonzos.

— Está direito — tartamudeou com voz pesada — o passe do commandante. Bôa noite a vós todos trez!

— Estais bebedo ou narcotizado? — perguntei. — Somos apenas dous. Não é o somno que vos perturba. Que é?

Não deu resposta, mas ficou de pé segurando o portão aberto e piscando para nós com os olhos baços. Sofria de alguma cousa além de somno; podia muito bem ter sido narcotizado. Quando nos haviamos alastado do portão algumas jardas ouvimos-o repetir no mesmo tom de voz: "Bôa noite a vós todos trez" depois o portão rangeu ao fechar-se e ouvimos pôr-lhe a barra.

Fôra da trincheira corria um espaço de terra desoccupado, coberto de brejos e capoeira apertando-se até á nesga de areia, com arbustos que ligavam a península á floresta, e aqui e alli nesse terreno inculto havia uma ou outra casinha, habitada pela gente mais pobre. Estavam todas ás escuras. Deixamolas atraz e achamo-nos no isthmo com o desolado murmurar do rio e uma e outra parte e em nossa frente a funda escuridão da floresta. De repente Diccon parou e voltou a cabeça.

— Ouvi agora alguma cousa — murmurou. — Olhai senhor!

As estrellas alumiavam vagamente a estrada



de la faine

— Os visinhos ahi de baixo mandam dizer que o patrão morreu agora mesmo.
— E que tem isso? Se elle ainda estivesse vivo eu comprehendiera que sa dansas o incommodassem, mas se já morreu!

calcada e recalçada pelos pés de quantos iam e vinham. Nessa estrada alguma cousa se encaminhava para nós. Alguma cousa baixa e escura, que se movia, nem depressa nem de vagar, mas com passo medido e continuo.

— Uma panthera ! — disse Diccon.

Observamos o animal com mais curiosidade do que susto. A menos que fossem acuados ou estivessem com fome, ou sem razão irritados, esses grandes animaes felinos eram bem medrosos. Difficilmente atacar-nos-hiam aos dous. Veiu cada vez mais perto sem mostrar signaes de raiva ou de medo, sem dar attenção ao galho secco com que Diccon procurava espantal-a. Quando estava tão perto, que lhe podiamos ver o peito branco par-u, olhando para nós com os seus olhos grandes e firmes, abanando levemente com a cauda de um para outro lado.

— E' uma panthera domesticada. — disse Diccon. — Deve ser a que Nantaquas amansou, senhor. Deve tel-a guardado em algum lugar perto da casa de messer Rolfe.

— E ouviu-nos e acompanhou-nos para fóra do portão — disse eu. — Foi o terceiro a quem se referiu o guarda.

Proseguimos e a fera seguiu-nos os calcanhares, mas não nos arreceivamos d'ella.

Pela minha parte começára a pensar que uma panthera seria o animal menos formidavel que encontraria essa noite. Nesse momento tinha muito pouca esperanza — ou receio — de achar Jocelyna ao cabo de nossa sortida. Como poderia ella estar alli ? E se não era ella, quem seria ?

A cabana a que me chamavam, levantava-se em um angulo formado pelo isthmo e a ribanceira principal do rio. A um lado d'ella estava a agua e do outro o matto denso. O lugar tinha má fama e ninguem vivera alli desde que o lavrador, que construiu a cabana, se enforcára na viga da porta. A cabana estava em ruinas ; no verão, hervas daminhas cresciam-lhe em derredor e cobras venenosas escondiam-se-lhe debaixo do soalho podre.

Nessa noite a porta estava cerrada e as janellas de algum modo tapadas. Mas os intersticios dos madeiros filtravam luz vermelha ; a cabana estava por dentro alumada ; e alguém esperava alguém.

A quietude era de morte. Não era silencio, pois o rio murmurava entre os canhões e, distante, na floresta trevosa, alguma fera nocturna ululava ; mas dir-se-hia uma pausa da natureza, uma suspensão da respiração da terra, uma expectativa de horror. A porta, empenada e encolhida, estava cerrada, mas não fechada, como pude ver pela linha ininterrupta de luz vermelha a um lado de alto a baixo. Sem ruido puz nella a mão, empurrei-a um pouco e olhei para dentro da cabana.

Suppuzera achal-a vasia ou apinhada de gente. Não estava nem vasia nem cheia.

Um brandão a alumava e na lareira ardia o fogo. Puxada para defronte da chamma havia uma velha cadeira tosca e nella sentada havia uma figura esguia, coberta da cabeça aos pés por uma capa preta. Tinha a cabeça baixa e escondida e toda a sua attitude era de languidez e tristeza. Quando olhei para ella soltou um suspiro longo e tremulo e a cabeça inclinou-se-lhe cada vez mais baixo, como se em crescente estado de desanimo.

A mudança de sentimentos foi tamanha que por um instante fiquei atordoado como se recebera uma subita pancada. Tinha havido tempo, desde que sahimos da cadeia para bastantes conjecturas insensatas e entontecedoras acerca do que iria encontrar nessa cabana ; e agora a figura esbelta perto do fogo, a singular melancolia de sua cabeça pendida, as lagrymas que lhe podia adivinhar, despertaram-me uma só ideia — consolal-a o mais breve que me fosse possivel. A mão de Diccon tocava-me no braço, mas repelli-a e, empurrando a porta, atravessei o soalho desigual e movediço até perto do fogo e inclinei-me sobre a forma desolada junto á lareira.

— Jocelyna — disse-lhe — vim ao teu encontro.

Ao fallar puz a mão sobre a cabeça pendida e coberta. A cabeça ergueu-se, a capa a descobriu e olhou-me nos olhos. Era o Italiano.

Como se fóra o olhar da Gorgona, transmudei-me em pedra. Para os olhos embaçados, para o sorriso, que teria sido de motejo se não fosse tão apagado, para a pallidez, para a malignidade, olhei espantado e o coração se me tornou gelado e mudo.

Foi obra de um momento ; um grito de aviso de Diccon despertou-me. Saltei para traz até que a largura da lareira marcou a distancia entre mim e o Italiano ; voltei-me então e achei-me face a face com o ex-valido do rei. Por traz delle havia uma porta aberta, que dizia para um pequeno compartimento interno, lrouxamente alumado. Ficou de pé a olhar para mim com insolencia e gesto de triumpho intoleraveis. Tinha na mão a espada desembainhada, o punho de pedraria esplendida á luz do togo e no rosto moreno e soberbo havia um sorriso provocador. Correspondi-lhe com outro igualmente resolute, mas não proteri palavra bôa ou má. Na camara do "Jorge" jurára a mim mesmo que d'alli em diante minha espada tallaria por mim a este homem.

— Viestes — disse elle — Imaginei que virieis.

Olhei ao redor na cabana, procurando uma arma. Nada vendo mais promettedor que o grosso brandão meio consumido, saltei para elle e arranquei-o do terro que o segurava. Diccon apanhou um pedaço de ferro enferrujado da lareira e ambos entretámos a espada desembainhada de milord, e uma adaga pequena, aguda e de forma extranha que o Italiano tirára de uma bainha de velludo.

Milord deu uma risada, lendo meu pensamento.

— Estais enganado — declarou calmamente. —

Fico satisfeito ao ver que o capitão Percy reconhece que não tenho receio de bater-me com elle. D'esta vez jogo para ganhar. Voltando-se para a porta de fóra ergueu a mão com um gesto de mando.

Em um instante a sala encheu-se. Pelas figuras vermelhas e queimadas, apenas vestidas de tangas e cocares, pelas caras impassiveis listradas de preto e pelos olhos crueis, fiquei sabendo por que messer Eduardo Sharpless tinha ido á floresta e que serviços tinham sido pagos com o copo de prata. Os Paspahghs e eu eramos velhos inimigos ; indubitavelmente achariam sua tarefa agradável.

— Meus proprios bandidos tinham sido arredados ; mandaram-nos para a terra na "Santa The-reza", disse milord com o mesmo sorriso. Ainda não estou tão pobre que não possa arranjar outros. E' verdade que Nicolo poderia ter feito a cousa ainda agora quando vos curvastes para elle tão amoroso e lhe fallastes tão meigo ; mas o rio poderia restituir-vos o cadaver para contar extranhas cousas. Disseram-me que os indios têm melhores traças e não deixam em parte alguma taes testemunhas.

Antes que essas palavras lhe tivessem de todo sahido da bocca, eu saltára-lhe em cima, e agarrára-o pelo punho, que segurava a espada e pela garganta Lutou por libertar a mão e desvencilhar-se de mim ; atracados lutamos para frente e para traz no meio do que parecia immenso clarão e ruido assombroso de catadupa. Mãos vermelhas me procuraram, facas agudas estavam sedentas de meu sangue ; mas tão rapido volteavamos e nos torciamos, ora elle por cima, ora eu, que pelo receio de desferir um golpe errado, mãos e facas não podiam ser muito ousadas. Ouvi Diccon combatendo e conheci que no dia seguinte haveria prantos e lamentos entre as mulheres dos Paspahghs. Com todo o seu vigor milord esforçou-se por envergar a espada contra meu corpo, e afinal conseguiu cortar-me no braço, fazendo-me correr abundante o sangue. Fez uma poça no soalho e de uma vez meu pé nella escorregou. Vacillei e quasi fui ao chão.

Dous dos Paspahghs estavam para sempre calados. Diccon tinha a faca do primeiro que derribára e estava vermelha.

(Continúa no proximo numero)

PARA SALVAR O PRESTIGIO

Decididamente as crianças de hoje são terríveis!... Aos poucos meses de idade já sabem tudo, fallam tudo, correm... e jogam foot-ball. Mas isso nada é quando não se mettem a discutir com seus pais e no final levam a melhor. Para evitar que isso continue deveria existir um manual, que contivesse informações uteis aos pais e mãis, que desejam conservar seu prestigio ante os pequeninos despotas, que são os filhos.

Devia ser de pequeno formato e facilmente dissimulavel em qualquer bolso. Este arsenal portatil seria a salvação do pai imprevidente quando o jovem inquisidor exigisse uma explicação teme-

rosa como aconteceu ha pouco com um conhecido escriptor. Com a simplicidade natural de sua e-



COSTUMES EUROPEUS — Duas elegantes no bar do Cassino de Deauville, antes do banho.



COMO UM PASSARO! — Curioso instantaneo de miss Angela Klenees, campeã de nataçao de New Port (Estados Unidos) aos 14 annos. A photographia mostra-a saltando da altura de 6 metros ao mar.

de e com caricia, fez o pequeno esta embaraçosa pergunta:

— Papai, onde fica Olonetz?

— Oh! Bravo! — exclamou o pai. — Estou muito contente por ver que você está se interessando por Geographia. — Vá dizer a sua mãe que lhe dê uns biscoitos.

O pequeno saiu correndo e, aproveitando esse pequeno intervalo, o pai, subtil e avisado, consultou o Larousse. Quando o petiz voltou elle disse negligentemente:

— Você me perguntou ha pouco, onde fica Olonetz? E' uma cidade do norte da Russia, muito pequenina, com 2.000 habitantes, entre a Finlandia e o lago Ladoga.

Depois de alguns dias d'este systema, a reputação do pai perante o filho será comparavel a do celebre Pico de Mirandola.

E' sempre bom esconder o «mestre».



ESPEREM PELA PAZ! — Novo typo de canhão norte-americano. Pesa 66.400 kilos e atira projectis com peso de 1.053 kilos a 32 kilometros de distancia.

O EUCALYPTUS E AS ABELHAS

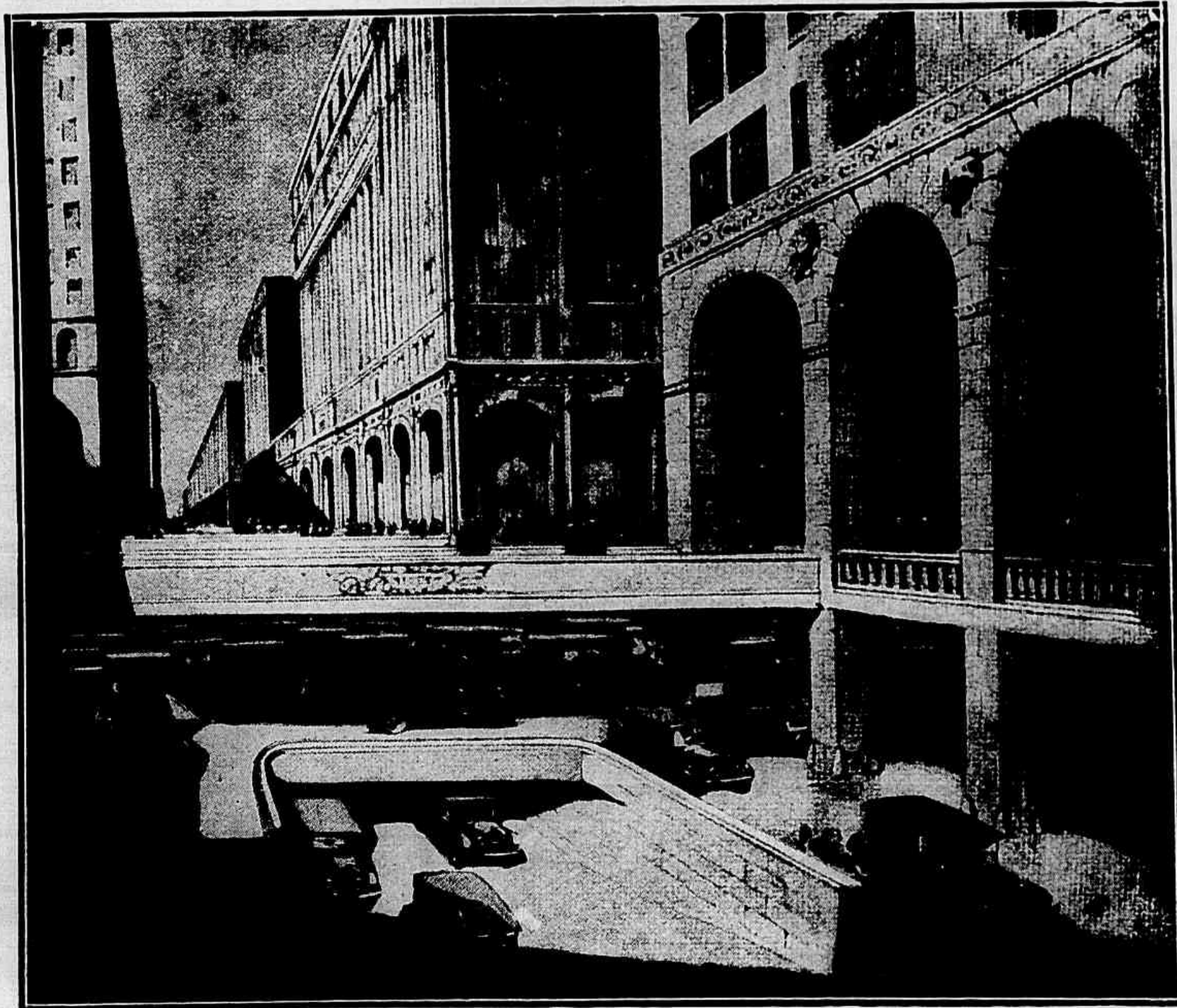
Como se não bastassem os variados productos subministrados pelas muito diversas especies d'este importante genero vegetal, de dia para dia, descobrem-se novas applicações para essa planta.

Difficilmente se encontrará uma planta, que possa ser tão completamente utilizada como o eucalyptus.

Alem de proporcionar uma das melhores madeiras do mundo, sua casca, muito rica em quino-tannino é muito estimada como anti-febrifuga e suas folhas contêm grande quantidade de oleos essenciaes, com variadas applicações na industria.

Restava encontrar applicação para suas flôres; estas são hoje consideradas um dos melhores alimentos para as abelhas.

O eucalyptus, alem de florescer abundantemente, tem a vantagem de cobrir-se com flôres na epocha em que nenhuma outra planta as possui no inverno europeu.



O PROBLEMA DA CIRCULAÇÃO NAS GRANDES CIDADES. — Solução proposta pelo engenheiro inglez Sr. Harvey Wiley Corbett. Passeios e passadiço na altura do 1º andar e galerias subterraneas com rampas para os vehiculos.

UM ARTISTA MORRE QUANDO REPRESENTAVA

Um actor comico inglez, John O'Halloran, de 40 annos de idade, morreu subitamente, no dia 4 de Abril ultimo, quando representava em um "music-hall" de Northampton, em circunstancias tragicas.

John O'Halloran interpretava com um seu irmão uma scena de embriaguez. Preparava-se para desenvolver uma garrafa de champagne quando cahiu. Os espectadores applaudiram, divertidos com essa scena realista. Mas, como o artista não se erguia mais, o director suspeitou de que se passasse alguma cousa de anormal e fez baixar o panno. Transportaram O'Halloran para seu camarim, onde um medico, logo chamado, verificou que elle deixára de existir.

A direcção do theatro fez immediatamente seguir outro "numero" e o publico só no dia seguinte soube pelos jornaes que um verdadeiro drama tivera logar no palco.

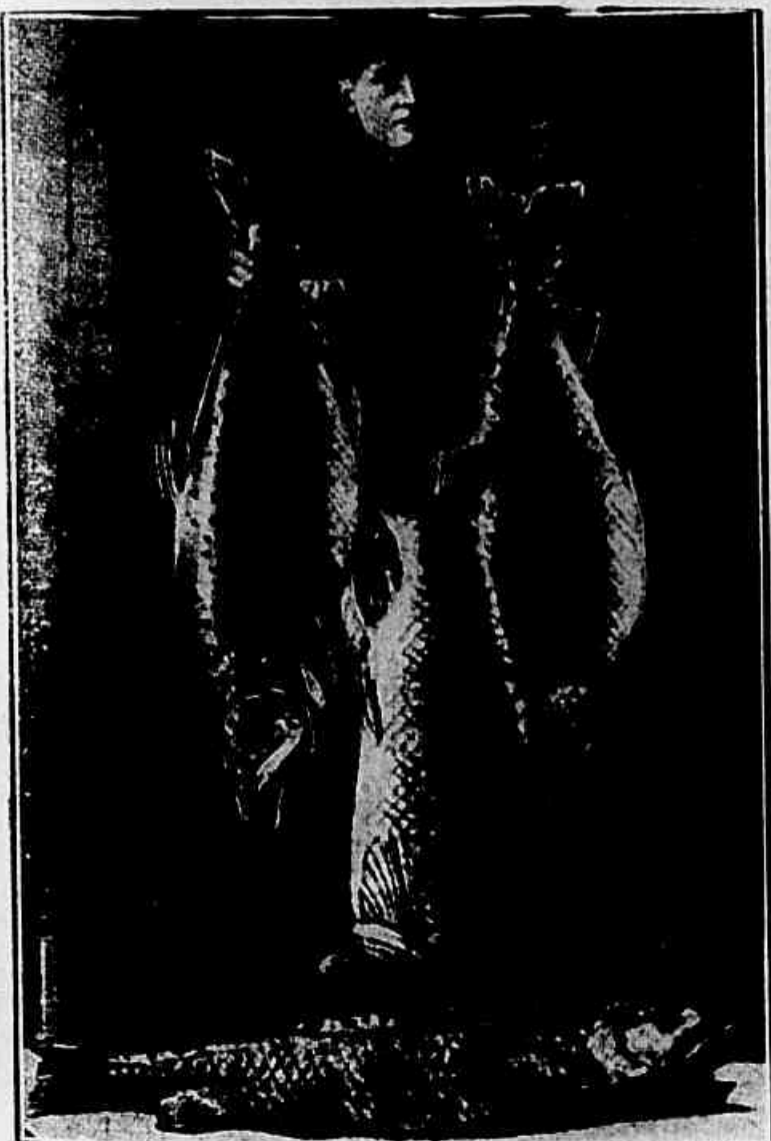
OS RAIOS ULTRA-VIOLETA CURAM UM MAL TERRIVEL

O Dr. Maximo Menard, o heroico chefe do serviço radiologico do hospital de Cochim e seu assistente o Dr. Foubert, em uma "memoria" apresentada á Aca-

demia de Sciencias de Paris pelo professor d'Arsonval, participam os resultados surprehendedentes, por elles obtidos no tratamento dos trajectos fistulosos por meio dos raios ultra-violeta.

Quer estas affecções sejam consecutivas a uma carie ossea, ou á suppressão de gangliões, ou ainda a operações chirurgicas, são radicalmente cicatrisadas depois de uma exposição relativamente curta aos raios ultra-violeta. Trajectos fistulosos que datavam de seis mezes a dous annos foram reduzidos em quatro horas e mesmo em uma hora e meia.

Uma fistula da bexiga foi completamente reduzida depois de um tratamento cuja duração total foi de duas a trez horas.



A PESCARIA MIRACULOSA — Quatro trutas gigantes apanhadas no lago Alpabarca, no Canadá. São as maiores até hoje conhecidas e pesavam 94 kilos.



Florenz Tamara, dansarina do Kenichabocker Theatre, de New York.

Diversas photographias de doentes antes e depois do tratamento não deixam a menor duvida sobre sua effi-cacia.

Os Drs. Menard e Foubert fazem notar que esta acção benefica dos raios ultra-violeta se manifesta de modo incontestavel em casos até hoje considerados incuraveis.

Quanto ao mecanismo d'este novo methodo therapeutico, acha-se ainda indeterminado; por em-

quanto, verificam-se seus bons efeitos mas não se sabe explicar como e por que os raios ultra-violeta (que, ao contrario dos raios x, não atravessam a pelle) podem agir com tanta effi-ciencia em profundidade.

"De resto, concluem os illustres medicos, tambem não se pode explicar porque é que o chloroformio nos adormece..."



A CURIOSIDADE DE UM URSO — Ouvindo um jazz-band por telephone sem fio, um pequeno urso do Jardim Zoologico de Londres não tardou a comprehender que o som vinha do aparelho e foi observal-o de perto.

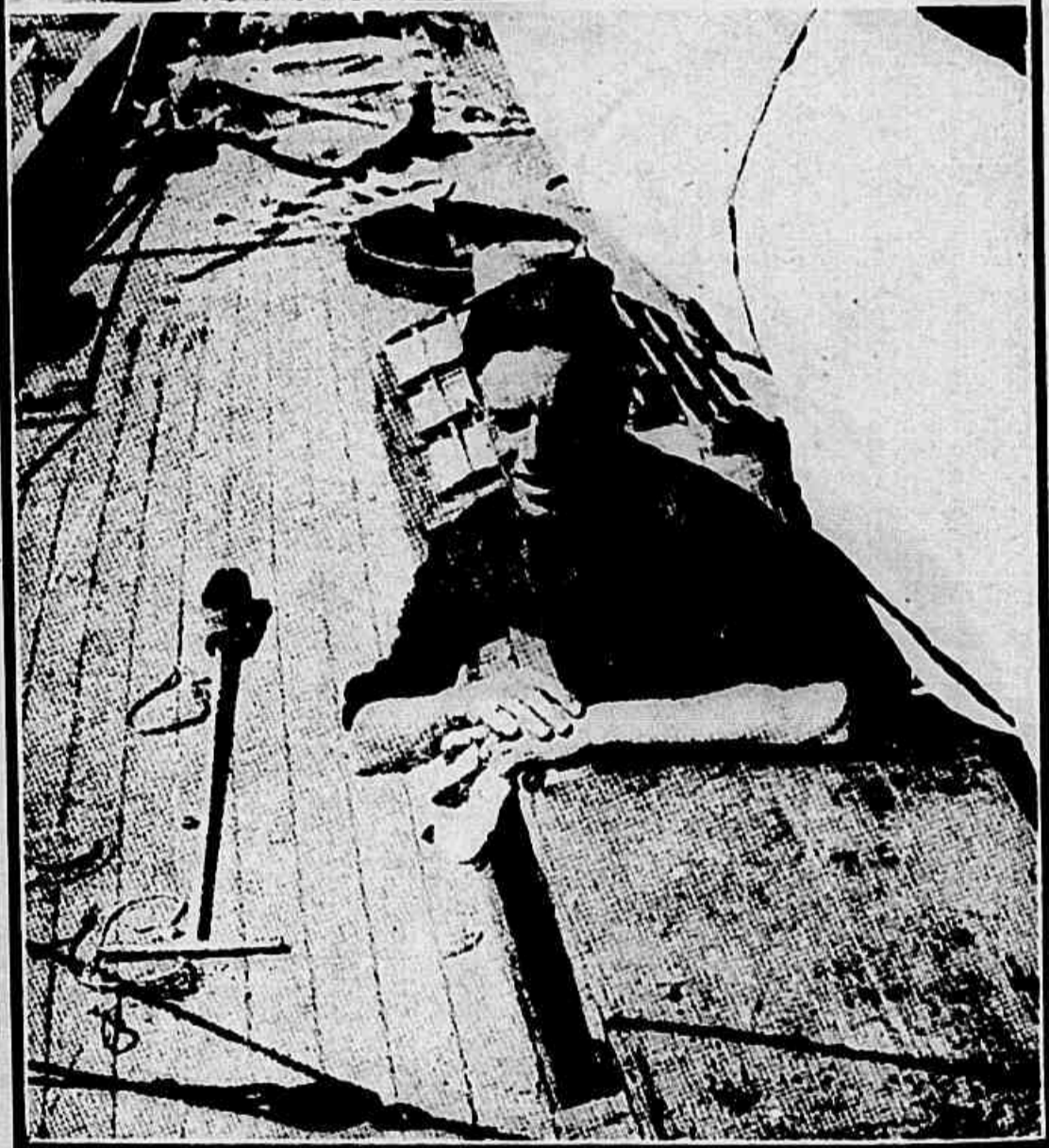
TRAVESSIA HEROICA



Alain Gerbault com seu barco, no porto de New York.

A P-**ZAR** da telegraphia sem fio, dos gigantescos navios e dos "pulman-cars", o espirito aventureiro não morreu no coração dos homens. São muitos os que ás commodidades e á promiscuidade dos grandes transatlanticos preferem o isolamento e a calma de um simples e modesto veleiro. Se restassem no mundo continentes por descobrir é provavel que não faltassem novos Colombos, Magalhães, La Perousses e Cooks, para renovar os heroicos feitos de seus maiores.

Não podendo emprehender novos descobrimentos, caracteres energicos e independentes contentam-se com



1 — Gerbault pisando o cões de New York apoz 102 dias de mar. 2 — Gerbault na entrada de sua cabine.

percorrer os oceanos ao sabor de sua fantazia e, de preferencia, sobre frageis esquifes, que parecem mais apropriados para navegar ao longo das costas do que para affrontar os perigos do alto mar.

Entre esses intrepidos capitães contam-se o famoso Slocum, que, sobre um velho slop "spray" (Espuma do Mar) partiu de Boston, absolutamente só, a 24 de Abril de 1895 e só regressou a 21 de Junho de 1898, depois de haver percorrido 46.000 milhas maritimas ou sejam 80.000 kilometros.

Em 1907, o "Sem Igual", um barco pilotado sómente por seu patrão, foi de New-York a Southampton em quarenta e trez dias, o que provou, pelo menos, que ainda existem pessôas de sorte.

Em 1908, trez pequenos barcos, o "Little Western", o "Nautilus" e o "Centenial" fizeram a travessia de New York á Irlanda.

Mais tarde o "Sea Serpent," conduzido por La-



DESMAIADO NO MEIO DA TEMPESTADE — Durante dous dias, Alain Gerbault, atacado por uma febre proveniente do exgottamento nervoso, delirou sósinho a bordo.

volor, ganhou o premio de 50.000 francos pela travessia do Atlantico em barco aberto.

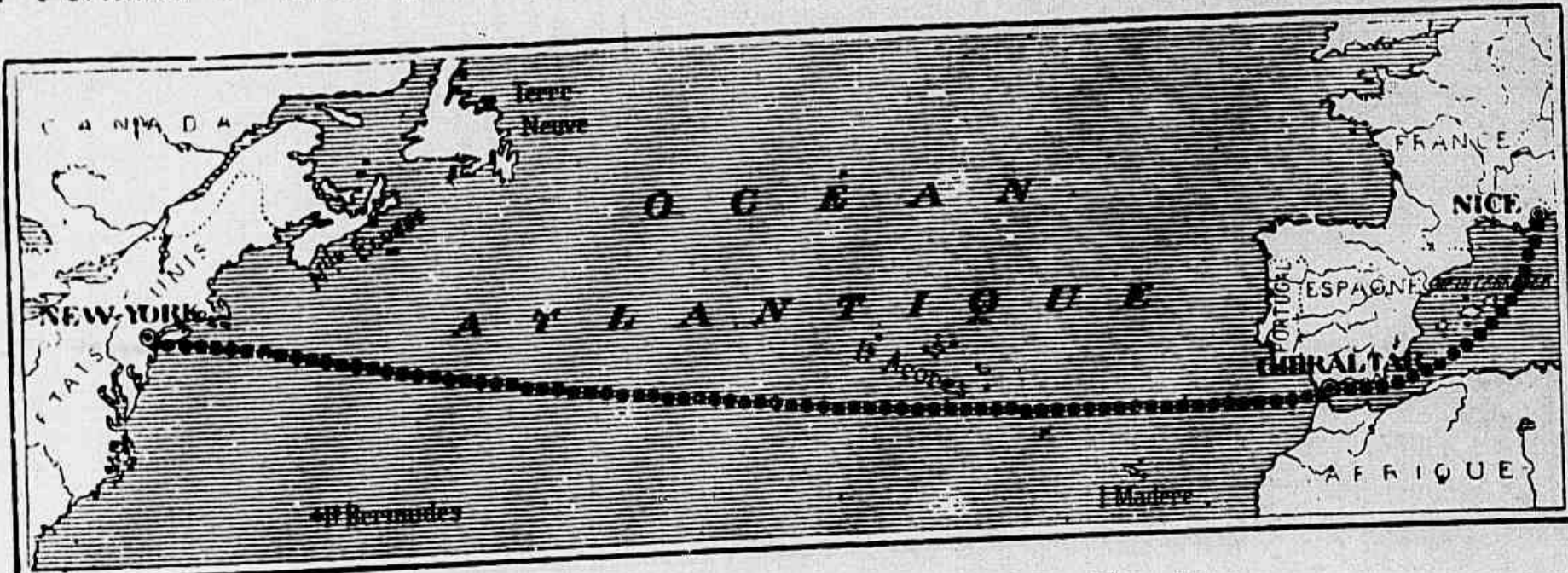
Em 1915, finalmente, o "Sir Francis", partindo de Seattle, na costa norte-americana do Pacifico, fez a volta da America pelo canal do Panamá, desembarcando afinal em Portland e tendo percorrido 25.000 milhas.

Mencionaremos igualmente a viagem do "City of Ragasa", que foi levada a cabo por dous homens, um irlandez e o outro austriaco, em uma embarcação de seis metros de comprimento e com uma helice accionada... pelos braços da tripulação.

Em sessenta e seis

dias foram de Liverpool a Boston. A façanha da travessia da Europa á America do Norte renovou-se agora, por um francez, em condições singularmente difficeis e perigosas.

A imprensa do mundo inteiro fallou em termos lisongeiros d'essa viagem realisada por Alain Gerbault



O caminho percorrido por Alain Gerbault, de Nice a New York.

em seu veleiro "Firecrest", que tem apenas 8 metros de comprimento.

O Sr. Gerbault, que serviu durante a guerra como aviador e é um campeão de tennis muito conhecido nas altas rodas, viajou pois de Nice a Gibraltar e d'alli lançou-se em pleno oceano.

Em 15 de Setembro ultimo chegou a Fort Totten, em Long Island, depois de ter feito uma travessia de cento e quarenta e dois dias, com um percurso de 5.600 milhas.

Alain Gerbault foi muito festejado pelos norte-americanos, não occultando aos jornalistas quão penosa foi a travessia.

Por trez vezes o fragil barco esteve a ponto de ser sepultado pelas gigantescas ondas do Atlantico.

Em certo ponto Gerbault, tomado de febre em consequencia da falta de somno, ficou quarenta e oito horas inconsciente no fundo do pequeno "cutter". Despertou ao contacto da agua gelada. O "Firecrest" estava a ponto de naufragar! Apesar de sua debilidade, recorreu á bomba aspirante e accionando-a, sabe Deus com que esforço, esvasiou o barco.

Continuando a viagem e faltando-lhe agua doce, Gerbault recorreu á chuva, com o auxilio de uma das

velas do barco extendida a guiza de tanque.

Finalmente teve a sorte de encontrar um vapor, que lhe ministrou agua potavel e viveres.

Alain Gerbault, apesar de todas essas peripecias, propõe-se a voltar ao mar. E acrescenta que, se se casar, continuará a navegar e que fará de sua esposa uma marinheira.

Em New-York, Gerbault foi considerado hospede dos principaes clubs que organisaram em sua honra varios matchs de tennis.

Quasi ao mesmo tempo os jornaes noticiaram outro caso tambem notavel de viagem aventureosa.

O Sr. Kussel, oriundo do Oceano Pacifico, deixou sua ilha natal em

1920 para só voltar a ella ao cabo de nove annos.

Até Agosto ultimo havia percorrido a pé 21.000 milhas inglezas, visitando a Australia, a Nova Guiné, Bornéu, Sumatra, as Ilhas Phillipinas, a Indochina, o Sião, o Imperio Indiano, o Beluchistan, a Persia, o Afghanistan, a Mesopotamia e a Syria. D'alli continuou até o Egypto e toda a Africa, onde passará um anno. Depois irá para a Europa, embarcará para a America, de onde regressará a seu paiz.

O Sr. Kussel pretende publicar uma relação d'essa interessante viagem.

Recordemos que o viajante arabe Ibn Batouta, deixando Tanger para fazer sua peregrinação a Mecca, empregou vinte e nove annos para voltar, depois de ter ido até as Indias.

Segundo o *Courrier du Livre*, eis o numero de volumes, que possuem as principaes bibliothecas do mundo:

Paris, Bibliotheca Nacional, 3.500.000 volumes; Washington, U. S. A. L. of Congress, 2.918.256 volumes; New York, Public Library, 2.637.505 volumes; Londres, British Mu-

seum Library, 2.500.000 volumes; Cambridge, Harvard University, 2.101.000 volumes; Gravenhage, Paizes Baixos, 2.000.000 de volumes; Berlim, Proussisch Staatb'liothek, 1.750.000 volumes; Munich, Bayerische Bibliothek, 1.350.000 volumes.

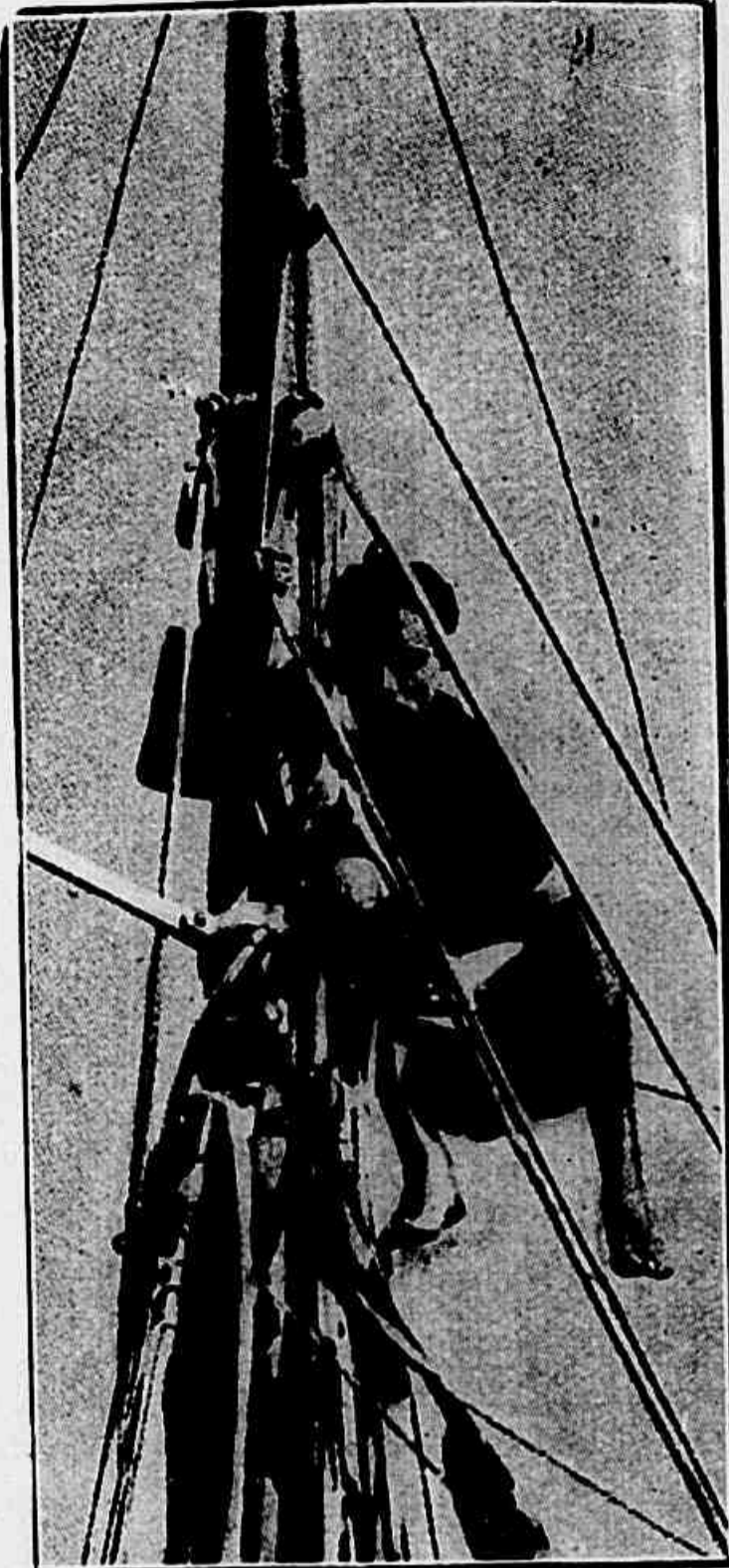
O FIM DE UMA INSTITUIÇÃO



Abdul Mejid, o ultimo califa de Constantinopla, deposto e exilado pelos republicanos turcos.



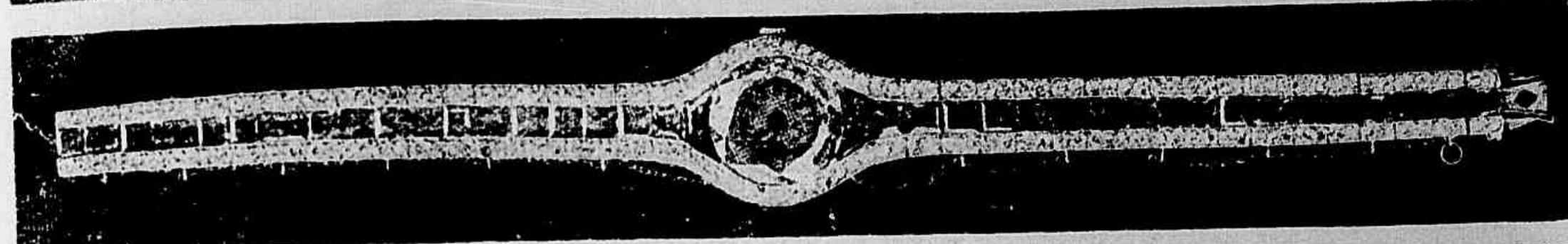
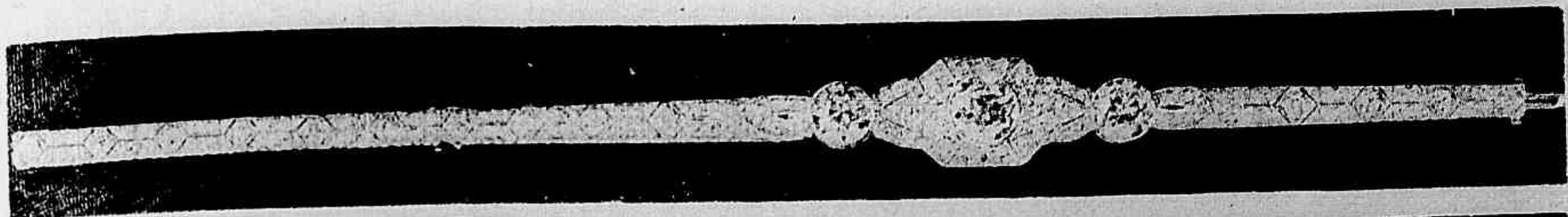
Retrato de Gerbault ao chegar a New York.



Gerbault concertando uma amarra, no mastro de sua minuscula embarcação.



Um instantaneo de Alain Gerbault como campeão de tennis.



A MULHER MAIS RICA EM JOIAS DE S. FRANCISCO DA CALIFORNIA

É a esposa de *Tom Mix*, o popular astro da Fox Film Corporation. Esta senhora tem positivamente a mania das gemmas preciosas e como os ganhos de seu marido lhe permitem satisfazer esse gosto, talvez somente Mrs. Cecil B. de Mille lhe possa fazer concorrência. Mrs. Tom Mix usa valiosas pulseiras até nos tornozelos, como se vê em nossa gravura.

UM professor da Universidade de Vienna, o Sr. Winkler, acaba de dar a conhecer os resultados de seus longos trabalhos sobre a influencia das profissões na longevidade humana.

Os cultivadores e os intellectuaes attingem uma idade mais avançada do que os homens que se dedicam a outras profissões. São sobretudo os philosophos, os mathematicos, os oradores e os artistas que vivem mais tempo. Em seguida apparecem os diplomatas. Os medi-



O passaro é todo de diamantes e platina. O diamante que se vê abaixo pesa 10 quilates. No alto da pagina vêem-se as duas pulseiras predilectas de Mrs. Tom Mix e trez aneis, dos quaes um é de 8 e outro de 11 quilates.

Entre os operarios, os que maior numero de annos vivem são os marceneiros, os padeiros e os alfaiates. Os sapateiros passam igualmente um respeitavel numero de annos sobre a Terra. Os que vivem menos, muito menos mesmo, são os garçons de café.

Muita gente acredita que os pequenos annuncios com propostas de casamento são de invenção recente.

UM CASAMENTO BARBARO — O DOS SCORPIÕES



Antes do enlace os noivos parecem enlevados no mais poetico dos idyllios...

Mas apenas se realiza o matrimonio, a esposa devora o marido.

É um erro. Esse genero de annuncios data do começo do seculo XVIII.

Eduardo Fournier affirmamemo que muito antes d'esta data já havia uma tarifa para esses annuncios cujo in-

ventor foi um allemão, publicando em 1732, em Hamburgo, no jornal "Pequenos avisos" cousas d'este genero:

— "Um salchiceiro recentemente estabelecido e que tem uma casa commercial bem localisada e de bom aspecto, procura uma senhorita que não tenha completado vinte annos, que seja morena, falle perfeitamente francez e saiba desenhâr, bordar e tocar clavecin".

Era pedir muito para uma futura salchiceira.

As viúvas desejosas de contrahir novo matrimonio não eram raras. Uma d'ellas exprimia seus desejos em algumas linhas breves, mas significativas:

"Uma senhora, de cincoenta e nove annos, viúva pela quarta vez, procura um homem de vinte e seis annos, são e vigoroso".

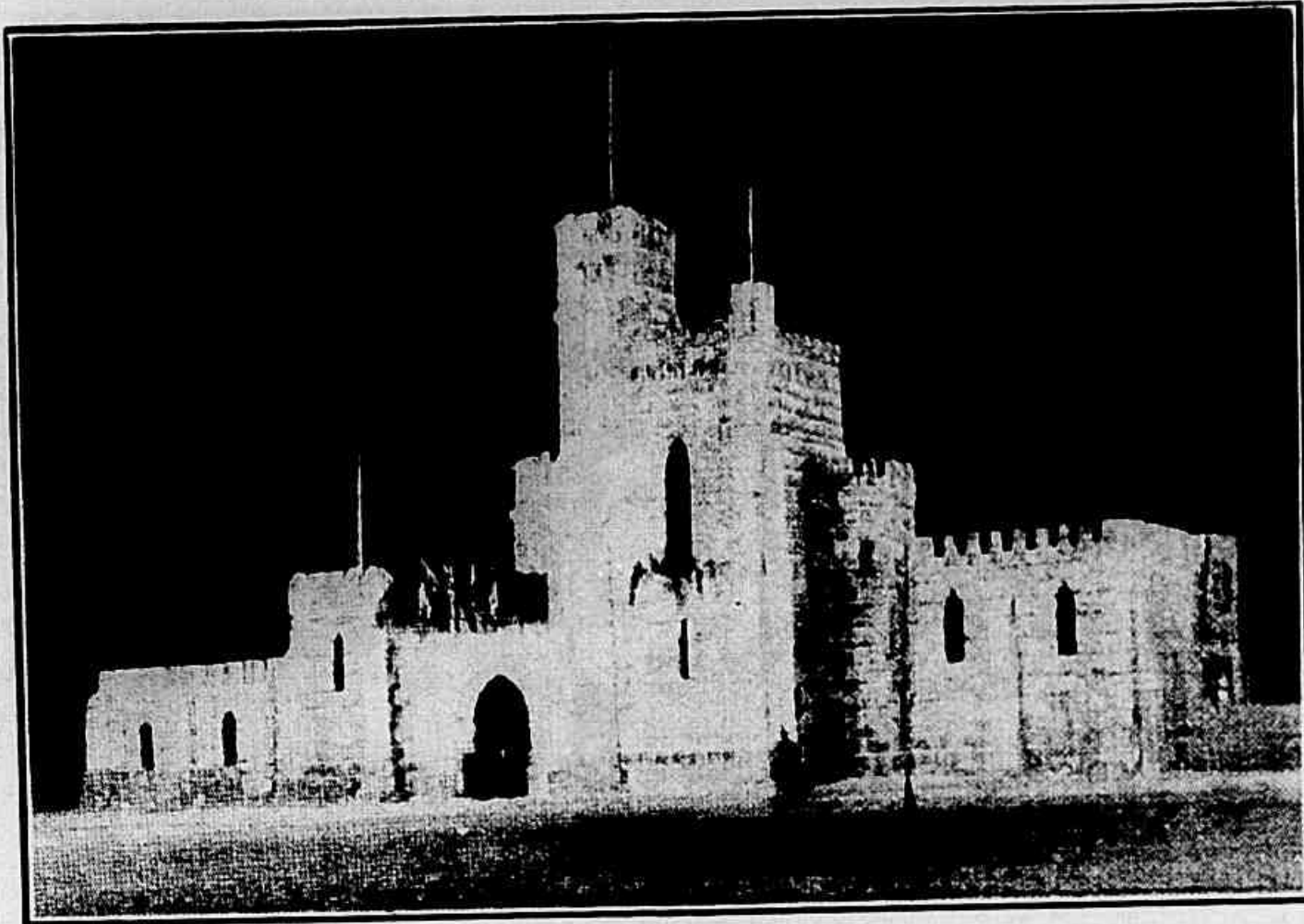
A futura esposa promette para seu quinto marido "uma vida de grão senhor e uma magnifica equipagem". De resto, o marido sonhado seria seu legatario universal.

De Hamburgo, a industria passou para Londres, onde a agencia de communicações matrimoniaes era mantida por um tal Keith; não possuia jornal, mas publicava seus annuncios nas paginas dos grandes quotidianos.

Do paiz das tradições a singular industria passou para a França e, na peça "Casamento Singular" de Favart (filho), representada em 2 de Janeiro de 1787, na Comedia-Italiana, um dos personagens, um celibatario, procura casamento por meio dos jornaes.

Em 1790, appareceu em Paris o "Indicador dos Casamentos" — bi-hebdomadario. Eis o programma d'esta publicação imitada do inglez:

"O fim d'este jornal é diminuir os desastres terriveis que o celibato produz em França, offe-



Castello construido unicamente com gelo, em Ottawa (Canadá) por occasião do torneio de sports de inverno alli realizado em Janeiro ultimo.



INDIOS MODERNOS — O grupo de indios canadianos que tomou brilhante parte no campeonato de sports de inverno em Ottawa.



recendo a cada um a facilidade de se casar em qualquer tempo, segundo a reciprocidade dos direitos aos quaes podem egualmente pretender. Estabelece para isso uma agencia de confiança, na qual cada pessoa, rica ou pobre, poderá declarar seus nomes e sobrenomes, seu domicilio, sua idade, seu estado, sua fortuna, suas esperanças, a herança e as condições, que deseja para se casar ou para casar seus filhos, etc. Não receberemos declarações que não forem feitas por pessoas maiores, por pais e mãis para seus filhos e por tutores para seus pupillos."

O exito foi tão grande que suscitou concorrentes: o Hymem e as Sylphas, em 1791 e o Correo do Hymem, em 1792. A provincia tambem se interessou e a livraria Lessourd, de Bordeaux, publicou o "Indicador dos Casamentos", em 1795. O jornal

"Pequenos Annuncios", de Paris, creou em 1802 uma rubrica especial: "Pedidos de Casamento".

Desde então, estes annuncios se espalharam por diversos jornaes; os mais importantes recusaram, primeiramente, este genero de publicidade; mas, pouco a pouco, o uso se tornou geral e temol-o visto nas publicações mais graves. Em principios do seculo XIX, o "Primo Jacques" escrevia, em seu curioso Diccionario Neologico (1800): "Essa invenção nova é muito immoral; um libertino aproveita-se d'ella e o ocioso vê nisso um meio de diversão".

Na batalha de Leipzig, a 7 de Setembro de 1631, foram empregados carhões de chumbo.

Columna de gelo erigida pelos sportmen diante da repartição dos Correios de Ottawa.

A vida no centro africano --- Pescaria na Nigeria



Pesca a rêde de mão pelos indigenas de Kurussa (Guiné).



Dispostas de um e outro lado do rio, as mulheres Samcanas puxam uma rêde de trezentos metros de comprimento sustentada por pirogas.

**FECUNDIDA-
DE DOS
PARASYTAS
DO HOMEM**

Procurou-se a veriguar quaes são entre todos os parasytas do homem, os mais fecundos. São os seguintes :

A triquina (trichina ou trichinella spiralis) dá vida a 15.000 embriões.

A tenia saginata (vulgarmente chamada Solitaria) expulsa em um anno 40.000.000 de ovos.

O sarcopta da sarna (sarcopte scabiei), em seis mezes ou seja em sua quarta geração (quarenta dias para cada uma), produz cerca de 250.000 individuos de sua especie.

Os mosquitos (culex, anopheles, stegomyia) reproduzem-se em tal quantidade, cada femea dando origem a 300 individuos em cada geração, que evolue produzindo em um



BRINCADEIRA PERIGOSA — Sherty Wagner, athleta allemão que se está exhibindo actualmente em Los Angeles (E. Unidos) trava matches de luta romana com um urso gigantesco.

ou dous mezes mil milhões por quarta geração.

Como disse Guiart, a Terra seria inhabitavel, se felizmente, nas primeiras edades não morressem muitos e se innumerous animaes como peixes, passaros e insectos não se alimentassem com elles.

A belleza é um dom superior como o talento, o genio, a propria virtude.

**

A mulher verdadeiramente bella synthetisa, não em uma obra, que seja extrinseca, mas em seu proprio ser, tudo quanto o genio realiza debilmente por meio de um penoso esforço.

**

O agradeci-mento e a ingrati-ção sempre acompa-nham todo o favor recebi-do: aqulle precede-o, esta segue-o.



MOCIDADE ALEGRE — Girls da Sunshine aproveitando a musica de um phonographo no intervallo dos ensaios.

UMA USINA DE "HULHA AZUL" NA FRANÇA

Segundo noticias da imprensa technica franceza, o governo da grande republica europeá concedeu contracto para a construcção de uma estação marc-motriz a uma sociedade particular, contribuindo o estado para as primeiras despezas. que se calculam em 28 milhões de francos.

A fabrica será installada deante do porto de Paluden, no estuario do Aber-Urach, termo municipal de Lannilis e Plongernan (Finisterra)

Consistirá em um dique de 150 metros de largura, construido por caixões estanques, de cimento armado, que terão em seu interior turbinas capazes de funcionar no mesmo sentido, seja qual for a direcção das aguas ao subir ou baixar a maré.

Os desnivelamentos são de 70 milímetros e, segundo a altura da marés as quantidades de agua em trabalho variarão de 1,50 a quatro milhões de metros cubicos.

Nas turbinas serão adaptadas dous alternadores, que darão corrente electrica de 1.500 volts.

Como esta energia será essencialmente descontínua, idealisaram para regularisala collocala em combinação com um salto proximo de agua doce com turbinas de 3.000 a 4.000 cavallos e, com duas bombas poderosissimas, que, nas horas de maior força das marés e aproveitando o excesso de electricidade produzida, elevarão a agua a seu proprio embalce, a fim de trabalhar nas horas de pouca maré.

O conjunto d'essas installações produzirá uma força minima constante de 1.500 cavallos e annualmente uns 11 milhões de kilo-watts-hora, que serão utilizados em Brest.

UM PAIZ EM QUE OS ARTISTAS MORREM MILLIONARIOS

A arte alimenta o homem, pelo menos na Inglaterra. Publicamos, ha tempos o testamento de um prestidigitador de music-hall e de um jornalista ambos inglezes e mortos archi-millionarios.

Annunciam-nos agora que um compositor de operetas, que foi muito festejado e falleceu recentemente, Sr. Lionel Monckton, deixou 80.000 libras esterlinas, ou sejam mais de 3.200.000\$. A sua viuva, que foi, sob o nome de Gertie Millar, uma das mais deliciosas actrizes de opereta, legou, se bem que vivessem separados, ha mezes já, a quantia de 10 mil libras esterlinas.



Miss Patricia Collinge, do theatro Principe de Galles, de Londres

gra entre os homens de sciencia viver até os setenta, os oitenta e mesmo passar dosno ventta annos.

— Eu sou uma curiosidade physica — diz o grande inventor, referindo-se a sua perfeita saude — sinto-me tão bem agora e tão interessado pelo mundo como era aos vinte annos.

Edison afirma que as vidas mais longas são as dos que realisam trabalhos mais interessantes e se mostram contentes quando os realisam.

Não é factu fortuito que um mineiro pareça velho aos quarenta annos e o homem de sciencias apparente ser jovem aos setenta e cinco. Os homens, que se acostumam a usar a cabeça, não se deixando arrastar pelos pés, chegam a viver mais tempo, se eram providos de um bom organismo ao iniciar a vida. E' quasi uma re-

O prisioneiro do Caucaso



— Por —
LEON TOLSTOI

UM fidalgo servia no Caucaso como official. Chamavam-o Giline. Uma vez, chegou-lhe uma carta de sua mãe dizen-

do assim: "Estou muito doente e desejo tornar a ver-te antes de morrer. Vem passar junto de mim o pouco tempo, que me resta de vida. Depois, quando eu estiver morta, poderás voltar a teu serviço. Encontrei-te uma noiva, uma moça, que é intelligente, bôa e tem alguma fortuna. Pode ser que ella te agrade e, se casares com ella, poderás ficar aqui para sempre".

Giline teve um momento de hesitação. De facto sua mãe já não podia durar muito; se elle não attendesse a esse appello talvez nunca mais a visse...

Foi procurar seu coronel, obteve uma licença, despediu-se de seus camaradas, offereceu a seus soldados quatro pipotes de alcool e dispoz-se a partir.

Ora, havia então guerra no Caucaso. Não se podia andar pelas estradas nem de dia nem á noite. Desde que um Russo sahia das fortalezas, os Tartaros matavam-o ou levavam-o para as montanhas. Por isso, todas as semanas, sahiam escoltas de fortaleza a fortaleza para assegurar o percurso dos que precisavam de viajar.

Era no estio. Ao alvorecer, organisou-se a caravana diante da fortaleza e poz-se em marcha com os primeiros raios do sol. Giline ia a cavallo e uma carriola levava suas bagagens. Mas o grupo ia tão lentamente que elle se impacientou. "Meu cavallo é dos melhores — pensou elle. — Posso muito bem ir só. Se encontrar alguma patrulha tartara, não me será difficil distancial-a."

Detere-se hesitante. Kosta, um outro official, homem gordo, pesado e vermelho, tivera, ao que parece, o mesmo pensamento e approximou-se.

— Queres tentar a viagem sósinho? Se o queres, vou contigo.

— Vamos — disse Giline resolutamente.

E partiram a trote largo, de olhar alerta, observando a planicie, que se estendia immensa em torno d'elles. Mas, ao fim de uma hora, o steppe terminou. A estrada mettia-se entre duas montanhas.

— Aqui é que é preciso ter cuidado — disse Giline. — Eu vou subir um pouco para vêr se não ha emboscada preparada.

Seu cavallo era um animal de raça. Subia como um gamo a aspera encosta e apenas chegou ao alto de um comoro o official viu, a cerca de mil metros, uns trinta Tartaros a cavallo. Quiz recuar, mas os Tar-

teros já o tinham visto e precipitaram-se. Giline lançou sua mentaria pelo declive bradando a Kosta:

— Alerta! Alerta!

Kosta perdeu a cabeça e, em vez de fugir, saltou do cavallo para se abrigar atraz d'elle, com a louca ideia de fazer frente aos Tartaros com uma só espingarda. Giline lançou seu cavallo a galope em direcção á planicie, com a esperança de alcançar os soldados.

Mas seis Tartaros surgiram do outro lado do monte e galoparam para certar-lhe o caminho.

Era o desastre irremediavel. Antes que pudesse reflectir, Giline viu-se cercado. Tirou o sabre e precipitou-se para o inimigo mais proximo, um gigante com grande barba ruiva. Mas os outros fizeram fogo e as balas attingiram seu cavallo, que cahiu quasi de subito, prendendo-lhe uma perna.

Seis braços o prenderam logo; elle tentou resistir ainda, mas os Tartaros bateram-lhe com as coronhas das carabinas e elle perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, estava amarrado á garupa

E' UMA HISTORIA VERDADEIRA A QUE NOS NARRA AQUI, COM SEU PRODIGIOSO TALENTO EVOCADOR, O GRANDE TOLSTOI. E NENHUM DRAMA DE IMAGINAÇÃO É MAIS EMOCIONANTE DO QUE A NARRAÇÃO DOS SOFRIMENTOS SUPPORTADOS POR ESSE OFFICIAL RUSSO PRISIONEIRO DOS TARTAROS



Quando voltou a si, Giline viu-se amarrado na garupa do Tartaro de barba ruiva.

do homem de barba ruiva, com o rosto encostado a suas costas robustas.

Caminharam todo o resto do dia e parte da noite para chegar afinal a um acampamento no meio da montanha.

Durante trez dias, deixaram-o sosinho em uma choça infecta onde lhe atiravam alimentos grosseiros como a um cão. Apenas por duas vezes elle teve uma visita piedosa. Uma menina de dez a doze annos, vestida e ornada como um idolo, com o pescoço corregado de collares multicores, veiu vê-lo e ficou longas horas a seu lado.

Fallava um pouco de russo e como Giline se queixasse de fome trouxe alguns bolos de milho, que, em comparação com o regimen a que estava submettido, pareceram-lhe deliciosos.



A DEDICAÇÃO DE
UM AMIGO

Vinte vezes Kosta pediu a seu companheiro que o abandonasse, porém Giline persistia em carregá-lo.

Depois enfermou-se. Ella se chamava Dinah e era filha de Abdul Mural, o chefe d'aquelle bando tartaro. Essas visitas foram o unico consolo trazido a Giline em sua infecta prisão. Por fim, uma noite vieram buscá-lo e levaram-o á presença do homem ruivo, que elle soube então ser Abdul Mural.

O chefe só fallava tartaro e cercado por seus principaes auxiliares ordenou ao interprete da tribu, que lhe transmittisse suas ordens : — elle tinha que escrever a sua familia pedindo trez mil rublos para seu resgate.

— Não — disse Giline resolutamente. — Eu não sou rico. Minha mãe não poderia pagar essa quantia. O maximo que poderá dar é um resgate de quinhentos rublos.

— E' pouco — declarou o interprete. — O chefe diz que se não escreveres pedindo trez mil rublos elle mandará chicotear-te.

Mas Giline sabia como se deve fallar a Tartaros, sabia que, mostrar receio diante d'elles é o peor.

Ergueu-se e disse com ar furioso :

— E tu, dize a teu chefe que se me maltratar não darei nem um happek. Poderá chicotear-me ou matar-me mas não terá cousa alguma.

O interprete traduziu e o chefe discutiu por algum tempo com seus tenentes, depois voltou-se para Giline.

— Urusse Dgiquite (rapaz valente) — disse elle.

— Dá mil rublos.

— Quinhentos rublos ; nem um mais. Nem que me matem.

O chefe hesitou um pouco, depois deu uma ordem. O interprete sahio e não tardou a voltar trazendo Kosta, esfarrapado e com os pés em sangue.

— Ahi está — disse o chefe. — A este exige cinco mil rublos e elle já escreveu a sua familia.

— Elle é rico ; eu não sou.

O chefe abriu uma caixa. Tirou umas folhas de papel, penna, tinta, poz tudo diante d'elle e disse :

— Escreve.

Era a accitação.

Giline aproveitou a situação.

— Escreverei — disse elle. — Mas

has de dar roupas decentes a mim e a meu companheiro, tirar o tóro de madeira que nos acorientaram ás pernas e deixar-nos juntos.

O chefe desatou a rir e concordou menos com relação ao tóro de madeira, que — declarou — só será retirado á noite.

Giline então escreveu a carta mas poz-lhe um endereço falso, pensando : "Hei de arranjar um meio de fugir e minha mãe não precisará de vender nossa casinha para me libertar.

Apenas se viu fechado em companhia de Kosta expoz-lhe seu plano. Mas o infeliz estava com os pés tão feridos, que tiveram de esperar quasi um mez inteiro para que elle melhorasse. Por fim decidiram-se. Giline fez no fundo da choça uma abertura bastante larga para que pudessem passar ; e, depois, de fazer o signal da cruz puzeram-se a caminho.

Mas ao fim de uma hora de marcha, os pés de Kosta recommearam a sangrar e elle pediu ao companheiro que o abandonasse. Giline porém persistiu: Havia de se salvar ou se perder juntos. E por um longo trecho carregou o outro, arquejando de fadiga. Chegando a uma curva onde se iniciava um declive aspero e duro, deteve-se para respirar um pouco e ouviu vozes atraz de si.

Atirou-se com Kosta para dentro de uma moita

Dous tartaros surgiram descendo a ladeira e teriam passado sem vel-os se não viessem com um cão. O animal descobriu-os pelo faro e denunciou-lhes a presença.

Trazidos de novo ao acampamento de Abdul Mural sua existencia tornou-se horrivel. D'esta vez não lhes tiraram mais os toros de madeira dos pés e prenderam-os não mais em uma choça mas em um "silo", uma cova aberta no chão em forma de funil invertido isso é, com o fundo circular e largo sobre uma abertura muito estreita.

Não era possível sahir d'alli senão içado por cordas.

No dia seguinte Dinah veio ajoelhar-se á borda da fossa e contemplou-os com ar de profunda piedade.

— Por que não me salvas? — perguntou-lhe Giline, sem saber o que dizia.

— Elles estão muito zangados com você — disse a menina. — Muito zangados porque você fugiu e porque seus irmaos andam ahi por perto.

Seus irmãos? Ella de certo se referia aos soldados russos. Teriam as tropas ganhado terreno a ponto de estar já nos arredores da montanha?

Uma esperança deslumbrante ergueu-se em seu coração.

— Dinah... ouve — balbuciou elle com voz supplice. — Se tens pena de mim... traze-me um páu... O mais comprido que poderes encontrar ahi por perto.

A menina afastou-se com ar pensativo e hesitante. Giline deixou-se cahir de joelhos e orou com profundo fervor.

Mas teve que esperar muito. Ouvia grande movimento em torno. Patrulhas chegavam e partiam a cada instante. As patas dos cavallos resoavam pesadamente no chão.

Era já noite escura quando elle sentiu terra cahir da borda da fossa sobre sua cabeça. Olhou para cima e viu uma vara que descia lentamente. Era o que Dinah pudera encontrar, um cabo de lança tartara; longa e fina. Mas era bastante solida. E Giline não era pesado. Despediu-se de Kosta que não podia acompanhá-lo com os pés informes e doridos e cgarrou-se á vara tendo o cuidado de collocá-la o mais a prumo que lhe foi possível afim de evitar que ella vergasse.

Mas o peso do toro acorrentado a um de seus pés perturbava-lhe os movimentos e por duas vezes elle cahiu sem ter podido alcançar a borda. Por fim conseguiu-o e retirando a vara recommendou a Dinah:

— Colloca-a onde a encontraste para que não desconfiem de ti.

Ella afastou-se arrastando a vara e Giline, apanhando no chão uma pedra cortante tentou forçar o cadeado da corrente para se libertar do toro de madeira.

Então, como não convinha perder tempo, poz-se em marcha, carregando o toro de madeira afim de andar mais depressa.

Já conhecia o caminho e venceu oito verste sem hesitar. Mas conseguiria alcançar a floresta antes que a lua surgisse?

Atravessou um riacho e chegou ás primeiras arvores quando a lua apparecia.

Sentou-se para repousar um pouco e de novo tentou abrir o cadeado. Suas unhas sangraram em vão nessa tentativa. Teve que proseguir carregando o pesado tóro. Era uma canseira tamanha que tinha que se deter de dez em dez passos.

Caminhou assim durante toda a noite tendo encontrado apenas dous Tartaros a cavallo. Mas escondeu-se entre a folhagem e não foi visto.

Ao amanhecer estava quasi no limite da floresta.

Espreitou attentamente por entre as arvores e viu uniformes, carabinas. Eram cossacos que estavam acampados alli, a menos de uma verste.

Mas junto das arvores, bem perto, viu trez Tartaros.

Elles tambem o viram e precipitaram-se.

Giline, allucinado, delirante de pavor e esperança, precipitou-se pela encosta gritando:

— Irmãos! Irmãos!

A lembrança das palavras de Dinah fazia-o chamar assim os soldados de sua raça.

Seus gritos foram ouvidos e os cossacos acudiram a galope obrigando os Tartaros a um recuo prudente para a floresta.

Duas horas depois, o commandante da sotnia, informado por Giline, dava um ataque

brusco ao acampamento dos Tartaros para libertar Kosta.

Quando relatava essa historia Giline concluia. — Eis por que nunca mais vi minha mãe nem me casei. Era meu destino.

LEON TOLSTOI.



Miss Betty Dudley, da "Ziegfeld Follies", de New York.

A execução de Roberto Parnaud

Conto de A. W. BURTON-CAULEY

EIS-NOS EM PRESENÇA DA FAMOSA ASSOCIAÇÃO SECRETA NORTE-AMERICANA, O KLU-KLUX-KLAN, SOBRE A QUAL SÓ SE SABE QUE ATACA, MATA E INCENDEIA COM AUDA- CIA SEM EGUAL. UM VIAJANTE FRANCEZ ROBERT PARNAUD CAHIU NAS MÃOS D'ESSES HOMENS MASCARADOS. QUAL SEU DESTINO ?

Conheci Thomas Turimer e sua familia, em Paris, pouco depois da guerra. Isso valeu-me ser mais tarde condemnado á morte e erforcado no Canadá. Em compensação valeu-me tambem a felicidade. Mas vou-lhes relatar a historia por que, sem ella, este preambulo poderia fazel-os duvidar de minha integridade mental.

Thomas Turimer possui no Canadá, no districto de Manitoba e uns cincoenta kilometros de Winnipeg um importante estabelecimento de fellicias. Desde o longiquo Yukon, os caçadores lhe trazem as pelles raras, que ornam as elegantes nas grandes cidades civilisadas.

Turimer é o typo perfeito do Canadiano. Aspecto inglez, coração francez. Foi por isso que fez questão de visitar a França logo apoz a terminação da luta.

Sua familia compunha-se de trez pessoas; Mme Turimer, que era uma senhora calma fragil e loura; tão loura que mal se lhe viam os cabellos brancos. Seu filho Fred, notavel em tudo quanto é sport e nullo em tudo o mais e sua irmã, a deliciosa Lilian, Lil. como a chamavam os intimos.

Desde que a vi não pude mais afastar d'ella, nem meus olhos nem meus pensamentos. Se lhes disser que era bonita, intelligente, graciosa... Porém ella era mais do que tudo isso. Era Lilian.

Parece-me pois inutil confessar que, ao fim de pouco tempo, eu estava loucamente apaixonado por ella. Quanto a Lil, tratava-me com essa especie de condescendencia um pouco terna e um pouco zombeteira que as norte-americanas affe-tam para com os Europeus em geral e especialmente para com os Francezes. E isso ainda mais me allucinava.

Por ella fiz-me guia da familia Turimer e passei trez mezes a pilotar-as pelos restaurants, cafés, theatros, museus... todos os logares em que os estrangeiros se podem divertir. Trez mezes!... Era mais do que sufficiente para

me convencer de que não me era possivel viver sem Lilian. Mas não ousava fazer-lhe uma declaração com medo de uma de suas risadas.

Quando porem o Sr. Turimer, ao partir, me convidou para passar alguns mezes em sua casa, no Canadá, acceitei com entusiasmo e tive a impressão de que, nesse momento os olhos de Lil, fitaram-me com um fulgor singular. Parece-me vel-a ainda, esbelta e gracil com seu vestuario de viagem e separamo-nos com ardentes apertos de mãos.



Não pude conter um impulso de indignação ao ver maltratar assim uma creança.

Depois Lilian partiu e eu senti o mundo vacillar sob meus pés como uma grande bola vazia. Que dias desolados se seguiram para mim.

Tinha constantemente nos olhos a imagem de minha amada e a privação de sua presença era um suplicio intolerável. Com que impaciência deixei que se escoassem seis mezes! Não sei por que metter-se-me em cabeça que esse prazo era indispensável para que eu fosse fazer uma visita ao Sr. Turimer, sem me tornar ridiculo ou inconveniente. Mas durante esses trez mezes preparei tão minuciosamente minha viagem que, quando recebi a resposta entusiasta do bravo Canadiano ao annuncio de minha resolução não tive mais do que tomar um trem, que, por felicidade me punha em correspondencia com um navio confortavel.

Da viagem pouco direi a não ser que me pareceu horrivelmente longa. Apenas puz o pé em terra americana puz-me a caminho para o Canadá, sem dar importancia ao barulho que os jornaes faziam então sobre as proezas da Klu-Klux-Klan. Que bem me importavam essas historias? Mas, quizesse ou não quizesse, era obrigado a ouvir o que se conversava em torno de mim e assim fiquei sabendo de cousas espantosas. Um dia uma casa inteira fôra incendiada com seus habitantes; no outro uma igreja catholica fôra totalmente destruida... Um homem de situação notoria desapparecera sem deixar vestigios...

— Ora essa! — exclamára eu. — Como se permitem cousas taes em um paiz policiado?

— Ah! — respondiam-me. — O senhor não imagina o que é a Klu-Klux-Klan!...

Ao chegar a Quebec eu proprio ia ter uma amostra do poder e prestigio d'essa sociedade secreta. Estava tratando do despacho de minhas bagagens e ia atravessar uma rua, quando me vi detido por um singular cortejo formado por homens mettidos em amplas botinas brancas, amarrada na cintura por grossas cordas e tendo as cabeças occultas por cagulas tambem brancas e terminadas em pontas. Todos esses homens tinham no peito uma rodela de veludo preto costada por uma cruz em forma de X... Caminhavam lentamente psalmodiando com o ar magestoso e lento de uma procissão embora estivessem todos ostensivamente armados com revolveres e carabinas.

Não pude conter um sorriso ao aspecto de tão extranho cortejo, mas nesse momento um garoto, um rapazola de doze a treze annos, tentou atravessar a rua, passando atravez da procissão. Um dos embuçados rebellou-se com gesto tão brutal que o infeliz veio cahir na calçada com o rosto sobre as lages.

— Bruto! Cobarde! — bradei, sem poder conter a indignação.

E tão exaltado estava que, sem dar por isso, exprimi-me em francez. O homem voltou-se para mim com ar de quem não me entendera. Repeti minhas palavras em inglez e precipitei-me para elle. Mas no mesmo instante, senti-me seguro por mão robusta, puxado para traz e ouvi uma voz que murmurava a meu ouvido:

— Está doido! Não se metta com a Klu-Klux-Klan!

O cortejo proseguia em sua marcha. Meu interlocutor levou-me para uma rua lateral e explicou:

— Eu tambem sou francez mas vivo no Canadá ha muitos annos. Acredito que não é prudente metter-se com esta gente.

— Mas que vem a ser afinal essa Ku-Klux-Klan?

— Uma associação de insensatos; não se sabe ao certo o que elles querem mas declararam guerra a tudo quanto não é puramente americano e juraram odio de morte a tudo quanto é judeu, catholico ou mahometano. De resto aproveitam-se de sua ridicula mascarada tambem para satisfazer vinganças pessoais e tem a seu serviço todos os malfetores do paiz.

— Mas que faz a policia?

— Faz o que pode mas o inimigo é mais poderoso do que ella. Alem d'isso tem a vantagem de combater anonimamente e em ordem dispersa. Os policiaes recebem a noticia de que elles realisam uma reunião, correm para alli. Trava-se tiroteio, ha mortos e feridos. Mas em geral a sala de reunião tem varias schidas;

os Ku-Klux despem os habitos e confundem-se com o povo. Tenha muito cuidado. O garçon que o serve num botequim é talvez um d'elles; o cocheiro do carro, que tomar d'aqui a pouco é talvez o homem que o senhor insultou agora...

— Bem — disse eu, rindo — o que vale é que não tardarei a partir para os confins do Manitoba.

— E que lhe adianta isso? A sociedade tem afiliados e secções por toda a parte... olhe, ha mezes um agente de policia francez, um dos mais habéis veio para aqui a serviço, metteu-se com os Klu-Klux-Klan... Pois teve que se esconder e se fôr descoberto não darei um nickel por sua vida.

No dia seguinte parti, ancioso por tornar a ver minha querida Lilian, que me recebeu com um sorriso ironico mas cheio de ternura. Quanto a Fred e seu pai, seu acolhimento foi dos mais carinhosos, com uma sinceridade de affecto que me commoveu. Quando lhes contei o que acontecera em Quebec o Sr. Turimer tomou um ar grave.

— De facto — disse elle. — Com essa gente, todo o cuidado é pouco.

Nada mais disse para me ensinar a ser discreto e eu, com a alma illuminada pelo olhar de Lilian não tardei a esquecer os Klu-Klux-Klan. Apenas conseguí ficar a sós com ella um instante disse-lhe com voz tremula.

— Lil... E' impossivel que não saiba que eu vim aqui exclusivamente por sua causa...

— Oh! — exclamou ella. — Sempre me disseram que os Francezes são loucos mas nunca pensei que o fossem a este ponto.

Fazer uma viagem tamanha por causa de uma moça como qualquer outra!

— Não gracieje... — supliquei. — Amo-a. Vim por que tinha alguma esperança, pois havia de sua parte uma permissão tacita. Não me faça acreditar que me deixou vir até aqui sómente para rir de mim.

Esta resposta perturbou-a um pouco porem não impediu que ella risse ainda dizendo.

— Oh!... Roberto... Não se zangue. Mas ainda bem não chegou já me faz uma declaração de amor. E' natural que eu me surpreenda um pouco...

E com perfidia bem feminina arranjou-se de modo a não mais ficar a sós commigo.

No dia seguinte, fui despertado por um rumor que me pareceu de um tiroteio nutrido. Era Lilian, que descarregava um revolver diante da janela de meu quarto á guiza de despertador. Estava já com um vestuario de amazona. Vesti-me tambem, ás pressas, e partimos a trote largo pelos campos eu, ella e Fred.

Ella evitava até de encontrar meu olhar e essa teimosia exasperava-me loucamente. Palavra de honra. Se ella não fosse tão bonita eu teria cortado naquelle mesmo momento a aventura tão docemente iniciada.

Pois não se acredita. Ella conseguiu manter-me nessa situação durante varios dias, sem uma resposta, sem um gesto, sem um olhar sequer que me desse uma esperança. E como não pudesse, decentemente prolongar minha estadia na casa do Sr. Turimer, aluguei um pavilhão que estava desoccupado a uns cinco kilometros de distancia. Foi o que achei de melhor para não ficar muito longe de Lilian, e, ao mesmo tempo, poder retirar-me, com dignidade quando julgasse necessario mostrar-me zangado.

Uma noite recolhi-me ao pavilhão mais aborrecido do que nunca com a zombaria de Lilian. O inverno estava já adiantado, os lobos comeavam a uivar pela planicie e a tristeza do horizonte graduava bem com meu estado de alma. Quando ia abrir a porta notei que alguém havia traçado sobre ella, a giz, uma cruz horizontal... a cruz dos Klu-Klux-Klan.

— Alguma pilheria de Lilian ou de Fred — pensei. E como a noite estava calma, deixei-me ficar sentado á porta contemplando o céu cinzento...

De subito fui surpreendido por um grito:

— Hands up! (Mãos ao alto).

Dous vultos com habito e capuz branco tinham sur-

gido deante de mim e apresentavam-me revolvers. Não sou medroso; ademais, a scena tinha um caracter tão singular tão... cinematographico que teimei em pensar...

— E' ainda uma pilheria de Lilian e Fred.

Mas uma bala silvou-me aos ouvidos e comprehendendo, que o caso era serio ergui os braços.

Outras duas figuras surgiam de traz da casa, tambem vestidas com o ridiculo habito do Klu-Klux-Klan.

— Que querem de mim? — perguntei.

Como resposta recebi, na cabeça uma pancada, que me fez cahir, estonteado. Senti que me emarravam de pés e mãos, me amordaçavam e me carregavam como um fardo para um automovel, que por duas horas correu sem descanso.

Detiveram-se em um recanto de floresta onde havia algumas cabanas e ahi um de meus guardas declarou:

— Será julgado amanhã pela manhã.

— Julgado por que? Por quem?

Por unica resposta fecharam a porta e deixaram-me alli encarcerado, ouvindo os passos de uma sentinella que passava pausadamente diante da porta.

Custava acreditar na realidade! Teria eu, effectivamente, cahido nas mãos d'esses loucos sanguinarios? Estaria destinado a morrer em suas mãos, sem saber por que? Essa ideia causou-me um pavor tamanho que comecei a bater com os pés na parede, bradando:

— Soccorro! Soccorro!

A porta abriu-se e eu vi apparecer uma lanterna seguida de perto por um browning respeitavel.

— Cale-se — disse uma voz aspera. — Se não se calar, não esperarei o julgamento para fechar-lhe a bocca de uma vez por todas.

Calei-me. Que havia eu de fazer? Mas comecei a tremer. Evidentemente aquellas miseraveis iam vingar de modo terrivel a offensa, que eu fizera a um de seus afiliados em Quebec.

E passei uma noite de indiziveis angustias, chorando á ideia de que ia perder — além da vida — minha adoravel Lilian. Acabei por adormecer soluçando baixinho e fui despertado por um grito brutal: — Get up (Levante-se). Abri os olhos e vi-me cercado por varios homens com habito e cagula.

Levaram-me para uma cabana maior e sentaram-me ante uma especie de tribunal cujo chefe disse com voz grave.

— Sr. Oscar Nidouillet. Já o haviamos prevenido de que se não deixasse o territorio americano dentro de oito dias seria eliminado.

— Perdão — protestei. — Ha engano. Eu não me chamo Oscar Nidouillet.

— Sim — disse o homem com um risinho sardo-



Duas outras figuras surgiram tambem vestidas com o ridiculo vestuario da Klu-Klux-Klan

nico. — Chama-se Roberto Parncud. Seu passaporte, sua bagagem e até sua roupa branca está marcada com esse nome. Mas, meu caro senhor, isso é a infancia da arte. Provavelmente já partiu de Paris com varias identidades legalmente constituídas. Mas ninguem illude a Klu-Klux-Klan. Fomos prevenidos de sua partida para agir e não o deixaremos escapar. Irmãos! — continuou elle — dirigindo-se aos outros membros do tribunal. — Não é caso de morte?

As cagulas se inclinaram com ar grave e o presidente concluiu:

— Que a sentença seja executada.

Ergui-me num assomo allucinado mas toda a minha resistencia foi inutil; agarraram-me manietaram-me solidamente e dois minutos depois eu estava em baixo de uma arvore com uma corda passada ao pescoço em nó corredizo.

— Hoist trim — (Icem-o) — gritou uma voz.

Tive a horrivel sensibilidade do aperto da corda em minha garganta mas no mesmo instante um tropel de cavallos e gritos:

— Alto! Suspendam a execução. Ha engano.

Então perdi a consciencia e todo o meu ser mergulhou numa sombra espessa. Quando recommencei a ter



FABIAN
RIC

OS HEROES WAGNERIANOS — Siegfried, trahido pelo anão, encontra em seu caminho o terrível dragão Lindworm

sensação das cousas ouvi a mesma voz, que dizia : Façam-o respirar. Foi um erro estúpido. Apanhamos o verdadeiro Nidouillet em Montreal ha trez dias.

O ar entrava agora mais amplamente em meus pulmões. Trataram-me com cuidado e, quando chegou a noite, puzeram-me de novo no automovel e abandonaram-me, por fim como um trapo, á porta de meu pavilhão.

A despeito da fadiga e do soffrimento puz-me immediatamente a caminho para a casa de meus amigos, a casa de Lilian. Quando alli cheguei exaustão, desfalecente houve exclamações geraes de alegria ; Fred correu a amparar-me sua mãe chorava de emoção e o bom Turimer abraçava-me em delirio.

Contei-lhes o occorrido, elles indignaram-se mas o que mais me impressionou foi o olhar de Lilian. Ah ! D'esta vez ella não manifestava o menor descjo de rir.

— Ah ! meu caro — disse por fim o velho Turimer : — Não imagina como todos nós ficamos. Lil, coitada, estava como uma doida. Correu todos esses arredores arrastando Fred, consigo foi mais de vinte vezes á casa de sheriff.

— É verdade, Lil? — perguntei sorrindo. — Tive pena de mim ? Inquietau-se por mim ?

Ella ergueu os olhos claros e com um soluço, com voz grave que eu nunca lhe ouvira, disse :

— Teria dado tudo neste mundo para não te perder, Roberto.

Quiz responder-lhe mas tantas emoções venciam-me, desatei a chorar como uma criança. . .

E eis, como em um mesmo dia fui enforcado e fiquei noivo.

A. W. BARTON CAULEY.



FABIAN
PIC

FOGOS DE BENGALA — Quadro de *L. A. Tessier*.

TERCEIRA PARTE

OS POVOS, SUA HISTORIA E SUA EVOLUÇÃO ATE' NOS-SOS DIAS.

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE

★ ★
CAPITULO V
Babylonia
★ ★



Durante a dynastia Hammurabi, o idioma usual em Babylonia fez-se semitico e assim continuou atravez da historia subsequente. Porem a raça e lingua sumeras parecem haver sobrevivido por algum tempo no extremo sul, pois, durante o reinado do filho de Hammurabi, Samsu-Iluna, estabeleceu em «Terra do Mar», no fundo do golpho Persico, uma dynastia independente, de origem sumera.

Os ultimos reis da primeira dynastia de Babylonia intentaram, sem resultado, desalojar esses governantes, porem elles continuavam na posse daquella zona, com independencia absoluta, na epoca dos primeiros reis da terceira dynastia ou «kasista». Reconhecendo sua importancia, os chronistas babilonios indigenas incluíram-os nas listas officiaes de seus reis e durante algum tempo se suppoz que elles haviam succedido á dynastia Hammurabi em Babylonia.

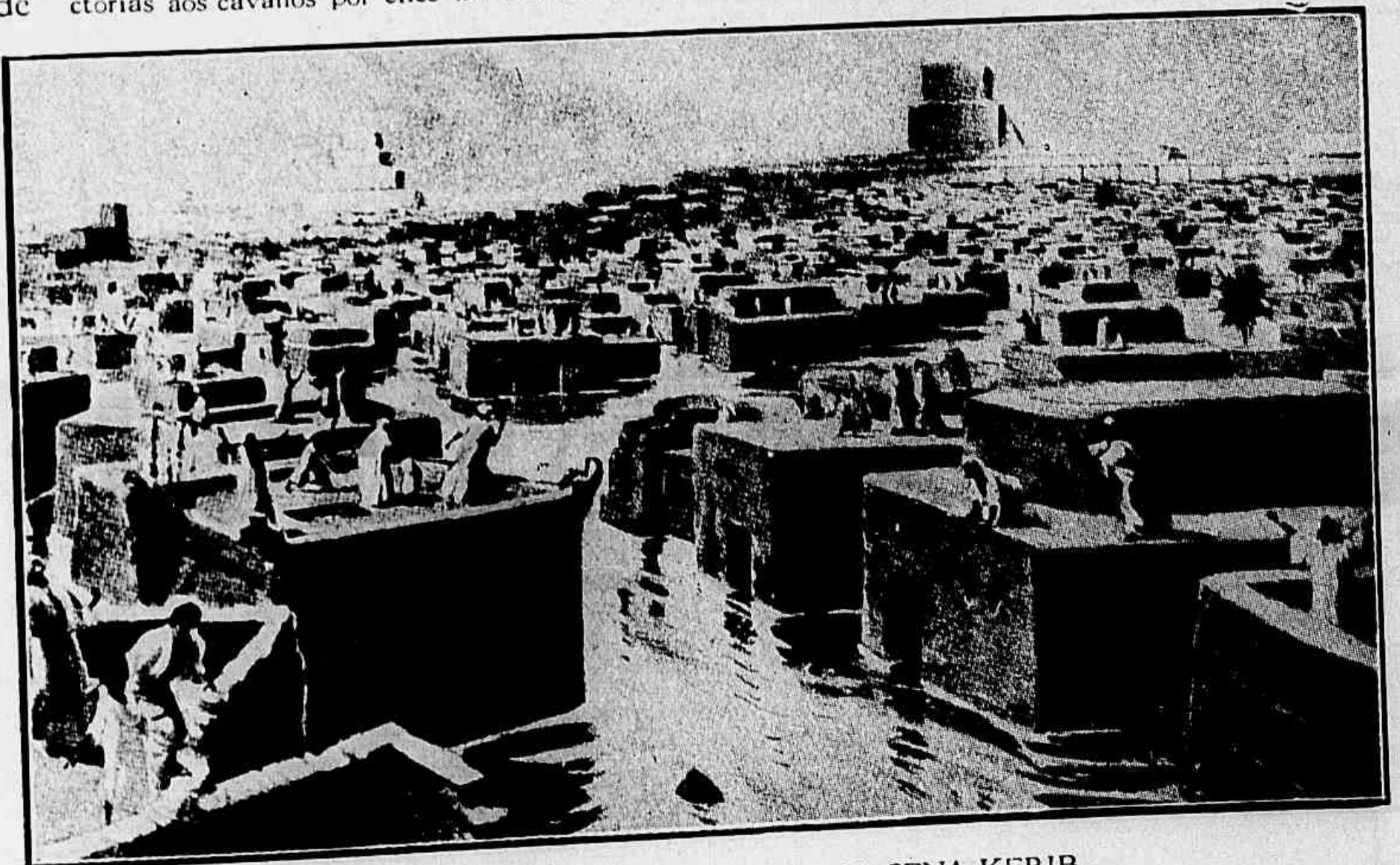
Por isso designavam-os como formando a segunda dynastia babilonica. E' porem evidente, agora que sua autoridade nunca se fez sentir alem do littoral do golpho Persico.

A Babylonia achava-se então muito enfraquecida por outras lutas, para que pudesse submeter esta provincia rebelde; alem d'isso sua attenção foi distrahida por um novo inimigo, que começou a apparecer sobre a fron-



Os Kasitas, que invadiram a Babylonia pelo lado oriental, deveram suas victorias aos cavallos por elles introduzidos pela primeira vez nesta região.

teira do nordeste. As guerrilhas de kasitas começaram a descer das montanhas da Média atravessando a passagem de Zagros, para fazer incursões periodicas do outro lado da fronteira da Akadia. Eram as avançadas da grande emigração indo-europea, que, aproximadamente em igual periodo, produziu o estabelecimento do reino de Mitane na Mesopotamia septentrional e e affectou profundamente a historia da Assyria. Mas aquellas primeiras incursões não eram ainda tão graves que pudessem causar seria inquietação a Samsu-Iluna e a seus successores. No reinado de Samsu-Iluna é que encontramos a primeira referencia da existencia do cavallo em Babylonia, tendo sido alli introduzido, provavelmente, pelos kasistas, visto que os babilonios



A INUNDAÇÃO DE BABYLONIA POR SENA KERIB

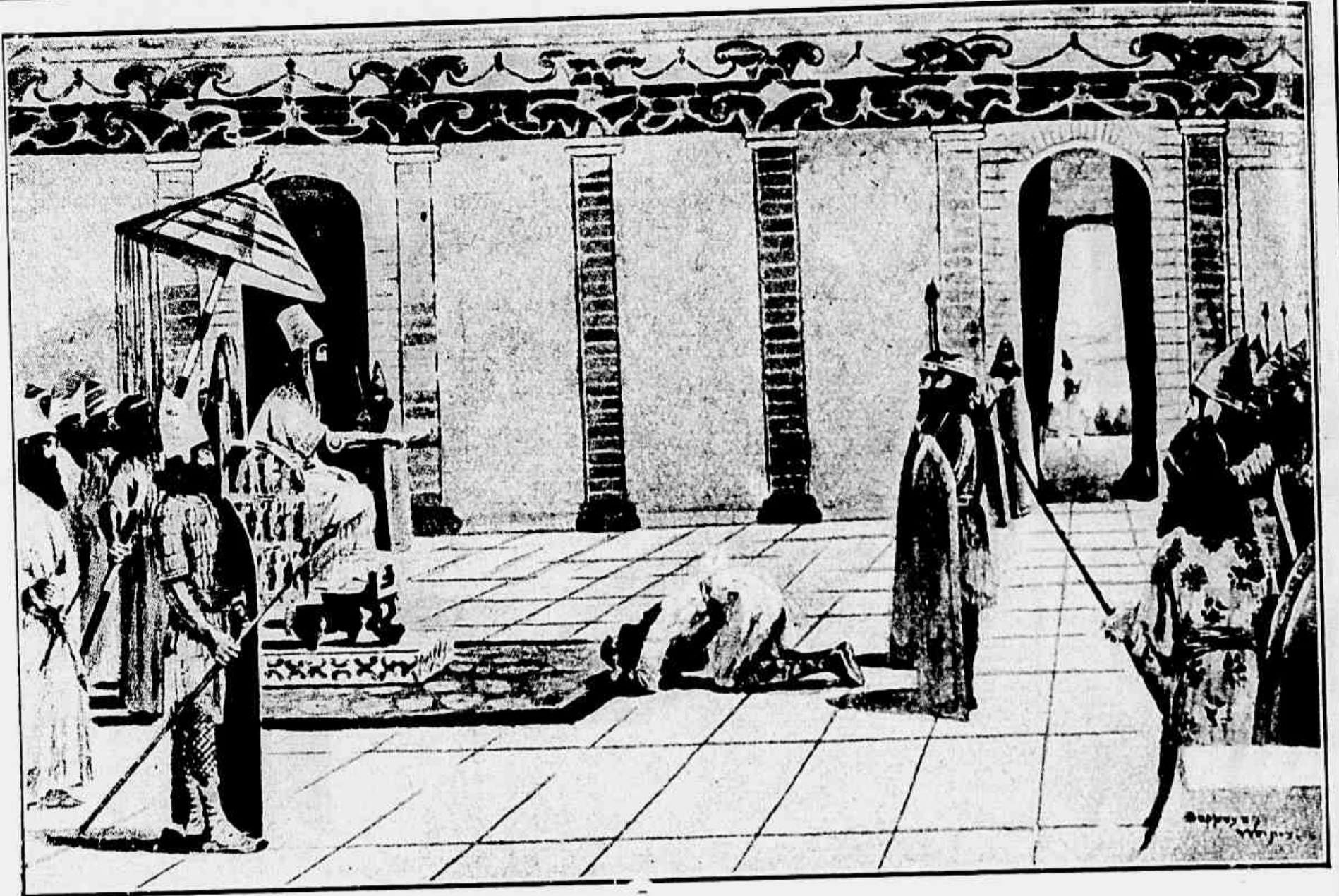
Os Assyrios viam sempre com inveja e inquietação o desenvolvimento de Babylonia. Os monarchas sargonidas tentaram por varias vezes dominal-a pela força ou obter sua alliança. No anno 689, antes de Christo, Sena Kerib, rei da Assyria, tentou arrazar Babylonia, desviando sobre ella, o curso do Euphrates para inundal-a. De facto, as aguas correram atravez da cidade mas só destruíram alguns edificios.

exprimiram o nome d'esse animal por um termo ideographico, que significa litterariamente: «o jumento da montanha», o que parece indicar que entrou em Babylonia com as tribus montanhezas vizdas do Leste.

Ainda no reinado de Ammi-Zaduga, o bisneto de Samsu-Illuna, continuou Babylonia offerecendo alguma similhaça com o imperio de Hammurabi, pois havia recobrado sua autoridade sobre Elam e conservado este territorio como Estado tributario. Havia, porem, necessidade de manter uma guarnição no paiz e outras numerosas massas de

suas tropas tiveram que se concentrar no sul, para conter as forças dos reis da Terra do Mar e do mesmo modo no nordeste para guardar as montanhas fronterças contra as incursões dos kasistas.

Não parece haver concedido, Babylonia, muita attenção ao Oeste, por onde os governantes semitas haviam entrado no paiz e por esse lado veiu o golpe, que destroçou suas defezas e paralyçou sua vida



NABONIDO MANDA INSTRUCCÕES A BALTHAZAR

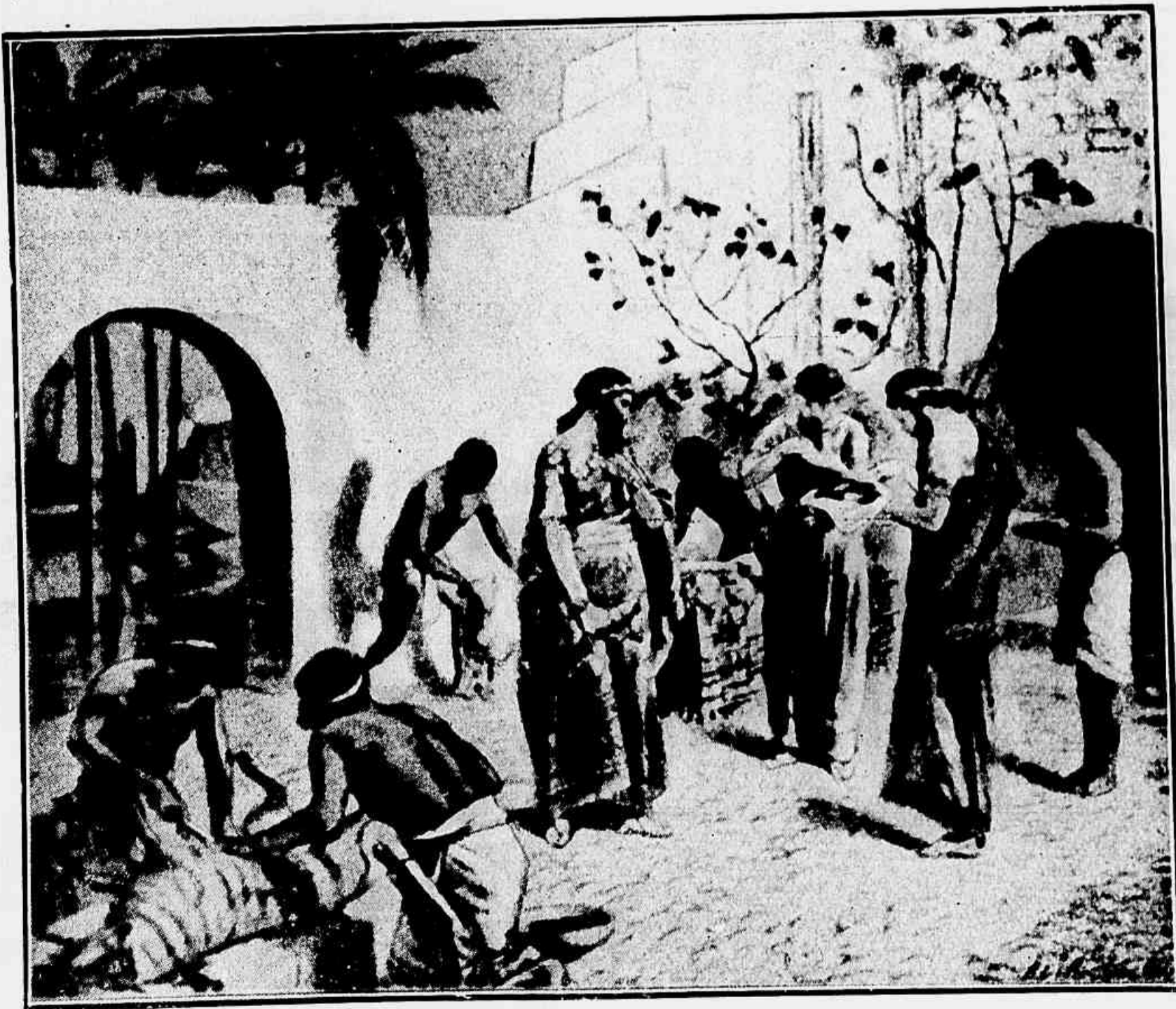
O ultimo rei babilonico, Nabonido, foi um monarcha debil, que perdeu as sympathias dos sacerdotes por haver modificado o ritual com pouco acerto. Quando os Persas invadiram seu territorio no anno 539, antes de Christo, elle collocou seu tio Balthazar a frente do exercito enviado para deter o inimigo. Balthazar foi derrotado nos arredores de Oeris. Nabonido cahiu prisicneiro e toda a Babylonia ficou submettida aos Persas.

durante algum tempo. Durante o reinado de Samsu-Ditana, ultimo rei da primeira dynastia babilonica, os Hittitas de Anatolia desceram pelo Euphrates, romperam as defezas babilonicas e tomaram e saquearam a cidade, levando como presa as imagens sagradas de Marduk, o deus nacional e de Sarpanitum sua esposa. Porem não parece que os Hittitas occupassem por muito tempo o paiz que

em breve se tornou facil presa para os kasistas, que não encontrando opposição a seu avanço, atravessaram a fronteira oriental. Gaudach, seu chefe, estabeleceu-se em babylonia e a dynastia kasista, fundada por elle, durou, segundo os chronistas indigenas, quinhentos e setenta e seis annos.

Pouco sabemos sobre essas primeiros reis kasistas. Os principaes documentos até hoje descobertos sobre aquelle periodo são as pedras fronteiras, provando que os reis recompensavam seus chefes militares e principaes defensores, concedendo-lhes terras. Os kasistas mantiveram de facto, em Babylonia, um governo aristocratico embora, sem duvida, tivessem trazido consigo auxiliares mais humildes, seu dominio não affectou de modo digno de nota os caracteres proprios da lingua e da raça do paiz. Podemos comparar seu dominio ao que a Turquia exerce, em nosso tempo, sobre o valle do Euphrates e do Tigre. Não deram algum signal

100



A. ADIVINHAÇÃO DO FUTURO PELO EXAME DO FIGADO

Os babilonios acreditavam que as circunvoluções do figado das ovelhas eram indicações seguras sobre o futuro. Na gravura acima vê-se um rei babilonico, aguardando as conclusões de um advinho, que examina o figado do animal sacrificado naquelle mesmo instante. Ao lado, um secretario toma nota das predicções.

de haver possuído elevado grau de cultura, embora adoptassem gradualmente a civilização da Babilônia, tendendo por muito tempo para se manterem a parte, conservando seus nomes originaes e sua nacionalidade.

Tinham porém senso essencialmente pratico e deram ao paiz administradores notaveis.

O principal beneficio que proporcionaram a Babilônia foi um methodo aperfeçoado de computar o tempo. Em lugar do fatigante systema das datas-formulas herdado pelos semitas, dos sumeros e segundo o qual cada anno tinha um titulo tomado de algum importante acontecimento, os kasistas introduziram a simples pauta de fazer as datas segundo os annos de reinado de cada principe.



O CASAMENTO DO REI KASA-INDACH

Em signal de alliança, o rei do Assyria Asuruballit mandou ao rei Kasa-Indach da Babilônia sua filha Mutallital-Cherua. D'essa união nasceu o principe Kasa-Kordach, que depois succedeu a seu pai no throno.

Até ao seculo XVI, antes de Christo, os novos governantes da Babilônia não conseguiram estabelecer sua autoridade por toda a região meridional do paiz. O ultimo rei da «Terra do Mar» foi Ea-Gamil. Mais ambicioso do que seus predecessores, invadiu Elam, mas foi derrotado por um caudilho



O FAUSTO NA CORTE ASSYRIA

O principes assyrios só saham a passeio acompanhados por numerozo cortejo de servidores levando suas armas e attributos. Entre esses servidores iam musicas, dansarinos. Seu carro era um verdadeiro throno com rodas.



UM PRINCIPE HITITA NA SYRIA

Quando repellidos para o sul pela imigração das tribus procedentes da Europa, os Hititas dominavam as cidades semíticas do norte da Syria, nas quaes impuzeram o uso de sua escripta para os fins officiaes e influiram poderosamente na arte local. Mostra-nos a gravura um principe syro-hitita recebendo uma commissão de subditos semitas no Bit-khilani ou portico de seu palacio.

kasista, Ulam Buriach, que manteve seu reino por por alguns annos como um feudo independente, até ser incorporado á Babylonia. No seculo XIV encontramos os kasistas á frente de um reino poderoso e em amistosas relações com o Egypto que,

galzu, que lança bastante luz sobre a diplomacia nesse periodo...

O Egypto conseguiu impedir que Babylonia ajudasse os rebeldes em Canaan, mas não vacillou em animar a Assyria, que começava agora a desen-

volver seu poderio como rival de Babylonia. O rei babilonio, escrevendo ao pharaó egypcio, referiu-se apparatusamente aos assyrios como seus «subditos», mas teve que defender pelas armas sua propria fronteira septentrional contra suas intrusões. De facto, Tušulti-Ninibo I, da Assyria, em meados do seculo XIII antes de Christo, conseguiu tomar e saquear a Babylonia que, segundo uma chronica, do tempo, governou durante sete annos. Mas a Assyria ainda não era bastante forte para dominar o reino do sul por um largo periodo e não só Babylonia recuperou sua independencia como levou tambem, mais tarde, a guerra ao paiz inimigo.

102



O EXERCITÔ ASSYRIO SAHE DE ASUR PARA CONTER OS SEMITAS OCCIDENTAES

No anno 2050, antes de Christo, o rei da Assyria Ilu-Chuma, lutou contra o rei occidental semita Su-Abá ou Mu-Abú, fundador da primeira dynastia de Babylonia. Os Assyrios deixaram sua capital para marchar para o sul. As provisões destinadas aos soldados eram armazenadas em balsas sustentadas por saccos de couro cheios de ar e transportadas pelo corrente do rio.

Foi Elam na Assyria, quem poz fim á dynastia kasista.

Os chronistas babilonios indigenas não mencionam a conquista elamitica de Babilonia, que poz termo á terceira dynastia nacional, mas temos uma prova irrecusavel de sua veracidade no numero de monumentos kasistas encontrados na Babilonia e descobertos durante as recentes escações em Suza, capital elamita. Haviam sido levados para alli como despojos de guerra pelo rei elamita Chutruk-Nankhundi e é provavel que por alguns annos os elamitas tenham conservado seu poder sobre Babilonia; toram mais tarde d'alli trazidos por Enlil-Nadin-Akhi da quarta dynastia, cujos primeiros reis parecem haver-se estabelecido a principio em Isin e, tendo seu quartel general nessa cidade, estenderam sua autoridade gradualmente pelo resto do paiz.

Nabuchodonosor I, o successor de Enlil-Nadin-Akhi, perseguiu os elamitas em sua retirada a travez da fronteira e submetteu as tribus kasitas, que se haviam estabelecido nos valles superiores do Elam occidental.

Possuimos uma interessante recordação de um dos exitos de Nabuchodonosor contra os elamitas, o mais bello dos marcos fronteiriços até hoje encontrado. Commemora a cessão de algumas terras a Ritti Marduk, o capitão dos carros de guerra do rei, em recompensa por seu valor na batalha travada contra os elamitas, quando o exercito babilonico, commandado pelo rei em pessôa, os expulsou da fortaleza de Dur-Ilu situada na fronteira, derrotando-os em seu proprio territorio, nas margens do Euleo.

Nabuchodonosor não teve sorte igual em sua expedição contra a Assyria e, ao atacar o reino do norte, foi derrotado por Asuresichi, que capturou quarenta de seus carros de guerra e matou Karachtu, o chefe o seu exercito.

Babilonia, entretanto, estava condemnada a sottraher desastres ainda maiores suscitados por Te-



CHALMANESER I ESPALHA O PÓ DE UMA FORTALEZA INIMIGA ANTE SEU DEUS

O tratamento feroz e vingativo que deramos chefe da Assyria a seus inimigos, já no reinado de Chalmaneser I era flagrante. Depois de tomar a fortaleza montanhosa de Arina, que se havia rebellado desprezando o deus Asur, aquelle soberano destruiu-a completamente até nivelal-a com o sol e recolhendo uma certa quantidade de pó dos despojos, espalhou-os na porta do templo de seu deus.

glattalassar I, o grande successor de Auresichi. Sob acertada direcção completou a Assyria seu primeiro periodo de imperio e seus exitos no sul, entre os quaes se conta a tomada da Babilonia e outras cidades akadias, justificando assim sua adopção do antigo titulo de «rei de Sumeria e Akadia».

Durante o reinado do tilho de Teglattalassar, Asurbelkala, encontramos Babilonia em amistosas relações com a Assyria, mas seu poder de resistencia e restabelecimento depois da derrota entranqueceu-se então consideravelmente em consequencia dos ataques de um novo e não civilizado inimigo.

Surgiam mais uma vez, dos campos de Arabia, as hordas nomades e os effeitos d'essa terceira grande emigração semita, a «aramea», toram vivamente sentidos em Babilonia. Uma das mais poderosas tribus semiticas, a de Sutu, submetteu todo o paiz, destruindo as cidades e saqueando os templos dos

deuses. A ruina e o desastre, que esses nômades lerozes deixaram apoz si, permittem deduzir a queda da quarta dynastia babilonica, que foi seguida por um periodo de impotencia, no qual, segundo as chronicas indigenas, existiram trez curtas dynastias de reis pouco importantes. A primeira d'ellas, que foi a 5.a na ordem historica, teve trez reis, que governaram na Terra do Mar e prova velmente ficou inadvertida dos nômades. Mas até a 8.a dynastia não voltou a se restabelecer alli um governo estavel.



MARCANDO A FRONTEIRA ENTRE A ASSIRYA E A BABYLONIA. — A partir da seculo XV, antes de Christo, foram continuos os conflictos entre o crescente poderio da Assyria e o de Babilonia, que já se achava em decadencia. Uma rectificação da fronteira commum era o resultado de cada uma das contendidas. Apparece na gravura um rei assyrio, demarcando a fronteira em pessoa, no plano, que lhe é apresentado por um elevado funcionario babilonico.

Durante o reinado de seu fundador, Nabumukinapli, os

Arameos continuaram a causar perturbações, cortando as communicações e fazendo correrias pelos territorios immediatos. Ha provas de que durante o reinado de Nabuapludina, no seculo IX, os babilonicos fizeram esforços para reparar os danos materiaes causados pelas incursões arameas. Ha entre essas provas uma inscripção gravada por este rei para celebrar a reedificação ordenada pelo grande templo do deus-Sol, em Sipar, que durante muito tempo havia estado em ruinas. Politicamente, porem, o centro de gravidade no valle do Tigris e do Euphrates passára ao norte.

Sob o commando do deshumano Asurnasirpal III e de seu filho Chalmaneser II, foram inteiramente reorganizadas as forças militares da Assyria, que levou a termo o segundo periodo de seu imperio. No anno 852, antes de Christo, Chalmaneser marchou atravez da Babilonia e tendo nomeado um rei vassallo, exerceu seus privilegios como primeiro senhor, sacrificando nos grandes templos de Babilonia, Borsipa e Cutha.

No periodo seguinte observa-se como, passo a passo, se accentúa a usurpação assyria sobre o reino do sul, que resistiu com lutas e revoltas relativamente inefficazes, promovidas por Babilonia desejava de evitar a perda de sua independencia.

Uma decadencia passageira do poderio assyrio no seculo VIII permittiu a Babilonia recuperar temporariamente sua situação primitiva durante o reinado de Nabusumiscun e o de seu filho Nabonassar, porem uma revolta militar na Assyria no anno 745 antes de Christo collocando no throno Teglatlassar IV, poz fim ás esperanças de recuperar o poder.



INCURSÃO DE CHAMCHIADADO III ATE' AS MARGENS DO "MAR GRANDE" — Depois de ser derrubada pelos invasores hititas a primeira dynastia babilonica, ficou a Assyria libertada de sua autoridade e começou sua carreira de conquista. Chamchiadado, que reinou naquelles tempos, relata que recebeu tributo do rei do Paiz Superior e erigiu um obelisco "commemorativo sobre as margens do Mar Grande". E' possivel que sua expedição alcançasse a costa do mar Negro depois de cruzar as montanhas da Armenia

(Continúa no proximo numero)



AINDA A FANTAZIA YANKEE DAS PINTURAS NAS PERNAS — Miss Frink, de Chicago, encarregou o Sr. Charles E. Rang, notável pintor retratista, de pintar sobre seu joelho o retrato de seu noivo.



Miss Helen Johnson limita-se a ornar suas pernas com arabescos.

SOLENNEMENTE, em Março ultimo, o cardeal Maffi benzeu, em Marina de Pisa, o primeiro hydroplano construido de aluminium.

Nesta occasião, o príncipe da Igreja pronunciou uma espiritual allocução em que se teve a surpresa de encontrar estas considerações scientificas:

«O aluminium, que vêem aqui brilhando, tenaz e forte, não é somente o metal, que se vê em toda a parte — utensilios de cozinha ou os mais delicados instrumentos de laboratorio scientifico. Entra na composição da Terra, que calcais sob vossos pés, da vasilha de que se servem á mesa e de quasi todas as pedras preciosas — excepção feita do diamante. E tudo isso, de que modo? Muito simplesmente: — consentindo em se alliar lealmente ao sílex, ao enxofre, ao cobre e a mais alguns outros corpos, que são como as letras com que a natureza forma as palavras de sua harmoniosa linguagem. Ah! Se os grandes personagens e o povo aprendessem essa grande lição!»

Essa lição de chimica e de moral é talvez assaz picante na bocca de um cardeal.

Nós nos queixamos das taxas e dos impostos que perseguem os contribuintes cariocas, mas vejamos o que se passa fóra do nosso paiz.

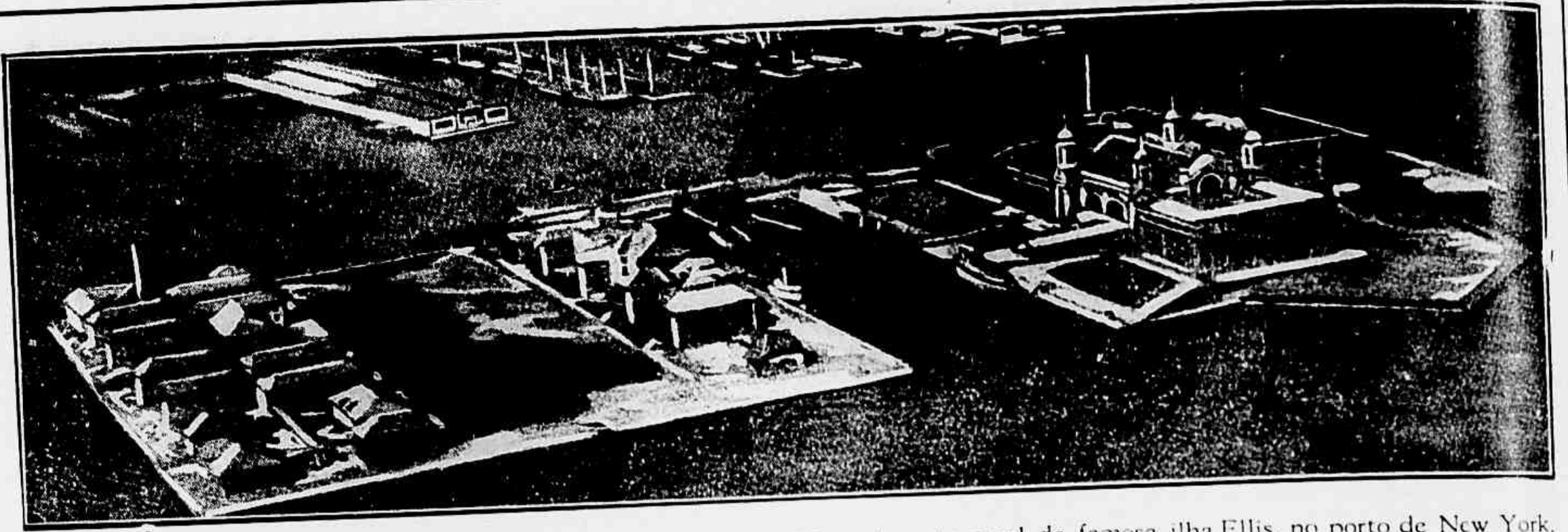
Em Budapest, a municipalidade tão bem geriu os negocios da cidade que acabam de depol-a para confiar a administração da cidade a uma comissão especial. Os impostos eram tão pesados, no dominio municipal, que a agua chegou a custar mais caro do que o vinho. Aqui ainda não chegamos atanto!

A Esperança é um empréstimo feito á Felicidade. — RIVAROL.



Miss Helen Johnson fazendo ornar suas pernas antes de ir ao footing.

As mais velhas arvores do mundo são os baobabs africanos. Ha um cuja idade está avaliada em 50.700 annos.



O ENTREPOSTO DE IMMIGRANTES NOS ESTADOS UNIDOS — Aspecto geral da famosa ilha Ellis, no porto de New York. E' alli que, como na nossa ilha das Flores, os recém-chegados são submettidos a exame antes de ter entrada no territorio dos Estados Unidos.

UM processo monstro terminou a 3 de Abril ultimo em Gand (Belgica) perante o tribunal das Flandres orientaes.

Desde o inicio do mez de Março, durava esse processo contra um bando famoso formado por trinta e seis ladrões e assassinos que, aproveitando-se do periodo de reorganização, que se seguiu ao armistício,

horrorosos, que lembravam os dos celebres «chauffeurs do Drome» (na França).

Trezentos e quarenta e trez quesitos foram apresentados aos jurados, que levaram sete horas a deliberar sobre elles.

A sentença, pronunciada a 3 de Abril, continha dez condemnações a morte; sete condemnações a galés perpetuas; cinco a 20 annos de prisão; quatro a 15 annos e uma a 12 da mesma pena. Nove absolvições foram pronunciadas.

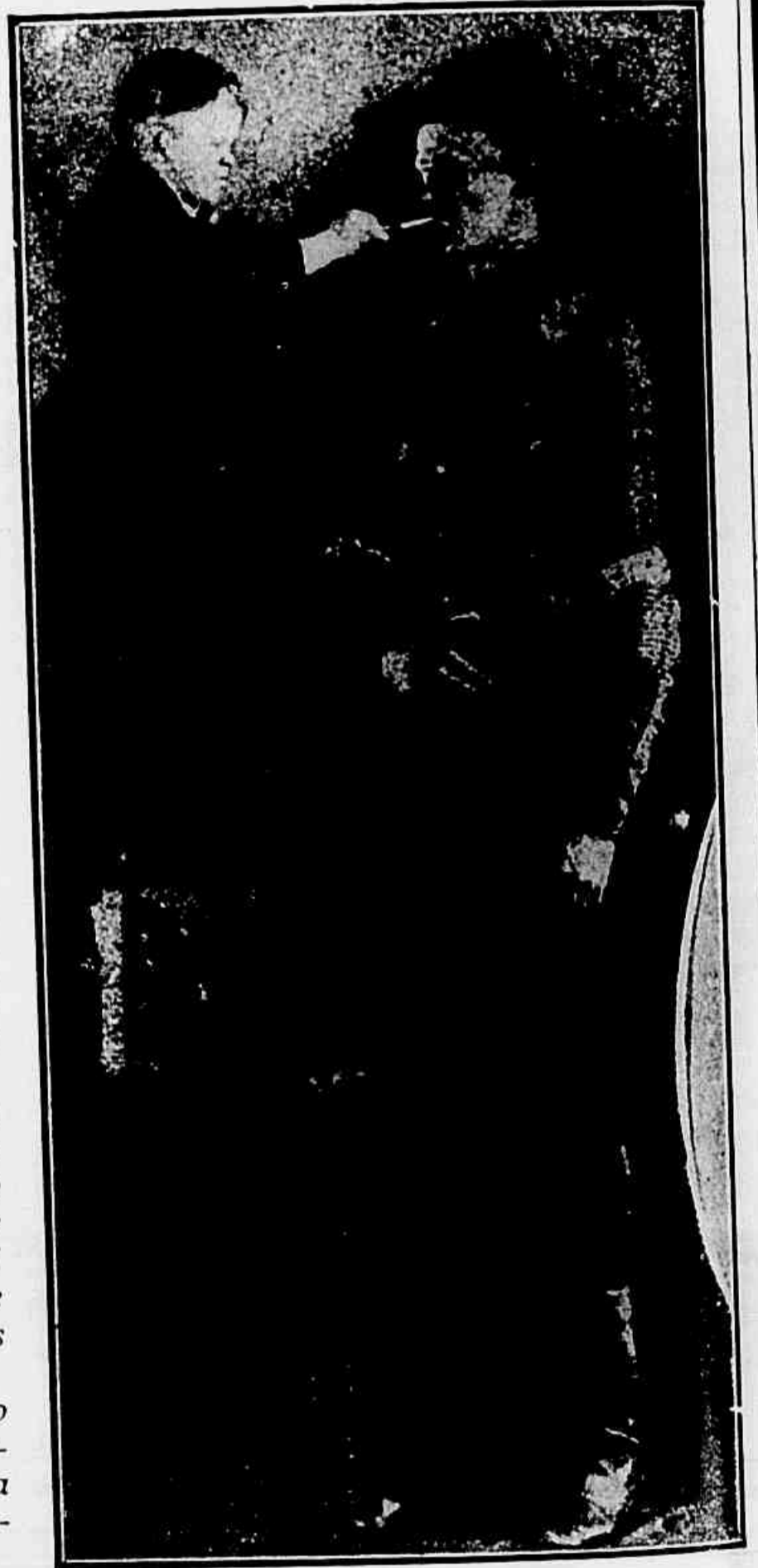
Este processo constitue um verdadeiro record de todos os pontos de vista, nos annaes judiarios belgas e talvez de todo o mundo.

PROVERBIOS ORIENTAES

« A paciencia em um homem pode ser uma virtude. Em um povo é quasi sempre uma cobardia ».

« Li-Chang-Tao odiava Ti-Chin e finalmente o matou. Foi executado como assassino. Em seus ultimos momentos dizia: — « Matei meu inimigo. Que fariam de mim se tivesse vendido meus amigos? »

« Ha alguma cousa peor do que a morte: a vergonha, a deshonra, quando não se deixou a consciencia abandonada no caminho ».



OSEXTREMOS SE TOCAM

Dous curiosos habitantes do Texas (Estados Unidos). O *cow-boy* Raphael Madson, que tem 2 metros e 25 centimetros de altura e pesa 104 kilos, ao lado do Sr. Arthur Gehrman, que tem apenas 92 centimetros de altura e pesa sómente 18 kilos e 450 grammas.

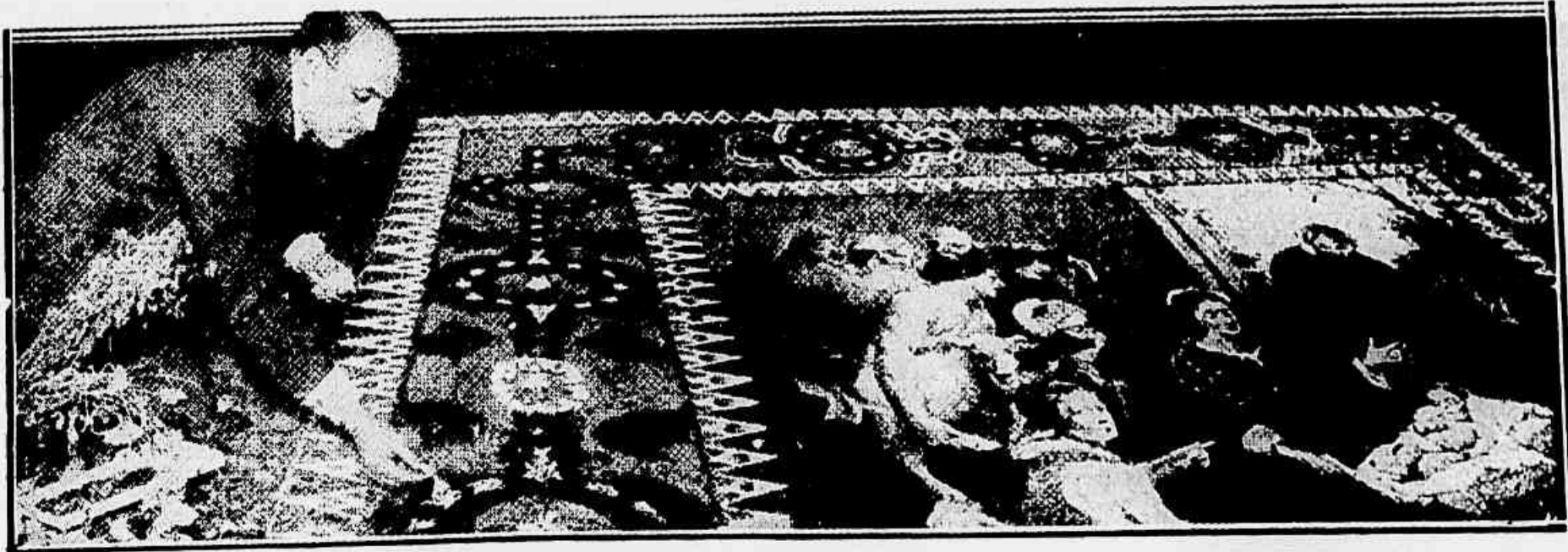
106



NOVIDADE PARA ELEGANTES

Pulseira com arminho, pó de arroz e espelho.

poz em panico esta parte da população flamenga da Belgica. Durante mais de dous annos esses bandidos aterrorisaram a região, commettendo roubos sem numero e crimes



UM PRODIGIO DE PACIENCIA — O Sr. *Michael Falanzi*, um italiano, que mantem uma escola de horticultura e jardinagem em New York, conseguiu fazer com flores um tapete, que reproduz ao centro, com a perfeição, que se póde vêr na gravura, o famoso quadro "A Natividade".

Não se deve pedir a Deus o que a consciencia repelle.



FABIAN
RIC

-
D
1
2
i-
e
no
ur
m
e-
sa
e
-
ve
o
n-

A CIDADE DOS LADRÕES

Romance de MAURICE LEVEL

(CONCLUSÃO)



— Bem... se assim prefere... Descanse e, se não se sentir bastante forte amanhã, não hesite em ficar na cama; não será mesmo necessario prevenir-me.

Ella erguera-se, elle sorriu-lhe pelo espelho, emquanto ella collocava o chapéu, apertou-lhe affectuosamente a mão, acompanhou-a até a porta, depois, voltando-se para seu amigo com um olhar máu, disse:

— Vistes esta mulher? Pois bem, d'aqui a 4 horas o mais tardar, será accusada de ter assassinado *Jesson*.

— Mas é verdade? Foi ella?

De Tharn desatou a rir.

— Em que estaria meu merito, fazendo prender um culpado? A suprema habilidade é enganar a justiça; dentro de oito dias ella não poderá se livrar da prisão... ou eu não me chame *Dassy de Tharn*.

— ...Mas... depois?

— Depois? Eu já estarei longe!

Suzana Serment atravessou a antecamara com passo tranquillo, avançou ainda uns segundos sem se apressar, depois começou a correr. Não tinha percorrido cincoenta metros quando um homem lhe tomou a passagem. Tentou evital-o; elle persistiu obrigando-a a encostar-se ao muro. A rua, sempre pouco frequentada, encontrava-se neste momento deserta. O homem aproveitou essa circumstancia para segurá-la por um braço e, como ella esboçasse um gesto de revolta, elle disse, a meia voz:

— Nada de escandalo, siga-me.

— Por que?... Quem é o senhor?...

— Nós nos explicaremos d'aqui a pouco; agora, se quer que ninguem o note, caminhe, vá andando a meu lado. Se não...

Tirou de seu bolso umas algemas e fel-as saltar entre as mãos.

Tantos acontecimentos se tinham succedido naquellas ultimas horas que *Suzanna* se sentia sem forças para resistir, para reflectir mesmo.

Recordava-se sómente da ultima recommendação de *De Crucy*. "Se a prenderem, deixe-se levar". A constante infelicidade a tornára supersticiosa; julgou que deveria obedecer a esse conselho supremo e seguiu o desconhecido, vencida pela fa-

talidade, pela certeza de ficar, em breve, sem defeza, concorrendo tudo para perdê-la. Por momentos julgára escapar á vingança da "Associação"; tinha a certeza agora de que era vão lutar! Comprehedia que a conversação surpreendida entre *Dassy* e seus cúmplices não passava de uma nova armadilha preparada contra sua falta de habilidade.

Hoggh e *Kanab* alheios ao assassinato? Impossivel! *De Crucy* fôra assassinado por elles e se negaram qualquer participação no crime era para cercal-a de uma segurança simulada, para obrigar-a a commetter alguma imprudencia, a se desmascaral-a.

Tudo se ligava, a vigilancia, que sentia em torno de si ha varias semanas já, o incidente da manhã, aquella confidencia em pleno dia...

Bruscamente sua propria passividade a surpreendeu; os que sabiam tantas cousas ignoravam as instrucções de *De Crucy*, a ordem que elle lhe dera de tudo supportar sem murmurar? Manter-se calada não seria agora em favor d'elles?

Mas o desconhecido a empurrava para uma especie de posto policial e uma porta se abria deixando vêr dous homens: um sentado ante um *bureau*; o outro encostado a uma janella. Reconhecendo este ultimo, ella se julgou salva!

— Sr. *Cottelin*! Sr. *Cottelin*! Sabe quem sou... Diga-lhes!... Diga para que me deixem partir... *Cottelin* olhou-a sem responder. Então ella sentiu crescer seu espanto. Já o outro homem a interrogava:

— E' Mlle. *Serment*, residente na rua dos "Vinagreiros", 27?

— Sim...

— Conhecia o Sr. *Jesson*?

Ella lançou um olhar a *Cottelin* e estêve prestes a negar; mas reflectindo que uma tal attitude, em presença do homem, que a enviára a *De Crucy* lhe fosse de grande utilidade, baixou affirmativamente a cabeça.

— Ora, não deve ignorar que *Jesson*, attrahido a uma armadilha, foi assassinado. Somos, pois, obrigados a interrogal-a...

— Só o vi uma unica vez — disse ella com voz apenas perceptivel.

— Uma só vez? Elle não a visitou em sua residencia?

A visita de *Jesson* cercára-se de tantas precauções — pelo menos elle o affirmára — que ella ficou estupefacta.



Foi *De Crucy* quem teve o prazer de passar as algemas em *Dassy de Tharn*.

D'esse modo, acreditando em alguma nova armadilha, oppoz á pergunta um mutismo completo.

— Não se recorda ? E' extranho ! As informações que me forneceram eram, pois, inexactas ?

Ella respirou e perguntou com firmeza, agora :
— Posso me retirar ?

— Ainda uma palavra, uma simples formalidade, depois do que estará livre. Faça o favor de abrir sua bolsa e collocar o conteudo sobre a mesa.

O pedido pareceu-lhe tão simples que ella o executou de boa vontade. Mas immediatamente ficou interdita. Entre uma caixinha de pó de arroz, um *baton de rouge* para os labios, chaves, um lenço e alguns papeis sem importancia, varias notas de mil francos appareciam.

— Suas economias, sem duvida ? — indagou o commissario.

Ella balbuciou :

— Não posso explicar o que seja... Alguem terá collocado este dinheiro ahí... algum gracejo...

— Um gracejo que consiste em dar uma tão linda quantia — ahí estão quatro mil francos. — Irra ! Seus amigos fazem pilherias generosas. Verifique, *Cottelin*.

Cottelin apanhou as notas, examinou-as e disse :

— Não ha duvida, Sr. commissario, estamos no bom caminho.

Suzanna Serment começou a tremer :

— Não comprehendo o que quer dizer...

— Vou explical-o : Está vendo estes numeros ? são os numeros de quatro notas, que tinham sido entregues a *JESSON*. Devemos acreditar que elle lh'as tenha dado ? E' pouco provavel, posto que a senhora mesmo confessou que só o viu uma vez... e é extranho que se faça tal presente a uma pessoa que mal se conhece... Então a senhora roubou !

— Uma ladra ? Eu ? — murmurou *Suzanna*.

— *Cottelin* — disse o commissario — confio-lhe a guarda d'essa jovem ; explique-lhe, entre outras cousas, que o melhor que tem a fazer é confessar tudo...

E foi almoçar. Quando voltou, *Cottelin* entrava em seu escriptorio. Elle recebeu-o estregando as mãos.

— Então ?...

— Nada a fazer, Sr. commissario ! Ha duas horas que a interrogo e nada consigo. Nem uma palavra, nem um gesto ; é uma verdadeira porta fechada. Trez ou quatro vezes, a principio, tive a sensação de que ia fallar... Mas qual ! Tenho a certeza de que nada dirá, emquanto não descobirmos seus cúmplices. Certamente julga-os assaz espertos para nos ludibriar...

— Vamos, em todo o caso, fazer uma visita a seu domicilio. A busca não nos dará grande cousa, mas emfim é ordem do Chefe. Levaremos a culpada.

— Venha conosco ! — ordenou *Cottelin* a *Suzanna Serment*, abrindo a porta.

Ella deixou-se levar docilmente.. A fadiga e o desespero a impediam de raciocinar. Que lhe importava que a prendessem, que a jogassem em um presidio ? Não se incomodava mesmo com tentar saber se esses homens eram de facto um detective e um commissario, ou simplesmente membros do bando de *Dassy de Tharn*. *Jesson* morto, a ultima esperança que conservava desaparecera.

O vehiculo, que os conduzia deteve-se finalmente ante o n.º 27 da rua dos "Vinagreiros".

Durante todo o trajecto não foi pronunciada uma só palavra. O aspecto de seu quarto, d'essa rua tranquilla onde acreditára que suas miserias tinham terminado, não a perturbaram e, como *Cottelin* se apressasse a auxiliá-la a descer do taxi, ella recusou com um gesto nitido. O homem que a abordára pela manhã fumava um cigarro á entrada. Vendo-a, ella teve um ligeiro sorriso e deu de hombros. Um outro mantinha-se postado junto da escada. O commissario de policia perguntou-lhe se não havia nada de novo ; o homem respondeu : "Nada" e encarou-a com curiosidade.

Mas, franqueada a porta de seu quarto, ella teve um ligeiro desfallecimento, que não escapou a *Cottelin*. Elle concebeu um certo prazer com a esperança de que alli, mais do que em outro qualquer lugar, ella perdia o sangue frio e o imperio sobre si mesmo, que a tornavam invencivel a qualquer interrogatorio.

O commissario inspeccionou o quarto com um ligeiro golpe de vista e passando para um pequeno salão, encostou-se ao fogão alli existente e declarou :

— Em seu proprio interesse, o melhor é dizer a verdade immediatamente. As notas, que foram encontradas em seu poder, provam que a senhora, no minimo, não é extranha ao crime. Depende sómente da senhora o deitarmos as mãos sobre os verdadeiros culpados, em pouco tempo.

— Senhor — disse ella — daria minha vida para poder lhe fornecer alguma indicação util. Desejo ardentemente que o senhor prenda os criminosos. Mas, afirmo-lhe, nada tenho a ver com este crime abominavel ; nada sei a respeito... Pode revistar tudo... nada encontrará... A menos — sua face se contrahiua — que tenham collocado aqui documentos ou objectos susceptiveis de me comprometter durante minha ausencia. O senhor — designava *Cottelin* — não ignora que uma vez, já...

— Sim — disse o commissario, sorrindo. — A historia das machinações se repete ! Como com as notas de mil francos... Não sei se ignora que esse *systema* de deleza é fragil é insufficiente...

— Não posso dar outra explicação...

— Isso é consigo, senhora ! *Cottelin*, *Durien*, *Permant*, busquem pelos moveis, paredes... tudo, emfim !

Começaram a abrir gavetas, umas atraz das outras. Pouca cousa, na verdade : roupas, algumas joias insignificantes, emfim, a bagagem de uma infeliz nomade. A medida que encontravam esses objectos, *Suzanna* sentia crescer sua angustia. Este quarto, que era o seu e que ella deixára pela manhã causava-lhe agora medo. No emtanto, á medida que a busca se adiantava, infructuosamente, ella se sentia renascer. De subito *Cottelin* exclamou :

— Ah ! isso é interessante ! Um revolver, cuidadosamente dissimulado, sob um masso de livros.

— Para que tinha esta arma ? — indagou o commissario.

— E' assaz natural que, vivendo só, possuia uma arma para me defender, em caso de necessidade.

— Mas, escondido ? Porque não o collocou debaixo de seu travesseiro ou na mesinha de cabeceira ?

— Sem contar — acrescentou *Cottelin* — que é um revolver militar, modelo anterior á guerra, que pesa bastante e não vejo como poderia maneja-lo...

— Confesse que não é seu — insistiu o commissario.

— E' meu ! — respondeu ella com voz forte.

— Porque mente ? — pronunciou uma voz que a fez estremecer.

Com um mesmo movimento o commissario, *Cottelin* e os inspectores tinham-se voltado ; de pé á entrada do quarto, um homem se inclinava cor-tezmente.

Cottelin sentiu seus cabellos erguerem-se e precipitou-se para elle, sorrindo :

— Que brincadeira é essa ? — exclamou.

Suzanna igualmente, soltára um grito.

O homem deteve o braço de *Cottelin* e, com voz surda, ordenou silencio :

— Mais baixo, senhores ! Mais baixo ! Comprehendo sua surpresa, mas é necessario contel-a, um pouco de calma ! Os fantasmas têm horror ao ruido.

Fallava em tom jovial ; sua voz tomou, em seguida, grande doçura :

— E você, *Taciana*, acalme-se. Sou eu mesmo, em carne e osso e o que *Cottelin* qualificava de gracejo, vai terminar. Peço-lhes, sómente, senhores, um pouco de paciencia. Eu e esta senhorita tivemos paciencia para esperar dez annos ! Seria muito exigir da Policia dez minutos ?... nem um só mais, ou perderei meu nome.

Mas *Cottelin* não queria acreditar nem em seus

olhos nem em seus ouvidos. Jesson que elle vira assasinado, Jesson morto e bem morto, diariete d'elle ! Isso era de allucinar ; é ouvindo-o fallar, vendo-o mover-se, duvidava ainda. Não havia nem feitiçaria nem diabolice. Se estivesse só, certamente havia de se julgar victima de uma illusão, mas todos os que alli se achavam conheciam Jesson tão bem como elle proprio e todos, depois de um minuto de estupefacção, apertavam-lhe as mãos !

O commissario voltou-se para elle :

— O senhor nos metteu em uma linda historia ! Meus cumprimentos. Julgo que o "patrão" não gostará do gracejo...

— Affirmo-lhe que estava de boa fé, como o estou ainda ! — protestou Cottelin ; ou, então, sou um allucinado... um demente...

— Nem uma cousa nem outra — disse Jesson, tranquilamente. — Explicarei tudo dentro de poucos minutos. Mas callem-se... peço-lhes... Se consentem, passaremos para este compartimento ao lado... que ainda não visitaram — seja dito de passagem, senhor commissario. — Não se desculpem... foi um esquecimento...

Fallava com vagar, facto pouco commum entre homens habituados a commandar e seguros de sua força. Todos o seguiram.

Foi o ultimo a entrar, pousou um dedo sobre os labios e esperou. Estavam alli, quietos, havia dous minutos, no maximo, quando um leve ruido os fez erguerem a cabeça. Depois ouviram passos. Logo em seguida o subtil ruido de vozes, que cochichavam.

Jesson disse com voz apenas perceptivel :

— Estão no quarto de dormir... Entram no salão... Attenção agora... ninguem se mova... Eu só...

No mesmo instante, abriu a porta e deu um passo á frente :

— Bom dia, meus senhores !...

— Uma dupla exclamação lhe respondeu, depois uma praga terrivel. Então elle desatou a rir.

— Apanhados, hein ? Vamos, nada de hesitações ! Estão presos, ergam as mãos !

O primeiro que se mexer está morto ! Quanto a fugir... é inutil tentá-lo. Meu bravo Paradieu está de guarda á porta.

Quanto aos senhores — disse voltando-se para o outro compartimento — podem vir. Aqui estão os clientes notaveis, que esperam as algemas. Permittam-me que os apresente : Sr. Dassy de Tharn, o grão-mestre, o imperador ; Hoggh, o capitão. Passe-lhe as algemas, Cottelin. Não tenha medo de apertar bem.

Dassy de

Tharn teve um sobresalto de revolta e com uma cabeça enviou Cottelin a cinco passos de distancia.

— Ah ! E' assim ? Espera que eu mesmo vou te servir — ameaçou de Crucy. — Segurem Hoggh...

— Filho de ladrão ! Incendiario — berrou de Tharn.

— Canalha ! — disse de Crucy, fechando as algemas. — Em vez de me insultar dize o que vinhas fazer aqui.

— E você ?

— Eu ? Vinha te prender, como podes verificar. Oh ! Não nasci para fazer isto, é certo ; mas, lá, no Hotel do Grande Cartouche, aproveitei tuas licções. Julgas-te muito esperto, por ter alugado o quarto n.º 25 por que dava para o 27 ; eu aluguei o 29, que communica igualmente com o 27. Se consente, senhor commissario, iremos dar uma volta pela rua dos Solitarios, no "Deposito", d'estes senhores. Affirmo que se surprehenderão com o genero de negocios que alli se accumulam.

De Tharn e Hoggh, solidamente seguros, desceram a escada. Curvando-se para a escada, que elles desciam, de Crucy, gritou-lhes :

— Até a vista, na delegacia !"

Depois, voltando-se para o commissario :

— Agora, senhor commissario, eis a explicação d'este mysterio, aparente. Primeiramente devo pedir desculpas ao bom Cottelin. Deve se recordar de um processo iniciado, ha alguns annos, contra um tal de Crucy, accusado de ter incendiado voluntariamente os Depositos da firma Dassy de Tharn, para se apoderar de uma quantia de quatro a cinco mil francos. O caso fez grande barulho, mas o homem não foi encontrado, se bem que bellos premios fossem offerecidos a quem o prendessem. Se algum dos senhores deseja ganhar o premio, hoje, que não hesite, eu sou o tal de Crucy.

Cottelin teve um sobresalto, De Crucy sorriu :

— Mas não se apresse. O premio, se ainda está á disposição da justiça é provavel que não tenha titular: Que eu seja de Crucy, não ha a menor duvida; que de Crucy seja o criminoso, isto é outra cousa. Estou apto para provar quem foi o incendiario. Para-

diheu, meu velho, faz-me o favor de trazer para aqui este excellente Kanab ?...

Paradiheu desapareceu por um segundo e voltou, empurrando um individuo solidamente algemado.

— Este patife, que foi, por muito tempo o confidente de Dassy de Tharn, fornecerá sobre o assumpto uteis esclarecimentos. Julguei de bom aviso, se bem que ainda estivesse morto e não possuísse um mandado de prisão, deitar-lhe a mão, esta manhã. Foi uma pequena irregularidade, uma especie de abuso de poder, mas não tinha



A menina Dolores de Pierce, de 10 annos (ingleza), patinadora acrobata, que se exhibe actualmente no Central Park, de New York.

tempo para hesitar ante esses pequenos detalhes. De resto, prendendo-o, prestei-lhe um serviço, porque seu patrão estava decidido a se separar, de modo radical, de um companheiro incommodo e animado, a seu respeito, pelas mais negras intenções. Entre dous perigos, escolheu o menor ou mais exactamente o que lhe deixava algumas esperanças. A justiça da Cidade dos Ladrões é expedita; a nossa é mais lenta.

— A Cidade dos Ladrões? — interrogou Cottelin... Que negocio é esse? Nunca ouvi fallar...

— Que é?... A mais bella organização de patifes, a associação de criminosos mais temiveis que existe; uma confraria ao lado da qual a Klu-Klux-Klan não passa de uma brincadeira. Fornece a seus filiados, os planos, as armas, os meios, de execução, finalmente... a evasão e a terra de asylo onde até então ninguém — alem da senhorita, aqui presente e eu, — poz os pés. De resto, logo á noite, entregarei ao Chefe, juntamente com minha demissão, todos os documentos necessarios! Não é verdade Kanab?

Kanab tossiu, com a cabeça mettida entre os hombros; de Crucy fel-o erguel-a com um tapa sobre as costas:

— Vamos, cartas na mesa! Se te resta alguma esperança de salvar a pelle é repetindo tuas confissões. Tu me conheces bem, não? Sabes que não minto nem gracejo nunca.

— Nadadisse e nada tenho a dizer — murmurou o «Mestiço».

— Imbecil! — disse de Crucy. Era ha duas horas que devias ter recusado fallar! Agora é tarde. Havia um registrador phonographico no quarto em que almoçastes; tuas confidencias acham-se registradas, é bastante ouvil-as para ficar provado que accusastes teu patrão como unico culpado e que esta confidencia não te foi arrancada por meio de violencia.

Kanab poz-se a bater os dentes; de Crucy deu de hombros e proseguiu:

— Ahi está para um dos culpados. Quanto ao chefe a historia é complicada. Como todo o mundo, Dassy julgava-me morto; sua audacia, por momentos, acalmada, cresceu. Eu era uma testemunha incommoda. Restava uma outra: mademoiselle Serment; tentou primeiramente conquistal-a, depois reduzil-a ao silencio pela ameaça; vendo que nem um nem outro meio causava effeito, imaginou fazel-a prender. O plano falhou cinco vezes máu grado fosse concebido com uma habilidade singular. No emtanto, não desanimou; ia conseguir seus intentos quando o acaso quiz que Cottelin me enviasse esta jovem. Eramos velhos conhecidos! Mal ella sahiu, o chefe dos patifes, enviou-me este acolyto e o que veio com elle, ha pouco, como embaixadores. Estes senhores vinham offerecer-me tranquillamente, a paz ou a guerra; tendo conseguido contra mim um documento compromettedor, imaginavam que me assustariam. Isto não me preocupou, porque elles sabiam o que arriscavam, denunciando-me... Mas era preciso tirar esta senhorita de suas garras e isto era mais complicado. Resolvi, pois, desapparecer mais uma vez e a certeza da impunidade lhes deu audacia conduzindo-os infallivelmente ao erro. Collocar na bolsa d'essa infeliz um papel compromettedor, designal-a a vossa attenção, em seguida, foi obra de momentos. Desculpe-me, senhor commissario, elles conseguiram enganar-o, sem grandes esforços. Eu contava com isso! Apenas ella foi presa, telephonei a Dassy

de Tharn informando-o de que o senhor daria uma busca ás seis horas neste quarto e ao mesmo tempo telephonava-lhe, intitulado-me outra pessoa que não era, supplicando-lhe que comparecesse ás cinco e meia horas na rua dos Vinagreiros. Tinha assim a certeza de que elles viriam cahir na ratoeira: era importante para elles, com effeito, certificarem-se de que nenhum documento compromettedor existia no domicilio d'esta senhorita. Por meu lado postei-me em observação. As cousas se passaram como eu previra.

O commissario e Cottelin tinham-o ouvido estupefactos; o magistrado disse afinal:

— Perfeitamente, felicito-o, mas não posso comprehender como Cottelin, aqui presente, poude assistir a seu assassinato...

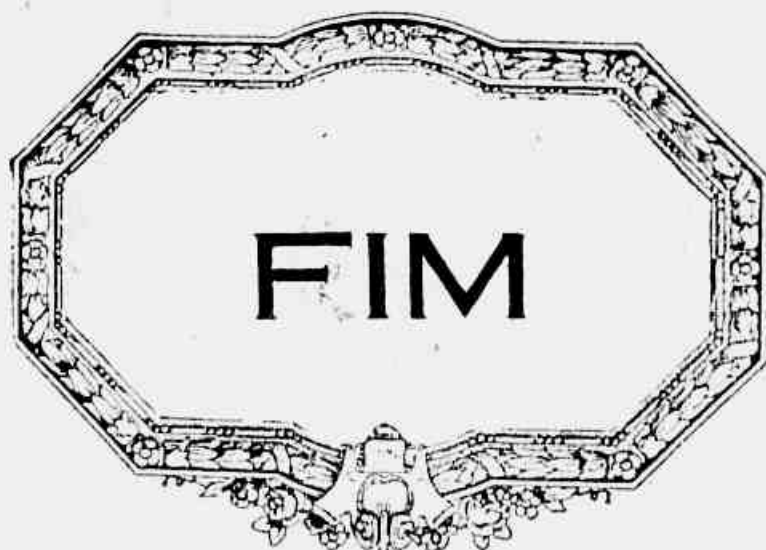
— Quanto a isso — exclamou o inspector — mesmo com a cabeça na guilhotina eu juraria ainda...

— E teria razão — disse de Crucy, sorrindo — Você, ou outro qualquer teria feito o mesmo... Cada qual tem sua mania: uns colleccionam sellos, outros insectos... Eu, sempre me interessei pela photographia em geral e, procurando, rebuscando, calculando, cheguei a encontrar a solução do problema, que tentam decifrar ha varios annos já: o cinema em côres e em relevo, o cinema capaz de dar, não, como se passa commummente, imagens animadas e cinzentas, mas imagens que tenham o aspecto da realidade. Ia communicar meu invento á imprensa, quando os acontecimentos, que não ignoram se produziram. Julguei que seria melhor aproveitá-lo primeiramente. Meu amigo Paradieu e eu, representamos a scena de meu assassinato. Só faltava projectar o film; o que fizemos. Uma casa estava para alugar, cuja fachada, pintada de branco era um perfeito écran; aluguei um quarto na casa, que lhe ficava fronteira e liguei o aparelho; mas isso só não era sufficiente; era necessario que alguem assistisse á scena para que desse o alarma. Que melhor testemunho do que o de um policial correcto? Não conheço outro mais prudente do que Cottelin; escolhi-o pois, para victima; sabia que itinerario seguia todas as noites, para voltar para sua casa... e projectei o film!

Comprehendem agora como, visitando "o quarto do crime" não encontraram o menor traço de rixa, nenhuma marca de sangue... Não ha nem feitiçaria nem mysterio... sómente uma engenhosa applicação scientifica. Não fiquem aborrecidos commigo, por ter lançado mão de tal expediente...

— O senhor é um homem habil e estou certo de que no dia em que o logar de Chefe da Policia de Segurança vagar...

— ...Deverão entregal-o a Cottelin, senhor commissario. Eu não aspiro a cousa alguma alem do repouso. Eu e esta senhorita vamos nos casar e teremos, espero, como nos contos de fadas, muitos filhos; e, como dentro em pouco estarei rico — amanhã, de todos os cantos do mundo, disputarão a compra de minha patente de invenção, — iremos terminar nossos dias, honestos e tranquilllos, sob o mais bello céu do mundo, em um sitio encantador não longe dos bosques, junto do lago... na Cidade dos Ladrões, que se tornará a villegiatura de luxo das pessoas honestas.





QUEBRA CABEÇAS

3.º TORNEIO DE 1924 — JULHO A SETEMBRO

Offerecemos 4 premios: dous para os 1.º e 2.º lugares; um a cecifradores de mais da metade das soluções, outro para os de mais de um quarto das mesmas.

CHARADAS ANTIGAS — 1 e 2

Ao Dr. Lavrud

N. bilhar — 2
Sou bebida — 1
Salutar
Conhecida.

Sou no lar
Preferida,
E no bar
Sou pedida.

Com franqueza
Vou á mesa
Té do douto.

Sou tomada
Misturada
Com biscouto.

ANTONIO URBANO DA SILVA — (Passos)

Ao valente Spartaco

Mulher manhosa e mui bella. — 2
Com um "palminho" de boba...

Nada de graças. Cautella !... — 1
Pois é peor do que loba.

CARTOS — (Juiz de Fóra)

ENIGMAS — 3 e 4

Modificando o total;
Quem faz centro e derradeira
Sem empregar a primeira
Como parte principal ? !...
Quem faz prima com central
A's vezes defende a vida
Sem ter a alma tingida
Por esse negro total

MARCUS VINICIUS — (A. C. L. B. — Belem-Pará)

De uma forma é decimado,
mas d'outra é quadrado, então;
tem tres sons, e abreviado,
da terra um ponto verão.

Depois sendo duplicado,
este total em questão,

por cem ficará cotado
quanto á multiplicação.

Sobrepesto (qual signal)
ao dextro de qualquer somma,
faz quantidade ordinal.

Por onze vogou em Roma,
e inda é nome virtual
quando por este se o toma.

PRINCIPE DE ITABAYANA — (Parahyba-Capital)

CHARADAS CASAES — 5 a 14

3 — Feliz achado !... uma ponta de cigarro.

BEIJA-FLOR — (Belem-Pará)

Ao Sr. Pamplona :

2 — No "reino das Fellatah" está em exposição o "rhinoce-
ronte".

ACOLIZ — (G. C. P. — Pará)

2 — A aposta ocasionou uma pulsação violenta.

CAPELISTA NOVATO

3 — Ganancia divisa de ganho.

D. CARVALHO — (Bahia)

2 — Quem te metteu na cabeça
Essa "esperança infundada"
De, num "lance", conseguires
A fortuna inesperada ?

D'ARTAGNAN DO RIO.

2 — Não ha filho como o nascido.

NINGUEM — (S. Roque)

Ao Cunha Mattos :

2 — Chumaço é tudo que serve de enchimento ou reforço.

NEMUS NULUS — (Rio Grande)

Ao Manet :

3 — Na toca d'uma raposa,
Um caçador, bem attento,
Espreita a presa, contente,
Pra dar-lhe fim, num momento.

SPARTACO — (Belém-Pará)

3 — Conheci na Italia este pateta.

SOLDADO FLORIANO.

3 — Tudo que é pernicioso prejudica.

THALIA — (Rio Grande)

BICHAS

VERMES

VERMIFUGO

B.A.

FAHNESTOCK

AMARELLIDÃO

BARRIGUDO

OPILAÇÃO

Ao Spartaco:

"Cosigue o dedo na corda, 2-7-6-1
Sê a vóz, cante um fadinho, 6-1-4-5
Veja se a pequena acorda
Para ouvir o som do pinho."

Assim cantava ao luar,
Bem no auge da borracheira, 2-3-6-5
Man'el de Souza Aguiar, 6-5-4-1
Vulgo — "Trovador de feira"

Contam-me elle, certa vez,
De maneira categorica,
Chamou um vate francez —
De figura de... rhetorica...

CONDE DE ROGGER — (Do B. dos Fotalistas-Parahyba)

SOLUÇÕES DE MARÇO — N.º 82

31 — Barulho; 32 — Esmalte; 33 — Brigador; 34 — Abacaro; 35 — Carnestolenda; 36 — Pintado; 37 — Idade; 38 — Trancoso; 39 — Vampirismo; 40 — Fevera; 41 — Brioche; 42 — Bi-acaro; 43 — Remettedura; 44 — Arminho; 45 — Território; 46 — Varado; 47 — Turbador; 48 — Cada um dá o que tem; 49 — Farroma; 50 — Mercaria; 51 — Lembrete; 52 — Pausa; 53 — Marca; 54 — Inhala-o; 55 — Mera-o; 56 — Partida-o; 57 — Borro-a; 58 — Leito-a; 59 — Carreira-o; 60 — Desmata-o; 61 — Ruim de carro peor de arado.

DECIFRADORES

Lord Jackson (Belem-Pará), Carlos Faraldo (Idem), Valeta Vermelho (Idem), Solon A. de Lima (Idem), Mlle Colibri (Idem), Rocceirinha Paraense (Idem), Marcus Vinicius (Idem), Walkéria (Bahia), 31 pontos; Condessa d'Istolz (Bahia), Tibiriçá Sarmento (Atalaia-Alagoas), Beija-Flor (Belem-Pará) 30; Ninguem (S. Roque) 29; Spartaco (Belem-Pará), Conde de Rogger (Parahyba), 28; Nini (Casa Branca), 24; Padre Mestre, Lord o Soldado desconhecido, Capelista Novato (Curityba), 14.

ACADEMIA CHARADISTICA LUSO-BRASILEIRA

De Apollo, o sympathico secretario da A. C. L. B. recebemos a seguinte circular.

"Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que em Assembléa Geral Ordinaria, realizada em 21 de Abril p. p., foi eleita a seguinte Directoria para gerir os destinos da A. C. L. B. no periodo de 1924-1925:

Presidente — Carlos de Aragon; vice-presidente — Incognito; 1.º secretario — Apollo (reeleito); 2.º secretario — Bonaparte; thesoureiro — Encoberto; bibliothecario — Caprichoso.

Outrosim communico que, de accordo com a reforma dos Estatutos, foi creado um Conselho Consultivo, composto de tres membros eleitos em assembléa geral, com mandato de um anno, sendo eleitos para o mesmo os srs. Bisturi, Alguem e Alpha.

CORRESPONDENCIA

FAETONNE (Itapetinga) — Muito folgamos com a volta do illustre confrade. Como sempre estamos a seu inteiro dispor.

CIRO NIVA (Itapetinga) — Inscripto para todos os efeitos.

CARTOS (Juiz de Fora) — Recebemos agradecidos.

STUART (Bahia) — Seja bemvindo. Inscripto. Repare o amigo que em nossa modesta secção não apparecem charadas com fracção de syllabas (2 1-3 — 1 2-3). E' verdade que já adoptámos tal modo, mas chegámos á conclusáo de que uma syllaba não é divisivel.

CONDE DE ROGGER (Parahyba) — Graças pelos votos de boa saúde. Tudo chegou a tempo.

WALNIRA (Bahia) — Houve extravio no Correio. Segue novamente registrado.

JOPESH (Belem-Pará) — Inscripto, como pede.

ANTONIO URBANO DA SILVA (Passos) — Recebem os seus bellos trabalhos e a lista. Bravos!

COPERNICO (Curityba) — Sim, inscripto com a minha satisfacção. E' bom mandar a lista de soluções com a declaracáo do mez a que ellas pertencem, alem da do torneio.

SIRELITZ (Belem-Pará) — Mais um paraense disposto ás lutas. Inscripto.

SCOTT MALLORY, ex-HERCULES (Belem-Pará) — Fui a treca de pseudonymos.

THALIA (Rio Grande) — Chegou a tempo.

JORASIL (Capital) — O illustre academico da A. C. L. B. tem entrada franca nesta casa.

LYRIO DO VALLE (Pará) (MIROVALDO SANTOS) — Os seus premios constam de assignatura por um anno do Eu Sei Tudo, começando as mesmas no n.º 85.

MARCOS VINICIUS e SOLON A. DE LIMA (Pará) — Idem. Idem par 6 mezes.

PRAZO

Capital e Nictheroy, 35 dias; S. Paulo, Minas e E. do Rio, 60 dias; outros Estados 90 dias.

TODA CORRESPONDENCIA SOBRE CHARADAS DEVE SER DIRIGIDA PARA A REDACÇÃO DE EU SEI TUDO, RUA BUENOS AIRES, 103, 1.º ANDAR, E ENDEREÇADA A

DR. LAVRUD.

114

Nevralgia

dôres de ouvidos e de dentes páram instantaneamente com o Linimento Sloan.



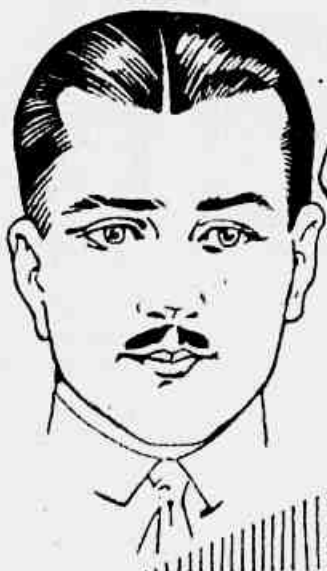
É tel-o sempre á mão— evita longas horas de agonia e soffrimento. Penetra sem ser preciso fricção.

Vende-se em todas as Pharmacias.



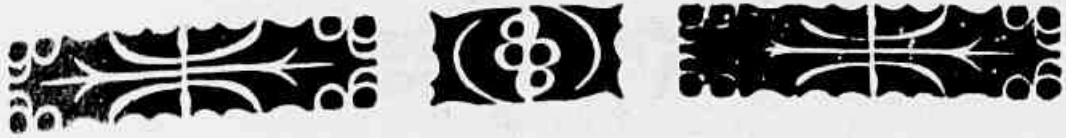
Cabellos lindos, lisos, sempre partidos

STACOMB



Amostra por milreis EM ENVELOPE REGISTRADO

a H. Rinder, Caixa 2014, Rio
Para evitar extravio, não mande sellos.



AS VIAS URINARIAS

SÃO OS EXGOTTOS DO ORGANISMO.

DESINFECTAL-AS MENSALMENTE COM ALGUNS COMPRIMIDOS

DE

UROTROPINA

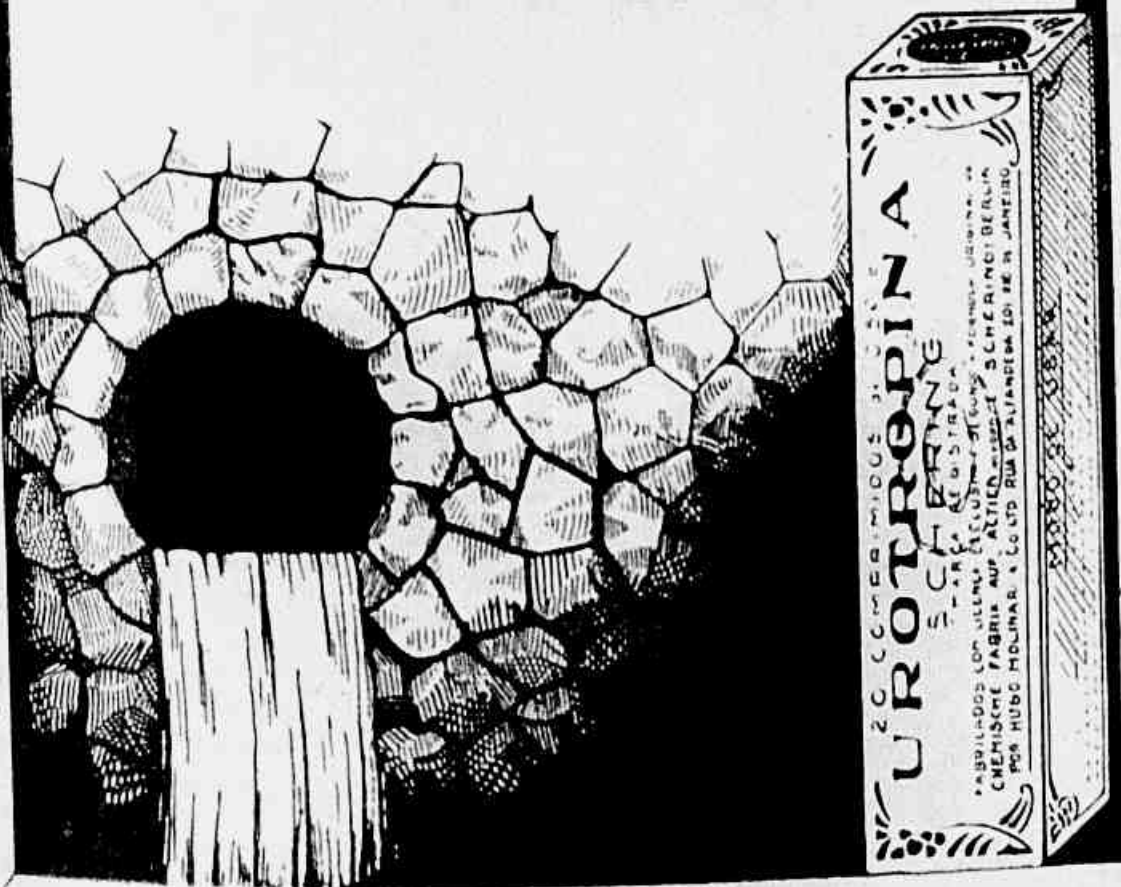
SCHERING,

EQUIVALE PREVENIR-SE CONTRA FUTUROS

ENCOMMADOS

DOS **RINS** E DA

BEXIGA



Glaxo



Robustez e Formesura da Infancia

Glaxo é puramente leite, livre de microbios nocivos, muito digestivel e nutritivo.

Não causa flatulencia e não transmite infecções.

PEÇA AMOSTRA

e o "Conselheiro das Mães", juntando 500 réis para o porte.

NOME.....

RUA..... N.....

LOCALIDADE.....

ESTADO de.....

REPRESENTANTE GERAL

110, AVENIDA RIO BRANCO, 4.º ANDAR
RIO DE JANEIRO (E. S. T. Julho).

DEPOSITARIOS : John Moore & Co.
Rua Candelaria 92, Rio. Rua 15 Novembro, 20, S. Paulo.



L. T. PIVER
10 BOUL. DE STRASBOURG
PARIS

PARFUM
POMPEIA

Pó
Loção
Extracto
Sabonete
Brilhantina



116



Velhos vigorosos

V. Ex. poderá ter uma velhice forte e feliz, se facilitar a formação de globulos vermelhos. Isto se consegue purificando bem o sangue e fortalecendo o organismo inteiro com a

Salsaparrilha DO Dr. Ayer

O augmento das cellulas sanguineas, produz força aos nervos, melhora o appetite e dá mais energia. A venda ha 80 annos.

LIC. 1688-17-3-20

As Pilulas do Dr. Ayer conservam o funcionamento regular dos intestinos e do figado. São inoffensivas porque contém somente ingredientes vegetaes. F



Finissimo sabonete sem rival, preferido a qualquer outro pela consistencia e durabilidade de sua pasta, pela agradável e abundante espuma, pelo sugestivo e delicado perfume e pela sua maxima acção preventiva contra molestias cutaneas.

Indispensavel na toilette das damas chics.



Este remedio é para o Paludismo

Não é uma experiencia, mas sim um especifico acreditado por muitos annos de uso.

O Remedio do Dr. Ayer para as sezões

é conhecido por medicos e pharmaceuticos em todas as regiões palustres do mundo. Experimentae-o V. Ex. em todos os casos de malteias, febres, e paludismo. Recomende-o aos seus amigos. A formula impressa acompanha cada frasco para informação á classe medica e ao publico.

LIC 261-10-21-00

Sabe V. Ex. que 90% das enfermidades, originam-se da prisão de ventre? Lembre-se pois, que as Pilulas do Dr. Ayer são um grande auxilio para o organismo. Puramente vegetaes. B



NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

RESTAURAÇÃO,
RENASCIMENTO, PELA
CONSERVAÇÃO

Loção Brilhante

PATENTE N. 5739

Approvada e Licenciada pelo Departamento Nacional da Saude Publica pelo Decreto N. 1213 em 6 de Fevereiro de 1923.

Formula scientifica do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.
RECOMMENDADA PELOS PRINCIPAES INSTITUTOS SANITARIOS DO EXTRANGEIRO.

A **LOÇÃO BRILHANTE** é o melhor especifico indicado contra:

QUEDA DOS CABELLOS — CANICIE — EM-
BRANQUECIMENTO PREMATURO — CALVI-
CIE PRECOCE — CASPAS — SEBORRHE'A —
SYCOSE E TODAS AS DOENÇAS DO COURO
CABELLUDO.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios está hoje competentemente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma molestia. O cabelo cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A **LOÇÃO BRILHANTE**, pela sua poderosa acção tónica e antiseptica agindo directamente sobre o bulbo, é pois um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primitiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Multiplas e variadas são as molestias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a queda dos cabellos. Destas a mais commum são as caspas. A **LOÇÃO BRILHANTE** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixand* a cabeça limpa e fresca. A **LOÇÃO BRILHANTE** evita a queda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabelo. A **LOÇÃO BRILHANTE** tem feito brotar cabellos após periodos de alopecia de mezes e até de annos. Ella actua estimulando os folliculos vilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias det erminadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer despegam-se das raizes. Em seu lugar nasce uma pennugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou dege era.

A **LOÇÃO BRILHANTE** extermia o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabelo, impedindo a sua queda.

TRICHOPTILOSE Ha tambem uma doença, na qual o cabelo, em vez de cahir, parte. Póde partir bem no meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrilhas. Além disso, o cabelo torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A **LOÇÃO BRILHANTE**, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, cura-a facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os macios, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1º — É absolutamente inoffensiva, podendo portanto ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

2º — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contêm nitrato de prata e outros saes nocivos.

3º — A sua acção vitalisante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4º — O seu perfume é delicioso, e não contêm oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam a saúde do cabelo.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a **LOÇÃO BRILHANTE** pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão, e enxugar bem.

A **LOÇÃO BRILHANTE** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte:
Deita-se meia colher de sopa mais ou menos em um pires,



e com uma pequena escova embebida de **LOÇÃO BRILHANTE** fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz capillar, deixando a cabeça descoberta até secçar.

PREVENÇÃO

Não accitam nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a **LOÇÃO BRILHANTE**. Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos.

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabelo que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabelo.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais convincente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **LOÇÃO BRILHANTE**.

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **LOÇÃO BRILHANTE**. Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta oportunidade.

A **LOÇÃO BRILHANTE** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar **LOÇÃO BRILHANTE** no seu fornecedor, corte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente lhe remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico capillar.

(Direitos reservados de reproducção total ou parcial). Unicos cessionarios para a America do Sul: **ALVIM & FREITAS**, Rua do Carmo, 11, sob. S. PAULO — Caixa Postal, 1379.

COUPON
(E. S. T.)

Srs. **ALVIM & FREITAS**
Caixa 1379 — S. Paulo

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de réis 10\$000 afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de **LOÇÃO BRILHANTE**.

Nº ME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

BAZAR AMERICA

38, Rua Uruguayana, 40

TELEPHONE CENTRAL 827



CASA DA ELITE CARIOCA.
BOM GOSTO, DISTINÇÃO.
PRESENTES FINISSIMOS.
ENTREGA-SE EM DOMICILIO.

Serviços de metal prateado
para chá e café, 6 peças
180\$000.

Só no BAZAR AMERICA

PORCELANAS, CRYSTAES,
METAES FINOS, TERRA-
COCTA, ETC. — FAQUEIROS E
TALHERES DE CHRISTOFLE.

A PRIMEIRA CASA DO GENERO NESTA CAPITAL

118

CURE E FORTALEÇA SEU FILHO



Nutramina

(AMINAS DA NUTRIÇÃO)

Farinha fresca polyvitaminosa do crescimen-
to, mineralisadora dos tecidos, calcificante
dos ossos e estimulante do appetite.

Syphilis hereditaria, ulceras, feridas, furunculose, escro-
fulose, rachitismo, molestias da pelle e sangue em geral.

ESPECIFICO INFANTIL

RESTABELECE AS CRIANÇAS

UNICO NO GENERO

Lactargyl

(Lic. sob n. 1510)

Vermifugo receitado pelos medicos mais distinctos e
adoptado pelo Departamento Nacional de Saude Publica.

POLYVERMICIDA

EFFICAZ E INOFFENSIVO

Lactovermil

(Lic. sob n. 408)

O melhor auxiliar da amamentação ou alimentação.

Farinha dextrinisada, 12 variedades.

Pacote até 1\$300.

Creme infantil

Reconstituente vitaminoso.

Anemia, lymphatismo, rachitismo, escrofulose, fraqueza,
falta de appetite.

Após a cura das verminoses, para augmentar
o sangue.

Tonico infantil

(Lic. sob n. 406)

LEITE INFANTIL — Fabrica em S. Paulo e Rio

Todos os preparados trazem nos rotulos as fórmulas respectivas — A' VENDA EM TODO O BRASIL

Laboratorio Nutrotherapico DR. RAUL LEITE & CIA. — Rua Gonçalves Dias, 73 — RIO



119

A VIUVA ALEGRE

Scena do Sabão de Reuter (1)

ACTO II — Scena V

(A viuva entra correndo, perseguida pelo grupo de adoradores, atraídos pelos seus vinte milhões).

CÔRO

Encantadora !...
Irresistível !
Inigualável !
Doce deidade !
Ouvi, senhora,
Bôa, sensível,
Suave e amavel...

A VIUVA, interrompendo-os

Quanta anciedade !

CÔRO

Nós somos a alta nobreza,
Nata e flôr;
E póde ter a certeza
Ninguem tem mais esplendor.

A VIUVA

Só me tenta, com franqueza,
O amôr !

CÔRO

Amôr ! Amôr !
E' a nossa senha...

A VIUVA

Noutra paixão
Tambem se empenha
Meu coração !

CÔRO

Qual ?

A VIUVA

O sabão !

CÔRO

O sabão ? !

A VIUVA

O sabão Reuter, senhores,
Maravilhoso portento,
Que dá mocidade e alento
Com o seu perfume de flores,
Fazendo resplandecer
A cutis como setim
E dando a todos, emfim,
O mais completo prazer !
Com Reuter deixz-mé, em paz
Partilhar minha illusão ;
Prefiro, sempre, o sabão
A todos os madrigaes !

(1) Esta nova scena foi ultimamente intercalada na popular opereta.

Para o Cabello

UM PREPARADO MARAVILHOSO!

A loção

“BELLA CÔR”

É DE EFEITOS RAPIDOS E GARANTIDOS

Contra a caspa e queda do cabelo, tendo a grande vantagem de restituir aos cabelos brancos ou grisalhos sua côr primitiva em poucos dias.

CONVEM NOTAR QUE NÃO É TINTURA E SIM UM PREPARADO ALTAMENTE SCIENTIFICO E MARAVILHOSO.

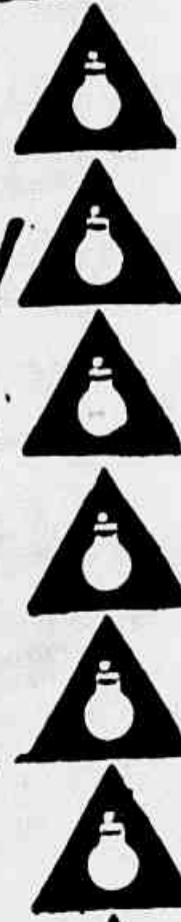
Vende-se em todas as pharmacias, perfumarizs e drogarias do Brasil



Experimente a ultima novidade!

Não peça somente lampada Philips mas insista em receber a lampada ideal que é a

**PHILIPS
ARGENTA**





LINDAS E BEM TRATADAS MÃOS

COMO V. Ex. PODE OBTEL-AS

NEM TODOS SOMOS DOTADOS DA BELLEZA QUE OS PINTORES ALMEJAM REPRODUZIR EM SUAS TELAS. ENTRETANTO PODEMOS TER LINDAS MÃOS — MÃOS QUE SEJAM AGRADAVEIS DE SE REPARAR E SE TOCAR.

CUTEX CUTICLE REMOVER REMOVE A CUTICULA SEM CORTAR

É preciso supprimir a cuticula sem cortá-la. O corte não somente a endurece, como também torna as suas extremidades irregulares. E muitas vezes esses pequenos golpes causam infecção aos tecidos vivos da epiderme.
Faça uso do CUTEX CUTICLE REMOVER.
Este liquido antiseptico amacia e remove a cuticula adherente ás unhas, deixando os seus bordos lisos, macios e bonitos. Endossado por medicos e manicuristas. Recomendado por especialistas de Institutos de Belleza.

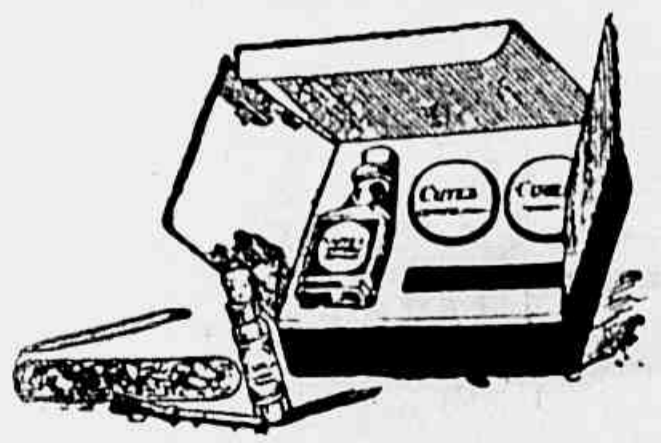
DEPOIS -- O BRILHO

«Mãos alvas, dedos rosados, unhas flexiveis e lustrosas» — Esse é o requisito que a moda de hoje exige. Em seguida o

brilho final, V. Ex. pode escolher entre cinco dos maravilhosos preparados CUTEX: — o Cake Polish (N.º 5), Paste Polish (N.º 9), Stick Polish (N.º 22), Powder Polish (N.º 8), todos em cor rosa e, finalmente, o Liquid Polish (N.º 11) que é o esmalte. Passando ligeiramente as unhas na palma da outra mão obtém-se o tão desejado brilho da cor de perola que a moda decretou como o mais perfeito acabamento para uma manicura. Este lustro dura por muitos dias. — O novo CUTEX LIQUID POLISH applica-se com um pincel. Seca instantaneamente e deixa um brilho que se conserva por uma semana.

Num admiravel conjunto foram reunidos em elegantes estojos os finissimos preparados CUTEX, havendo cinco modelos: o Compact, o Five Minute, o Travelling, o Boudoir e o De Luxe. — Todos bellamente apresentados e contendo todos os requisitos necessarios para uma boa manicura, satisfazendo plenamente ao mais exigente e fino gosto. V. Ex. pode obter esses estojos em qualquer perfumaria, armarinho ou pharmacia.

Um estojo de manicura por 3\$500!



Por este preço pode V. Ex. adquirir do seu armarinho, perfumaria, ou pharmacia um estojo MIDGET CUTEX, de experiencia. Ou então poderá remetter essa quantia, mas somente *em vale postal*, para evitar extravio, a Hyman Rinder, Caixa Postal 2014, Rio juntamente com o coupon abaixo.



Corte aqui e remetta 3\$500 em Vale Postal.
NÃO MANDE SELLOS NEM DINHEIRO.

Envio 3\$500 em Vale Postal por um estojo «Midget Cutex»

Nome

Rua e N.º

Cidade

Estado

(E. S. T.)

DESEJA CRESCER 8 CENTIMETROS?



Sta. GARCIA
com 1 mez de
tratamento.



Sr. CAMPS.
com 2 mezes de
tratamento.



Sr. PICON (x).
antes do
tratamento.



Sr. PICON (x).
3 mezes depois
do tratamento.

Pois o conseguirá promptamente, em qualquer idade, com o CRESCEDOR RACIONAL, do professor Albert, tratamento unico que garante o augmento da estatura e desenvolvimento. Pedir explicações, que as remetterei gratis, e ficareis convencidos do maravilhoso invento.

Representante na America do Sul:

F. MAS

Entre Rios, 130 - Buenos Aires - Argentina.

Salvitae

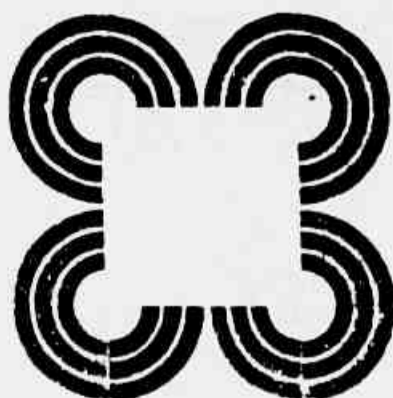
O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE
CONTRA
A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABECA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT
A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES
AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK.

TONIKEL



ENRIQUECE O SANGUE E
FORTIFICA OS NERVOS.
DÁ FORÇA, ENERGIA E
VITALIDADE ÀS PESSOAS
DEBEIS, ANEMICAS E
NERVOSAS

PREPARADO NOS
LABORATORIOS DA
"SALVITAE" 15



XAROPE de AMBROZOIN



PARA
TOSSE
BRONCHITE
TUBERCULOSE
LARYNGITE
TOSSE CONVULSA
A GRIPPE E ASTHMA

PREPARADO NOS
LABORATORIOS DA
"SALVITAE" 13

PARA
TOSSE
BRONCHITE
LARYNGITE
ASTHMA
TOSSE
CONVULSA
e outras
AFFECÇÕES
RESPIRATORIAS



HIPPOCRATES

Os Medicos Prescrevem

as medicinas exigidas em cada caso especial. Tratando-se de dôres e catarrhos no estomago, colicas e vomitos, vagâdos e enxaquecas, insomnia e inappetencia, debilidade e abâtimento, azedumes e ardencias, perturbações nervosas, gastricas e biliosas; palpitações fortes, vertigens e outros symptomas de más digestões ou dyspepsia, origem e causa das peores enfermidades, é que medicos, experiencia e bom senso estão acordes em prescreverem as

Pastilhas do Dr. Richards para o Estomago

Nem é questão de se nos crêr sob a mera garantia da nossa palavra: outros se encarregam de patenteal-o á face do mundo, sem outro interesse alem do que requer a defeza da verdade e de fazerem bem a seus semelhantes.

"Attesto que, soffrendo, com minha mulher, de dyspepsia atonica com dilatação do estomago, obtivemos sendos beneficios e ficamos completamente curados com seis vidros das Pastilhas do Dr. Richards, pelo que, dando o parabem ao mesmo Dr. Richards, o felicitamos por tão maravilhoso achado. A que affirmo em fé de officio. — ANTONIO DA SILVA, Pharmaceutico Licenciado, Proprietario da "Pharmacia Esperança." — Tremedal, Estado de Minas Geraes, Estados Unidos do Brasil."

A venda em todas as drogarias e pharmacias.

Peça-se um folheto que contem provas convincentes da efficacia d'estas Pastilhas ao

ACIDO URICO

^e
eliminado
em proporções ate
hoje nunca alcançadas,

pelos

COMPRIMIDOS de ATOPHAN
" SCHERING "

tornando-os por isso
o remedio por excellencia
contra:

Gotta,
Rheumatismos
articulares,
Dôres sciaticas,
e das
Articulações,
Molestias
pruriginosas
da pelle,
etc.



Exigir o producto original "Schering"



ÁS QUINTAS-FEIRAS

A SCENA MUDA

Luxuoso magazine semanal, de um genero completamente novo, dedicado exclusivamente á cinematographia.

DESLUMBRANTES PAGINAS COLORIDAS
UMA LEITURA EMPOLGANTE.

A SCENA MUDA

publica todas as semanas, na forma de
conto, novella ou romance primorosamente
illustrados, os enredos de todos os films
a exhibir nos principaes cinematographos
do Rio de Janeiro.

EM CADA NUMERO

Tres romances, seis contos, informações com-
pletas sobre todo o movimento cinematographico

A MAIS BELLA E COMPLETA COLLECÇÃO DE
RETRATOS DE ARTISTAS

Lêr A SCENA MUDA é ter o cinematographo em casa



Pharmacia de Paris
Xarope Roché

um medicamento precioso

